



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

ADRIA DE LIMA SOUSA

**UM LUGAR NO MUNDO: TERRITORIALIDADES E PROJETO DE SER DE
PARTICIPANTES DE UM COLETIVO ARTÍSTICO-CULTURAL DE MULHERES**

Orientadora: Professora Dra. Daniela Ribeiro Schneider

FLORIANÓPOLIS, SC

2022

ADRIA DE LIMA SOUSA

**UM LUGAR NO MUNDO: TERRITORIALIDADES E PROJETO DE SER DE
PARTICIPANTES DE UM COLETIVO ARTÍSTICO-CULTURAL DE MULHERES**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Doutora em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Professora Dra. Daniela Ribeiro Schneider

FLORIANÓPOLIS, SC

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sousa, Adria de Lima
UM LUGAR NO MUNDO: TERRITORIALIDADES E PROJETO DE SER
DE PARTICIPANTES DE UM COLETIVO ARTÍSTICO-CULTURAL DE
MULHERES / Adria de Lima Sousa ; orientadora, Daniela
Ribeiro Schneider, 2022.
209 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Mulheres. 3. Territorialidades. 4.
Psicologia Ambiental. 5. Existencialismo. I. Schneider,
Daniela Ribeiro . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.
Título.

Adria de Lima Sousa

Um lugar no mundo: territorialidades e projeto de ser de participantes de um coletivo artístico-cultural de mulheres

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a Sylvia Mara Pires de Freitas, Dr^a

Universidade Estadual de Maringá

Prof^a Zulmira Áurea Cruz Bomfim, Dr^a

Universidade Federal do Ceará

Prof^a. Kathia Maheire, Dr^a.

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Prof. Adriano Beiras, Dr.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof^a. Daniela Ribeiro Schneider, Dr^a

Orientadora

Florianópolis, 2022

À minha mãe, primeira referência de mulher que vi erguer a voz sem perder a ternura. À essa mulher que me deu e devolveu à vida de várias maneiras. À minha maior mana, por tanto.

Às mulheres que erguem a voz por e com outras mulheres em seus territórios. Nas ruas, pelas janelas, em casa, no sensível e na ciência. Elas, delas. Protagonistas de muitas páginas da história de um mundo metarfosado por e para elas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres que gentilmente compartilharam seu espaço-tempo, suas histórias e partes muito significativas de suas vidas comigo no decorrer do ano de 2020, antes e durante a pandemia. Um ano que certamente contém páginas pesadas tanto na história de nossas vidas como nos livros de história. Pela confiança, sensibilidade, gentileza, disponibilidade e força, obrigada.

São tantas as pessoas que ajudaram a tornar leves alguns momentos dessa caminhada tão pesada, não posso deixar de agradecer nominalmente mesmo correndo o risco de não contemplar todas que se fizeram presente nesses momentos. Contudo, caso escapem à memória, agora não escapam dos elos afetivos que não são frágeis.

Agradeço. À minha mãe e ao meu pai por tanto. Por terem feito tudo que podiam e além para que eu tivesse acesso a um mundo de possibilidades a partir da Educação. Obrigada por tornarem possibilidade a primeira, mas espero que não a única “Doutora” da família. Agradeço o meu irmão, o menino do “TI” que conseguiu me ajudar e trazer soluções em vários momentos para tornar essas páginas possíveis. Agradeço imensamente a minha irmã pelo cuidado entre nós e por tanta compreensão nesse processo. À Aline, mais que irmã, minha força que não largou minha mão em nenhum momento quando as fases mais difíceis de um processo de doutorado em plena pandemia aconteciam e a gente lidava com tantos momentos desafiadores e questões infelizes e literalmente de vida e morte.

À meu companheiro Rodrigo, presente em cada momento desse processo de doutorado. Obrigada por ser um dos maiores incentivadores desde a intenção do projeto até chegar nas diferentes etapas da pesquisa. Pela reciprocidade, pelo cuidado, pelas ações cotidianas que atestam o que vai além da palavra amor, obrigada.

À minha orientadora, Daniela Ribeiro Schneider, pela possibilidade de ser sua orientanda. Por todo o acolhimento desde muito antes de me conhecer pessoalmente e eu deixar meu Norte e comprar as passagens só de ida para efetivar matrícula na UFSC e a mudança para Florianópolis. Agradeço por cada página escrita no livro Sartre e a Psicologia Clínica, pois foi a partir dessas páginas que nossas histórias se cruzaram e minha prática profissional e caminhos percorridos puderam ser reconfigurados. Por toda parceria, atenção e cuidado não só no desenvolvimento desta tese, mas para questões da vida. Pelo casaco no frio. Por toda paciência e contribuições em vários momentos. Pela parceria nas ruas, no 8M, última manifestação em que pude ir em Florianópolis e ouvir o som das ruas e da cidade (R) existindo.

Agradeço às professoras e professores bem como à secretária do PPGP que fizeram parte da minha formação, como a Silvana e em especial à Gileade Braga que desde o início do processo a distância me permitiu a sensação de ser acolhida em Florianópolis.

Às professoras e professores que participaram da minha qualificação de doutorado e em especial as professoras que se fazem presente na defesa e foram pessoas disponíveis e inspiradoras, obrigada por serem referência de mulheres na ciência.

E pelo rigor e cuidado que requer o momento, não poderia deixar de agradecer a quem me ensinou o que a arte já dizia: “Disciplina é liberdade”. À professora suplente e orientadora de iniciação científica e mestrado, a professora Maria Inês Gasparetto por tornar possível para mim o desejo de fazer-me pesquisadora. Pela acolhida no LAPSEA, meu primeiro e eterno lar acadêmico. Um lugar necessário para quem aprendeu a escrever em espaços acadêmicos e tinha dificuldade de trabalhar em casa na reta final da tese, principalmente depois de quase dois anos de uma quarentena estendida. À todas as queridas pessoas que caminharam comigo e compartilharam vivências no LAPSEA, em especial Genô, que usufruem da beleza da floresta tanto na porta e na janela como nas relações, obrigada.

À todas as pessoas que estiveram comigo desde quando cheguei no PSICLIN até o presente momento. Às bonitas e aos momentos bonitos. Obrigada por todas as trocas Vi, Pri, Mi, Fabi, Beti, Raquel e todas pessoas que me faziam ter certeza que valeu a pena ir para tão longe. As companheiras do grupo de leituras sobre Simone de Beauvoir que tornavam muitas segundas-feiras inspiradoras. As companheiras dos grupos de leitura sartriano sempre fortalecendo os estudos necessários.

Às amigades que fiz no sul do país quando nem pensava que seria possível fazer tão profundas as conexões norte-sul. A Cha, parceira das longas subidas e caminhadas bem como das tantas conversas até chegar às aulas da UFSC, participar dos eventos e tudo que a universidade pública tinha a nos oferecer. A Claudinha e Juliana, parceiras que acompanharam muito de perto esse processo longo e nem sempre fácil. A Claudinha por ser uma das pessoas mais admiráveis que já conheci na vida, por reunir tantas qualidades de uma pessoa ética, sensata, humana e extremamente competente e sábia. Inclusive na hora de compartilhar bons momentos, vinhos e muito acolhimento. Agradeço a Ju, que me ensinou tanta coisa, mas tanta coisa e que me mostrou um cuidado que eu nem imaginei que conheceria fora de casa (Manaus). Mais que colega, uma amiga que conheci no sul do país e dividiu não só o apartamento, mas as dores e delícias, aventuras e desventuras de doutorandas de diferentes extremos do país vivendo em Florianópolis e sobrevivendo ao início da Pandemia e a quarentena juntas. Por tanto acolhimento e cuidado em tantas horas difíceis perto e longe, obrigada.

Agradeço muito afetosamente aos amigos do norte que sempre norteiam bons momentos e me incentivaram nessa busca profissional. À Dayse amiga e grande incentivadora desse doutorado. À Andrews por tantas vezes levar o calor Manauara para o sul e partilhar momentos que deixavam tudo mais leve. Gratidão a minha amiga de infância e xará (Palavra de origem tupi que indica a pessoa com o “Mesmo nome”) Adriazinha por me acolher na ilha da magia quando cheguei e ajudar a carregar minhas malas quando precisei partir. A todas as amigas e amigos de longa data e aos que chegaram e se fizeram presentes nos dias mais nublados e nos mais ensolarados dessa conexão norte-sul.

Aos amigos da Rede Existências, que seguraram forte a minha mão quando eu queria cair e não largam de jeito nenhum até mesmo quando eu insistia. Meus mais que amigos e parceiros, Cleison, Camila, Klessyo, por não desistirem de mim e ainda me ajudar a realizar um sonho e oferecer todo suporte necessário mesmo quando também estavam sobrecarregados, obrigada.

Não é possível romantizar as dificuldades dos novos caminhos que foram atravessados e afirmar que simplesmente permitiram novos aprendizados. Houveram lutos dolorosamente simbólicos e reais que precisaram ser elaborados. Nesse caminho, ajuda especializada foi necessária, porque como diz o ditado popular “Santo de casa não faz milagres”. E por isso agradeço por toda humanidade e profissionalismo da psicóloga que pude chamar de “minha” e fez o meu processo psicoterápico ser um suporte viabilizador para que o sentido dessa tese pudesse ser resgatado quando diante de tantas urgências e emergências, o processo de escrita parecia não ter mais sentido e sucumbia ao cansaço.

Agradeço às pessoas que acompanhei durante esse período e que sempre entenderam as mudanças de agenda em função do doutorado e os encaminhamentos necessários. A todas as pessoas que contribuíram e apoiaram em diferentes momentos e em cada detalhe. Por todo apoio e mediação nessa jornada de formação pessoal e profissional, de longe ou de perto, obrigada.

Por fim e não menos importante ou apenas de forma protocolar em um período no qual tantos incentivos à Educação no Brasil têm sido alvo de ameaças, agradeço à CAPES pelos subsídios conferidos através da bolsa de estudos. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001.

“Você é uma só pessoa
Mas quando você avança
Uma comunidade inteira anda por meio de você

- Ninguém anda sozinho

Rupi Kaur

“Companheira me ajuda, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com
você ando melhor”

Trecho de Ciranda feminista

RESUMO

A cidade, como espaços de vida, é permeada por territorialidades que não são vividas da mesma maneira para todas as pessoas. O conceito de territorialidade é incompleto quando não incorpora a dimensão de gênero. A noção de projeto-de-ser destaca a pessoa como um vir-a-ser, que faz e refaz-se diante do que é feito com ela e pode ser concebido como uma biografia viva com implicações das relações com o outro que evidencia a importância das mediações e conduz a aceitação de coletivos que possibilitam a constituição de grupos como elementos de um projeto de ser, da realidade humana e do mundo. A condição de ser mulher é imposta e revela múltiplas vulnerabilidades que devem ser superadas. Este estudo objetiva compreender como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo artístico-cultural na constituição de territorialidades em Manaus. Portanto, buscou-se: 1) apontar as aproximações entre psicologia ambiental e existencialista para compreensão de como se constituem as territorialidades no contexto urbano; 2) caracterizar atividades realizadas pelo grupo artístico cultural das mulheres participantes; 3) Identificar os sentidos atribuídos pelas mulheres a partir das intervenções produzidas no território pelo grupo artístico cultural; 4) Caracterizar o território e as territorialidades na cidade de Manaus a partir das mulheres participantes; 5) descrever as histórias de vida e projetos de ser de mulheres do grupo artístico cultural e 6) discutir o entrelaçamento dos projetos de ser na constituição deste movimento sociocultural na cidade referida. Adotou-se abordagem multimetodológica e com enfoque fenomenológico e dialético utilizou-se o método progressivo-regressivo que articula descrição fenomenológica da experiência e o aprofundamento da história da pessoa de forma contextualizada. Com o aparato da psicologia ambiental e existencialista, realizou-se a observação participante nos encontros do grupo; questionários aplicados com a coordenação do grupo; entrevista narrativa e aplicação de mapas afetivos com as participantes. Após aprovação do comitê de ética, 11 mulheres participaram da pesquisa sendo que apenas 10 participaram da entrevista narrativa antes e durante a pandemia no decorrer de 2020 e 2021. Os dados foram analisados com auxílio do software de análise qualitativa Atlas.Ti versão 9. Os achados indicaram concepções de territorialidades como forma de afetar, acessar, ocupar, transformar e comunicar a própria cultura em um território. Indicam ainda que a relação afetiva com a cidade importa na participação de grupos artísticos-culturais e oferece possibilidade de transformação da vivência no território. Territorialidades limitadas são reconfiguradas nos espaços públicos da cidade e no centro e é necessário adentrar a periferia. As participantes do coletivo artístico-

cultural edificam um grupo artístico-cultural de mulheres com pautas feministas e engajamento político. Reconhecem a partir da sua experiência e da mediação do grupo formas de criar novas territorialidades e vivências no seu corpo-território. A tese defendida, diante dos pressupostos e achados desta pesquisa, é a de que participação em grupos, e neste caso em grupos artísticos-culturais de mulheres, por mais heterogêneo que seja pode ser viabilizadora de projeto-de-ser de mulheres e promovem experiências que constituem territorialidades que edificam e reivindicam um lugar seguro no mundo.

Palavras-chave: Territorialidades; projeto de ser; coletivo artístico-cultural; mulheres; psicologia ambiental.

ABSTRACT

The city, as spaces of life, is permeated by territorialities that are not lived in the same way for all people. The notion of territoriality is incomplete when it does not incorporate the gender dimension. The notion of *projeto-de-ser* highlights a person as a *vir-a-ser*, who faces and refutes before what he does with her and can be conceived as a living biography with implications of relationships as another that evidences importance of mediations and leads to the acceptance of collectives and groups as elements of a project of being, of human reality and of the world. A condition of being a woman is impost and reveals multiple vulnerabilities that must be overcome. This study aims to understand how the relationship between projects of being and the collective project of women of an artistic-cultural group is established in the constitution of territorialities in Manaus. Therefore, I sought: 1) to propose the approaches between environmental and existential psychology to understand how territorialities are constituted in the urban context; 2) characterize activities carried out by the cultural artistic group of the participating women; 3) Identify the meanings attributed by the women based on the interventions produced in the territory by the cultural artistic group; 4) Characterize the territory and the territorialities in the city of Manaus based on the participating women ; 5) discover the life stories and projects of being of women of the cultural artistic group and 6) discuss or intertwine two projects of being in the constitution of this sociocultural movement in the city referred to. Adotou-se multimethodological approach, valued by environmental psychology for using different methods of research according to people-environment. It proposes a research with a phenomenological and dialectical approach, using a progressive-regressive method that consists of a phenomenological description of the experience, and not an in-depth study of the contextualized history of the person. As an apparatus of environmental and existential psychology, participant observation was carried out in group meetings and trials; questionnaires applied to the coordination of the group; narrative interview and application of affective maps with the participants. The research was approved by the UFSC ethics committee. The given forms were analyzed with the help of the Atlas.Ti version 9 qualitative analysis software. The above indicated conceptions of territorialities as a way of affecting, controlling, accessing, occupying, transforming and communicating one's own culture in a territory. It also indicates that the affective relationship with the city matters in the participation of artistic-cultural groups and offers the possibility of transforming the experience in the territory. Limited territories are reconfigured in the public spaces of the city in the center and it is necessary to enter the periphery. The participants of the artistic-cultural group find themselves in an artistic-

cultural group of women with feminist guidelines and political involvement. From his experience and from the mediation of the group, we recognize ways of creating new territorialities and experiences not in their corpo-territory. This is defended, given two presuppositions and assumptions of this research, is that participation in groups, in this case in artistic-cultural groups of women, however heterogeneous it may be, can be a viable project-of-being for women and promote experiences that constitute territorialities that build and claim a safe place in the world.

Key-words: Territorialities; project to be; artistic-cultural group; women; environmental psychology.

RÉSUMÉ

La ville, en tant qu'espaces de vie, est imprégnée de territorialités qui ne se vivent pas de la même manière pour tous. La notion de territorialité est incomplète lorsqu'elle n'intègre pas la dimension de genre. La notion de projet-d'être met en lumière la personne comme un devenir, qui se fait et se refait face à ce qui est fait de lui et peut être conçue comme une biographie vivante avec des implications sur les rapports à l'autre qui souligne l'importance des médiations et conduit à appréhender les collectifs et les groupes comme éléments d'un projet d'être, de réalité humaine et du monde. La condition d'être une femme s'impose et révèle de multiples vulnérabilités qu'il faut dépasser. Cette étude vise à comprendre comment la relation entre les projets d'être et le projet collectif des femmes d'un groupe artistique-culturel s'instaure dans la constitution des territorialités à Manaus. Ainsi, il a cherché: 1) à pointer les similitudes entre psychologie environnementale et existentialiste pour comprendre comment les territorialités se constituent dans le contexte urbain ; 2) caractériser les activités menées par le groupe artistique culturel des femmes participantes ; 3) Identifier les significations attribuées par les femmes aux interventions produites sur le territoire par le groupe artistique culturel ; 4) Caractériser le territoire et les territorialités de la ville de Manaus à partir de les femmes participantes ; 5) décrire les récits de vie et les projets d'être des femmes du groupe artistique culturel et 6) discuter de l'imbrication des projets d'être dans la constitution de ce mouvement socioculturel dans la cité citée, la méthode progressiste-régressive qui articule la description phénoménologique de l'expérience et approfondissement de l'histoire de la personne de manière contextualisée. Avec l'appareil de la psychologie environnementale et existentialiste, l'observation participante a été effectuée dans les réunions de groupe; questionnaires appliqués avec la coordination du groupe ; entretien narratif et application de cartes affectives avec les participants. Après approbation par le comité d'éthique, 11 femmes ont participé à la recherche, dont seulement 10 ont participé à l'entretien narratif avant et pendant la pandémie en 2020 et 2021. Les données ont été analysées à l'aide du logiciel d'analyse qualitative Atlas.Ti version 9. Les résultats ont indiqué des conceptions de la territorialité comme manière d'affecter, d'accéder, d'occuper, de transformer et de communiquer sa propre culture sur un territoire. Ils indiquent également que la relation affective avec la ville compte dans la participation des groupes artistiques et culturels et offre la possibilité de transformer l'expérience sur le territoire. Des territoires limités sont reconfigurés dans les espaces publics de la ville et du centre et il faut entrer dans la périphérie. Les participantes du collectif artistique-culturel construisent un groupe artistique-culturel de femmes avec des agendas féministes et un engagement politique.

À partir de leur expérience et de la médiation du groupe, ils reconnaissent des manières de créer de nouvelles territorialités et expériences dans leur corps-territoire. La thèse défendue, au vu des hypothèses et des résultats de cette recherche, est que la participation à des groupes, et en l'occurrence à des groupes artistiques et culturels de femmes, aussi hétérogènes soient-ils, peut permettre le projet-d'être des femmes et promouvoir des expériences qui constituent des territorialités qui construisent et revendiquent une place sûre dans le monde.

Mots Clefs: Territorialités; projet d'être; groupe artistique et culturel; femmes; psychologie environnementale.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Esboço do método progressivo-regressivo na prática da pesquisa.....	55
Quadro 2: Perfil sociodemográfico das mulheres que participaram das entrevistas narrativas.	60
Quadro 3: Mapa Afetivo de Flores.	64
Quadro 4: Mapa Afetivo de Da paz.....	65
Quadro 5: Mapa da Glória.	66
Quadro 6: Mapa da Alvorada.	67
Quadro 7: Síntese dos Mapas Afetivos.....	110

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O contexto das relações indivíduo-ambiente.	34
Figura 2: Vista via Mapa da cidade de Manaus no âmago da Floresta Amazônica.	41
Figura 3: Largo São Sebastião e Teatro Amazonas.	43
Figura 4: Fluxograma do desenho metodológico inicial previsto para a realização da pesquisa.	45
Figura 5: Instrumentos e Técnicas: Uma abordagem multimétodos.	46
Figura 6: Instrumentos utilizados no ensaio do coletivo artístico-cultural de mulheres.	59
Figura 7: Objetivos contemplados na pesquisa.	71
Figura 8: Mapa Afetivo da cidade de Manaus – Por Flores.	113
Figura 9: Ilustração de elementos presentes na descrição da história de vida.	137
Figura 10: Desejo de vida.	146
Figura 11: Síntese sobre aspectos investigados e achados neste estudo.	177

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil das mulheres que realizaram os Mapas afetivos.	63
Tabela 2: Frequência quanto à área e abordagem metodológica dos artigos selecionados.	77
Tabela 3: Temáticas das produções encontradas.	77

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	20
1 INTRODUÇÃO	25
2 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS DO ESTUDO	37
2.1 Objetivo Geral	37
2.2 Objetivos Específicos	37
3 MÉTODO	38
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	38
3.2 Caracterização do Campo	41
3.3 Participantes	44
3.4 Instrumentos	44
3.4.1 Diário de Campo: Registros da Observação Participante.....	46
3.4.2 Questionário	47
3.4.3 Entrevista narrativa.....	47
3.4.4 IGMA (Instrumento Gerador de Mapas Afetivos)	48
3.5 Procedimentos de coleta de dados	51
3.6 Codificação e análise dos dados	53
3.7 Considerações éticas.....	57
4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	59
4.1 Características gerais do coletivo artístico-cultural.....	59
4.2 Características das participantes	60
4.3 Mapas Afetivos.....	63
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
5.1 ARTIGO 1 - Territorialidades e contexto urbano nos estudos sobre a relação pessoa-ambiente: Revisão integrativa de literatura	72
5.2 ARTIGO 2 - Coletivo Artístico-Cultural, Mulheres e Territorialidades: Espaços de (re)existências entre corpos e movimentos na cidade.....	92
5.3 ARTIGO 3 - Um lugar no mundo: Projeto de ser e projeto coletivo de participantes de um grupo artístico-cultural de mulheres.....	122
6 DISCUSSÃO INTEGRADA	170
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
8 REFERÊNCIAS	187
9 APÊNDICE	200

9.1	Apêndice I – Roteiro de Entrevista.....	200
9.2	Apêndice II – Questionário para Responsável Local pelo Grupo	202
9.3	Apêndice III – Instrumento Gerador de Mapas Afetivos – Individual.....	204
9.4	Apêndice IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	206
10	ANEXOS	209
10.1	Anexo I – Parecer consubstanciado.....	209

APRESENTAÇÃO

“A cidade que pulsa em mim, também me expulsa”

O Teatro Mágico

O trecho da música acima me faz lembrar das escolhas que fiz antes mesmo de chegar nesse momento. Trazem a minha memória (que está fora, no mundo e em cada verso de melodias e acontecimentos) o fato de que as cidades que pulsam em mim, também me expulsaram em busca de um conhecimento que eu nem sabia exatamente qual era, mas eu sabia que me transformaria. Todas as cidades que pulsam em mim, também me expulsaram e refletem cada palavra dessa tese. Afinal, é possível ir além do que está dado e ser movimento. Apesar de tantas tragédias - de uma quase terceira guerra mundial em andamento nesse exato momento ainda com os resquícios de uma pandemia que deixa dores e amargores irrevogáveis - é possível ir e vir. E ir e vir é condição existencial básica e de direito, embora diante de contextos tão caóticos e desiguais, pareça privilégio.

Elaborar uma apresentação em uma tese de doutorado não parece uma missão difícil quando a trajetória pessoal e profissional parece extremamente interligada. Elaborar essa tese, no entanto, foi mais difícil do que eu poderia supor. Talvez não seja o foco falar dos bastidores, mas um dos momentos que fez com que eu me apaixonasse pela possibilidade de uma carreira acadêmica, foi uma das minhas mentoras ter me dito um dia que esse seria, principalmente, um trabalho de bastidores. E o que acontece antes de um produto final de tese, acontece muito longe de qualquer holofote. Por isso, parece importante reservar essas páginas iniciais para objetivar e subjetivar os caminhos escolhidos para que esse momento fosse possível. Em um mundo no qual há tanta preocupação com os resultados, muito se esquece e se perde sobre o processo.

Sabemos que o processo de doutorado começa muito antes da escolha de um projeto de pesquisa, da escolha de um programa e de uma orientadora para tornar essa pesquisa viável, muito antes, ainda, dos caminhos que colocaram a vida acadêmica como possibilidade. A escolha, como uma boa existencialista acredita, foi de um projeto de ser que foi se tecendo diante das mediações das pessoas que cuidaram de mim desde que nasci, com toda a coerência do significado da palavra cuidado e me mostraram a educação como possibilidade de ir além. Meus pais nunca puderam concluir o ensino médio, mas fizeram tudo que podiam para que eu pudesse ter o que eles acreditavam ser caminhos menos pedregosos do que os deles.

Para além de nossas vontades, houveram condições de possibilidade mediadas por políticas públicas que, em 2007, no mesmo ano em que passava no vestibular da Universidade Federal para o curso de pedagogia na minha cidade natal, Santarém-Pará, fui contemplada com uma bolsa integral do Programa Universitário Bolsa para todos e pude cursar psicologia na UniNorte, na cidade de Manaus. Pedagogia era segunda opção, mas a única que existia na minha cidade naquele momento e eu tive muitas dúvidas sobre abandonar o curso e a cidade que eu já conhecia e ter de iniciar em outra instituição desconhecida em outro Estado. Mas com apoio da minha família pude optar pelo curso dos sonhos e me via empreendendo a minha primeira mudança de cidade em função do projeto de ser psicóloga. Santarém não me oferecia essa possibilidade naquele momento e me expulsava. Aos 17 anos eu estava mudando para a capital do Amazonas, Manaus. E foi em Manaus que aconteceu minha graduação, mestrado, especialização e a inserção na carreira profissional como psicóloga clínica e como docente.

A psicologia como profissão passou a ser ainda mais encantadora quando conheci abordagens críticas da psicologia, que consideram aspectos sociais e históricos e não exclusivamente de uma lógica individualizante e acrítica e, por isso, encontrava respaldo com algumas concepções minhas de vida. Por isso, as teorias da psicologia ambiental e a abordagem fenomenológica-existencial, especialmente a psicologia ambiental de abordagem transacional e a abordagem existencialista sartriana foram as teorias que me possibilitaram a práxis que eu almejava. E esse caminhar por diferentes áreas e abordagens faziam parte da minha formação e atuação. Nos caminhos da psicologia, atuei na área organizacional e do trabalho, mas foi na minha prática enquanto psicóloga clínica de inspiração sartriana e nas pesquisas sobre a relação pessoa-ambiente desenvolvidas no Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental no INPA que eu encontrava sentido no meu fazer. Um fazer que sempre foi atravessado por mobilizações e na crença de que toda psicologia é social e só faz sentido se for além do individual, ampliar o olhar para o coletivo e toda materialidade da existência.

A escolha para realização desse processo de doutoramento passou pela concretização de uma experiência de realização por meio da educação que me fez acreditar que era possível fazer com que outras pessoas também pudessem ver e ir além. Antes de escolher ser candidata a “Doutora”, eu escolhi ser professora a partir das experiências e caminhos abertos com o mestrado. Antes de escolher ser professora e supor ensinar, eu escolhia aprender. E assim, me escolhi psicóloga, aprendendo muito mais do que com teorias – mas sem jamais abrir mão delas - com todas as pessoas que compartilhavam suas verdades mais escondidas comigo. E esse aprendizado é contínuo e transformador.

Em 2017, depois de ter me realizado com a experiência de ser professora, desde 2015 e cada vez mais certa de que para continuar na carreira docente eu precisava empreender um processo de doutoramento, me vi realizando processos seletivos para universidades e programas compatíveis com o que eu desejava para um futuro psi. Na época participei do processo seletivo para UFRN e para UFSC e deveria ter participado do processo seletivo para UFC, mas não foi possível porque não havia vagas abertas com a orientadora eleita naquele momento. Tentando ser coerente com o duplo caminhar entre psicologia ambiental e a perspectiva existencialista, em 2018 me via aprovada no processo seletivo para UFRN com a possibilidade de realizar pesquisas tendo como ênfase a psicologia ambiental e, também, me via aprovada na UFSC com a possibilidade de desenvolver uma pesquisa existencialista. Nesse momento me vi na iminência de abandonar minha vida profissional como professora e psicóloga em Manaus temporariamente, mas migrante que eu sou, não poderia não ser novamente impulsionada pelas transformações que a psicologia poderia trazer para minha vida. Diante das dúvidas optei por ingressar na UFSC. Vários fatores foram pesados para essa escolha, inclusive o fato de eu já conhecer a cidade de Florianópolis e ter rede de apoio na cidade. Na UFRN eu poderia investir nos estudos sobre Psicologia Ambiental e Pessoa-Ambiente com uma das grandes mulheres e referências em psicologia ambiental no país, Gleici Elali, que foi muito acolhedora e compreensiva em todo o processo. Mas, na UFSC eu teria possibilidade de ter contato com a orientação de Daniela Schneider, referência no existencialismo Sartriano e eu vi nessa orientação a possibilidade de articulação não só com a Psicologia Ambiental, mas em uma base que me permitirá dialogar com minha práxis. Escolha feita. Segunda mudança empreendida em busca do projeto de ser não só psicóloga, mas continuar professora. E para isso era preciso passar por todo esse percurso.

Ter sido aprovada neste doutorado para mim significava a oportunidade de dar continuidade a pesquisa na linha de afinidade e atuação com docência. Na docência poderia articular ensino, pesquisa e prática através das atividades de extensão. O afeto pra mim é prioridade. Acredito que o aprendizado e as transformações reais só são efetivos quando afetivos. Por isso, buscava pesquisar sobre um tema que casava meu histórico entre psicologia ambiental e a psicologia existencialista. Era preciso estar afetada. E a partir das conversas com minha orientadora e reflexões sobre diálogos possíveis e coerentes não só com minha vontade enquanto pesquisadora, mas com as demandas sociais e formativas que universidade e sociedade convocam, emergiu a necessidade de compreender o movimento de coletivo de mulheres nas cidades de Manaus e na cidade de Florianópolis que eu tanto queria explorar. Gostaria de compreender como e se o movimento em coletivos criava territorialidades e, ao

mesmo tempo, de que modo seu projeto de ser, sua biografia ou histórias de vida aconteciam mediante tais processos. Para isso, conforme a orientadora propôs, um caminho seria a aproximação de movimentos das mulheres que participam de coletivos artísticos culturais da cidade. Meu interesse inicial era entender a relação pessoa-cidade e estendeu-se para pessoa-coletivo-arte-cidade. Embora a minha maior inquietação passasse pela forma que essas mulheres viviam a cidade e como a cidade dava vida a seus projetos.

Diante da complexidade prevista e do desafio que é propor o diálogo entre áreas que me afetam, mas nem sempre, necessariamente dialogam ou não dialogavam até então, optou-se por realizar essa tese no formato de artigos, esmiuçando e diferenciando aspectos de três estudos teóricos e empíricos fundamentais para o alcance dos objetivos propostos. Acredito que nenhuma escolha é neutra, nem tampouco essa escrita seria, assim em alguns momentos evidencia-se todo repertório existencialista, noutros o da psicologia ambiental (estudos sobre a relação pessoa-ambiente), mas principalmente o fato de eu ser uma mulher escrevendo sobre fragmentos da história de outras mulheres e reivindicando nosso lugar no mundo. E nessas teorias que norteiam meus saberes e fazeres, a existência apresenta-se para além de teoria, nas vozes e sentidos trazidos pelas protagonistas dessa pesquisa. Tanto pelo referencial escolhido, pelas mulheres que vieram antes de mim e me fazem enxergar mais longe, quanto pelas participantes da pesquisa empírica. Mulheres na filosofia, na psicologia, nas ruas e na ciência. Se esse trabalho evidenciar também o seu legado, cumprirá um objetivo que está além das entrelinhas.

A escritura desta tese foi profundamente atravessada pela acontecência da pandemia da Covid-19, que inviabilizou a realização das pesquisas previstas com o coletivo de mulheres em Florianópolis, dado que a autora, por estas circunstâncias, teve que retornar à Manaus por questões familiares e de saúde. Mais um ato re-migratório!

Essa tese é um convite para conhecer um pouco mais sobre as teorias que me inspiram, sobre as abordagens que conduzem minha leitura de pessoa e de mundo, mas sobretudo é um convite para olhar a condição de mulheres, do que nos une e não do que nos separa, da força dos movimentos, das conexões, dos diálogos possíveis. É falando de um lugar e na busca de um lugar que construímos pontes. Não teremos aqui uma longa e extensa tese com elaborações teóricas robustas. Não há intenção de repetições ou ineditismo visto que há ótimos estudos já apresentados sobre a psicologia ambiental em uma perspectiva transacional e de produções latino-americana (Bomfim, 2010; Higuchi, 2011; Elali, 2011) e o existencialismo (Maheirie, 2004; Schneider, 2006; Pretto, 2015; Freitas, 2018; Langaro, 2019; Bocca, 2021). No Brasil, há excelentes estudos produzidos sobre essas perspectivas. Contudo, aqui há tentativas de trazer

diálogos sobre eles e novamente apontar o nexos que une teorias como existências. Talvez o caráter de ineditismo deste estudo resida no fato de abordar as fragilidades do processo, o incerto, o não planejado, o que não aconteceu e não simplesmente omitir e apresentar os dados consolidados. Isto porque até o que não foi viável nesta tese traz seu registro sobre o nosso tempo histórico e, conseqüentemente, do público dessa pesquisa. Tudo oferece indicativos de totalizações em curso.

Apresento-lhes territorialidades e o projeto de ser de mulheres que participam de coletivos artísticos culturais na cidade de Manaus. Projeto de ser, Projeto coletivo e territorialidade revelam histórias de vida que tem todo potencial de transformar histórias de um mundo em movimento, mas ainda desigual para as mulheres. Há cidades que pulsam e expulsam. Há mulheres que acolhem e coletivamente constroem e compartilham seu lugar no mundo.

1 INTRODUÇÃO

Trânsito, congestionamento, filas, passos apressados, ônibus, arranha-céus, construções irregulares e ruas diversamente ocupadas demonstram a densidade populacional dos grandes centros urbanos e caracterizam de forma predominante o “viver na cidade”. Nesse cenário, as atividades cotidianas acontecem alicerçadas em uma constante interação pessoa-ambiente, produzidas a partir das vivências nesse contexto urbano (Socza, 2005). Toda cidade, como um lugar, aponta para a possibilidade de estar mais perto ou mais distante do futuro projetado que ilumina todas as escolhas diárias de uma pessoa (Sartre, 2015a). Assim, as pessoas conferem diferentes sentidos à cidade, de acordo com seu projeto de ser. E os sentidos conferem significados sobre cada cidade. Não por acaso, Simone De Beauvoir afirma, quase que despretensiosamente, que a verdade de uma cidade são seus habitantes (Beauvoir, 2018). As pessoas que habitam uma cidade diferem não só em números e nomes, mas em cores, classe, corpos, sexualidades e gênero.

A discussão sobre espaço e lugar é uma discussão importante. O espaço, enquanto matriz da existência, depende das relações que nele se estabelecem e, portanto, é também um espaço social (Fischer, 1994). A noção de espaço possibilita a discussão sobre os conceitos de Território e Territorialidade. A territorialidade corresponde a fatores pessoais, socioculturais e contextuais, o que permite compreender as interações sociais, os sentidos e a apropriação do entorno físico (Theodorovitz & Higuchi, 2018). A territorialidade tem essencialmente uma função de organização para o homem, permitindo antecipar certos comportamentos em espaços delimitados. Tais espaços constituem territórios, que por sua vez, possuem características físicas visíveis e que tornam possível a privacidade e liberdade de escolha de comportamento (Moser, 2018).

Milton Santos considera que todo espaço envolve sempre uma construção social e, portanto, nunca é apenas uma delimitação física, pois é a utilização do território pelas pessoas que cria o espaço (Santos 1978). De todo modo, o que é inegável é o quanto o espaço físico afeta e é afetado na e pela relação humana. Na Psicologia Ambiental, território e espaço não devem ser entendidos como sinônimos, mas um implica no outro (Moser, 2018). Para Santos (2011): “o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (Santos, 2011, P. 13). A concepção sobre território de Milton Santos tem influências do pensamento do filósofo e sociólogo Henri

Lefebvre (1991) e do filósofo Jean Paul Sartre (1979, 2015), que abordam a realidade humana como produto e produtora das dimensões materiais da vida.

Dessa forma, Milton Santos, contribui significativamente com a Geografia crítica, ao embutir no conceito de território considerações dialéticas e existencialistas, a partir das quais a noção de que este só pode ser entendido de acordo com as condições da existência, com o uso que se faz dele a partir da ação humana, de forma concreta e não abstrata.

Com o aporte da psicologia ambiental, o estudo das emoções e afetividades pode ser compreendido como aspecto constitutivo da condição humana e é útil para avaliar e pensar em transformação de ambientes, visto que o comportamento afetivo tem grandes implicações no bem-estar e no território (Bomfim, Delabrida, & Ferreira, 2018). A dimensão afetiva se manifesta em diferentes temas de investigação no que se refere à relação das pessoas com seus entornos físicos. Nesse aspecto, é possível falar em apego ao lugar, identidade de lugar, identidade social urbana, apropriação e territorialidades a partir dos afetos.

Na perspectiva existencialista, um projeto existencial é sempre escolhido em situação. Os elementos que compõem a situação e são condições de possibilidade para viabilizar ou não um projeto futuro envolve: Meus lugares, Meu passado, Meus arredores, Meu próximo e Minha morte (Castro & Ehrlich, 2016). Mais do que elementos discutidos na filosofia de Jean Paul Sartre, esses aspectos indicam para um olhar além de uma subjetividade encapsulada, mas atestam ainda mais a dialetização pessoa-ambiente. Tanto na literatura existencialista quanto na literatura da psicologia ambiental há indícios de que a vida na cidade produz experiências de solidão, mas também possibilidade de socialização (Moser, 2018; Laing & Cooper, 1976).

As pessoas que habitam a cidade produzem e se produzem no modo de vida urbano e nele padecem. A cidade é permeada por territórios e territorialidades. Despontam, nesse contexto, a violência, a criminalidade, o estresse e a densidade urbana como indicadores de adoecimento físico, social e psíquico (Moser & Robin, 2006). Embora a explosão urbana seja algo relativamente recente na história, a forma de se relacionar com o espaço habitado é registrada em diferentes perspectivas e temporalidades. Nas que debatem a cidade como fenômeno urbano, diferentes teóricos apontam para os efeitos sociológicos e psicológicos da densidade populacional das grandes metrópoles, geradores de tensão psíquica, sobrecarga, apatia, isolamento, criminalidade e violência (Milgram, 1970; Simmell, 1973; Wirth, 1973).

No entanto, a cidade *per si* não produz essas mazelas isoladamente, pois as relações são recíprocas, complexas e dependem de fatores diversos e significados atribuídos aos espaços de vida transitados. Ao pensar sobre a psicologia e sua interface com as problemáticas urbanas, enfatiza-se a interdependência na relação pessoa-ambiente, permitindo assim, a reflexão acerca

da cidade como palco de possibilidades diversas. Dessa forma, tanto é possível visualizar aspectos negativos do modo de vida urbano como vislumbrar estratégias que os superem (Pinheiro, 1997). O direito à cidade não deve aparecer como algo abstrato, mas como possibilidades diversas que permitam estilos de vida mais saudáveis e justos para os cidadãos. O direito à cidade perpassa tanto a relação com a paisagem como a relação com aspectos que estão para além dos delimitadores físicos e estéticos desse espaço (Lefebvre, 1991; Saraiva & Lavrador-Silva, 2005).

A dimensão afetiva se revela como atrelada às memórias e experiências atribuídas a um lugar, uma vez que as memórias e experiências vividas no espaço urbano permitem ao sujeito atribuir valoração positiva ou negativa ao ambiente de acordo com as vivências possibilitadas. Tais vivências podem gerar uma carga emocional ligada ao lugar. O conceito de topofilia (Tuan, 1980) que evidencia o elo afetivo ou mesmo o conceito de apego ao lugar (Elali & Medeiros, 2011), ressaltam a importância do entendimento de que as vivências afetivas com o ambiente vão além das características físicas, porém não as exclui; pelo contrário, esse ambiente é vivido a partir do corpo do sujeito em um mundo concreto e não abstrato (Merleau-Ponty, 1999). Esse mundo, entretanto, abarca complexos fatores que se relacionam ao tempo, espaço, cultura e historicidade.

Destarte, se por um lado há evidências e questionamentos sobre os impactos da cidade e do modo de vida urbano na saúde das pessoas, por outro, é fundamental estudar o quanto os movimentos sociais contribuem para a constituição de territorialidades relacionando-se ao direito à cidade a partir de um engajamento coletivo entrelaçado a projetos de ser de pessoas que a partir de sua ação pessoal somam-se a um grupo com potencial transformador. Há diferentes acepções epistemológicas para descrever a ação coletiva como categoria de análise ou fenômeno social que possibilitam a existência dos movimentos sociais. E dentre estas vale destacar a concepção de que a emergência de novos movimentos sociais está associada ao aperfeiçoamento das democracias. É nos movimentos sociais, através do engajamento coletivo, que os atores sociais se apresentam como atores de mudanças (Alexandre, 2018). Estudos têm identificado que há vetores afetivos que constituem identidades e territorialidades e que atuam de modo a mobilizar o engajamento em diferentes esferas sociais (Viveiros, Lima & Dell'orto, 2021).

Nesse sentido, compreender as territorialidades na práxis de cidadãos é necessário para ampliar a visão sobre o fenômeno pessoa-ambiente, coletivo e cidade. A noção de territorialidade pode ser melhor compreendida a partir da dimensão da afetividade. Reitera-se ainda, a importância de olhar para a constituição de territorialidades mediadas pelos

atravessamentos de gênero (Moser, 2008). Valesco (2012) afirma que a noção de territorialidade é incompleta se não for incorporada à questão de gênero em sua interpretação. Isto porque, falar em territorialidades sem considerar certas especificidades, acabam fazendo perdurar uma visão homogênea e genérica que não condiz com a realidade de um mundo complexo e que incorpora múltiplas diversidades humanas. Borghi (2015) evidencia que a análise do espaço deve acontecer a partir da interseccionalidade, considerando aspectos como classe social, gênero e raça, mas ainda há limitações ao trabalhar aspectos quanto à sexualidade e gênero. A produção da cidade acontece de forma impositiva, especialmente para as mulheres diante de múltiplas formas de dominação de seus corpos e práticas (Tavares, 2015).

Estudos denunciam que as mulheres não possuem as mesmas condições que homens para enfrentar as demandas da vida no contexto urbano, principalmente as mulheres da classe trabalhadora (Macedo, 2002). A condição da mulher precisa ser compreendida de forma muito particular. Parece não haver lugar seguro para muitas mulheres e é em momentos de crises como os vividos em contextos pandêmicos que elas podem ser ainda mais afetadas (Boaventura de Sousa Santos, 2020). Diante de um contexto pandêmico que impõem novas formas de olhar para o mundo e as próprias teorias, para algumas pessoas ficar em casa poderia ser algo limitante e ameaçador (Brabicoski et al, 2020).

Os movimentos e encontros de mulheres que reivindicam seu espaço nas cidades é fundamental e pode ser visto como um fator de proteção a despeito de todas as violências possíveis nas ruas. Entretanto, com a pandemia desencadeada pela COVID-19, essa possibilidade de encontro e espaço foi afetada. Ao mesmo tempo que ficar em casa era uma estratégia de saúde pública para manter as pessoas protegidas do coronavírus, para muitas mulheres, a casa era um ambiente de total insegurança. Dados do Anuário de Segurança Pública de 2020 atestam que houve um aumento do número de feminicídios e denúncias relacionadas a violência contra a mulher (Brasil, 2020). Esses dados permitem questionar quais são os lugares seguros para as mulheres. Ficar em casa seria seguro? Logo, compreender as territorialidades vivenciadas especificamente por mulheres pode nos fornecer importantes indicativos.

A preocupação com os espaços públicos e a necessidade de promoção de saúde e qualidade de vida no contexto urbano é reafirmada ao aparecer entre os objetivos e metas do milênio das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável. Um dos objetivos consiste em *“tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis”* (ONU, 2015). O presente estudo está em consonância com uma das metas proposta em conjunto com vários países que visa proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes até 2030, principalmente para públicos mais vulnerabilizados,

entre estas as mulheres (ONU, 2015). Embora haja diversas críticas contundentes sobre a Agenda 21, principalmente por movimentos e epistemologias feministas ligados a ecologia feminista, é importante que entidades como a ONU reconheçam essa dimensão transversal para promoção de sustentabilidade.

Acredita-se que imbuir-se de investigações na academia sobre temas que estejam de acordo com tais metas e objetivos para o desenvolvimento sustentável é fundamental no esforço de promover espaços de vida mais inclusivos e promotores de saúde e bem-estar para as pessoas que vivem no meio urbano. Para tanto, estudar coletivos de mulheres que participam de um movimento social e artístico em territórios urbanos pode ser um demarcador para se pensar em estratégias e intervenções que tornem essas metas alcançáveis de algum modo.

Por outro lado, a aproximação da academia com os movimentos sociais é um desafio a ser alcançado, a fim de priorizar teorias e práticas engajadas com os fenômenos vivos da sociedade contemporânea. Dessa forma, o estudo deverá possibilitar a caracterização das atividades realizadas por um coletivo de mulheres que se reúnem para produzir arte, música e história a partir de uma relação específica com o Maracatu, que se configura também como movimento social.

O Maracatu enquanto patrimônio cultural e imaterial nacional disseminou-se no Brasil e no mundo e é considerado como arte, música, com diversas formas de expressão cultural. Entretanto, o Maracatu só pode ser compreendido de forma complexa a partir de uma relação que envolve história, cultura, racialidade e religiosidade e precisa ser cuidadosamente estudado para não o reduzir a algo que não é (Alencar, 2015).

O Maracatu foi reconhecido como patrimônio imaterial da cultura brasileira e se expressa de muitas formas. O Maracatu do Baque Virado, por exemplo, geralmente sai às ruas para desfiles e apresentações durante o Carnaval. As apresentações compostas por musicalidade e riqueza de simbolismos ocorrem por meio de cortejos que comunicam elementos da cultura brasileira e carregam elementos riquíssimos da população afro-brasileira (O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], 2019)

Por isso mesmo, o Maracatu enquanto expressão cultural de um dado contexto histórico, organizado por um coletivo de mulheres enquanto movimento social, pode e deve ser objeto de um estudo psicossocial, pois como discute o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre em seu livro “Questão de método”: “o “meio” de nossa vida, com suas instituições, seus monumentos, seus instrumentos, seus “infinitos” culturais ..., seus fetiches, sua temporalidade social e seu espaço ‘hodológico’, deve ser também objeto de nosso estudo” (Sartre, 2002, p. 69). Isto porque é na relação com os coletivos, na delimitação do campo social, que o sujeito faz a aprendizagem

de sua condição de humanidade, constituindo-se em projeto de ser, ao entrelaçar-se ao projeto de outros que lhe são significativos. Por isso mesmo, “a criança não vive somente sua família, mas também — em parte, através dela e, em parte, sozinha — a paisagem coletiva em seu redor; e é ainda a generalidade de sua classe que lhe é revelada nessa experiência singular” (Sartre, 2002, p. 69).

A filosofia existencialista oferece, assim, importantes contribuições para o entendimento da subjetividade humana e para a superação dos determinismos psíquicos, históricos e situacionais. Apresenta uma possibilidade de compreensão da subjetividade humana a partir da noção de projeto de ser, um projeto que iminentemente acontece em um mundo de relações (Sartre, 1979). O projeto de ser que revela a história particular de uma pessoa pode ser compreendido também mediante projeto coletivo e a compreensão a respeito dos coletivos e grupos nos quais uma pessoa está inserida.

De acordo com a perspectiva sartriana a ação pode construir, desconstruir e reconstruir situações (Freitas,2022). A teoria de grupos sartriana oferece importantes contribuições para entender como uma pessoa pode superar a serialidade, ou seja, a experiência de viver em uma pluralidade de solidões e superar para passar pela experiência de se tornar um grupo (Schneider,2011).

Coletivo e grupo são diferentes na perspectiva sartriana e de modo geral podemos afirmar que o coletivo perpassa pelo agrupamento de pessoas sem que necessariamente haja um tecimento entre estas, um agrupamento que pode ser imposto por outras pessoas, e que mesmo que atenda suas demandas não foi necessariamente abraçado como destas. Enquanto um grupo ocorre a partir da livre escolha das pessoas de criar, manter e reinventar continuamente este grupo (Freitas, 2018; 2022)

O ser humano que vive na cidade, distante da natureza e vulnerável a diversas mazelas do modo de vida urbano, também é o ser humano que escolhe, que se reinventa e que na ação com potencial transformador pode criar possibilidades que remetem a estilos de vida mais saudáveis. Essas possibilidades podem se dar, por exemplo, a partir do engajamento em movimentos coletivos artísticos, culturais e sociais.

No intuito de articular tais aspectos, o presente trabalho apresenta de forma sucinta aspectos relacionados à cidade enquanto dimensão da existência e como mediadora cultural. Aborda ainda o Maracatu como manifestação cultural na cidade e como arte. Isto porque se entende que arte abarca um significado amplo no comportamento humano que envolve a transformação da própria vida (Vigostky, 1998). O Maracatu como expressão cultural, como engajamento político e de caráter polissêmico só pode ser entendido de forma complexa. O

Maracatu tem na arte uma das suas dimensões. Isto porque a arte tem caráter decisivo na transformação da vida das pessoas, da sociedade e do mundo (Vigotsky, 1998). Escolhemos nominar o coletivo de pessoas que se reúnem para ensaiar e realizar Maracatu na cidade, de coletivo artístico-cultural. Trata-se ainda de um grupo de mulheres e movimento de caráter feminista. Entretanto utiliza-se essa nomenclatura não para reduzir o significado da própria identidade que as participantes dão a esse grupo, mas na tentativa de preservá-las na medida do possível.

Além disso, compreende-se toda complexidade do sentido do Maracatu e dos movimentos feministas, e como estes não são questão central nas teorias que balizam a tese, mas aparecem significativamente como dados contextuais que não podem ser desconsiderados, é preciso todo cuidado ao abordá-los. Inclusive por ser tão importante o reconhecimento do “lugar de fala”. Conforme bell hooks (2019a) é importante que especialmente mulheres negras que ainda reivindicam de fato igualdade e justiça social falem. Isso não significa que uma pesquisadora não-negra não possa abordar a temática, mas é preciso cuidado.

Quanto às mulheres, especialmente mulheres negras que participaram desse estudo, as palavras de bell hooks reverberam “É importante que falemos. Sobre o que falamos é ainda mais importante. É nossa responsabilidade, coletiva e individual, distinguir entre a mera fala de auto exaltação, de exploração do exótico “outro”, e aquele encontro da voz que é um gesto de resistência, uma afirmação de luta.” (Hooks, 2019 p. 55). Assim, toda vez que nesse trabalho for mencionado o termo Coletivo artístico-cultural, estamos falando de um coletivo feminista de maracatu.

Do mesmo modo que territorialidades e cultura são termos sinônimos para falar da forma de se expressar e movimentar no espaço-tempo (Santos, 2008), o Maracatu acontece em diversos espaços de vida, entre estes, a cidade é uma possibilidade de transformação. Isto porque o Maracatu é composto por pessoas que produzem arte. Batuqueiros e Batuqueiras como artistas criam tanto seus próprios instrumentos e recriam o cortejo, as possibilidades de manifestarem-se e exigir resposta da vida, do mundo e da sociedade. Não em busca de um lugar no mundo, pois o mundo é o seu lugar, mas sim na busca de manter viva a historicidade de suas vidas numa relação complexa e tão polifônica como as vozes da cidade.

Destaca-se, portanto, que “todo artista considera, em seu processo de criação, um contemplador, aquele outro para quem o discurso / obra se dirige, embora esse outro e a escuta que pode vir a realizar apresentem como meros possíveis” (Zanella, 2012, p. 193). Assim, é possível compreender a arte também como acontecimento. E como acontecimento o é somente

enquanto está sendo, conforme processo de criação que não se deixa capturar sem a experiência criativa (Zanella, 2012).

Em diferentes concepções epistemológicas é possível reconhecer o papel transformador da arte e a relação arte-vida. Em o espectador emancipado, por exemplo, Rancière (2010) apresenta reflexões que levam a pensar no papel dos espectadores da arte e gera questionamentos a respeito do quanto às pessoas podem ser passivas ou ativas diante de apresentações artísticas, mas que a arte sempre revela uma dimensão política no sentido que mais configura força a concepção de coletividade.

De todo modo, seja em maior ou menor proporção, se é que é possível mensurar aspectos tão subjetivos, verifica-se o papel político da arte como ação transformadora. Para Sartre (2015b,2015c) não é possível negar o papel da arte enquanto certa função transformadora da vida que afeta e é afetada por esta.

O Maracatu pode ser reconhecido como arte na medida em que se concebe que “a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida” (Vigotski, 1998, p. 329). Assim, compreende-se que se a vida e as necessidades da vida mudam, os processos criativos mudam e a arte muda. Isto porque a arte acompanha a dinâmica da própria vida tanto quanto a diversidade presente na identidade do Maracatu que se configura tanto como movimento cultural, social, como arte e tantos outros ainda não nominados.

Há ainda mais um fator que emerge em todos esses pontos de convergências abordados que permite compreender o Maracatu como movimento artístico e cultural. Quando mulheres se reúnem para assumir lugares que já foram ocupados anteriormente só por homens e reivindicam, estamos diante da emergência de novas territorialidades. Neste estudo iremos observar o modo como as matrizes epistemológicas feministas, especialmente do feminismo negro, auxiliam na compreensão de cada ato como constitutivo não só da própria vida, mas como movimento político de engajamento no mundo e, portanto, de histórias singulares e universais cruzadas.

Atesta-se, ainda, que a compreensão do projeto de ser abarca aspectos universais e singulares, em uma relação que precisa ser pensada de forma ampla, e não por determinismos baseados em racionalidades específicas (Schneider, 2010). A tentativa de compreender projetos de ser é, nesse sentido, a tentativa de compreender projetos de vida a partir das trajetórias e perspectivas futuras das pessoas enquanto protagonistas de suas escolhas e sujeitos de sua historicidade (Schneider, 2011).

Sartre (2015a), ao propor uma ontologia fenomenológica para a compreensão do ser humano, critica a noção de subjetividade psicologizante e, é nessa crítica, dentre outros aspectos, que pode se buscar diálogos possíveis com a psicologia ambiental e social crítica. Esse diálogo será o fio condutor deste estudo visto que a psicologia ambiental, como área que estuda as relações pessoas-ambiente acredita que só se compreende a singularidade humana em seu ambiente físico, complexo, multifacetado e permeado por fatores sociais (Moser, 2018).

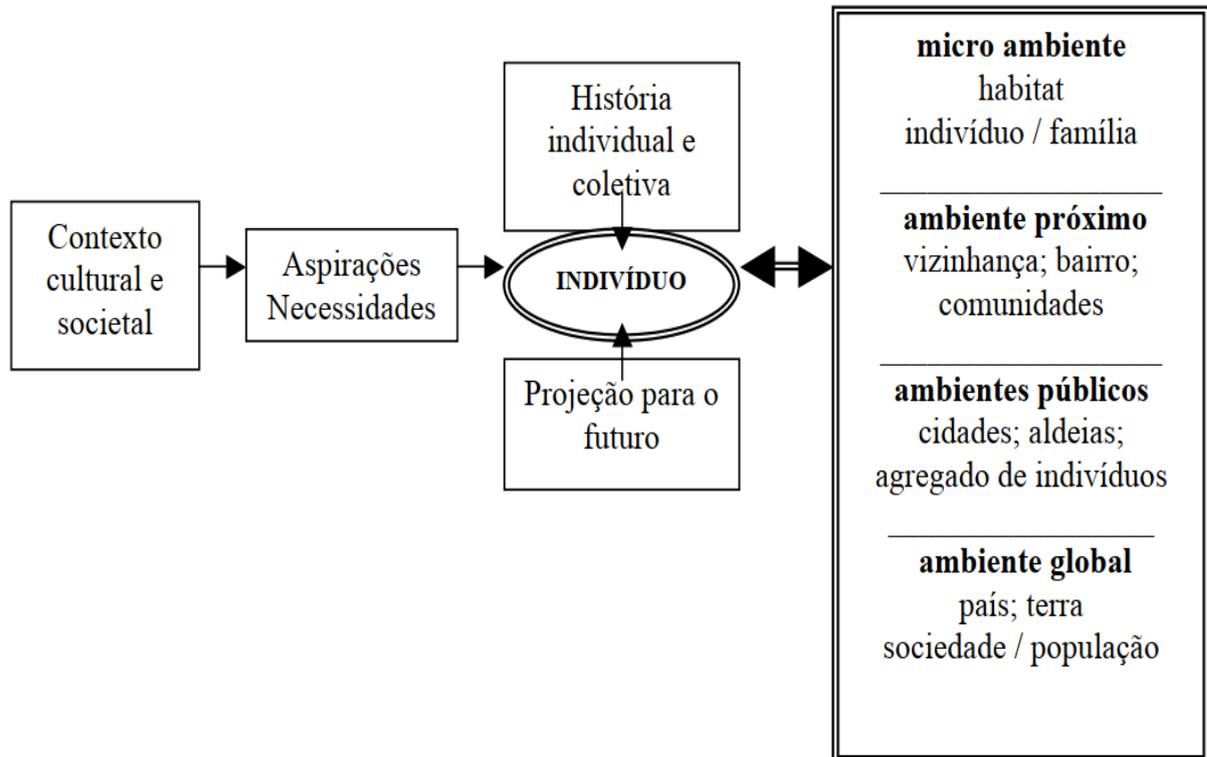
Para Moser (2018) só é possível compreender o espaço e o lugar ao considerar o tempo vivido. Isto porque este tempo não é experimentado somente no momento presente, mas possui um futuro visualizado que funciona como norteador das nossas ações no mundo. Ao considerar o tempo, a abordagem transacional, estamos falando de uma das epistemologias que norteiam estudos na psicologia ambiental. E será a perspectiva que adotaremos neste estudo por acreditar que conseguimos promover um diálogo com a ontofenomenologia Sartriana.

Desse modo este estudo também vislumbra oferecer uma contribuição em termos teórico-epistemológico do existencialismo como um fio que amarra interlocuções entre psicologia ambiental, psicologia social, territorialidade, feminismo e decolonialidade.

A Psicologia ambiental em tal perspectiva crítica e transacionalista considera a relação pessoa-ambiente a partir dos aspectos físicos e sociais em diferentes níveis do espaço, a saber: a) microambiente, que se relaciona ao nível individual e familiar, como os espaços privativos, alojamento, espaço de trabalho; b) mesoambiente, que se refere ao nível interindividual e das coletividades de proximidade, como os espaços compartilhados, espaços semipúblicos, habitat coletivo, bairro, lugar de parques, espaços verdes; c) macroambientes, isto é ambientes públicos, que envolvem comunidades, coletividade, habitantes e agregamentos de indivíduos como cidades, aldeias, campo, paisagem, e, por fim, d) ambiente global, isto é, o ambiente na sua totalidade, sendo este um ambiente construído ou natural, como, por exemplo, os recursos naturais presentes em um nível societal (Moser, 2018).

A Figura 1 permite um panorama geral sobre o entendimento do contexto da relação pessoa-ambiente.

Figura 1: O contexto das relações indivíduo-ambiente.



Fonte: G. Moser, 2018, Introdução a Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente. Campinas, SP: Alínea, p. 27.

Independente dos níveis espaciais envolvidos, a relação pessoa-ambiente só pode ser compreendida ao reconhecer os múltiplos fatores que as engendram. Pressupõe-se que “a história tanto coletiva como individual condiciona as percepções e comportamentos, assim como as necessidades e aspirações particulares. Tal interação também dependerá da projeção da pessoa no futuro, sempre relacionada com o ambiente com o qual ela esteja interagindo” (Moser, 2018, P. 27).

Em uma perspectiva transacional e crítica é possível afirmar que a psicologia ambiental tem como objeto de estudo a relação pessoa-ambiente de forma mútua. Nem pessoa, nem ambiente são predominantes, mas sim a relação. Ao compreender que “a Psicologia Ambiental estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações - e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social” (Moser, 1998 P, 121) entendemos que esta é uma disciplina autônoma e ao mesmo tempo interdisciplinar capaz de evidenciar diferentes propostas teóricas e metodológicas de intervenção.

O existencialismo, por sua vez, tomando a pessoa em situação como seu objeto de estudo, análise e compreensão pode ser um ponto de convergência para o que queremos apontar como sendo a possibilidade de diálogo na concepção pessoa-ambiente. Essa proposta é possível por reconhecer tanto a importância da filosofia da existência para a compreensão do ser no mundo como da psicologia ambiental que considera essa inter-relação recíproca.

Os pressupostos teóricos desta tese passam pelas contribuições da psicologia ambiental (disciplina que busca compreender a relação pessoa-ambiente) e do existencialismo (filosofia da existência que busca compreender a realidade humana).

Mesmo sabendo que a fenomenologia não tem a pretensão de ser científica muitas vezes, até mesmo por seu caráter de crítica e análise da crise das ciências (Dartigues, 1992), esse estudo aponta como uma possibilidade de abordagem de pesquisa científica na psicologia. Diante dos ataques constantes que a ciência tem sofrido nos últimos anos, quando a própria condição de pandemia e eficácia das vacinas foi questionada, é importante defender a psicologia como ciência e profissão e contribuir na proposição de caminhos outros de fazer ciência para que esta não seja vista apenas como narrativa, nem tampouco como imposição unilateral de uma realidade complexa e multifacetada (Pivaro & Júnior 2020). Ainda que haja contundentes críticas à ciência, pautada por modelos e epistemologias hegemônicas, positivistas e que, muitas vezes, apenas mantém o status quo, defendemos também o lugar das mulheres na ciência e de novas possibilidades e territorialidades até mesmo nesse espaço, dito território do saber. Sartre (2010) nos fala que existem diferentes tipos de engajamento, e nesse momento em que a própria ciência tem sido ameaçada, a possibilidade de diálogos para superação de questões coletivas vividas de forma singular-universal, é preciso engajar-se como novos modos de fazer ciência.

É possível produzir uma ciência que não seja acrítica e nem por isso seja invalidada em nome do falso pressuposto de neutralidade. Para os amantes da neutralidade e de todo o rigor, é preciso considerar mais que o sentido dado tradicionalmente às variáveis de desigualdades econômicas, sociais, de gênero, raça e todos os fatores que incidem no próprio modo de fazer ciência. Ainda que haja nos últimos anos cientistas que furem a bolha e permitam que esse tipo de escrita que exerço agora seja possível em um artigo científico de tese de doutorado, ainda há uma ciência predominantemente feita por homens brancos e privilegiados.

Por isso, reafirmamos que este trabalho busca contribuir com essa perspectiva de análise fenomenológica e dialética da realidade que considera todas as condições desiguais criadas na tentativa de valorizar a pesquisa qualitativa como modo de fazer ciência, tanto quanto apresentar o projeto de ser e o projeto coletivo de mulheres que participam de um coletivo artístico cultural na constituição de territorialidades.

Assim a proposta dessa tese perpassa pelo objetivo de mostrar que, para compreender as pessoas em suas determinações contemporâneas, é fundamental compreendê-las dialeticamente a partir de sua situação concreta, incrustado em sua territorialidade. Por isso mesmo, o diálogo entre os pressupostos da psicologia existencialista e da psicologia ambiental pode enriquecer as discussões sobre o sujeito integral nos tempos hodiernos. Nesse sentido, refletir sobre a ação coletiva em movimentos sociais conduzidos por mulheres em determinadas cidades evidencia uma relação dialética e universal-singular. Universal porque em todo projeto singular se encontra o outro e o coletivo; singular porque há trajetórias de vida únicas, experimentadas pela vivência pessoal, mas nunca isoladas do outro e em um mundo concreto, em um lugar, espaço e situação (Sartre, 2015a).

Acredita-se que, se podemos falar das problemáticas vivenciadas na cidade, é possível também falar de territórios de vida mais saudáveis, que podem e devem ser construídos por e para as mulheres que nas cidades vivem. Para isso, é fundamental entender a relação desse engajamento coletivo e o projeto de ser na constituição de territorialidades, especialmente para as mulheres. Isto porque, ainda que muitos estudos tenham avançado nas últimas décadas atestando as implicações recíprocas entre as pessoas e seus entornos em diferentes contextos, a questão de gênero aparece de forma elementar nos resultados de pesquisas e é algo a ser melhor explorado. Destarte, tal discussão precisa ser aprofundada, considerando as desigualdades de criação, acesso e usabilidade de espaços por e para mulheres.

Tendo em vista esses pressupostos, que consideram possíveis mudanças que a ação coletiva de mulheres, enquanto uma trama de projetos singulares, produz de alteração na cultura, política e perspectiva criada de determinado território, a presente pesquisa está pautada na busca da compreensão, a partir da articulação entre estudos pessoa-ambiente e uma perspectiva existencialista, da seguinte questão norteadora:

Como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo artístico na constituição de territorialidades na cidade de Manaus?

2 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS DO ESTUDO

2.1 Objetivo Geral

Compreender como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo artístico cultural na constituição de territorialidades em Manaus.

2.2 Objetivos Específicos

- Apontar as aproximações entre psicologia ambiental e existencialista para compreensão de como se constituem as territorialidades no contexto urbano;
- Caracterizar atividades realizadas pelo grupo artístico cultural das mulheres participantes;
- Identificar os sentidos atribuídos pelas mulheres a partir das intervenções produzidas no território pelo grupo artístico cultural;
- Caracterizar o território e as territorialidades na cidade de Manaus a partir das mulheres participantes;
- Descrever as histórias de vida e projetos de ser de mulheres do grupo artístico cultural;
- Discutir o entrelaçamento dos projetos de ser na constituição deste movimento sociocultural na cidade referida.

3 MÉTODO

3.1 Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. A pesquisa qualitativa possui como elemento primordial o olhar criativo do pesquisador para a construção do conhecimento (Minayo, 2008; Minayo, 2017). A pesquisa exploratória objetiva fornecer uma visão geral sobre um tema ainda pouco explorado e a pesquisa descritiva objetiva estudar características de um grupo ou de determinados fenômenos (Gil, 2007).

O enfoque qualitativo converge com os pressupostos teórico-metodológicos dos fenômenos estudados, uma vez que independente dos diferentes pressupostos epistemológicos as pesquisas qualitativas têm a premissa de que é preciso compreender cada situação e evento de formas únicas, o que pode tomar a experiência pessoal como um dos seus pontos de partida. Por isso, entre as técnicas utilizadas na pesquisa qualitativa destaca-se a observação não estruturada, as entrevistas abertas, narrativas, discussões em grupo, revisão de documentos, evolução de experiências pessoais, registros de histórias de vida e interação com grupos ou comunidades (Sampieri et al., 2006).

Esse estudo também se caracteriza por seguir uma abordagem multimétodos, tipicamente utilizada em estudos da psicologia ambiental, que consiste na utilização de dois ou mais métodos de pesquisa, definidos de acordo com os objetivos desejados. Visa-se, assim, ora por favorecer o foco a pessoa, ora por favorecer o foco ao ambiente e possibilitar a reflexão sobre a relação recíproca entre estes (Günther, Elali, & Pinheiro, 2008). Nesse sentido, estes múltiplos métodos dialogam diretamente com a concepção dialética do método progressivo regressivo de Sartre, que guia o horizonte epistemológico da presente pesquisa.

A pluralidade de métodos também tem sido um elemento valorizado nas pesquisas feministas, pois acredita-se que a partir da pluralidade metodológica há maiores possibilidades de compreensão de temáticas complexas (Matias-Rodrigues & Araújo-Menezes, 2014). Nas pesquisas humanas e sociais a interação com grupos específicos ou comunidades têm possibilitado o uso de metodologias mais participativas.

Tais metodologias consistem tanto na possibilidade de o pesquisador ter alguma participação nos grupos que tem como objeto de estudo, assim como, permitir que esses grupos assumam uma atuação mais intensa no desenvolvimento da pesquisa, considerando o rigor metodológico e, ao mesmo tempo, certa flexibilidade (Gatto Júnior et.al, 2018).

Em pesquisas que adentram em comunidade ou em dinâmicas de grupos de pessoas, a maneira de coletar os dados precisa levar em conta o respeito à realidade concreta e às relações estabelecidas, pautadas por um compromisso social (Freitas, 1998). Isto porque não se tratam apenas de dados a serem coletados e sim fragmentos da própria vida.

As metodologias participativas se aproximam da pesquisa-ação por seu caráter mais flexível quanto às determinadas etapas da pesquisa, mas não podem ser considerados sinônimos (Gatto Júnior et.al., 2018). A modalidade da pesquisa-ação ocorre quando há uma ação efetiva dos participantes da pesquisa, de modo que a implicação dos sujeitos está relacionada ao problema a ser investigado. Nesse processo, os pesquisadores também demonstram sua implicação, desempenhando um papel ativo em todas as etapas da pesquisa (Minayo, 2008; Thiollent, 1985). Já no presente estudo tanto a pesquisadora, quanto as participantes, deverão assumir uma postura mais ativa, no sentido em que a pesquisadora participará tanto como observadora utilizando-se da observação participante (Minayo, 2008), como estará presente nos encontros do grupo.

As mulheres membros desse grupo, também, indicaram alguns percursos necessários que facilitaram sua participação como protagonistas da pesquisa e não apenas como simples “sujeito” de pesquisa. O estudo não pode ser considerado uma pesquisa-ação visto que objetivos prévios já foram estabelecidos anteriormente, mas torna-se uma pesquisa com metodologia participativa na medida em que diante dos múltiplos métodos abordados, possibilitando alternativas e roteiros que facilitem a participação dessas mulheres.

Entretanto, conforme atesta Boaventura de Sousa Santos (2020), é cada vez mais fundamental escrever “com” e não apenas “sobre” as pessoas. Nesse sentido a abordagem utilizada neste estudo, os instrumentos utilizados tentam de algum modo se aproximar dessa forma de realizar pesquisa, mesmo assim, ainda encontra limitações.

Acredita-se que a melhor forma de conduzir a presente pesquisa qualitativa passa por não abrir mão de um enfoque específico que trata da pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica. Essa visão compreende que a experiência vivida não trata de uma realidade apenas subjetiva, mas relaciona-se com um mundo objetivo do qual fazemos parte mediante a própria experiência (Bicudo, 2011).

Consonante com os pressupostos existencialistas que sustentarão esse estudo, a abordagem fenomenológica e dialética de Sartre se faz presente a partir do método progressivo-regressivo, que consiste na possibilidade de compreender o fenômeno estudado em uma temporalidade que permite voltar ao passado, transitar entre as histórias de vida das pessoas e aos aspectos mais presentes e recentes da sua própria trajetória, num movimento que vai e vem.

Reitera-se que “esse método determinará progressivamente a biografia (por exemplo), aprofundando a época, e a época, aprofundando a biografia. Longe de procurar integrar logo uma à outra, mantê-la-ás separadas até que o envolvimento recíproco se faça por si mesmo e ponha um termo provisório na pesquisa” (Sartre, 1979, p. 110).

Ao propor uma pesquisa que utiliza de um enfoque fenomenológico e dialético, não é possível desconsiderar os acontecimentos vivenciados a partir de 2020, que se atravessaram o percurso da pesquisa. Pesquisadora e Pesquisadas, como pessoas no mundo sofreram os impactos impostos pelo isolamento em decorrência da covid-19 e início da pandemia que marca a época e mais do que nos registros históricos, estará registrada em nossas memórias durante muito tempo.

Diante disso, foi preciso recalcular a rota, o que faz necessário neste momento justificar o modo como a pesquisa foi se redesenhando, considerando aqui a possibilidade de novos modos de fazer ciência nesse cenário ainda em movimento e cada vez mais virtualizado. Nesse tópico da pesquisa, o que “não deu certo” poderia ser ocultado, mas acredita-se nesses tipos de pesquisa e proposta de psicologia viva, que tudo revela, e inclusive o que não deu certo na pesquisa é, também, revelador de uma época e das ressonâncias do que poderia emergir ou não como possibilidade de ser analisado, compreendido, teorizado.

O estudo transitou entre pressupostos epistemológicos e metodológicos que foram desafiados a travar diálogos, na medida em que houve a opção por adotar uma perspectiva fenomenológica concernente com o existencialismo dialético e por uma perspectiva multimetodológica coerente com estudos da psicologia ambiental. Assim, transparece entre os objetivos do estudo, a possibilidade de realizar tal diálogo mediado por psicologias emergentes do nosso tempo e espaço: a psicologia existencialista e a psicologia ambiental.

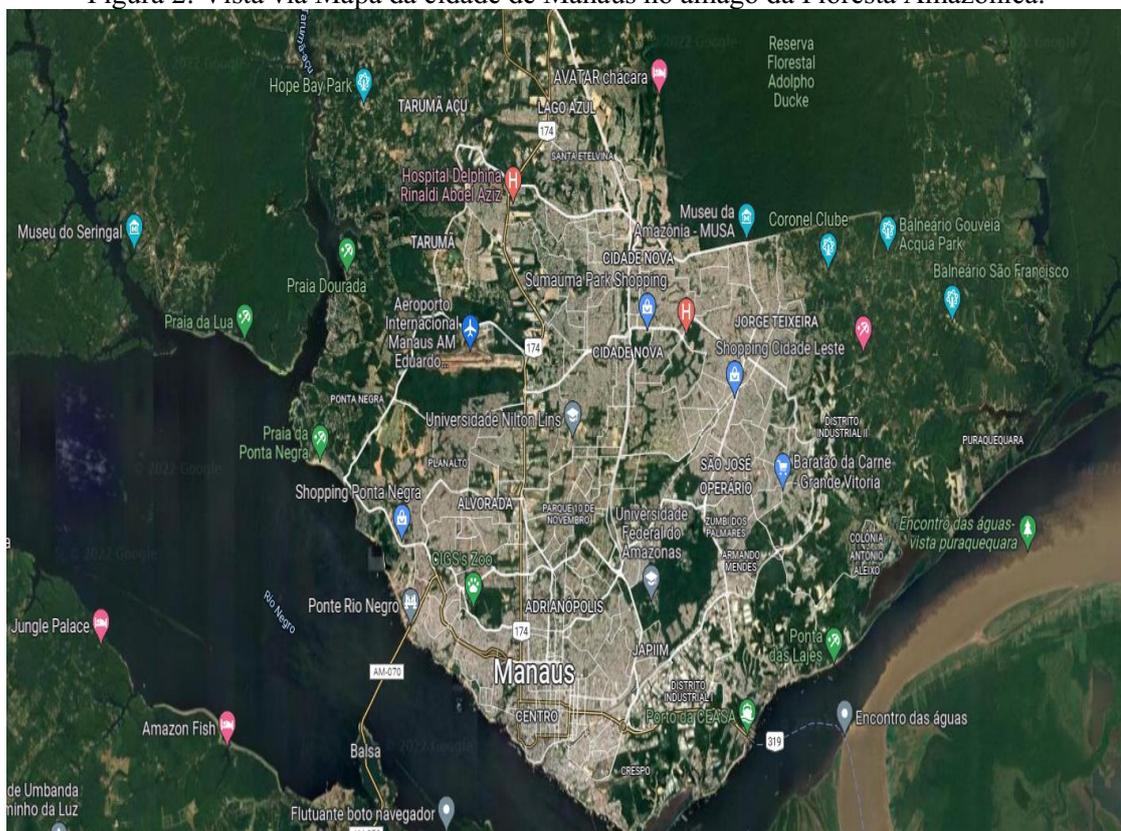
O presente estudo, que inicialmente teve como objetivo “compreender como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de participantes de um grupo de mulheres na constituição de territorialidades na cidade de Manaus e Florianópolis”, em decorrência dos acontecimentos acima mencionados, foi se modificando, sendo que apenas a cidade de Manaus se consolidou como possibilidade, uma vez que as entrevistas presenciais na cidade já haviam sido iniciadas em janeiro de 2020, antes da pandemia ser decretada. Já em Florianópolis, o estudo ficou inviabilizado por esta condição.

3.2 Caracterização do Campo

A pesquisa foi realizada em Manaus, capital do Estado do Amazonas. A escolha pela cidade ocorreu por conveniência e aproximação além da geográfica, uma vez que a pós-graduação foi realizada em Florianópolis durante as atividades presenciais obrigatórias, mas o local de moradia e atuação da autora sempre foi na cidade de Manaus e, por isso, o acesso ao coletivo de mulheres que atuam nessa cidade foi facilitado. A escolha pela cidade de Manaus é endossada pelo conhecimento que se tem acerca da sua história, características e formação social. Manaus - a Metrópole da Amazônia - outrora considerada a “Paris dos Trópicos”, revela-se pelo urbanismo arquetetado e distante de uma cidade que remete a ambientes predominantemente naturais (Dias, 2007).

A Figura 2 ilustra a imagem de uma cidade entre o urbano e a floresta. Os rios são as estradas que conectam a capital ao interior e registram certo isolamento geográfico do restante das capitais brasileiras.

Figura 2: Vista via Mapa da cidade de Manaus no âmbito da Floresta Amazônica.



Fonte: Google Maps.

Formada por contradições, ora valoriza a identidade associada à localização nos limites da maior floresta tropical do mundo, ora valoriza o desenvolvimento urbano potencializado pelo Polo Industrial de Manaus (Costa & Castro, 2011). Manaus caracteriza-se como um grande centro urbano com todos os ônus e bônus que grandes metrópoles podem trazer. Considerada a metrópole que abriga a maior população da região norte do país, dados atualizados em 2021, no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, indicam que a cidade de Manaus possui aproximadamente 2.255.903 habitantes. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020).

Ainda conforme os dados do IBGE, o salário médio das pessoas que vivem em Manaus em empregos formais era de 3,1 salários mínimos, mas menos de 50% da população encontra-se empregada formalmente. Ao contrário do que se pode idealizar de uma cidade localizada no coração da Amazônia, a cidade possuía uma das menores taxas de arborização do país (Viana et al, 2016).

O crescimento urbano na cidade de Manaus evidenciado nos últimos anos é um dos fatores prováveis que ocasionam recordes nas temperaturas que seguem cada vez mais elevadas na cidade (Silva, et.al.2021). Em 2014, a cidade de Manaus aparecia no site oficial do Observatório das Metrópoles como a penúltima colocada no ranking do índice em bem-estar urbano, sendo muito mal avaliada no que se refere às condições ambientais urbanas, condições habitacionais, serviços coletivos e infraestrutura urbana.

Em 2020 e 2021 as notícias sobre as ondas de mortes na cidade de Manaus ocupou páginas dos jornais do Brasil e do mundo e evidenciaram a forma violenta que aconteceram as mortes evitáveis decorrentes da Pandemia desencadeada pela COVID-19 em cidades com condições inadequadas de infraestrutura, mobilidade, saúde, educação e gestão.

Manaus foi uma cidade assombrada pela falta de oxigênio. É uma cidade na qual, muitas vezes, é difícil respirar. Entretanto, ainda é um lugar de escolha que abriga diferentes pessoas, culturas e cruzamentos dos arredores de um Rio-mar Amazonas, permeado pela ambiguidade entre o concreto da densidade urbana e a umidade da floresta amazônica. O crescimento da cidade, apesar dos desafios e problemas, também promove uma multiplicidade de acontecimentos culturais e artísticos, incluindo os diversos coletivos artísticos culturais que se apresentam na cidade tanto com influências locais e regionais como com influências de diferentes regiões do país, como os grupos de Maracatu.

A influência da era de “ouro” de Manaus durante o ciclo da borracha e a “Bela Époque” pode ser visualizada ainda hoje nos detalhes presentes na arquitetura do Teatro Amazonas e da praça do largo são Sebastião bem como em todo centro histórico da cidade.

A Figura 3, fotografia tirada pela autora da pesquisa, é apenas ilustrativa é significativa quanto a um dos locais que é palco de encontros do cenário cultural na cidade de Manaus e da diversidade presente no centro urbano da cidade.

Figura 3: Largo São Sebastião e Teatro Amazonas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

É nesse cenário que muitos ensaios abertos do grupo observado foram realizados. E foi aos arredores desse cenário, em cafês escolhidos pelas participantes da pesquisa, que a etapa da entrevista inicial foi realizada.

Como pesquisadora fiquei disponível para realizar a entrevista onde fosse mais confortável para elas e diante do primeiro contato que sugeri que a entrevista fosse realizada nessas proximidades, as demais sugeriram o mesmo. É interessante o destaque dado a área central da cidade na experiência deste estudo em diversos momentos.

Cinco das dez mulheres escolheram realizar a pesquisa no centro da cidade, o que também diz algo sobre essa relação mergulhada no coração da cidade. Embora muitas das participantes sejam moradoras da zona norte ou da zona leste da cidade, foi a região central a escolhida por muitas delas. Apenas as quatro últimas entrevistas foram realizadas via plataforma on-line google-meets e uma delas optou por um café na zona norte, próximo a sua casa.

3.3 Participantes

Participaram da pesquisa um total de 11 mulheres maiores de 18 anos. Ficou estabelecido como critério de inclusão serem residentes nas cidades de Manaus há pelo menos um ano e participarem de um coletivo artístico cultural de maracatu há pelo menos seis meses.

O limite do número de participantes poderia ser definido pelo critério da amostragem de saturação, que é bastante comum em pesquisas de cunho qualitativo e consiste no fechamento do número de participantes quando os dados começam a apresentar redundâncias ou não há mais informações novas a serem acrescentadas (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008; Minayo, 2016).

Contudo, como o número de pessoas que participavam do grupo durante o período da entrevista variava entre 10 e 15, houve uma tentativa e contato com todas as pessoas ativas, mas apenas onze conseguiram participar efetivamente da pesquisa. Sendo que apenas dez participaram da etapa da entrevista e uma participou apenas da realização dos mapas afetivos.

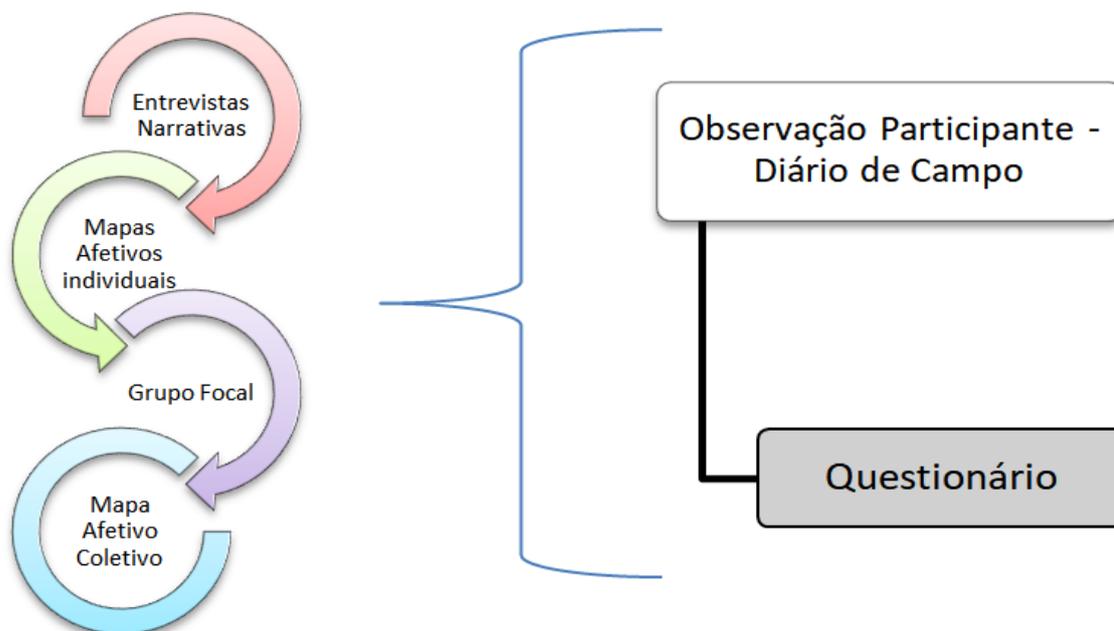
3.4 Instrumentos

A proposta desse estudo foi definida diante de uma abordagem multimétodos que engloba a observação participante, a entrevista narrativa e o IGMA – Instrumento Gerador de Mapas Afetivos e, de forma conjunta e articulada, o questionário para auxiliar no alcance dos objetivos deste estudo. Entendendo a complexidade dos objetivos propostos e das dinâmicas investigadas, realizou-se um esboço com o intuito de articular diferentes aspectos visando a compreensão mais aprofundada do fenômeno estudado.

Como várias pesquisas falam apenas do que deu certo e em geral de hipóteses confirmadas e teorias validadas, nesta pesquisa, realizada parcialmente em contexto pandêmico, parece uma postura ética não negar todos os atravessamentos e nem os ocultar, mas pontuar o que não deu certo, como dado importante de análise.

A Figura 4 representa um mapa multimetodológico do que foi intencionado no momento inicial da pesquisa. Porém, dada a pandemia, a parte coletiva teve de ser suspensa.

Figura 4: Fluxograma do desenho metodológico inicial previsto para a realização da pesquisa.



Fonte: Elaborada pela autora.

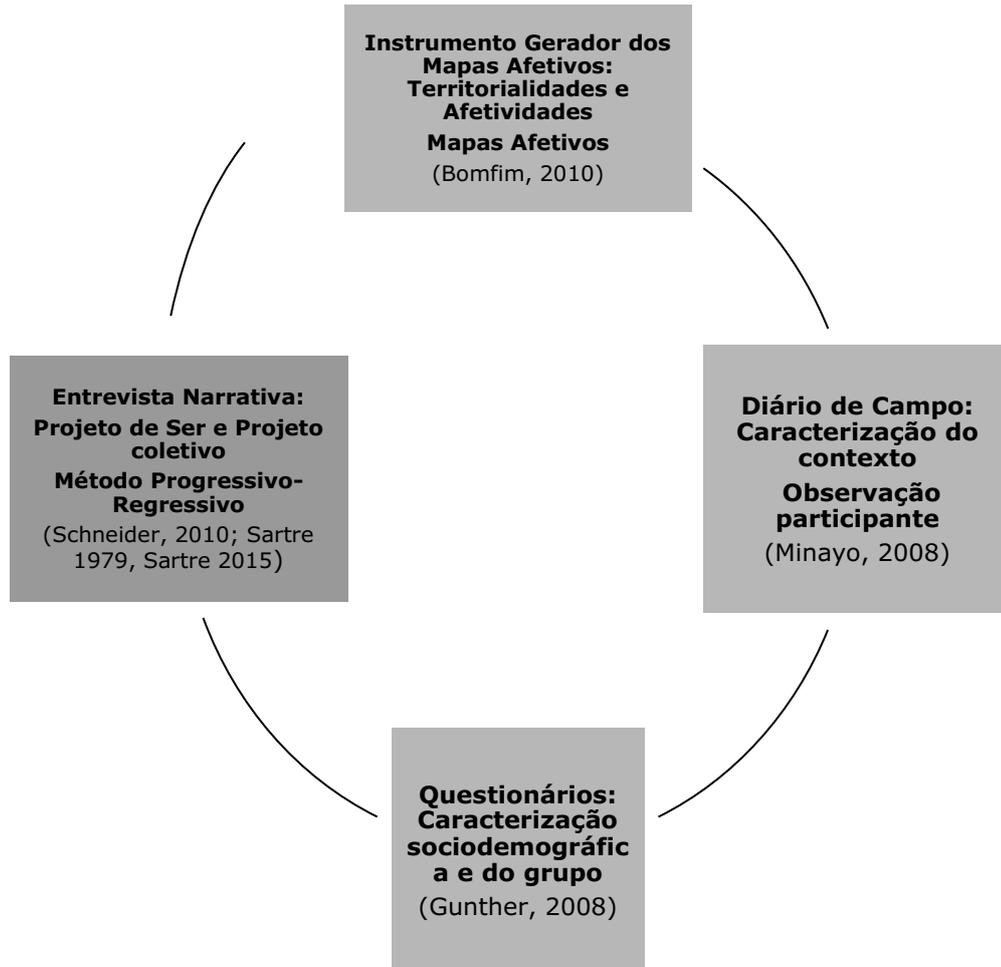
Dejours (1998), importante referência sobre as teorias da psicologia do trabalho, fala sobre a produção de sofrimento vivenciado por trabalhadores diante do disparate entre o real e o prescrito. Uma pesquisa acadêmica é um exaustivo trabalho e como tal, a impossibilidade de executar o prescrito na pesquisa proposta não deixariam de produzir sofrimento. A lógica do produtivismo no meio acadêmico tem sido palco de inúmeras problemáticas vivenciadas por acadêmicos de mestrado e doutorado devido à alta exigência com suas trajetórias na pesquisa (Pinheiro, 2019).

Por isso, cabe aqui registrar novamente a importância de analisar o real e não necessariamente o que está prescrito. Principalmente, ao trabalhar com pessoas e não realizar uma pesquisa neutra e inexistente de uma perspectiva observador-fora e observado-dentro da situação. É importante atentar as imbricações nesses tipos de pesquisas, especialmente em uma situação vivenciada coletivamente como a pandemia.

Não justificando os insucessos de etapas da pesquisa não realizada e que seriam enriquecedoras para esse trabalho, mas justificando a possibilidade de um modo de fazer ciência mais humano sem perder o rigor necessário e o compromisso ético-político.

Nesse sentido, a Figura 5 multimétodos evidencia de forma sintética os instrumentos efetivamente utilizados em diferentes etapas da pesquisa para compor diferentes objetivos e encontrar o nexo entre eles. Dessa forma apresenta-se uma abordagem multimétodos que costuma ser recomendada para estudos sobre a relação pessoa-ambiente (Gunther,2011).

Figura 5: Instrumentos e Técnicas: Uma abordagem multimétodos.



Fonte: Elaborada pela autora.

3.4.1 Diário de Campo: Registros da Observação Participante

Considera-se que essa foi a primeira e, uma das mais importantes etapas desse estudo. Observar, pedir para participar e acompanhar os ensaios abertos do coletivo e suas reuniões antes e durante a pandemia de forma online. Essa etapa permitiu uma aproximação das pessoas que dariam voz a esse estudo e nortearam as demais etapas pré-concebidas.

Foram realizadas observação participante desde as etapas mais iniciais do processo de pesquisa a fim de deixar mais consistente a análise e compreensão da realidade pesquisada, através dos registros das observações em diários de campo. Destaca-se a valorização do processo de observação direta no trabalho de campo por possibilitar uma aproximação entre o pesquisador e a realidade a ser pesquisada (Minayo, 2008).

Os registros foram feitos em um caderno com pautas exclusivo para essa atividade que foi preenchido desde o primeiro encontro informal até os últimos encontros da pesquisa e continha anotações sobre as impressões vivenciadas pela pesquisadora, bem como informações importantes sobre a participação das mulheres no grupo e informes gerais sobre as atividades. Posteriormente, as informações foram digitadas em documento word e utilizadas de forma complementar mediante descrição dos fenômenos observados.

3.4.2 Questionário

O questionário corresponde a uma variante escrita da entrevista, mas é autoaplicável, podendo ser utilizado quando há um propósito mais objetivo do que se almeja (Günther et al., 2008). O questionário foi desenvolvido a partir da observação participante e dos contatos prévios com o grupo de mulheres que permitiram uma visão geral das atividades desenvolvidas por esse coletivo. Um modelo é apresentado no apêndice II. O questionário serviu como recurso auxiliar para caracterização do grupo junto aos demais instrumentos utilizados nesta pesquisa. O mesmo foi entregue para uma das mulheres que compartilhava o papel de coordenadora do grupo, visto que investigava algumas informações específicas para compreender a dinâmica do grupo, quantas participantes ativas havia naquele momento, quais dias de encontro e o local que costumam realizar os ensaios e encontros.

3.4.3 Entrevista narrativa

A entrevista individual e narrativa foi realizada com as participantes para identificar aspectos relacionados a seu projeto de ser a partir de sua biografia e uma técnica entendida como forma privilegiada de interação social. Nessa perspectiva, não há uma suposta neutralidade científica nessas relações e o entrevistador busca dialogar com o entrevistado de

maneira a construir representações da realidade, de acordo com as subjetividades dos participantes da pesquisa, implicando-se nesse processo (Minayo, 2008).

O conceito de autenticidade passa a ser reconhecido como um conceito importante para a realização das entrevistas e envolve a capacidade do entrevistador obter resposta genuína e sem viés que depende não do instrumento em si, mas de alguns fatores associados como, por exemplo, o ambiente da entrevista. Isto porque o local em que a entrevista é realizada tem relevância principalmente ao considerar as territorialidades que implica em formas de ocupação, personalização, controle e demarcação de um espaço e nesse sentido recomenda-se a entrevista em um território que possa ser familiar tanto para pesquisadora quanto para pesquisa (Günther, 2008).

A entrevista narrativa auxilia na investigação a partir das narrativas de história de vida. Entrevistas desse tipo podem incluir aspectos do passado, do presente e futuro para dialogar com os pressupostos teóricos da abordagem adotada diante de elementos da própria vida (McAdams & McLean, 2013; McAdams, 2012).

O método biográfico proposto por Sartre pode ser mais facilmente executado a partir da associação desse tipo de entrevista. O método biográfico consiste em buscar compreender a biografia de uma pessoa por dentro de sua época (Schneider, 2008).

Acredita-se que o roteiro e método de análise desenvolvido por Langaro (2019), a partir da proposta do Life History Interview (McAdams & McLean, 2013) contempla os pressupostos epistemológicos dessa teoria e contribuirá para adaptação de novos roteiros de entrevistas que sejam instrumentos para pesquisas alinhadas a esses preceitos. Inspirada por estes instrumentos foi possível elaborar um roteiro em consonância com os objetivos do presente estudo (Ver apêndice I).

3.4.4 IGMA (Instrumento Gerador de Mapas Afetivos)

Os mapas afetivos aparecem como possibilidade de investigar a afetividade dos habitantes da cidade. São utilizados como recurso para representações do espaço, sendo esse espaço reconhecido a partir da relação com o ambiente como território emocional, numa perspectiva que compreende a dimensão objetiva e subjetiva de forma dialética (Bomfim, 2008)

Estes instrumentos são importantes para estudar a relação das pessoas com as cidades e dialoga com os estudos sobre territorialidades, uma vez que a territorialidade, entre tantas definições pode ser compreendida, na perspectiva da psicologia ambiental, como um conjunto

de comportamentos e atitudes por parte das pessoas ou de grupos, que são baseados em certo desejo ou controle efetivo de um espaço físico, objetos ou ideias, e que implica em ocupação, defesa, personalização e demarcação (Gifford, 2002).

Acredita-se que o conceito de territorialidade pode ser entendido a partir de dimensões afetivas e os mapas afetivos forneceram elementos para essa investigação. Isto, porque ao conceber que as territorialidades perpassam pela forma que um determinado espaço é utilizado, ocupado e transformado é possível visualizar as formas que as participantes do grupo de mulheres apreendem a cidade e a territorializam mediante os mapas afetivos que acessam os afetos e possibilitam um olhar ampliado sobre as territorialidades. Um espaço é dotado de sentido a partir das relações estabelecidas com estes, as relações perpassam pelos afetos.

Bomfim (2010) apresenta o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) que é composto por: a) o desenho com o objetivo de facilitar a expressão dos sentimentos e emoções atrelados cidade; b) o significado do desenho expresso pela própria participante da pesquisa que explica o que o desenho representa; (c) os sentimentos propriamente ditos, com a realização de uma descrição dos sentimentos que surgem a partir da elaboração do desenho; d) as palavras-síntese solicita-se o levantamento de palavras que resumem os sentimentos evocados pelo desenho. O instrumento também é composto por uma escala do tipo Likert quanto a relação com a cidade e a percepção de características da mesma (Ver apêndice III).

Durante o período pandêmico, alguns cursos sobre esse modelo e as possibilidades de aplicação do IGMA neste contexto adverso, com introdução de meios remotos, foram realizados pelo LOCUS- Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade Federal do Ceará e foi possível ter acesso às pesquisas e formas de trabalhar com o instrumento. As produções realizadas pelo laboratório são diversas e usam prioritariamente os Mapas Afetivos como instrumento e recurso para compreensão de fenômenos relacionado a pessoa-ambiente e à cidade (Pacheco, Sousa & Bomfim, 2021)

Algumas adaptações serão feitas no instrumento a fim de facilitar a compreensão das territorialidades e dos projetos coletivos das participantes. Por exemplo, o item que se refere à participação em grupos foi retirado do instrumento por já ter acesso a essa informação mediante entrevista. Após a etapa das entrevistas foi possível realizar a aplicação dos IGMA de forma individual. Essa etapa da pesquisa ocorreu durante a pandemia de 2020 e, em função disso, o Instrumento foi aplicado de modo remoto a partir da plataforma *google forms*. O instrumento foi enviado para ser respondido conforme disponibilidade no mês de novembro e esperou-se obter respostas até meados de abril de 2021. Apenas três pessoas responderam nesse período e uma posteriormente.

Diante de todas as dificuldades já relatadas sobre o contexto pandêmico, especificamente na cidade de Manaus-Amazonas, após tentar o contato muitas vezes para a aplicação do IGMA com as mulheres que participaram da etapa da entrevista narrativa e não obter respostas, optou-se por entrar em contato com a coordenação do grupo para refazer o convite com pessoas que tinham participado das reuniões e ensaios (etapas da observação participante), mas não necessariamente as entrevistas e que teriam interesse em participar da etapa referente aos Mapas Afetivos e, se possível, de entrevista a partir daquele momento. Apenas uma das mulheres que não participou da entrevista anteriormente aceitou responder o IGMA e concordou em participar da entrevista posteriormente. Contudo marcamos três vezes e em nenhuma foi possível efetivar a entrevista. Ela pediu desculpas e tentou novamente, mas não ocorreu.

Diante dos acontecimentos pandêmicos é compreensível a dificuldade de muitas pessoas de cederem seu tempo para esse estudo. E as dificuldades de encontrar esse tempo em comum foi um dos motivadores para não avançar nas demais etapas do processo. Primeiro porque todas as etapas haviam sido projetadas para serem realizadas de modo presencial e até aquele momento somente as entrevistas e observação participante haviam sido realizadas presencial e de modo parcial.

Posteriormente, durante um encontro com o grupo reunido haveria a solicitação de discussões sobre os sentimentos e significados oriundos dos desenhos individuais para pensar sua conexão com o coletivo, enquanto movimento cultural nas cidades, sendo assim, o IGMA seria realizado em grupo e as discussões seriam conduzidas pela pesquisadora (Bauer & Gaskell, 2002; Minayo, 2008). Todavia essa etapa não pode se concretizar embora tenha sido realizada a tentativa e os convites enviados. Nessa etapa foi possível contar com o auxílio de uma das coordenadoras para tentar mobilizar o grupo, mas tratava-se de um período que o grupo se encontra desarticulado e era difícil acesso remoto para todas.

As pesquisas realizadas com grupos exigem a utilização de técnicas diferenciadas, sendo uma das mais comuns em pesquisa qualitativa, a técnica de grupos focais, no qual elege-se um tema que é apresentado ao grupo e a discussão tem um moderador ou facilitador que intervém no sentido de troca de ideias e contrapontos de modo a fazer fluir a discussão. A discussão gerada durante o tempo no grupo se tornaria elemento para análise (Minayo, 2008). De acordo com Morgan (1997) o grupo focal é uma técnica de pesquisa que tem sua origem a partir das entrevistas grupais. E poderia ter enriquecido bastante a discussão, mas infelizmente não pode ser utilizado.

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), em um grupo pode existir um nível de envolvimento emocional que raramente é visto em uma entrevista individual. E era esse envolvimento que se esperava. Como é central nesse estudo a compreensão de aspectos do projeto coletivo, a partir da realização de entrevistas em grupo, amparada pela técnica do grupo focal, seria possível aproximar-se desse objetivo. Não aconteceu. E isso também é um dado.

Em janeiro de 2021 Manaus vivenciava e novamente causa estranhamento uma pesquisa destacar os pontos que não aconteceram. Novamente reitera-se, contudo, a exaustão coletiva a que todos eram submetidos com a pandemia, desde a era de lives incessantes em 2020 e reuniões “facilitadas” e acontecendo com mais frequência do que o habitual devido a mediação on-line. Tornou-se inviável insistir nessa etapa e também parecia inviável esperar um cenário de vacinação avançada para iniciar essa etapa de modo presencial. Foi preciso considerar o contexto e a demanda daquele momento. E nessas entrelinhas uma pesquisa implicada com a realidade, acontece.

3.5 Procedimentos de coleta de dados

A pesquisa só iniciou efetivamente após autorização do Comitê de Ética em Pesquisas e das participantes. O primeiro momento abarcou a observação das atividades realizadas no local de pesquisa e registros em diário de campo. Para tanto, a técnica utilizada foi uma variação da observação participante que consiste na atuação do pesquisador apenas enquanto participante observador das atividades realizadas (Minayo, 2008). Inicialmente, foram observadas atividades que ocorriam esporadicamente na cidade e os ensaios abertos na cidade de Florianópolis onde havia um grupo no formato similar ao de Manaus e a princípio a pesquisa seria realizada nas duas cidades. Em um segundo momento da pesquisa, foi realizado o contato para planejamento das entrevistas narrativas, da construção dos mapas afetivos, aplicação dos questionários e realização dos grupos focais em Manaus.

Após as aproximações nos ensaios, inclusive da participação em uma oficina aberta no Largo São Sebastião em Manaus e de acompanhamento de apresentações do grupo em festivais culturais da cidade, foi possível agendar um dia para participar de um ensaio fechado e, nesse dia, foi apresentado a todas novamente os objetivos da pesquisa e suas diferentes etapas: individual e em grupo. Nesse dia algumas das mulheres disseram ter interesse em participar apenas da etapa coletiva da aplicação dos mapas e grupo focal e algumas demonstraram interesse em participar tanto da entrevista narrativa como das etapas realizadas em grupo.

A partir desse contato mais refinado em um ensaio fechado, foi realizada a aplicação de questionário com uma das representantes do grupo que assumia a função de coordenadora e estava há mais tempo no movimento. Por serem pessoas à frente do coletivo, possuíam acesso a determinadas informações que auxiliavam na caracterização das atividades realizadas pelo grupo e das percepções sobre as atividades e as territorialidades.

Após o contato mais direto com as mulheres que demonstram interesse em participar da entrevista individual, foi possível agendar com cada uma delas conforme seu tempo e disponibilidade e realizar as entrevistas narrativas. No primeiro momento, foram realizadas 6 entrevistas narrativas, de modo presencial, em diferentes dias da semana e horário. As entrevistas tiveram entre uma hora e meia e quatro horas de duração.

Nesse primeiro momento, apenas uma das entrevistas precisou ser interrompida para que uma das participantes pudesse se recompor e ser acolhida. Após isso, continuou a entrevista por mais duas horas. As demais entrevistas foram realizadas durante a pandemia, entre os meses de setembro e novembro. As entrevistas foram retomadas apenas no fim do ano de 2020, pois durante algum tempo ainda havia incerteza sobre o que acontecia no mundo e a retomada das atividades presenciais. Diante da imprevisibilidade, a possibilidade era realizar as entrevistas de modo on-line para finalizar essa etapa da pesquisa visto que nesse momento, após superado as maiores urgências do período inicial da pandemia de estranhamento e adaptação, já era possível convidar as mulheres a participar da pesquisa novamente.

É importante ressaltar que como a pesquisa foi atravessada por uma pandemia, entre os meses de março, abril e maio houve momentos de acolhimento necessário oferecido a essas mulheres que lidavam com crises de ansiedade e medo diante do que acontecia. Fiquei à disposição como profissional e como humana, independente de protocolos de pesquisa e nesse período duas delas pediram ajuda mais direta e foram acolhidas por telefone em alguns momentos.

Os mapas afetivos individuais deveriam ser utilizados em paralelo com as entrevistas em um encontro somente para essa atividade uma vez que a entrevista narrativa era longa e demandava bastante tempo. Assim, as entrevistas narrativas contemplaram o maior repertório de dados dessa pesquisa e todas foram audiogravadas e transcritas para posterior análise. As entrevistas, os mapas afetivos, questionários e a observação participante foram facilitadores fundamentais para auxiliar na descrição dos projetos de ser e na compreensão de como se manifestam as territorialidades.

3.6 Codificação e análise dos dados

Após as observações realizadas e registros, totalizou-se 11 laudas de anotações com percepções sobre os quatro encontros e ensaios no período que antecedeu a pandemia e um encontro on-line e uma *live* observada no período pandêmico. Esses registros auxiliaram a compreender aspectos que também apareceram no questionário respondido por uma das coordenadoras e também nos mapas afetivos. Soma-se ainda a realização das dez entrevistas sobre história de vida com que resultaram no total de vinte e oito horas e onze minutos de áudio que foram transcritos e geraram 321 páginas em documento word. Todos esses elementos auxiliam em um panorama geral que promove a descrição do grupo e dos acontecimentos que se atravessaram durante o período da realização da pesquisa.

Todas as diferentes etapas do processo de análise dos dados ocorreram a partir de um tratamento qualitativo, buscando elementos relevantes na descrição da experiência vivida (Bicudo, 2011). Ao trabalhar em uma perspectiva multimétodos, para analisar os mapas afetivos, foi fundamental se apropriar da análise de conteúdo de Bardin, por ter sido norteadora da própria constituição do instrumento e por ser uma das formas mais utilizadas pelas pessoas que realizam pesquisas a partir do IGMA (Pacheco, Sousa & Bomfim, 2021).

Para a análise dos dados da entrevista, foram consideradas, ainda as contribuições de Sartre, a partir do método progressivo-regressivo, que aponta para a necessidade de uma compreensão da biografia das pessoas por dentro, ou seja, considerando a pessoa de modo concreto conforme condições históricas, materiais, antropológicas e sociológicas que se entrelaçam na dimensão subjetiva (Langaro, 2019; Schneider, 2006).

No livro “A questão de método” de Sartre que introduz a obra “A crítica da Razão dialética”, uma das maiores contribuições da concretude de seu pensamento, enquanto possuidor de uma matriz fenomenológica e dialética, é possível acessar o que seria o primeiro indicativo de um método para compreensão ampla de um projeto existencial. Inspirado no pensamento de Henri Lefebvre, Sartre postula que “a existência é real e não apreenderemos nada mais a não ser pela experiência, pela observação, pela descrição fenomenológica, pela compreensão e pelos trabalhos especializados” (Sartre, 1966, p. 49-50).

Portanto, acredita-se que essa pesquisa foi totalmente fundamentada e justificada pelo método progressivo-regressivo, no sentido que desde o início buscou a experiência enquanto pesquisadora a partir da observação-participante, mas, ao mesmo tempo, buscou realizar uma descrição fenomenológica da experiência das participantes da pesquisa, considerando o

momento histórico vivido à luz de uma teoria existencialista e, ainda, travar o diálogo com a teoria de uma disciplina conhecida como psicologia ambiental, que considera a complexidade da relação pessoa-ambiente.

Assim, defende-se as contribuições de Sartre com o método progressivo-regressivo para análise das entrevistas narrativas e, ao mesmo tempo, as entrevistas narrativas como instrumento que viabiliza acessar o projeto a luz desse método, uma vez que de acordo com Sartre (1966), a linguagem é um campo importante como produto humano, instrumento que auxilia a expressar a cultura, mas menciona que são limitadas em quantidade e ricas na diversidade de seus significados universais de cada época (Freitas, 2018). Sartre valoriza esse método por “sua fase de descrição fenomenológica e seu duplo movimento de regressão e de progressão” (Sartre, 1966, p.47). No Brasil diferentes pesquisas, principalmente desenvolvidas por mulheres na ciência e na filosofia tem se aprofundado do método progressivo-regressivo e tornado possível essa nova forma de olhar para a realidade da compreensão humana (Langaro, 2019; Freitas, 2018; Bocca,2021).

Para evidenciar o método progressivo-regressivo apresenta-se o Quadro 1, para auxiliar na compreensão dos procedimentos de análise adotados neste estudo, no que se refere a análise das entrevistas narrativas.

Quadro 1: Esboço do método progressivo-regressivo na prática da pesquisa.

Definição do Método Progressivo-Regressivo conforme Sartre inspirado em Lefebvre (1966)	O método progressivo-regressivo nesse estudo em particular conforme inspiração sartriana	Descrição dos momentos de análise
Descritivo: Observação, com olhar informado pela experiência e por uma teoria geral;	Teoria geral: Existencialismo Sartriano e Psicologia Ambiental como teorias norteadoras - Descrição fenomenológica	Revisão de literatura Leitura das transcrições e codificação de elementos que revelam experiências vividas pelas participantes com auxílio do Atlas.ti
Analítico-Regressivo – Análise da realidade. Esforço no sentido de data-la com exatidão;	Compreensão de cada momento histórico vivido a partir de questões específicas para esse público (Tentativa de responder à questão norteadora no movimento vaivém: O que fizeram comigo? Isto é o que fizeram com essas mulheres?)	Criação de categorias e eixos temáticos de diferentes momentos da vida vivenciados pelas participantes e dos sentidos atribuídos a estes
Histórico-genético – Esforço no sentido de reencontrar o presente, mas elucidado, compreendido, explicado;	Questões norteadoras na entrevista para colocar essas questões para as participantes (Tentativa de responder à questão no movimento vaivém: ‘O que faço do que fizeram de mim?’ Isto é “O que essas mulheres fazem com o que foi feito delas?”	Elaboração de síntese sobre as ações realizadas no presente balizadas pela história narrada das participantes da pesquisa.

Fonte. Desenvolvido pela autora.

Desse modo, foi possível descrever a história de vida das mulheres, realizando categorizações mediante narrativa de vida e localizando o que as move para o futuro. As histórias foram analisadas dentro do contexto brasileiro pré-pandêmico e pandêmico, favorecendo compreensões sobre período datado e os contextos do ciclo vital e história de vida dessas mulheres e seus itinerários pela cidade, modificados pelas condições contextuais. Assim, foi possível destacar o sentido da participação no coletivo dentro de suas histórias e como essa relação singular/universal atribuiu significados às espacialidades, às lutas, à cidade, ao projeto de ser e às escolhas que empreendem.

Para Sartre, o indivíduo determina seu futuro em um contexto no qual a história também o determina. Este pode realizar uma possibilidade que supera um dado histórico, mantendo-o ou alterando-o. Essa é a contradição que reside no âmago do projeto. Destarte, será sempre pelo projeto que o indivíduo decidirá como orientará sua práxis e intervirá no rumo dos acontecimentos” (Freitas, 2018, pg. 123).

É importante destacar o papel das entrevistas narrativas, pois “Cada ato sintetiza a relação indivíduo/coletivo/universal. Desvelar o que unifica cada movimento sintético de um indivíduo é compreender o seu projeto de ser; como edifica em curso a sua história no seio da história universal, e como contribuiu para produzir a história universal ao realizar em curso a sua história” (Freitas, p. 128).

Para que as análises fossem possíveis, lembrando que o primeiro passo para o desenvolvimento do método progressivo-regressivo é a descrição fenomenológica, orientada por uma teoria geral, destaca-se ainda que essa descrição dos dados que emergem é feita mediante as perguntas que esperam por respostas nesta tese para responder a grande questão norteadora do estudo. Assim, inspirado no procedimento desenvolvido, também, por Langaro (2019), busca-se eixos de significado da materialidade produzida, estabelecendo conexões para responder à pergunta da pesquisa: Quais são as histórias de vida e projetos de ser de mulheres do grupo artístico cultural que impactam seu envolvimento com o movimento sociocultural e sua trajetória na cidade?

Essa pergunta é impulsionada pelos pressupostos teóricos existencialistas, que buscam explorar a partir de uma herança da psicanálise existencial, de Sartre, com objetivo de decifrar o projeto que verifica o que está presente no seu passado, o que fizeram destas mulheres? Qual a importância das mediações sociológicas em suas vidas? E do antropológico – força cultural e material? Que futuro aparece como desejo? De que modo há entrelaçamento dos projetos de ser na constituição deste movimento sociocultural na cidade referida? Quando as mulheres falam de sua história falam de um lugar? E do grupo? Como falam da cidade? Não falam? Quais são os lugares que ocupam e transformam territorialidades?

Para compreender a situação em que elas vivem foi importante usar elementos da teoria que se referem aos componentes da situação sartriana (meu lugar, meu passado, meus arredores, meu próximo, minha morte). De acordo com Sartre (2015a), só é possível falar em liberdade ao compreender a liberdade situada. O projeto de cada pessoa se realiza em um campo de possíveis que se dá mediante ao: a) Meu lugar: bairro, cidade, lugar no mundo em que ocupo; b) meus arredores: os utensílios, os meios que temos de acessar, nos mover e lidar com a materialidade ao nosso redor; c) Meu passado: uma história que não pode ser modificada mas que me constitui

e pode ser ressignificada à luz de um projeto futuro; d) meu próximo: às pessoas, o outro, a mediação indispensável entre mim mesmo e o mundo; e) Minha morte: a morte não como finalidade última mas como dado de realidade: somos todos mortais. E este fato pode aniquilar todas possibilidades de futuro.

Para compreender aspectos referente ao projeto de ser e ao projeto coletivo, optando-se pelo movimento analítico e regressivo nas histórias de vida das mulheres, como ponto de partida e da descrição a respeito do que fizeram com elas, foi possível explorar a síntese progressiva e decifrar como a pessoa age sobre seus contextos para atingir sua necessidade e, assim, compreender o que elas fizeram com o que fizeram delas.

É preciso destacar as contribuições de Sartre não só como teórico, mas como desenvolvedor de um método que, inicialmente, pretendia-se comparativo para decifrar o projeto de ser de um pessoas (Psicanálise existencial); e em seguida a ampliação de seu olhar a partir de um movimento dialético de vaivém (Método progressivo-regressivo), culminando na busca da compreensão da totalização em curso por dentro da história de cada pessoa (Método Biográfico). Embora todos estejam interligados, nessa tese chamamos de Método progressivo-regressivo a possibilidade de integrar todos esses elementos desenvolvidos pelo autor e que tem sido aprofundado em pesquisas diferentes no Brasil, em uma tentativa de deixá-lo mais didático e acessível, para que cada vez mais pesquisas possam ser desenvolvidas a partir dessas articulações.

O presente estudo é de caráter qualitativo, porém apenas para fins de caracterização do perfil das participantes a análise dos dados sociodemográficos foi feita análise estatística descritiva (Silvestre, 2007). A análise dos dados da escala Likert, itens que compõem os IGMA, também foram feitos a partir de estatística descritiva, a fim de auxiliar na caracterização da percepção de cada cidade pelas participantes. Todos os dados foram transcritos em aplicativos de elaboração de documentos (Word) e planilha (Excel), optando-se por esse recurso para a mediação das análises. Em seguida todos os documentos foram inseridos em um projeto do Software de análise Atlas.ti Versão 9, para organização e tratamento dos dados.

3.7 Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi encaminhado para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e deverá apresentar-se em conformidade com a resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Para tanto incluiu um Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE) que foi apresentado a cada participante após o convite para participação. Assim, cada respondente ficou respaldada quanto ao compromisso no que se refere à garantia de seu anonimato e de sua atividade voluntária, sem ônus. O projeto foi aprovado sob o número 3.700.980 (Anexo I).

A pesquisadora, enquanto psicóloga, se comprometeu a prestar serviços de forma voluntária no que se refere ao acolhimento e encaminhamento para serviços de psicologia caso os conteúdos da pesquisa pudessem interferir prejudicialmente na saúde mental das participantes. Durante as entrevistas algumas questões apareceram e foi necessário encaminhamento para acompanhamento psicológico. Após a entrevista também houve momentos de acolhimento com quem solicitou diante do contexto pandêmico.

4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

O contato para participação na pesquisa foi realizado em 2019 e efetivado em 2020. Os primeiros registros realizados na observação participante começaram ainda na fase pré-campo, nos primeiros ensaios observados em 2019. A Figura 6, de caráter ilustrativo, revela alguns instrumentos utilizados nos ensaios e que foram melhor descritos a partir do questionário respondido por uma das coordenadoras.

Figura 6: Instrumentos utilizados no ensaio do coletivo artístico-cultural de mulheres.



Fonte: Registros da pesquisadora.

4.1 Características gerais do coletivo artístico-cultural

Primeiramente é preciso falar sobre o grupo que chamamos de coletivo-artístico cultural, trata-se de um grupo de participação exclusiva de mulheres que compreendem a importância do movimento feminista e do maracatu e se colocam a disposição para aprender sobre. É importante destacar esse aspecto porque durante os dados analisados nas entrevistas de história de vida, foi possível identificar os motivos de acesso ao grupo. E inicialmente, as meninas e mulheres buscavam aprender a tocar os instrumentos e vislumbravam a expressão artística. Ao adentrar no movimento percebiam a complexidade de seus ensinamentos, inclusive afirmam sobre o contínuo caminho de aprendizado que essa participação conduz.

Os encontros acontecem semanalmente e os ensaios são realizados em espaços públicos ou na casa de membros do grupo e amigos, pois não há sede física na cidade de Manaus para esse coletivo. Conforme uma das coordenadoras, os instrumentos utilizados para dar voz as melodias e letras compostas e cantadas são a) Agbê - instrumento feito de uma cabaça envolvida

com miçanga; b) Alfaia - bombo feito de madeira, couro e amarrado com cordas de sisal que dão a afinação. Cada nação tem uma maneira de amarrar/afinar seus bombos; c) Caixa - instrumento semelhante às caixas de bateria, preenche o baque; Mineiro - instrumento cilíndrico feito de alumínio fechado com um material solto por dentro que dá o som ao balançar; d) Gonguê - instrumento feito de ferro soldado, é associado ao orixá Ogum e marca o tempo no baque; Tarol - semelhante à caixa, difere na maneira de executar o baque (uma caixa pode fazer baque de tarol e o contrário também); Timbal - tambor comprido tocado com as mãos, não é comum em todas as nações de maracatu e assim como a alfaia, somente homens podiam tocá-los nas nações anteriormente. Até mesmo na simbologia dos instrumentos é possível visualizar o aspecto religioso que envolve esse movimento artístico-cultural, visto que o Maracatu é mais que arte, e sim a própria cultura de um povo.

4.2 Características das participantes

O Quadro 2 apresenta algumas características sociodemográficas de todas as mulheres que participaram da entrevista. Os nomes escolhidos são nomes dos bairros de Manaus. Durante o levantamento dos nomes dos bairros de Manaus, observou-se uma predominância de bairros com nomes de homens representando as figuras públicas importantes na cidade. Não deixa de ser um dado importante notar como até mesmo na escolha de nome de ruas e símbolos do espaço público de uma cidade as mulheres ainda são minoria. Alguns nomes dos bairros escolhidos contêm significados de nomes de árvores ou pássaros com termologias que remetem a origem na língua tupi. Vale notar ainda que durante as entrevistas as mulheres tiveram a possibilidade de escolher o pseudônimo que queriam que fosse utilizado na pesquisa. Contudo, muitas delas não viram problemas em usar seus próprios nomes e apelidos pelos quais eram conhecidas nos movimentos e na cidade. Como modo de preservar na medida do possível sua identidade, ainda que algumas dissessem que não havia problema em se expor, diante dos dados sensíveis que surgiram nas entrevistas, alguns quase em caráter confidencial, que inclusive não serão explorados atendendo àquelas que pediram para cortar certos elementos das entrevistas gravadas, opta-se por atribuir esses nomes fictícios. São histórias de dores e delícias de mulheres que não andam só e não deixam outras mulheres andarem só. Nesse sentido, cumpro a ética de tentar preservá-las na medida do possível nessa caminhada. Os nomes das participantes com os respectivos bairros atribuídos são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2: Perfil sociodemográfico das mulheres que participaram das entrevistas narrativas.

Nome fictício	Idade	Tempo no grupo	Profissão/ ocupação	Escolaridade	Cor/etnia	Orientaçã o sexual	Religião	Renda
Betânia	38	3anos	Professora	Mestrado	Amazônida / Parda	Heterossexual	Daimista	Acima de 4 salários
Raiz	23	< 1 ano	Estudante	Graduação	Negra	Bissexual	Não tem/ Não Ateia	Acima de 4 salários (Renda dos pais)
Etelvina	33	3anos	Arquiteta	Graduação	Amarela	Bissexual	Budista	1 salário mínimo
Japiim	21	2anos	Auxiliar administrativa	Superior Incompleto	Negra	Bissexual	Católica	1 salário mínimo
Redenção	26	3anos	Professora	Mestrado	Parda	Bissexual	Não tem/ Não Ateia	2 a 3 salários
Lírio do Vale	27	3anos	Professora	Graduação	Branca	Bissexual	Ateia	2 a 3 salários
Glória	27	3anos	Vendedora	Superior Incompleto	Cabocla	Bissexual	Budista	1 salário mínimo
Flores	31	1ano	Artista	Superior incompleto	Parda	Pansexual	Agnóstica	1 salário mínimo
Alvorada	26	< 1 ano	Artista	Mestrado	Negra	Lésbica	Não tem/ Não Ateia	1 salário mínimo
Tarumã	37	4anos	Produtora cultural/doula/ ativista	Graduação	Parda	Bissexual	Candomblé	1 salário mínimo

Fonte: Desenvolvida pela pesquisadora.

Em janeiro de 2020, seis pessoas foram entrevistadas e entre outubro e novembro de 2020, durante a pandemia, quatro pessoas participaram da entrevista de forma remota. Houve tentativas ainda em dezembro, mas neste momento começava a segunda onda de covid-19 no estado do Amazonas e algumas delas respondiam que não tinham disponibilidade para participar mesmo on-line em função de estar com covid ou ter familiares com covid naquele momento no qual o Brasil ainda esperava a vacinação.

A riqueza da diversidade que emerge na cor e sexualidade aparece como interessante característica no perfil das participantes desta pesquisa. As mulheres têm cores, idades, afetos, profissão e condições diversas, mas o que as une enquanto grupo é a participação em um coletivo de mulheres. Mesmo que esse coletivo tenha aspectos relacionados ao religioso com a herança das crenças espirituais de matrizes africanas, é interessante notar a diversidade de crenças e a forma como isso não parece ser um problema para estas mulheres, mas ao contrário. As diversidades de crenças no grupo e presença de religiões afroindígenas e todas as que divergem da tradição judaico-cristão que imperou durante muito tempo revelam-se como mais um dado que mostra a busca de superação de culturas hegemônicas por estas mulheres na região Amazônica (Silveira,2020).

Entre as mulheres que participaram da entrevista narrativa, todas são mulheres amazônidas sendo que oito delas nasceram em Manaus e duas nasceram em cidades do interior do estado do Amazonas, mas vivem na cidade há mais de 10 anos. Elas participam do grupo há mais de 2 anos, mas há uma que participa a menos de 1 ano. Apenas uma das mulheres declara união estável e as demais como solteiras. Nenhuma delas é moradora da região central da cidade e moram na zona norte e leste majoritariamente, embora grande parte dos encontros do coletivo seja realizada na região central da cidade. É interessante notar que as mulheres que nasceram no interior do Amazonas relatam uma necessidade maior do contato com a natureza e evidenciam a falta que sentem de um ambiente menos urbano.

A fala a seguir surgiu durante a narrativa da história de vida de uma das participantes e denuncia alguns desses impasses associados às questões que emergem em uma grande metrópole x uma cidade do interior:

A cidade aborrece a gente. O trânsito é caótico... Eu acho Manaus muito problemática no sistema público coletivo. Está se deslocando. Perde muito tempo. Novo Airão é uma cidade porque eu não faço tudo andando. Eu sempre vou no final de semana. É mais tranquilo. Está mais perto do rio. Acho que o fato de eu ser do interior, sinto essa necessidade de estar perto do rio assim. De tá perto do rio. Num lugar tranquilo assim. Eu fico meio a cabeça, fica muito caótica pra mim em

Manaus e o trânsito é um negócio que me deixa nervosa (Lírio do Vale, 27 anos).

A fala de Lírio do Vale encontra eco nas teorias sobre o estresse produzido no contexto urbano por fatores como trânsito caótico, densidade populacional, ruídos e violência (Moser, 2003, ONU, 2019). Ainda antes da pandemia, em janeiro de 2020, durante a observação participante em um dos ensaios, uma das mulheres que participava do ensaio disse que não queria participar da pesquisa de forma individual. Portanto, aqui há características das mulheres que concordaram em participar desse estudo mesmo que não contemplem todo o grupo de mulheres.

4.3 Mapas Afetivos

A Tabela 1 apresenta uma visão do perfil sociodemográfico das mulheres que participaram da etapa referente aos Mapas Afetivos. Apenas a mulher identificada como “Da Paz” não participou da etapa referente às entrevistas narrativas.

Tabela 1: Perfil das mulheres que realizaram os Mapas afetivos.

Identificação	Idade	Tempo de moradia na cidade	Profissão/Ocupação
Da Paz	35	30 anos	Professora
Flores	31	31 anos	Artista
Glória	27	22 anos	Atendente de loja
Alvorada	26	26 anos	Historiadora e cantora

Fonte: Desenvolvida pela autora.

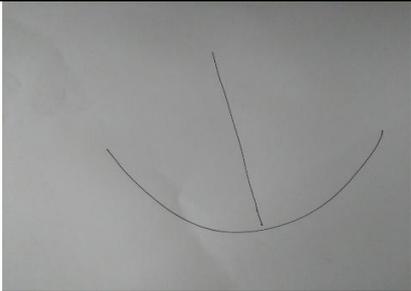
Entre as mulheres que participam da pesquisa há artistas, professoras, historiadoras e vendedoras. Há mulheres que se constroem de diferentes maneiras e escolhem um coletivo como elemento constitutivo de sua vida. Os mapas afetivos realizados com algumas dessas mulheres aparecem como importantes reveladores e apresentam afetos e sentidos dados por mulheres que respondem ao questionário em um momento de crise histórica e humanitária anunciado pela pandemia e, por isso, esses dados não podem ser lidos sem tal dimensão.

Quadro 3: Mapa Afetivo de Flores.

Identificação			
Nome: Flores		Idade: 31	Profissão: Autônoma - Artista
Escolaridade: Ensino Superior Incompleto		Tempo de residência: 31 anos	
Significado: “O largo de São Sebastião é um lugar que significa confluência de personas, tribos, ideias.”	Qualidade: “Manaus é uma cidade maravilhosa, embora eu reclame do calor sempre que está, essa é a única coisa que me incomoda, temos recursos, temos história, ancestralidade, raiz. Infelizmente é mal administrada e uma péssima educação é repassada para a população, mesmo assim a maioria das pessoas são quentes e acolhedoras como o próprio lugar. Eu amo demais essa terra.” -Liberdade e igualdade (esse último, a maioria das vezes)	Sentimentos: “Me remete a paz, alegria, diversão... Geralmente era onde encontrava pessoas maravilhosas ou esperava por elas fazendo a fruição do cenário centro-manauara” - Paz, alegria, amor	Metáfora: “Coração de mãe”, sempre cabe mais um, mas tem que saber cuidar.
 <p>Estrutura do desenho: Metafórica</p>		Sentido: *A cidade é vivenciada como um espaço de trocas diversas no qual a história, cultura são valorizadas e mesmo com os defeitos das pessoas e do ambiente como má-educação e calor respectivamente, as qualidades da cidade e das pessoas se sobressaem. *A cidade permite sentimentos de bem-estar e acolhimento a despeito de dificuldades. *A cidade é vivenciada a partir dos contrastes ao mesmo tempo que o calor é um problema e as pessoas desse lugar podem ser mal educadas e ter mal gestores, a cidade também tem pessoas quentes e acolhedoras no sentido do afeto que dão significado maior a essa cidade.	
Imagem da cidade: Contraste (Agradabilidade e Destruição) = Contraste potencializador			

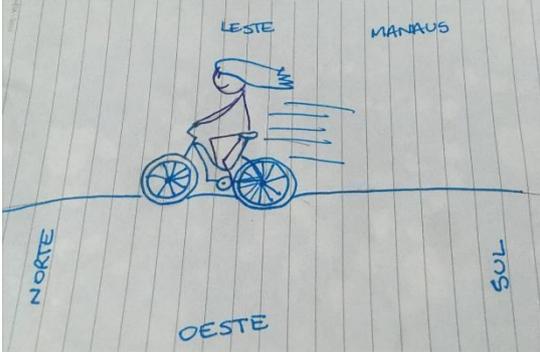
Fonte. Desenvolvido pela autora a partir dos mapas afetivos das participantes.

Quadro 4: Mapa Afetivo de Da paz.

Identificação			
Nome: Da Paz		Profissão: Professora	Idade: 35
Escolaridade: Ensino superior completo		Tempo de residência: 30	
Significado: O desenho tem uma significação muito pragmática, que faz referência ao mapa e à disposição geográfica da própria cidade. O traço no centro representa as avenidas principais que cortam a cidade - Djalma Batista e Constantino Nery.	Qualidade: Se não-morador, diria que é uma cidade grande , de temperatura bem elevada, mas que pode proporcionar experiências afetivas positivas. Se morador, diria que apesar dos problemas da cidade, entre eles, o descaso com as áreas de lazer natural (praias, praças, bosques), é uma cidade que gosto de morar.	Sentimentos: A cidade é limitada pelo rio, então se desenvolveu "de costas" para ele. Nesse ponto, a relação da cidade com as águas fluviais, a meu ver, é de negligência, uma vez que uma cidade grande como Manaus só tem praticamente uma única praia, a Praia de Ponta Negra. Tendo crescido de costas para o rio, duas avenidas principais cortam a cidade seguindo na mesma direção, indo para a saída terrestre da cidade (barreira). De certo modo, é como se a cidade não nos quisesse nela, ou nos direcionasse sempre para fora dela, para longe do rio e, simbolicamente, para longe de suas raízes. Restrição; limitação; isolamento; controle; redirecionamento.	Metáfora: Posso comparar Manaus com engarrafamento. A cidade tem um problema de tráfego que só tende a aumentar e as soluções são paliativas, não dão conta de resolver a situação.
		Sentido: A cidade apesar de proporcionar experiências agradáveis para quem mora também é uma cidade que oferece limitações e desconfortos como a alta temperatura e a forma que a cidade tem se desenvolvido. Destaca-se as negligências que ocorrem no planejamento urbano e com as diversas áreas de lazer bem como as implicações na mobilidade e bem-estar das pessoas.	
Estrutura do desenho: Metafórica			
Imagem da cidade: Contraste (Destruição x Pertencimento) = Contraste despontencializador			

Fonte. Desenvolvido pela autora a partir dos mapas afetivos das participantes.

Quadro 5: Mapa da Glória.

Identificação			
Nome: Glória		Idade: 27	
Escolaridade: Ensino Médio completo		Tempo de residência: 22	
Significado: A bicicleta (permite através de mim), me locomover e sentir a cidade em que moro de uma forma mais livre.	Qualidade: Cidade acolhedora	Sentimentos: Liberdade, equilíbrio, movimento, leveza, felicidade, satisfação.	Metáfora: cidade ---- interior cidade: muito barulho interior: silêncio e natureza
		Sentido: A cidade é movimento que acolhe e permite viver sentimentos agradáveis de satisfação, felicidade, liberdade e leveza.	
Estrutura do desenho: Metafórico			
Imagem da cidade: Agradabilidade			

Fonte. Desenvolvido pela autora a partir dos mapas afetivos das participantes.

Quadro 6: Mapa da Alvorada.

Identificação			
Nome: Alvorada		Profissão: Historiadora e cantora	
Escolaridade: Ensino Superior Completo		Idade: 26	
		Tempo de residência: 26	
<p>Significado: Ele me mostra possibilidades de movimentação, através do rio, da rua, do meu corpo, dos seres do meio ambiente que cultivo, entre outros aspectos.</p>	<p>Qualidade: Penso que seja algo que perpassa absolutamente toda a minha vivência, ao mesmo tempo que sinto a necessidade de dar um tempo dessa loucura cidadina, é inegável que meu costume já me fez refém de estar em meio a essa agitação. De reclamar, porém não viver sem estar aqui nesse trânsito, no tráfego, em tudo.</p>	<p>Sentimentos: Um pouco de ânsia, curiosidade sobre o futuro, sobre os próximos passos da minha vida. Não deixa de ser um conflito pensar sobre caminhos possíveis, sobre movimentação.</p> <p>Curiosidade, Ansiedade, Desconforto, Agitação, Energia, Intensidade</p>	<p>Metáfora: Compararia como uma cachoeira que corre em toda sua intensidade, pelo movimento, porque não tem como controlar muito bem o curso da água. Precisa de planejamento e muitas outras coisas para ter controle sobre.</p>
 <p>Estrutura do desenho: Metafórico</p>		<p>Sentido: A cidade é um lugar de pertencimento mesmo que seja compreendida com espacialidades caóticas e descontroladas a partir de toda sua falta de planejamento, agitação e trânsito intenso. Permite movimentação e diversas possibilidades que despertam ansiedade, curiosidade, desconforto, agitação, energia e intensidade.</p>	
<p>Imagem da cidade: Contraste (Pertencimento x Insegurança) = Contraste potencializador</p>			

Fonte. Desenvolvido pela autora a partir dos mapas afetivos das participantes.

Acredita-se que estima de lugar, afetividade e territorialidade são elementos totalmente interrelacionados. Bomfim (2010) fala da importância de discutir a categoria estima de lugar como categoria avaliativa de afetos para sair de uma perspectiva do senso comum que concebe afeto unicamente de forma positiva e permite compreender o movimento dialético no qual o afeto tanto pode ser algo potencializador de modo positivo ou negativo. Assim as investigações conduzidas com o auxílio de mapas afetivos auxiliam a compreender de que modo a afetividade está presente também na constituição de territorialidades e pode promover implicações na relação de uma pessoa com a cidade.

Neste estudo, observa-se que ainda que em um cenário adverso imposto tanto pelas características da cidade como pelas ressonâncias da vivência em um contexto pandêmico, ainda há afetividades potencializadoras e otimistas sobre essa cidade. O instrumento gerador de mapas afetivos é bastante fecundo para investigar a estima de lugar e identificar se há uma estima positiva ou não (Bomfim, 2010) e permite acessar diversas informações. Contudo, mesmo que a escala likert seja usada para possibilitar uma análise quantitativa e qualitativa e não tenha sido explorada neste estudo, houve uma tentativa de usar alguns dados em uma leitura mais qualitativa observando alguns aspectos específicos. Alguns dados verificados na escala likert que compõem os mapas afetivos, permite visualizar informações importantes sobre a categoria Estima de lugar estudada pela psicologia ambiental.

Todavia, para enfatizar aspectos relacionados aos objetivos desta tese, optou-se por não realizar a análise estatística da escala de estima de lugar e utilizar apenas alguns itens que foram considerados possíveis de um diálogo mais próximo a respeito das territorialidades na cidade. Para uma analítica geral e qualitativa a respeito do modo que estas mulheres ocupam e sentem a cidade de forma convergente e divergente somou-se também os achados das observações participantes e das entrevistas realizadas. Ao adentrar em alguns aspectos da escala likert que acompanha o IGMA foi possível verificar que para a maioria das participantes que realizaram os mapas, (75%) concordam totalmente que a cidade é algo considerado delas. Concordam que devem estar em alerta na cidade. Discordam (75%) e discordam totalmente (25%) que sentem-se desamparadas nesta cidade. Quanto ao sentimento de sossego na cidade, duas delas discordam de se sentirem sossegadas nesse ambiente e uma concorda que vive a sensação de sossego apesar das dificuldades da cidade, e uma delas nem concorda e nem discorda da afirmação.

Diante da afirmação da escala likert de que não trocariam a cidade por nada, 50% discordam e 50% concordam. A mesma divisão aparece no que se refere à percepção de que a cidade está abandonada, metade delas concordam e metade discordam. A cidade possibilita

territorialidades distintas para cada pessoa, pois mesmo que participem do mesmo grupo e transitem em lugares comuns, também há trajetos distintos em suas caminhadas e lugares de moradia que favorecem diferentes percepções. E quando falamos sobre a história dessas mulheres, todas elas concordam totalmente que consideram a cidade parte da sua história.

Quanto a questões relacionadas à segurança, quase a maioria (50%) concordam que desconfiam das pessoas, uma delas nem concorda nem discorda e uma discorda. Sobre sentimentos de vergonha que a cidade pode produzir nelas, a maioria discorda totalmente e apenas concorda que sente sim vergonha da cidade. Ressalta-se ainda que durante toda a pandemia, a cidade de Manaus foi página de noticiários inúmeras vezes pela péssima gestão que vivia a cidade. Não por acaso, no que se refere à afirmação de que a “Há riscos” na cidade, 75% das mulheres que realizaram os mapas afetivos concordam e visualizam os riscos na cidade e uma delas concorda totalmente. O risco vivenciado na cidade é um cenário real. E sobre a afirmação da escala likert “sinto medo”, curiosamente 75% delas afirmam não sentir medo na cidade e apenas uma concorda com a afirmação. Mesmo havendo riscos reais, há uma relação de familiaridade com a cidade que parece minimizar os medos. E todas elas concordam e concordam totalmente que defenderiam essa cidade se necessário. Todas elas também concordam que se sentem apegadas à cidade de Manaus. Nesse sentido há alguns indicativos sobre o modo como essas territorialidades se constituem permeadas pela afetividade.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

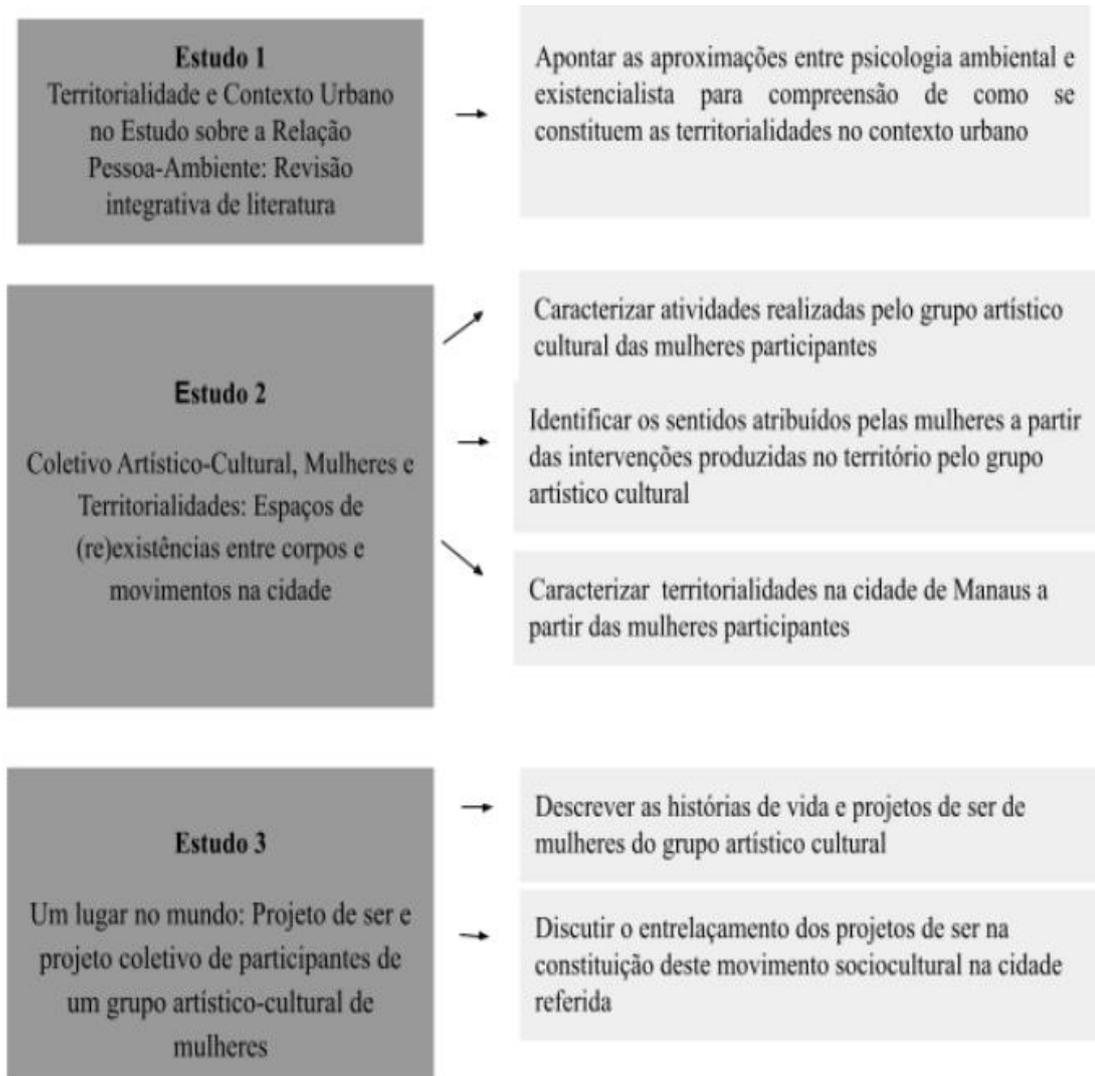
Diante das reconfigurações, os estudos possíveis nesse estudo são apresentados em forma de artigo e podem ser visualizados na figura 7. Ainda que tenha sido viável a realização da pesquisa em duas cidades diferentes com grupos de mulheres distintos, foi possível contemplar os objetivos da pesquisa no que se refere a viabilidade de compreender a pessoa-ambiente e o coletivo de mulheres em uma cidade específica. Considerando que cada um está ligado a todos e considerando aspectos do universal-singular (Beauvoir, 2016a, Sartre, 2002), ainda que haja muitas especificidades em cada panorama, é possível afirmar que essa pesquisa, a despeito das dificuldades, cumpre minimamente o objetivo geral de compreender como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo artístico cultural na constituição de territorialidades em Manaus.

A pesquisa em uma outra cidade, especificamente promovendo conexões norte-sul entre Manaus e Florianópolis poderiam enriquecer os achados e revelar ainda outras dinâmicas. Ainda assim, não inviabiliza completamente as inquietações que mobilizaram esta pesquisa. Portanto, os estudos deste trabalho indicam diferentes resultados conforme cada objetivo observado na Figura 7. Todos os estudos que resultaram em artigos foram realizados durante o processo de doutorado e um deles que resultou em uma revisão integrativa, por necessitar de revisão de juízes, contou com o auxílio de um estudante de iniciação científica que participava de atividades vinculadas ao grupo de pesquisas do Psiclín.

O artigo 1 foi elaborado em 2020, constituindo a fase mais inicial dos estudos e consolidando a base teórica, tendo sido publicado em 2021.¹ Os artigos 2 e 3 foram elaborados posteriormente após a análise dos dados emergentes do campo e em diálogo com as teorias balizadoras. Observa-se que o artigo 1 almeja buscar um diálogo entre psicologia ambiental e psicologia existencialista na leitura das territorialidades. O artigo 2 prioriza as discussões a partir da psicologia ambiental e o artigo 3 prioriza as discussões a partir do existencialismo. Articulando todos os estudos, é possível enfim atentar às colaborações que cada nuance oferece para um olhar geral sobre os fenômenos abordados.

¹ Artigo publicado. Dados sobre publicação: [SOUSA, Adria de Lima](#); [ZENI, Luis Augusto](#) e [SCHNEIDER, Daniela Ribeiro](#). **Territorialidades e Contexto Urbano nos Estudos sobre a Relação Pessoa-Ambiente: Revisão Integrativa de Literatura**. *Estud. pesqui. psicol.* [online]. 2021, vol.21, n.2, pp. 494-512. ISSN 1808-4281. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2021.61053>.

Figura 7: Objetivos contemplados na pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora.

Esses estudos são apresentados a seguir neste trabalho em formato de artigo e, por fim, realizou-se uma discussão integrada a fim de responder o objetivo geral e cumprir a proposta deste trabalho.

5.1 ARTIGO 1 - Territorialidades e contexto urbano nos estudos sobre a relação pessoa-ambiente: Revisão integrativa de literatura

Resumo: A vida acontece em espaços situados. É nas cidades que grande parte da população mundial vive atualmente, e as territorialidades apresentam-se como modo de compreender a constituição desses espaços de vida. O presente estudo teve como objetivo compreender de que modo o conceito de territorialidade tem se relacionado com os estudos sobre a relação pessoa-ambiente no contexto urbano, isto é, nas cidades. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa utilizando bases nacionais como Scielo e Pepsic, e internacionais, como Web of Science, SageJournal e Science Direct. As buscas nas bases resultaram em 219 artigos e, após seleção conforme os critérios de elegibilidade, obtiveram-se 21 artigos completos para análise. Os resultados indicaram uma maior produção nos últimos anos, com temas relacionados a aspectos psicossociais; planejamento urbano; criminalidade e segurança; aspectos culturais e religiosos; saúde; educação. Os estudos apontaram para o entendimento sobre o conceito de territorialidades atrelado a contextos urbanos a partir de aspectos físicos e simbólicos do uso, ocupação e transformação dos espaços. A territorialidade, apresentada de forma interdisciplinar, permite dialogar com a psicologia ambiental e com a psicologia existencialista e compreender a importância dos territórios e das territorialidades na dimensão social da existência.

Palavras chaves: Territorialidades, Cidades, Interdisciplinaridade

Abstract: Life happens in situated spaces. It is in the city that a large part of the world population lives today and the territorialities are presented as a way of understanding the constitution of these territories of life. The present study aimed to understand how the concept of territoriality has been related to studies about the relationship between person and environment in the urban context, that is, in cities. An integrative review was carried out using national databases such as Scielo, Pepsic and international ones such as Web of Science, Sage Journal and Science Direct. The searches in the bases resulted in 219 articles and after election according to the eligibility criteria 21 complete articles were obtained for analysis. The results indicated a higher production in recent years with themes related to: psychosocial aspects; urban planning; crime and security; cultural and religious aspects; health; education. The studies pointed to the understanding of the concept of territorialities linked to urban contexts based on physical and symbolic aspects of the use, occupation and transformation of spaces. Territoriality, presented in an interdisciplinary way, allows dialogue with environmental psychology and

existentialist psychology, and to understand the importance of territories and territorialities in the social dimension of existence.

Key words: Territorialities, Cities, Interdisciplinarity

Resumen: La vida pasa en espacios situados. En la ciudad donde vive una gran parte de la población mundial y las territorialidades se presentan como una forma de entender la constitución de estos territorios de la vida. El presente estudio tuvo como objetivo comprender cómo se ha relacionado el concepto de territorialidad con los estudios sobre la relación entre la persona y el entorno en el contexto urbano, es decir, en las ciudades. Se llevó a cabo una revisión integradora utilizando bases de datos nacionales como Scielo, Psyc e internacionales como Web of Science, SageJournal y Science Direct. Las búsquedas en las bases dieron como resultado 219 artículos y, después de la elección, de acuerdo con los criterios de elegibilidad, se obtuvieron 21 artículos completos para su análisis. Los resultados indicaron una mayor producción en los últimos años con temas relacionados con: aspectos psicosociales; planificación urbana; crimen y seguridad; aspectos culturales y religiosos; salud educación. Los estudios apuntaron a la comprensión del concepto de territorialidades vinculadas a contextos urbanos basados en aspectos físicos y simbólicos del uso, ocupación y transformación de espacios. La territorialidad, presentada de manera interdisciplinaria, permite el diálogo con la psicología ambiental y la psicología existencialista, y para comprender la importancia de los territorios y las territorialidades en la dimensión social de la existencia.

Palabras clave: territorialidades, ciudades, interdisciplinaria.

Introdução

A vida acontece na cidade, nos espaços, em lugares e em territórios, e por isso é tão importante dimensionar funções gerais que revelam o valor mediador do território nas interações sociais. O conceito de território pode ser entendido a partir da proposta do geógrafo Milton Santos. Para o autor, “o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (Santos, 2011, p. 13). A concepção sobre território de Milton Santos tem influências do pensamento de Henri Lefebvre (1991) e do existencialismo de Jean Paul Sartre (1979, 2015), que abordam a realidade humana como produto e produtora das dimensões materiais da vida. Dessa forma, Milton Santos contribui significativamente com a Geografia ao embutir no conceito de território a

noção de que este só pode ser entendido de acordo com o uso que se faz dele a partir da ação humana, de forma concreta e não abstrata, sendo uma condição da existência (Santos, 2006). A psicologia ambiental, caracterizada por diálogos interdisciplinares, que tem cada vez mais aprofundado os estudos sobre a relação pessoa-ambiente em contextos urbanos, também apresenta elementos teóricos nessa direção (Higuchi, Kuhnen, & Pato, 2019).

Na psicologia ambiental, o estudo da afetividade como aspecto constitutivo da condição humana tem sido bastante útil para avaliar e pensar em transformação de ambientes, visto que o comportamento afetivo tem grandes implicações no bem-estar (Bomfim, Delabrida & Ferreira, 2018). Nesse aspecto, é possível falar em apego ao lugar, identidade de lugar, identidade social urbana, apropriação e territorialidades. A afetividade associada às espacialidades compõe as principais categorias de análise para entender a relação pessoa-ambiente (Proshansk, Fabian, & Kaminoff, 1983; Giuliani; Scopelliti, 2009).

O apego ao lugar refere-se ao elo afetivo entre a pessoa e os entornos físicos aos quais se atribui valor a partir de vivências espaciais significativas, que vão além das características físicas (Elali & Medeiros, 2011; Felipe & Kuhnen, 2012). A identidade de lugar reflete a construção de identidade, a partir da interação das pessoas com seu ambiente físico e social e com os sentimentos de pertencimento associados a espaços significativos (Mourão & Cavalcante, 2011). Já a identidade social urbana pode ser compreendida como uma extensão da identidade de lugar, que se relaciona especificamente com o contexto urbano e possibilita a múltiplas áreas de conhecimento visualizar a cidade “não somente como uma construção física, mas também como uma construção simbólica de seus habitantes, que engendra processos de apropriação” (Mourão & Bomfim, 2011, p. 225).

A apropriação é um fenômeno que ocorre tanto a partir de processos de identificação real ou simbólica quanto da ocupação e transformação de territórios, e envolve o exercício de domínio sobre espaços e objetos, mesmo que estes não sejam efetivamente da pessoa (Cavalcante & Elias, 2011). É importante frisar que a apropriação se aproxima do conceito de territorialidade, mas trata-se de conceitos distintos. De acordo com Pinheiro e Elali (2011), a territorialidade geralmente ocorre de modo mais passivo, evitando-se lugares alheios, mas isto não é uma regra. A territorialidade possibilita compreender o comportamento socioespacial humano, e “atua como importante organizador do comportamento e da vida humanos no nível do indivíduo, das relações interpessoais e da comunidade. Suas funções são bem compreendidas se forem considerados parâmetros como tempo de ocupação do local, sentimentos relativos a ele, propriedade e exclusividade do seu uso” (Pinheiro & Elali, p. 155). Esse conceito tem sido mencionado nos estudos de diferentes áreas do conhecimento que objetivam compreender o

modo como as pessoas ocupam e se organizam em seus territórios de vida. Embora seja um conceito que tem suas bases na etologia e na sociobiologia para compreender o comportamento territorial em diferentes dimensões, é em áreas do conhecimento como a geografia e a psicologia ambiental que é possível identificar elaborações teóricas que evidenciam o conceito de territorialidade relacionado à noção de território de modo complexo e associado aos acontecimentos nos espaços que podem ser considerados matrizes da existência humana (Fischer, 1994; Theodorivitz & Higuchi, 2018). No entanto, ainda é necessária a compreensão sobre esse conceito, visto que sua definição, por vezes, fica obscura. É importante entender qual base teórica tem direcionado os principais estudos sobre territorialidade para dar prosseguimento a novas pesquisas que busquem compreender a relação das pessoas com seu espaço circundante, que passa diretamente por esse entendimento. Com o objetivo de melhor compreender o conceito de territorialidade em sua relação com as condições de urbanidade, realizou-se uma revisão integrativa (RI) de literatura partindo da seguinte problemática de pesquisa: de que modo o conceito de territorialidade tem se relacionado com os estudos sobre a relação pessoa-ambiente no contexto das cidades?

Método

A revisão integrativa diferencia-se de uma revisão sistemática de literatura por não incluir apenas estudos primários e empíricos. É o tipo de revisão de literatura mais indicado quando o objetivo é uma busca mais exploratória e teórica de uma temática (Doolen, 2017; Torracó, 2005) e, portanto, tornou-se a opção mais adequada para elaboração desse estudo.

Para a realização da revisão integrativa de literatura, foi adotado um protocolo de análise baseado em um modelo apresentado por Alves e Gulwadi (2008), a partir de um roteiro adaptado (Zube, SeU & Taylor, 1982). Quanto aos critérios de elegibilidade, foram incluídos artigos que abrangem a relação entre territorialidade e cidade, artigos que contemplem a relação pessoa-ambiente nesses contextos; artigos publicados em periódicos científicos revisados por pares, artigos nos idiomas português, espanhol e inglês e com acesso livre. Foram excluídos artigos que apenas mencionaram a palavra, mas não definiram o conceito de territorialidade e que não apresentaram relações entre territorialidade e cidade. Os artigos foram coletados em 5 diferentes bases nacionais e internacionais, a saber: *Scielo* (Referências na produção Nacional); *Pepsic* (Referências na produção da Psicologia na América Latina); *SageJournal* (Referência em Ciências Humanas e Sociais); *Science Direct* (Referência multidisciplinar) e *Web of Science* (Referência Nacional e Internacional que contempla diversas áreas do conhecimento).

As consultas nessas bases e a análise de dados foram realizadas no primeiro semestre de 2019 e abarcaram todos os artigos publicados no momento da pesquisa, sem delimitações de tempo.

Em conformidade com o objetivo da pesquisa, após buscas prévias e análise de descritores utilizados nas bases optou-se por utilizar as seguintes chaves de busca em todos os campos do artigo em bases internacionais e nacionais, respectivamente: ["Territoriality" AND "City"] e ["Territorialidade" AND "cidade"]. Não foram previstos termos plurais, mas estes, quando apareceram não foram excluídos da análise. Os artigos selecionados para leitura detalhada foram salvos em pastas separadas, e suas informações foram inseridas em uma planilha do Excel para visualização e manejo geral dos dados. Os resultados apontaram para um total de 219 artigos encontrados na primeira busca geral. Em conformidade com os critérios de elegibilidade, foram excluídos 182 artigos, e identificaram-se 6 duplicados. Obtiveram-se, assim, 31 artigos para leitura na íntegra, após a qual 10 artigos foram excluídos por apenas mencionar de forma difusa e não definir o conceito de territorialidade, ou não apresentar relação entre territorialidade e cidade. O resultado final da busca inclui a análise de 21 artigos científicos. Além de analisar as definições teóricas de territorialidade, mediante análise temática de conteúdo (Bardin, 2010), verificaram-se aspectos quanto à abordagem metodológica, área, origem e ano de publicação.

Resultados

Os resultados do levantamento apontaram que a frequência da produção internacional (13) é maior quando comparada a estudos nacionais (8), ainda que se possa considerar significativa a presença de oito artigos brasileiros em um universo dos 21 artigos selecionados. Dentre as produções internacionais, os países de publicação dos artigos foram: Congo, Colômbia, Argentina, Estados Unidos, Irã, Tanzânia, Holanda, Inglaterra e Equador. Como não foi feita delimitação temporal na busca, é interessante notar que foram encontrados artigos publicados a partir do ano de 2007, sendo que entre 2017 e 2018 observou-se um aumento significativo das publicações, totalizando nesses dois últimos anos 14 artigos publicados, isto é, mais de 50% das publicações.

As publicações selecionadas aparecem em diversas áreas do conhecimento e a partir de diferentes abordagens metodológicas. Estas foram identificadas como qualitativas, quantitativas ou mistas (quando abarcam aspectos qualitativos e quantitativos em conjunto). Na maioria das publicações, foram utilizadas abordagens qualitativas, caracterizando estudos mais exploratórios (Tabela 2).

Tabela 2: Frequência quanto à área e abordagem metodológica dos artigos selecionados.

Área	Qualitativa	Mista	Quantitativa	N
Arquitetura	1			1
Ciências sociais	1			1
Geografia	1			1
Interdisciplinar	9	3	2	14
Psicologia	2			2
Saúde	1		1	2
Total Geral	15	3	3	21

Foi possível observar, dentre as publicações que abordam o conceito de territorialidade, uma maior quantidade de trabalhos de caráter interdisciplinar. Consideraram-se como produções interdisciplinares aquelas que reuniam dois ou mais pesquisadores, como autores, com áreas distintas de formação. Essas áreas incluíam ciências sociais, turismo, direito, geografia, história, psicologia, arquitetura, economia, enfermagem e educação física. Nota-se, dessa forma, que o conceito de territorialidade dialoga com o próprio entendimento acerca da psicologia ambiental por seu caráter interdisciplinar, que busca compreender os fenômenos estudados à luz de múltiplas disciplinas do conhecimento. Em 2018, no Brasil, foi criada a Associação Brasileira de Psicologia Ambiental e Relações Pessoa-Ambiente (ABRAPA), revelando no próprio nome da organização seu caráter interdisciplinar, por não se limitar apenas à psicologia, mas a todas disciplinas que se interessam pela relação pessoa-ambiente (<https://abrapa-rpa.org/sobre-a-abrapa>, recuperado em junho de 2019).

Para organizar a apresentação dos resultados conforme as definições de territorialidade encontradas nas publicações, os artigos foram analisados conforme as temáticas apresentadas, como pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3: Temáticas das produções encontradas.

Temáticas	N
Aspectos Psicossociais	7
Planejamento urbano	6
Criminalidade/ Segurança	3
Aspectos culturais e religiosos	2
Saúde	2
Educação	1
Total Geral	21

De modo geral, foi possível observar convergências teóricas na concepção de territorialidade, direcionadas a diferentes temas de pesquisa. As temáticas de pesquisa que mais

se destacaram foram as que envolviam planejamento urbano (6) e aspectos psicossociais (7) relativos à identificação, vinculação, apropriação e relação simbólica com o território. Também merecem destaque estudos que evidenciam aspectos relacionados à criminalidade e segurança nos espaços (3). Foi possível observar que os trabalhos apresentam o entendimento de que a territorialidade envolve a possibilidade de uso, atribuições de significado e controle sobre determinado território, conforme será apresentado a seguir.

Aspectos Psicossociais

No que se refere às sete produções com temáticas associadas a aspectos psicossociais, como apego ao lugar e questões identitárias, por exemplo, o conceito de territorialidade emerge diante de reflexões teórico-metodológicas que o apresentam como elemento constituinte do território, mediante aspectos físicos e simbólicos. A territorialidade seria a possibilidade de construir, conservar e proteger o território como dimensão da própria existência. A territorialidade é expressa, ainda, como forma de defender e apropriar-se do espaço, tanto física quanto simbolicamente, ao envolver privacidade e espaço pessoal. Vale ressaltar que tanto o conceito de espaço pessoal como o conceito de privacidade são conceitos da psicologia ambiental que evidenciam a importância da intimidade como mediador das relações e do próprio bem-estar (Pinheiro & Elali, 2011).

Prado Júnior e seus colaboradores (2018) resgatam a origem etológica do conceito, relativa ao comportamento territorial de demarcação de espaços considerados pertencentes, mas destacam que a territorialidade em humanos só pode ser compreendida em termos de cultura, que é mediada pela linguagem, pela religião, pelas atitudes e pela tecnologia. Assim, compreende-se que o território humano é mais do que a dimensão física, e a produção de territorialidades é uma ação constante (Prado Júnior, Amaral, & Barbosa, 2018). Um estudo realizado sobre estratégias espaciais propõe algumas reflexões teóricas sobre territorialidades humanas, e apresenta uma acepção da territorialidade atrelada ao fortalecimento de sentimentos de coesão social e de relações que envolvem sociabilidades (Moreira & Santos Maia, 2017). A identificação das pessoas com o lugar é um fator que vai além das características geográficas e inclui relações de poder, sociais e cotidianas (Borrell, 2016).

No estudo de Rodríguez-Mancilla e Grondona-Opazo (2018), a territorialidade é entendida como elemento constituinte do território, ao abarcar a realização de ações que conservam, constroem, consolidam e defendem o próprio estilo de vida das pessoas. Na pesquisa de Preciado-Trujillo (2017), que utilizou a cartografia como método para compreensão

das territorialidades no processo de migração, é possível entender o conceito de territorialidade mediante a forma como uma comunidade desenvolve suas atividades diárias e ocupa o território atual com perspectivas de futuro, de acordo com as atividades econômicas do território. Assim, a expressão da territorialidade ocorre com base no que as pessoas são e no que desejam ser. As territorialidades consistem em ações que buscam exercer um domínio territorial, podendo ser exercidas por indivíduos e grupos - incluindo instituições. Podem também ser compreendidas como uma construção social de pertencimento e identificação com o território (Guarino, 2015).

Planejamento Urbano

Nos seis estudos que utilizam a territorialidade como conceito importante no entendimento do planejamento urbano, destaca-se a definição conceitual de territorialidade como “processo no qual os setores populares, através da ação coletiva, exercem um poder sobre o território, produzindo e transformando o dito território em seu lugar. Ao mesmo tempo, eles se apropriam simbolicamente daquele lugar” (Carvajal-Capacho, 2018, p. 123, tradução livre). Nesses estudos, de modo geral, o conceito de territorialidade perpassa uma maior ênfase em aspectos físicos do território, mas sempre remete à possibilidade de ocupação, uso, controle geográfico e identificação mediante ação de um grupo social. O controle exercido pode se dar de modo formal, legitimado por instituições sobre o uso dos espaços, ou de modo informal, mas envolve sempre posse sobre algum espaço e a necessidade de ações coletivas para organização do acesso, defesa e proteção deste. Estes fatores devem ser considerados no planejamento urbano das cidades.

A territorialidade é tratada de forma complexa nos estudos dessa categoria, em que o conceito aparece de modo transversal, enfatizando as relações que são estabelecidas no contexto urbano a partir do território. Assim, a territorialidade é compreendida como as relações e formas de uso que as pessoas impõem à cidade, de acordo com suas características históricas e geográficas, abrangendo os meios pelos quais as entidades coletivas buscam seus objetivos e caracterizando-se como territorialidades positivas quando encorajam práticas em um território ou negativas quando servem para repressão (D’Ascenzo, 2013). Para Hönke e Cuesta-Fernandez (2017), a territorialidade pode ser considerada uma tecnologia política quando as estratégias de forças e controle sobre um espaço são amparadas em dispositivos legais. De acordo com os estudos de Martins Medeiros e colaboradores (2017), a territorialidade também pode ser compreendida como característica da territorialização, na qual uma pessoa ou um grupo tenta influenciar ou controlar pessoas ou recursos conforme controle de uma área

geográfica. Assim, a territorialidade geralmente é produto de representações do território, que são possíveis a partir das apropriações do espaço (Martins Medeiros, Correa Neto, & Medeiros, 2017).

Definições de teóricos da Geografia são apresentadas para conceituar a territorialidade como sendo a tentativa de um grupo de influenciar ou afetar pessoas, fenômenos e relações para delimitar e impor controle sobre uma área geográfica, o que reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, e se efetiva em distintas escalas espaciais, variando no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e comunicação, da dominação e de identidades (Lima da Silva, Marlon, & Tourinho, 2017). A territorialidade passa a ser compreendida também como uma dimensão social da cidade capaz de prover espaço pessoal, privacidade e repertórios de comportamento territorial, por meio da demarcação de barreiras físicas e simbólicas, realizada por pessoas em suas atividades cotidianas (Yeganeh & Kamalizadeh, 2018).

Criminalidade e segurança

A discussão sobre criminalidade e segurança esteve presente em três artigos que abordaram fenômenos relativos ao comportamento de gangues e grupos marginalizados envolvidos com comportamentos ilícitos, bem como comportamentos de vizinhanças em busca de segurança em seus bairros. Em um dos artigos, discutiu-se como a interferência das territorialidades nos bairros, nas relações de vizinhança e na cidade podem reduzir a "desordem" e evitar o crime. O conceito de territorialidade discutido nesse estudo foi usado para se referenciar ao conjunto de atitudes, pensamentos e comportamentos que indicam um senso de posse e de algum modo associam-se a problemáticas relativas à criminalidade e à segurança (O'Brien, 2016). Para outros autores, a territorialidade consiste no controle de determinadas áreas geográficas, e esse controle relaciona-se com o apego ao lugar e a própria construção de identidade de gangues ou grupos marginalizados (Roks, 2019).

Para mostrar em que medida a modificação ambiental reduz a realização de determinados crimes, o conceito de territorialidade é definido como ações realizadas por grupo ou por uma pessoa para defesa de um determinado espaço a partir demarcação de fronteiras físicas ou simbólicas (Céspedes et al., 2018). Em um estudo sobre a relação das territorialidades com o tráfico de drogas, o conceito foi apresentado como expressão espacial de poder, a partir da relação do uso e domínio do território, com a apropriação de espaços físicos e simbólicos

úteis para reforçar identidades, delimitar fronteiras e legitimar o uso da força para a coação (Rodríguez, Ferreira, & Arruda, 2011).

Aspectos Culturais e Religiosos

Considerou-se como temáticas culturais e religiosas os dois estudos que abordaram o conceito de territorialidade diante de fenômenos associados a religiões e o comportamento de diferentes etnias em determinados espaços. A territorialidade humana como estratégia geográfica para controle é considerada mais eficiente quando é capaz de comunicar regras, definir o que deve ser controlado e estabelecer formas de acesso aos lugares (Bechhofer, 2017). Para Serra (2017), há diversas formas de se conceber as territorialidades, visto que são muitas e diversas as relações que as pessoas ou os grupos têm com o espaço. De acordo com esta autora, essas relações caracterizam-se tanto a partir da apropriação integral de uma determinada porção do espaço físico como de uma identificação apenas no nível simbólico com um lugar. Nesse estudo, a autora também menciona o conceito territorialidade religiosa, que pode ser "fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território" (Rosenahl, 2005, p. 12934). Essa abordagem se aproxima da perspectiva dos aspectos psicossociais.

Saúde

Nos dois estudos cuja temática abarcou a relação entre territorialidade e saúde, o conceito foi apresentado como sendo um marcador de investimento social e organização do espaço defensável (Johnson-Lawrence, Schulz, Zenk, Israel & Rowe, 2015). Este primeiro estudo demonstrou como os moradores com mais indicadores de territorialidade em seus bairros eram mais propícios a desempenhar atividades físicas nesse entorno, e como isto gerava impactos positivos para saúde e bem-estar. Para Cutchin (2007), a territorialidade pode ser compreendida como uma expressão geográfica de poder social, que inclui estratégias pra estabelecer diferentes graus de acesso a pessoas, coisas e relações. O trabalho chama a atenção para aprofundar estudos pautados em uma ótica da geografia da saúde alinhados à epidemiologia social, que considerem a influência da territorialidade nas paisagens e nas cidades e, por sua vez, na saúde das pessoas.

Educação

No único estudo sobre a educação, tomado em uma perspectiva de sua história, foi possível verificar a relação entre a escolarização e territorialidade na cidade de Belo Horizonte, sendo que o conceito foi apresentado como a ação de um grupo para ocupação, uso, controle e identificação de um ambiente físico, a fim de convertê-lo em território (Gouvea & Nicácio, 2017). Nesse estudo, a influência do Estado e de classes sociais na configuração do cenário urbano e nas relações de escolarização é revelada a partir das territorialidades que consistem no uso, ocupação e controle de determinados espaços, que repercutem nos serviços de educação.

Discussão

Ao refletir, de modo geral, sobre o conceito de territorialidade que tem sido utilizado nas pesquisas, observa-se que os autores partilham, em maior ou menor proporção, da concepção de territorialidade como ação coletiva ou individual que possibilita os diferentes sentidos do uso de determinado espaço, seja como um caráter de posse, controle, demarcação territorial, ou como expressão da dimensão existencial, simbólica e cultural das pessoas e seus coletivos. Nessa direção, a territorialidade envolve a própria produção da identidade de indivíduos e grupos e das várias dimensões da vida que são transpassadas, necessariamente, pela condição da espacialidade, tomada em uma perspectiva complexa, sem se reduzir apenas aos aspectos geográficos.

De modo geral, é possível constatar, nos estudos analisados, que a territorialidade se relaciona com a noção de grupo e de coletivo, uma vez que a territorialidade, embora possa ser considerada um comportamento de motivação individual (O'Brien, 2016), é mais evidente quando realizada pela ação coletiva de grupos, especificamente no contexto urbano (Carvajal-Capacho, 2018).

A territorialidade também está associada com a identidade de lugar, a identidade social urbana, a construção de identidade e o apego ao lugar (Rodriguez et al., 2011; Roks, 2019). Além disso, relaciona-se ainda com a possibilidade de saúde e bem-estar (Cuchtin, 2007), inclusive se considerarmos a dimensão dos estilos de vida arraigados em territórios existenciais e seus impactos nas condições de saúde (Rodríguez-Mancilla, & Grondona-Opazo, 2018).

Ao realizar uma análise das referências dos artigos verificou-se que o geógrafo Sack aparece de modo expressivo no referencial teórico adotado por um número significativo dos artigos encontrados (10). Para Sack (1986), a territorialidade humana é uma estratégia espacial

para afetar, influenciar ou controlar recursos e pessoas, controlando a área geográfica. Soares Junior e Santos (2018) também constata o predomínio do pensamento de Sack entre pesquisas que buscam discutir o conceito de territorialidade. É importante notar que a concepção de territorialidade adotada por Sack é de “uma territorialidade humana que se manifesta como estratégia espacial de influência e controle” (Soares Junior & Santos, 2018, p. 25) e diferencia-se de uma territorialidade associada a aspectos puramente etológicos de comportamentos biofísicos.

Observa-se que a concepção de território adotada por Sack encontra semelhanças com a concepção de território adotada pelo geógrafo Milton Santos, que, por sua vez, tem raízes no existencialismo de Jean Paul Sartre (Sack, 1986; Santos, 2006). O existencialismo pode ser concebido como a filosofia da ação transformadora das pessoas sob sua própria história e seu mundo concreto (Sartre, 2015a). A territorialidade reflete, portanto, as possibilidades da relação com um território, inclusive da própria criação de novos territórios de existência. Esses territórios precisam ser considerados diante dos processos históricos, econômicos, culturais, subjetivos e objetivos que lhes são inerentes.

Nos estudos que dão ênfase a uma perspectiva oriunda da psicologia ambiental, verifica-se que a territorialidade pode ser concebida como uma das dimensões sociais do espaço urbano, como viabilizadora do espaço pessoal e da privacidade, que possibilita comportamentos (Yeganeh & Kamalizadeh, 2018). De acordo com Brown, Lawrence e Robinson (2005), os comportamentos de territorialidade podem ser divididos em três componentes: marcação, controle e defesa. Outros autores, com enfoque nos estudos da relação pessoa-ambiente, costumam definir a territorialidade como componente do espaço defensável que se caracteriza pela existência de barreiras físicas e simbólicas (Brown & Altman, 1983).

Em estudos conceituais recentes no campo da psicologia ambiental, a territorialidade tem sido apresentada de forma complexa como um conceito que permite compreender as interações sociais e a apropriação do entorno físico, e relaciona-se com fatores pessoais, socioculturais e contextuais (Theodorivitz & Higuchi, 2018). Estudar as territorialidades possibilita acessar “o conjunto de subjetividades e padrões materiais que são manifestados por um indivíduo ou grupo, os quais devem contextualizar não apenas aspectos psicossociais e culturais como também o momento histórico dessa manifestação e o ambiente físico em que acontecem” (Theodorivitz & Higuchi, p. 234).

Por tais razões, considera-se que o estudo da territorialidade encontra respaldo no existencialismo na busca de um entendimento complexo para a compreensão de dimensões da existência humana. A definição de territorialidade utilizada no presente estudo reconhece essa

multiplicidade de olhares sobre o conceito, a partir de diferentes perspectivas teóricas, e parte de uma aceção em consonância com aportes teóricos da psicologia ambiental e do existencialismo, dando ênfase à afetividade como elemento constituinte desta. Portanto, territorialidade passa a ser concebida como um modo de vivenciar e se relacionar com os territórios mediante aspectos subjetivos e objetivos que englobam afetos e transformam pessoas e espaços reciprocamente.

Considerações finais

O presente estudo almejou trazer um panorama geral sobre territorialidade e identificar as contribuições de diferentes áreas do conhecimento para entender esse conceito interdisciplinar tão importante para os estudos sobre a relação pessoa-ambiente em contextos urbanos. É importante ressaltar a usabilidade deste conceito, que ajuda a sustentar reflexões e práticas em muitas áreas e campos de atuação e a compreender de forma mais complexa a relação das pessoas e seus coletivos com a espacialidade que os cerca, em relação a qual são produtos e produtores. Sendo assim, verifica-se sua aplicabilidade na atenção psicossocial e saúde coletiva, na epidemiologia crítica, na criminologia, em estudos sobre religiosidade e educação, na discussão da dimensão cultural, suas manifestações e impactos sobre os processos de identidade psicossocial.

As limitações do estudo revelam-se na dificuldade de definição do conceito de modo único, visto que a territorialidade só pode ser entendida a partir de múltiplos fatores. Todavia, no exercício de definir tal conceito, é possível afirmar que a territorialidade é a forma como as pessoas agem e como permitem que outras pessoas ajam em seus territórios ou espaços de vida. Acredita-se que essa ação só pode ser compreendida mediante os aspectos afetivos que a mobilizam, e estes aspectos afetivos, por sua vez, não estão dissociados de acontecimentos externos, quer sejam políticos, econômicos, físicos, culturais ou sociais.

Destarte, é necessário ampliar investigações para além do referencial teórico sobre a temática, a partir de estudos de campo onde a vida acontece, isto é, nos territórios da ação. Torna-se necessário, ainda, investigar mais a fundo as relações de poder que atravessam a constituição das territorialidades, e as próprias representações desse conceito.

De todo modo, a territorialidade como ação criativa – do individual ao coletivo, do singular ao universal – de modos de operar (acessar e controlar o acesso, usar, ocupar e permitir o uso e a ocupação, transformar e permitir transformações) em determinados ambientes

transforma o ambiente, e também transforma pessoas, em uma relação recíproca que consiste em (im)possibilidades diversas.

Referências

- Alves, S. M., & Gulwadi, G. B. (2008). Interação humana com ambientes naturais: Uma revisão no periódico *environment and behavior*. In J. Q. Pinheiro & H. Gunther (Orgs.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 343-368). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo* (70th ed.). Lisboa: Edições.
- Bechhofer, R. Y. (2017). The non-territoriality of an eruv: ritual bearings in Jewish urban life. *Journal of Architecture and Urbanism*, 41(3), 199-209. doi: 10.3846/20297955.2017.1355279
- Bomfim, Z. C. A., Delabrida, Z. N. C., & Ferreira, K. P. M. (2018). Emoções e afetividade ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali, *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura na relação pessoa-ambiente* (pp. 60-76). Petrópolis, Rj. Vozes.
- Borrell, M. A. (2016). The divided city: the territory of informality as an affective field. *Abriu: Textuality Studies on Brazil, Galicia and Portugal*, (5), 137-150. doi:10.1344/abriu2016.5.10
- Brown, B. B., & Altman, I. (1983). Territoriality, defensible space and residential burglary: An environmental analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 3(3), 203-220. doi:10.1016/S0272-4944(83)80001-2
- Brown, G., Lawrence, T. B., & Robinson, S. L. (2005). Territoriality in organizations. *Academy of Management Review*, 30(3), 577-594. doi:10.5465/amr.2005.17293710
- Carvajal-Capacho, W. F. (2018). Transformacionesterritoriales por planes parciales de renovación urbana. Barrio El Naranjal, unterritorio em negociación. *Bitácora Urbano Territorial*, 28(2), 85-94. doi: 10.15446/bitacora.v28n2.62273
- Cavalcante, S., & Elias, T. F. (2011). Apropriação. In S. Cavalcante; G. A. Elali (Org.), *Temas Básicos Em Psicologia Ambiental* (pp.208-216). Petrópolis: Vozes.

- Céspedes, E. N., Vargas Espinosa, N. M., Avendaño Prieto, B. L., Rincón, H., & Ospino, M. A. (2018). Criminología ambiental y homicidio en la ciudad de Bogotá (Colombia). *Revista de Estudios Sociales*, (63), 55-71. doi: 10.7440/res63.2018.05
- Cutchin, M. P. (2007). The need for the “new health geography” in epidemiologic studies of environment and health. *Health & place*, 13(3), 725-742. doi:10.1016/j.healthplace.2006.11.003
- D’Ascenzo, F. (2013). An African metropolis: the imploded territoriality of Kinshasa. *Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía*, (80), 98-110. doi:10.14350/rig.32896
- Doolen, J. (2017). Meta-analysis, systematic, and integrative reviews: an overview. *Clinical Simulation in Nursing*, 13(1), 28-30. doi:10.1016/j.ecns.2016.10.003
- Elali, G. A., & Medeiros, S. T. F. D. (2011). Apego ao lugar. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Temas Básicos Em Psicologia Ambiental* (pp. 53-62). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 609-617. doi:10.1590/S0103-166X2012000400015
- Fischer, G. N. (1994). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Giuliani, M. V., & Scopelliti, M. (2009). Empirical research in environmental psychology: Past, present, and future. *Journal of Environmental Psychology*, 29(3), 375-386. doi:10.1016/j.jenvp.2008.11.008
- Gouvea, M. C. S., & Nicácio, K. (2017). Escolarização e territorialidade na cidade republicana: belo horizonte (1897-1912). *História da Educação*, 21(51), 377-396. doi: 10.1590/2236-3459/66340

- Guarino, G. B. (2015). Overlapping territorialities: between the logic of state management and social and cultural terms of the indigenous communities of Chaco. *Estudiosavanzados*, (23), 46-63. Recuperado de <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/ideas>
- Higuchi, M. I. G., Kuhnen, A., & Pato, C. (2019). *Psicologia Ambiental em contextos urbanos*. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196574>
- Hönke, J., & Cuesta-Fernandez, I. (2017). A topological approach to infrastructure: Political topography, topology and the port of Dar es Salaam. *Environment and Planning D: Society and Space*, 35(6), 1076-1095. doi:10.1177/0263775817707762
- Johnson-Lawrence, V., Schulz, A. J., Zenk, S. N., Israel, B. A., & Rowe, Z. (2015). Does territoriality modify the relationship between perceived neighborhood challenges and physical activity? A multilevel analysis. *Annals of epidemiology*, 25(2), 107-112. doi:10.1016/j.annepidem.2014.11.019
- Lefebvre, H. (1991). *O Direito a cidade*. São Paulo: Ed. Moraes Ltda.
- Lima da Silva, M., & Tourinho, H. L. Z. (2017). Território, territorialidade e fronteira: o problema dos limites municipais e seus desdobramentos em Belém/PA. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 9(1), 96-109. doi:10.1590/2175-3369.009.001.ao09
- Martins Medeiros, J. M., Correa Neto, J., & Medeiros, M. M. (2017). Territoriality of public space in a riverside city in the Brazilian Amazon-Afua, Para. *Confins-revue franco-bresilienne de geographie-revista franco-brasileira de geografia*, 31. Recuperado de: <https://journals.openedition.org/confins/11935>
- Moreira, J. D. F. R., & Santos Maia, C. E. (2017). *Spatial strategies in the lgbt pride in goiania, goias*. *Boletim goiano de geografia*, 37(2), 263-281. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337152480007>
- Mourão, A. R. T., & Bomfim, Z. A. C. (2011). Identidade social urbana. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Temas básicos de Psicologia Ambiental* (pp.217-226). Petrópolis: Vozes.

- Mourão, A. R. T., & Cavalcante, S. (2011). Identidade de lugar. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Temas básicos em psicologia ambiental* (pp. 208-216). Petrópolis: Vozes.
- Murphy, AB (2012). Entente Territorial: Sack and Raffestin on Territoriality. *Meio Ambiente e Planejamento D: Sociedade e Espaço*, 30 (1), 159–172. doi:10.1068/d4911
- O'Brien, D. T. (2016). Using small data to interpret big data: 311 reports as individual contributions to informal social control in urban neighborhoods. *Social science research*, 59, 83-96. doi:10.1016/j.ssresearch.2016.04.009
- Pinheiro, J. Q., & Elali, G. A. (2011). Comportamento socioespacial humano. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Temas básicos de Psicologia Ambiental* (pp. 144-158). Petrópolis: Vozes.
- Prado Júnior, V. I., Amaral, F. B., & Barbosa, Y. M. (2018). Epistemologia do território: a prostituição masculina em Goiânia. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 10(2), 335-345. doi:10.1590/2175-3369.010.002.ao14
- Preciado-Trujillo, A. (2017). La territorialidad en el proceso de la migración: Un acercamiento a la cartografía de proximidad. *Bitácora Urbano Territorial*, 27(3), 149-154. doi:10.15446/bitacora.v27n3.66792
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of environmental psychology*.
- Rodriguez, A., Ferreira, R., & Arruda, A. (2011). Representações sociais e território nas letras de funk proibido de facção. *Psicologia em Revista*, 17(3), 414-432. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682011000300006&lng=pt&tlng=pt
- Rodríguez-Mancilla, M., & Grondona-Opazo, G. (2018). Luchas urbanas en barrios populares de la ciudad de Quito: territorialidad e historicidad desde las voces de sus protagonistas.

- Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 8(1), 102-123. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.26864/pcs.v8.n1.6>
- Roks, R. A. (2019). In the 'h200d': Crips and the intersection between space and identity in the Netherlands. *Crime, Media, Culture*, 15(1), 3-23. doi:10.1177/1741659017729002
- Rosendahl, Z. (2005). *Território e Territorialidade: Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião*. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, São Paulo. Recuperado de <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx>
- Sack, R. (1986). *Human territoriality: Its theory and history*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (2011). O dinheiro e o território. In M. Milton et al. (Org.), *Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial* (pp. 13-21). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Sartre, J. (2015). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão, (24 ed.). Petrópolis, RJ: Vozes (Originalmente publicado em 1943).
- Sartre, J. P. (1979). *Questão de método*. São Paulo: Difusão Editorial.
- Serra, D. R. O. (2017). The touristification space process in sanctuaries and events catholics: an analysis about the cirio de nazare in belem-pa/o processo de turistificacao do espaco em santuarios e eventos catolicos: uma analise sobre o cirio de nazare em belem-pa. *Geo Uerj*, (30), 240-277. doi:10.12957/geouerj.2017.18275
- Theodoroviys, I. J., & Higuchi, M. I. G. (2018). Territorialidades. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura na relação pessoa-ambiente* (pp. 228-223). Petrópolis, Rj. Vozes.
- Torraco, R. J. (2005). Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human resource development review*, 4(3), 356-367. doi:10.1177/1534484305278283

- Yeganeh, M., & Kamalizadeh, M. (2018). Territorial behaviors and integration between buildings and city in urban public spaces of Iran's metropolises. *Frontiers of Architectural Research*, 7(4), 588-599. doi:10.1016/j.foar.2018.06.004
- Zube, E. H., Sell, J. L., & Taylor, J. G. (1982). Landscape perception: research, application and theory. *Landscapeplanning*, 9(1), 1-33. doi:10.1016/0304-3924(82)90009-0

5.2 ARTIGO 2 - Coletivo Artístico-Cultural, Mulheres e Territorialidades: Espaços de (re)existências entre corpos e movimentos na cidade

“A verdade de uma cidade são os habitantes”

Simone De Beauvoir

Resumo: Este estudo busca compreender as territorialidades de mulheres na cidade de Manaus e tem por objetivos caracterizar as atividades do grupo artístico cultural que participam e identificar os sentidos atribuídos à cidade a partir das intervenções produzidas no território. O percurso metodológico, de abordagem qualitativa, passou pela observação participante, aplicação de questionário com uma das responsáveis pelo grupo e a utilização dos “Mapas Afetivos” como recurso para acessar as vivências dessas mulheres em suas cidades. Os resultados detalharam o modo como essas mulheres se relacionam com a sua experiência de vida urbana. A cidade apresenta-se não só como espaço de transição, mas é dotada de sentidos e significados que se confundem com suas histórias de vida. Essas histórias estão atravessadas pela vivência no coletivo que ocupam espaços nas ruas da cidade e mediam seus lugares no mundo. Essas mulheres encontram na dimensão cultural um locus de visibilidade social, a partir do que são vistas, ouvidas, agem e transformam o mundo e fazem acontecer o seu lugar de cidadãs. As territorialidades, vão além da ocupação e das fronteiras físicas do espaço, pois permeadas pelos afetos, é possível anunciar um futuro que supere as dificuldades de uma trajetória e um presente marcado por desigualdades.

Palavras-chaves: Territorialidade, afetividade, mulheres, cidade, coletivos.

Abstract: This study seeks to understand the territorialities of women in the city of Manaus and aims to characterize the activities of the cultural artistic group that participates and identify the meanings attributed to the city from the interventions produced in the territory. The methodological course, with a qualitative approach, passed through the participant observation, application of a questionnaire with a responsibility for the group and the use of two "Affection Maps" as a resource to access the experiences of women in their cities. The results detail how these women relate to their experience of urban life. The city is presented not only as a space of transition, but is endowed with senses and meanings that are confused with their life stories. These stories are crossed by the collective experience that occupies spaces in the streets of the city and through its places in the world. These women find in the cultural dimension a locus of social visibility, from which they are seen, heard, age and transform the world and make it

happen or their place of cities. As territorialities, beyond the occupation and the physical borders of space, are permeated by affected hair, it is possible to announce a future that overcomes the difficulties of a trajectory and a present marked by inequalities.

Key-words: Territoriality, affection, women, city, groups.

Introdução

Embora espaço e tempo sejam dimensões em destaque tanto nas ciências humanas e sociais, bem como nas filosofias que se propõem a conhecer a condição humana, é notório que durante muito tempo a psicologia tradicional negligenciou a importância dos espaços vitais como elemento indispensável para tal compreensão. É preciso compreender que diferentes teorias da psicologia são tentativas de cartografar as paisagens da subjetividade, o que fortalece a noção de territórios como fenômenos existenciais (Rolnik, 1997). Contudo, ainda que alguns campos, especialmente a psicologia social e a psicologia ambiental tenham direcionado um olhar específico e cauteloso para a relação pessoa-ambiente, muitas vezes, na psicologia de modo geral, esse olhar ainda adjetiva ora pessoas, ora ambientes, desconsiderando o caráter de reciprocidade necessário para a compreensão dessa dimensão da existência.

Ademais, mesmo que muitos estudos tenham avançado nas últimas décadas atestando as implicações recíprocas entre pessoa-ambiente em diferentes contextos e elevando a disciplina da psicologia ambiental dentro das psicologias e áreas afins, a questão de gênero aparece de forma elementar nos resultados de pesquisas evidenciando que há diferenças significativas, porém pouco exploradas no que se refere às espacialidades e, portanto, até mesmos expoentes teóricos da disciplina reconhecem a necessidade de realizar estudos e ampliar o debate sobre a questão de gênero como um dos importantes objetivos a serem alcançados para o Século XXI (Moser, 2003). Além disso, tal discussão precisa ser aprofundada, considerando as múltiplas violências enunciadas e perpetuadas de modo silencioso na relação pessoa-ambiente mediada por desigualdades de criação, acesso e usabilidade de espaços por e para mulheres (Silveira, Sousa, Thurow & Ribeiro, 2019).

Tomando emprestado o conceito de territorialidade - oriundo de outras áreas do conhecimento e em uma perspectiva interdisciplinar - entendido como forma de se relacionar, comunicar e transformar o território - o presente trabalho busca apresentar o entendimento de como se estabelecem a relação com o território de mulheres que participam de um coletivo artístico/cultural com caráter de movimento feminista na cidade de Manaus. Acredita-se necessário destacar a questão da pandemia como importante demarcador-espaço temporal, uma

vez que muitas formas de lidar com o espaço foram (im)possibilitadas mediante as limitações vivenciadas durante a pandemia decorrente da covid-19, iniciada em março de 2020, e todos impactos psicossociais deflagrados pela situação (WHO, 2020). No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de saúde anunciava que o mundo estava vivendo uma pandemia e medidas de isolamento e quarentena eram necessárias para a mitigação do vírus. Nesse período, a humanidade se deparava com um fenômeno novo e que ameaçava a própria vida. Já em abril de 2020, Boaventura de Sousa Santos escrevia sobre a cruel pedagogia do vírus e já falava de suas preocupações a respeito das consequências mais nocivas da quarentena e dos modos de vida impostos pelo período pandêmico para públicos vulneráveis como as mulheres, que já vivenciavam situações de desigualdades e violências antes mesmo da pandemia. Para o autor, o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado deixam suas marcas mais veementes em períodos de crise, como este e, infelizmente, em 2021, foi possível verificar como as mulheres continuavam sofrendo os efeitos do recrudescimento da violência na pandemia, pois a violência doméstica e o feminicídio aumentaram consideravelmente em relação aos anos anteriores (Mainart & Silva, 2021).

Muito antes do contexto pandêmico, estudos denunciam que as mulheres não possuem as mesmas condições que homens para enfrentar as demandas da vida no contexto urbano, principalmente as mulheres da classe trabalhadora (Macedo, 2002). Os movimentos e encontros de mulheres que reivindicam seu espaço nas cidades é fundamental e podem ser vistos como um fator de proteção, a despeito de todas as violências possíveis nas ruas. Entretanto, com a pandemia desencadeada pela COVID-19, essa possibilidade de encontro e espaço foi afetada. Ao mesmo tempo que ficar em casa era uma estratégia de saúde pública para manter as pessoas protegidas do coronavírus, para muitas mulheres, a casa era um ambiente de total insegurança.

Assim, faz-se ainda mais necessário buscar uma compreensão sobre o fenômeno vivido a partir de corpos em movimento de mulheres, justamente em uma perspectiva que considera a relação pessoa-ambiente de forma recíproca, a partir do conceito de territorialidades e sua indissociabilidade do conceito de território, tomado como movimento vivo e ação de transformação social, conforme perspectiva de Milton Santos. Santos (2020) afirma que para compreender a cidade não apenas como objeto, e sim como modo de vida, é preciso atentar a aspectos múltiplos e complexos da relação entre pessoas, sociedade e o próprio espaço do cidadão.

Adota-se, portanto, como referencial teórico a Psicologia Ambiental valorizando a perspectiva desenvolvida em território brasileiro, que considera as contribuições da psicologia sócio-histórica e das produções latino-americanas, especialmente o conceito de territorialidades

a partir de Milton Santos (Moser, 2018; Bomfim, 2010; Santos, 2021). Agrega-se a este referencial, em um diálogo interdisciplinar, a leitura da filosofia e psicologia existencialista, ancorada nas ideias de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Volta-se, ainda, na releitura de Milton Santos sobre a ontologia fenomenológica dialética de Sartre, repercutindo em contribuições únicas na concepção de território para além das fronteiras físicas, mas como dimensão existencial e de ação e transformação humana. Milton Santos, um dos maiores intelectuais brasileiros, oferece importantes apontamentos para diálogos interdisciplinares entre filosofia, geografia e áreas afins.

Ancorada, ainda, em perspectiva existencialista e nas contribuições de Simone de Beauvoir, discute-se o espaço para mulheres a partir das contribuições de um método fenomenológico descritivo da realidade que não é igual para todas e todos, visto que a mulher esteve historicamente condicionada a dominação masculina, sendo o outro do homem. (Beauvoir, 2016). A postura existencialista permite justamente que se compreenda as relações de forma complexa no seu caráter singular-universal, objetivo-subjetivo, sem psicologizar ou cair em um subjetivismo, mas entendendo cada ser em situação concreta. Por isso, acredita-se ser necessário um olhar situado para as problemáticas apresentadas neste trabalho. Tem-se, assim, uma perspectiva teórica que acredita na viabilização de entrelaçamentos da perspectiva existencialista com a perspectiva dos estudos sobre a relação pessoa-ambiente para compreensão das territorialidades e das afetividades que emergem na relação entre as mulheres que participam desses coletivos e vivenciam essa mediação a partir de um lugar no mundo: a cidade.

Disto isto, é importante apresentar alguns conceitos e noções importantes a respeito dos fenômenos estudados. Embora a pesquisa tenha um caráter fenomenológico e dialético e não se prenda a pressupostos a priori, é importante mencionar qual conceito de cidade e de coletivo artístico-cultural se apresentam enunciando o olhar sobre os dados obtidos na pesquisa, visto que não se tratam apenas de dados, mas de registros de pessoas, situações e espaços de vida. E tais registros são analisados por uma pessoa que não se restringe a lógica de uma pesquisa totalmente neutra, nem acredita que essa lógica seja absolutamente possível quando se trata da condição humana. Simone de Beauvoir, ancorada não apenas em uma teoria filosófica, mas em sua forma e visão de mundo existencialista afirmava que “um existente não é senão o que faz; ... medem-no pelos seus atos” (Beauvoir, 2016b, p.333).

A cidade, por sua vez, como macro ambiente, tem sido palco principal das ações e indeterminação da existência. De acordo com dados apresentados pelas Nações Unidas, estima-se que até 2030, seis em cada dez pessoas viverão em áreas urbanas (ONU, 2019) Viver na

cidade aparece como um fenômeno urbano a ser investigado e requer, como diria Lefebvre (1991), uma ciência que tome a cidade como objeto e discuta o direito à cidade como direito à própria vida. A cidade precisa ser entendida de forma ampla e não como uma entidade abstrata.

O urbanismo como modo de vida abarca muito mais do que fatores referentes à entidade física da cidade (Wirth, 1973). Para Simmel (1973), os maiores e mais graves problemas da vida moderna derivam da pretensão do indivíduo em preservar a autonomia e individualidade, ao desconsiderar a historicidade e a força da sociedade na qual está inserida. Ao levar adiante uma postura nada otimista a respeito do urbanismo como modo de vida, Wirth (1973) concebe a pessoa urbana como uma vítima da densidade populacional e dos diversos problemas existentes na cidade, que tem as vinculações afetivas destruídas e o isolamento como marca da vida urbana. Especula-se que na cidade os processos acelerados de competição, divisão do trabalho e individualismo geram o enfraquecimento de valores coletivos (Soczka, 2005).

Nessas perspectivas, as cidades favorecem o isolamento, a apatia, o individualismo e relações sociais prejudicadas. Tais modelos talvez sejam úteis para explicar porque cidadãos passam apressados por uma multidão em uma estação de metrô ou nas ruas da cidade e não param para ajudar alguém ao ouvir um pedido de socorro, ou mesmo para entender como a violência urbana tem sido tão naturalizada, a ponto de não causar mais surpresa e gerar mobilizações (Rolnik, 1997).

A despeito do processo de individualização ou de serialização e solidão (Sartre, 2002) que a experiência na cidade produz, as pessoas urbanas continuam a necessitar de vínculos sociais e de teias que possibilitem encontros nesse espaço (Soczka, 2005). Nesse sentido, as ruas das cidades aparecem como possibilidade de deliberações que favoreçam estilos de vida mais saudáveis ainda que em ambientes mais exigentes. A cidade não pode ser considerada como algo abstrato, nem tampouco como algo que se restringe apenas ao nível físico, mas é mediada pelas relações que nela ocorrem se construindo e transformando-se mutuamente. Rolnik (2017) na busca de uma definição ou elemento essencial da cidade em qualquer tempo e lugar, fala que seria possível considerá-la como um ímã: “um campo magnético que atrai, reúne e concentra” as pessoas (Rolnik, 2017, p.12). Nesse sentido, a autora reforça a ideia de cidade como lugar de encontros diversos e o fato de que não se pode falar em cidade sem falar em política e sem notar a presença do coletivo.

Costa e Vieira (2014) apresentam importantes questionamentos sobre a forma como as casas, ruas e cidades são construídas e as ideologias por trás das propostas destas construções. Apontam que o conhecimento de fato não é neutro e as teorias e prática sobre o urbanismo tem se imposto por e para homens, sexo masculino, de forma hegemônica. Pensar nas cidades para

as mulheres, para as diferentes classes sociais e diferentes padrões culturais, ainda parece ser um desafio para arquitetos e urbanistas, geógrafos, antropólogos e, até mesmo, psicólogos ambientais.

A cidade pode ser concebida como um mosaico cultural, que abarca diferentes aspectos sociais com funções diferenciadas e formas peculiares de viver o cotidiano conforme crenças, ideologias, valores, costumes e representações sociais. E, por isso, entende-se que o meio urbano é particularmente fértil na geração de estimulações e experiências extremamente diversificadas” (Soczka, 2005, p. 94). Torna-se imprescindível, portanto, considerar a dimensão cultural no contexto das relações urbanas (Moser, 2018) para se pensar a potência da vida existente nas paradoxais relações de urbanidade contemporânea, assim como para refletir sobre o papel dos movimentos sociais e culturais no processo de luta pela garantia da cidadania, dos direitos humanos, do acesso aos bens culturais, os quais passam pelo direito à cidade para todas e todos.

Cultura é um termo polissêmico, pois abarca muitos fenômenos e pode ser tomado em muitas perspectivas. De acordo com Ratner (2011, p. 307), a cultura consiste em um “sistema de atividades culturais, artefatos, conceitos e fenômenos psicológicos”. Para Milton Santos (2020), as noções de territorialidade e cultura são de certo modo sinônimos. O autor afirma que a cultura é uma “forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver.” (Santos, 2020, p. 81). Portanto, para ele, a cultura é o que permite consciência de pertencer a um grupo do qual cada indivíduo é o próprio cimento que ajuda a edificar essa construção. Para ampliar o olhar sobre as territorialidades, é preciso fazê-lo considerando a questão de como as mulheres especificamente as vivenciam uma vez que a noção de territorialidade é incompleta se não acrescentarmos a ela os atravessamentos de gênero que são perpetuados (Velasco, 2012).

A dimensão cultural precisa ser considerada no fenômeno urbano (Moser, 2018) e pode ser considerada um indicador de promoção de saúde e bem-estar (Buss, 2000, Buss & Pellegrini Filho, 2007). A expressão de fenômenos culturais permite dar voz às pessoas na cidade e viabiliza sociabilidades urbanas capazes de gerar uma relação afetiva com a cidade que promove cidadania (Moser, 2018). A cidadania diz respeito exatamente ao espaço no qual as pessoas desenvolvem seu modo de vida e podem realizar o seu ser de forma plena (Bomfim, 2010). Assim, "o sentido de ação e transformação na cidade, pelo cidadão, depende do desenvolvimento de ações potencializadoras, em que a afetividade pode ser um grande eixo integrador” (Bomfim, 2010, p.50) que orienta o encontro da pessoa com a cidade.

Nesta direção, as atividades culturais, como potencializadoras da vida e da cidadania, em função dos valores sociais e culturais compartilhados pela identidade singular e coletiva gerada neste compartilhamento, pela possibilidade da produção de uma coesão social mediada pela produção cultural, são formas de gerar afetividade entre pessoas e grupos. Considerando que a cultura transita entre a arte e a política (Bhabha, 2007), é possível falar sobre o Maracatu, enquanto expressão artística cultural que remete ao caráter transformador que pode culminar em movimentos sociais, que podem produzir mudanças nos espaços e lugares e se colocar na direção da busca pelo direito à cidade.

O Maracatu tem suas raízes em Pernambuco, mas disseminou-se por todo o Brasil e pelo mundo, como expressão cultural que se viabiliza a partir da síntese de vários elementos artísticos: música, dança e confecção de instrumentos. Como patrimônio cultural, o Maracatu só pode ser compreendido de forma complexa a partir de uma relação que envolve história, cultura e religiosidade (Alencar, 2015). Surgido em meados do século XVIII, a partir da miscigenação cultural da música africana, portuguesa e indígena, é considerado o mais antigo ritmo afro-brasileiro. Historiadores chamam a atenção que o Maracatu, embora tenha sido incorporado à música popular brasileira, não pode ser considerado somente um gênero musical, mas é marcado por matriz africana, nascido no terreiro e inspirado pelas divindades de religiões de matriz africana e todo um contexto das tradições do “povo de terreiro” (Chaves, 2017). O Maracatu foi reconhecido como patrimônio imaterial da cultura brasileira e se expressa de muitas formas. O Maracatu do Baque Virado, por exemplo, geralmente sai às ruas para desfiles e apresentações durante o Carnaval. As apresentações compostas por musicalidade e riqueza de simbolismos ocorrem por meio de cortejos que comunicam elementos da cultura brasileira e carregam elementos riquíssimos da população afro-brasileira (IPHAN, 2019).

Os Maracatus ganham vida a partir do grupo de pessoas que se organizam para tocar os instrumentos, conduzir cortejos e apresentações, bem como outras práticas inerentes ao seu movimento, levando adiante as manifestações históricas e culturais expressas por esta expressão artística. Dessa forma, é possível falar que os grupos de Maracatus, quando organizados com fins específicos de ocupação e expressão cultural, nos espaços que circundam, tornam-se movimentos sociais e, portanto, de territorialidades. Diferentes concepções teóricas consideram que os movimentos sociais têm como aspecto central a ação coletiva, a busca da transformação de valores da sociedade, bem como a negociação e a mediação de conflitos sociais (Alexandre, 2018). Práticas culturais que buscam transformar o contexto onde se inscrevem, organizadas em movimentos coletivos, tendo na arte o elemento de intervenção no território, possibilitam pensar cidades mais inclusivas, e por isso sustentáveis.

Como pensar estas relações entre o espaço urbano e suas territorialidades e movimentos culturais que se coloquem como promotores de saúde e bem-estar? A resposta exige uma articulação interdisciplinar, pois são várias dimensões de um fenômeno complexo que tem que ser considerado. Sendo assim, busca-se estabelecer nesta tese uma tessitura dialógica entre: a psicologia ambiental, suas discussões sobre território, territorialidades, apego ao lugar e direito à cidade; os fundamentos da psicologia existencialista, amparada em uma fenomenologia dialética e uma antropologia estrutural e histórica, a antropologia cultural, a geografia, a sociologia, para discutir cidade, cultura e movimentos sociais.

É possível compreender a arte também como acontecimento. E como acontecimento o é somente enquanto está sendo, conforme processo de criação que não se deixa capturar sem a experiência criativa (Zanella, 2012). Em diferentes concepções epistemológicas, é possível reconhecer o papel transformador da arte e a relação arte-vida. De todo modo, seja em maior ou menor proporção, se é que é possível mensurar aspectos tão subjetivos, verifica-se o papel político da arte como ação transformadora (Rancière, 2010).

Em concepções existencialistas, Sartre (1989) no contexto histórico em que desenvolvia sua obra falava sobre arte significativa e não significativa para discutir a arte engajada e falar do papel da arte enquanto certa função transformadora da vida que afeta e é afetada por esta. Isto porque “uma emoção remete ao que ela significa. E o que ela significa, é de fato, a totalidade das relações da realidade-humana com o mundo” (Sartre, 2019, p.92). Assim, a partir de uma leitura sartriana é possível afirmar que a arte engajada possibilita abertura do campo de possíveis para as pessoas e transforma espaços de vida.

Portanto, aqui trataremos de um grupo de mulheres que se organiza como movimento artístico-cultural, todavia reconhece que esta é parte da narrativa de uma pesquisadora que busca descrever sua experiência e olhar muitas vezes limitados, pois ninguém melhor do que as pessoas que vivenciam essa forma de expressão e transformação para delimitá-la. Tal grupo também se caracteriza como movimento feminista e as participantes fazem questão de nomear seu grupo como algo para além de expressão artística e cultural, mas agregando a um movimento social de resistência e superação de opressões naturalizadas e sustentadas por desigualdades de raça, classe, gênero e tantas outras.

Ressaltamos que é importante considerar a questão de gênero, além de fenômeno, como uma perspectiva teórica da realidade e que o território não é apenas um espaço físico delimitado, mas sim um espaço que adquire uma conotação política, histórica e social que se expressa como territorialidade, ou seja, como sentimento de pertença e identidade (Velasco, 2012). Torna-se relevante acionar compreensões de sentidos e significados pelas mulheres em seus espaços de

vida e por isso neste trabalho compreende-se em uma perspectiva dialética que o significado é aquilo que é compartilhado e construído coletivamente e o sentido como algo que pode se singularizar para cada pessoa (Sartre, 2022). Ao admitir que os sentidos são permeados por afetos e estes como elementos constituintes de territorialidades, o presente estudo busca compreender as territorialidades de mulheres na cidade de Manaus e tem como um dos objetivos caracterizar as atividades do grupo artístico cultural que participam e identificar os sentidos atribuídos por estas a partir das intervenções produzidas no território.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, exploratório e descritivo. Trata-se de uma forma de pesquisa que assume o olhar criativo como elemento primordial para a construção do conhecimento (Minayo, 2008; Minayo, 2017). A pesquisa exploratória objetiva fornecer uma visão geral sobre um tema ainda pouco explorado e a pesquisa descritiva objetiva estudar características de um grupo ou de determinados fenômenos (Gil, 2007).

No presente estudo, tanto pesquisadora quanto as participantes assumiram uma postura mais participativa, no sentido em que a pesquisadora se inseriu tanto como observadora ativa de apresentações e movimentos pela cidade (Minayo, 2008), como esteve presente em alguns encontros do grupo. O estudo configura-se como um tipo de pesquisa com metodologia participativa visto que diante dos múltiplos métodos abordados, possibilitaram na medida do possível, alternativas e roteiros que facilitaram a participação dessas mulheres.

Instrumentos e procedimentos

Os recursos metodológicos passaram pela utilização de: a) observação participante, com anotações em diários de campo; b) questionário, na modalidade auto aplicado; c) Mapas Afetivos, como recurso para acessar as vivências dessas mulheres em suas cidades.

Os diários de campo foram fundamentais para construção de um questionário sobre a história e atividades culturais do grupo, respondido pela coordenadora do mesmo na época da pesquisa. O questionário corresponde a uma variante escrita da entrevista, mas é autoaplicável. E pode ser utilizado quando há um propósito mais objetivo do que se almeja (Günther et al., 2008). O presente questionário atuou como recurso auxiliar para caracterização do grupo junto aos demais instrumentos utilizados nesta pesquisa.

Os mapas afetivos aparecem como possibilidade de investigar a relação de apego dos habitantes com a cidade. São utilizados como recurso para representações do espaço, sendo esse reconhecido a partir da relação com o ambiente como território emocional, numa perspectiva que compreende a dimensão objetiva e subjetiva, de forma dialética (Bomfim, 2008; Bomfim et al., 2014). O Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) foi desenvolvido por Zulmira Bomfim (2010) e é composto por: 1) o desenho com o objetivo de facilitar a expressão dos sentimentos e emoções atrelados cidade; 2) o significado do desenho expresso pela própria participante da pesquisa que explica o que o desenho representa; (3) os sentimentos propriamente ditos, com a realização de uma descrição dos sentimentos que surgem a partir da elaboração do desenho; 4) as palavras-síntese, em que solicita-se o levantamento de palavras que resumem os sentimentos evocados pelo desenho. O instrumento também inclui uma escala do tipo Likert que permite uma análise quantitativa do instrumento, mas que não foi utilizada para análise quantitativa no presente estudo.

As observações ocorreram entre dezembro de 2019 e fevereiro de 2020, isto é, anteriormente ao estado de pandemia vivenciado. O questionário foi aplicado em fevereiro de 2020 para caracterização geral do grupo e das atividades realizadas. Já os mapas afetivos para se aproximar das vivências afetivas dessas mulheres e de sua relação com a cidade foram realizados apenas entre dezembro de 2020 e março de 2021, em virtude das dificuldades e impedimentos impostos pelo momento pandêmico.

Essa etapa foi realizada de forma online, sendo que se optou por enviar o IGMA para a coordenadora do grupo que, por sua vez, o enviou para o grupo de mulheres e a partir das interessadas fornecidos pela coordenadora do grupo, houve contato com cada uma convidando para participar dessa etapa da pesquisa.

Participantes

Os dados do questionário ofereceram uma visão geral do grupo e da forma que elas se organizavam para torná-lo possível. Conforme o questionário respondido por uma das coordenadoras do grupo, apenas dez mulheres participavam ativamente das atividades antes da pandemia. No momento da aplicação dos mapas afetivos, algumas dessas mulheres já não participavam mais do grupo, algumas relataram covid no momento do contato e apenas quatro responderam o IGMA gerando o Mapa Afetivo da cidade de Manaus.

Análise dos dados

Utiliza-se como recurso de análise para a própria observação participante e o questionário, um olhar a partir do método fenomenológico para descrição das experiências relatadas e vividas. O enfoque fenomenológico compreende a experiência vivida não apenas como uma realidade subjetiva, mas relaciona-se com um mundo objetivo do qual todas as pessoas fazem parte mediante a própria experiência (Bicudo, 2011). Uma abordagem fenomenológica e dialética pressupõe uma visão complexa a respeito dos fenômenos estudados, ao não negar a materialidade do mundo nem aspectos singulares de cada pessoa e tem sido de grande valia para estudos que se dedicam a compreensão a respeito dos espaços de vida (Serpa, 2019).

Para análise dos Mapas Afetivos, realizou-se uma análise de conteúdo com categorias prévias (Bardin, 2010) inspirada em trabalhos realizados por pesquisadores que utilizam os IGMA em seus estudos e ajudam a desenvolver o instrumento no Brasil (Feitosa, 2014; Lima, 2019). O software de análise qualitativa Atlas.ti (Versão 9.1) foi utilizado como recurso auxiliar para gerar análises qualitativas sobre o IGMA, que também busca identificar os caminhos percorridos na cidade pelas mulheres participantes do grupo e permite ampliar a compreensão sobre suas territorialidades. A pesquisa foi aprovada, em 2019, pelo Comitê de ética em pesquisa com seres humanos, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob número 3.700.980.

Resultados e Discussão

Para contextualizar a situação e a experiência descrita aqui do Grupo cultural de Mulheres é preciso situar a observação participante realizada ainda em um mundo pré-pandêmico. Ainda no contexto pré-pandêmico falamos de um Brasil, um país colonizado por muitos anos e nas últimas décadas estava tendo as ruas ocupadas com movimentos de diferentes vozes e disputas não tanto de espaços, mas muitas vezes de narrativas, pois é um país que cresceu e evoluiu carregando ainda muitos retrocessos (Maricato, 2000). Desde as manifestações de 2013 às ruas viraram cenário para manifestações políticas com diferentes objetivos (Serpa, 2019).

Os movimentos sociais em busca de superação de desigualdades de diversas ordens, ganharam ainda mais espaço, não só em ruas centrais e midiáticas, mas nos lugares periféricos nos quais sempre ergueram suas vozes. Aqui retornamos no primeiro contato pessoal com as

mulheres que participaram da pesquisa, julho de 2019. Ao fundo, o teatro Amazonas. No chão do Largo São Sebastião – praça central e turística em Manaus, uma toalha estendida em formato circular e um grupo de oito mulheres sentadas. Ao lado, instrumentos musicais ou portadores do que transformaria aquele encontro em Maracatu. Tratava-se de uma oficina, uma reunião aberta do grupo, no qual as mulheres falavam sobre sua experiência no coletivo, o modo como se sentiam acolhidas e o modo com o grupo fazia sentido para elas. É nesse pré-campo que conheço algumas das mulheres que são a voz desse estudo. Questiona-se aqui quais territorialidades são possíveis para as mulheres que participam de movimentos e buscam erguer vozes em busca de direito, espaço e cidadania? Para quem é garantido o direito à cidade e que corpos e vida importam?

No momento da observação-participante de janeiro de 2020 o cenário era diferente do observado em 2019. O encontro deveria ter acontecido semanas antes, em uma praça pública da cidade sem área coberta, mas devido a uma forte chuva na cidade o encontro foi cancelado. Como não conseguiam mais se reunir com facilidade nas praças públicas, nesse dia o encontro aconteceu na casa de uma delas, é um dos assuntos mais comentados entre elas, que as mobilizou, antes de iniciar a reunião foram as notícias compartilhadas em posts de redes sociais em janeiro de 2020, que revelavam como policiais interromperam com truculência o ensaio de mulheres que participavam de um coletivo artístico/cultural em uma cidade do interior do sul do país. Tentavam justificar afirmando que as mulheres faziam seu trabalho quando da reclamação de moradores incomodados com o “barulho” decorrente do ensaio.

Destaca-se esse episódio, pois mesmo acontecendo no sul do país ele reverberou no Norte durante o primeiro encontro oficial com o coletivo de mulheres na cidade de Manaus e revelava um certo retrato do país e do momento histórico vivido, entre aumento do conservadorismo e a resistência dos movimentos sociais e culturais. Esse foi o primeiro encontro realizado após autorização do Comitê de Ética. O encontro serviria para apresentação novamente e convite às demais etapas da pesquisa que poderia ser realizada individualmente ou não.

Nessa reunião de encontro para ensaio, as mulheres mencionaram como esse episódio noticiado amplamente as mobilizava e rememoram momentos em que situações similares aconteceram com elas ao serem coibidas de realizar ensaios em determinados espaços públicos da cidade reservados para serem atração turística e desconsiderando as necessidades locais muitas vezes. Por isso, elas precisavam escolher praças públicas menos utilizadas e mais distantes ou até mesmo com segurança limitada para não serem impedidas de realizar seus ensaios e encontros. Em outros momentos, precisavam encontrar espaços em casas de amigas,

parceiras e participantes do coletivo. Às vezes, escapavam das ruas e tinham de lidar com críticas de vizinhança e pessoas incomodadas com os ruídos advindos do ensaio. Teorias da psicologia ambiental que estudam a relação pessoa-ambiente costumam destacar o modo como os sons podem ser percebidos como barulho ou não dependendo de quem e como se produz o som. Para as mulheres que participam do movimento o som vibra, transforma, as coloca em consonância com o movimento - além do próprio corpo e dos instrumentos - que acreditam. Busca igualdade de gênero, espaço e lugar.

Ao responder o questionário sobre quais seriam os maiores problemas enfrentados para que os encontros do grupo ocorressem verificou-se que as intempéries naturais se apresentam como os maiores riscos oferecidos na cidade pois as vezes realizam ensaios e encontros em praças públicas ao ar livre e as chuvas interrompem esse encontro. Um dos objetivos da coordenação atual do grupo é conseguir uma sede para que possam ter segurança para guardar seus instrumentos e realizar as atividades do grupo como encontros de roda de conversa, ensaios e encontros para manutenção dos instrumentos.

Nota-se que territorialidades destas, quando associadas à rua, são permeadas por preconceitos e violências naturalizadas em uma sociedade com valores machistas. As mulheres estão mais expostas e ameaçadas nas ruas da cidade e, muitas vezes, as meninas e mulheres nas ruas são vistas como disponíveis para abordagens sexuais e exposição a diversas violências (Matias-Rodrigues & Araújo-Menezes, 2014).

A maioria das participantes iniciaram no Maracatu há mais de dois anos. Aproximadamente 10 mulheres participam ativamente dos encontros. O coletivo já chegou a ter 25 participantes, mas ultimamente esse número se movimenta bastante com a saída de participantes antigas e chegada de novas. A entrada e saída ocorrem por motivos diversos, tanto por haver discordâncias e desentendimentos como também por dificuldade de manterem-se frequentando os ensaios e eventos e fazendo com que algumas pessoas fossem mais ativas em um período e menos em outro saindo e voltando para o movimento. Esta movimentação ocorria antes mesmo do momento pandêmico. E as oficinas oferecidas aconteciam em espaços públicos e eram abertas com o objetivo de divulgar o coletivo e convocar participantes.

No período em que a pesquisa foi realizada, seis mulheres tocavam o agbê, instrumento feito com cabaça envolvida com miçangas e 5 mulheres tocavam alfaia, bombo feito de madeira, couro e amarrado com cordas de sisal que dão a afinação. De acordo com a coordenação desse grupo regional cada nação tem uma maneira de amarrar e afinar seus instrumentos.

Além de tocar os instrumentos, essas mulheres participam de atividades administrativas, rodas de diálogo, atividades para manutenção dos instrumentos, participação em debates e

convite de outros coletivos ou instituições para tocar e abordar pautas relacionadas a temáticas feministas e artístico-culturais na cidade. Os encontros acontecem semanalmente e elas buscam realizar encontros e reunirem-se em lugares que consideram seguros, como algumas praças públicas da cidade ou no quintal da casa de algumas das membras do grupo. Há sempre uma preocupação entre elas de buscar realizar encontros em locais acessíveis a todas e como todos os ônibus da cidade convergem mais facilmente para o centro, este acaba sendo a zona da cidade na qual se reúnem ainda que muitas delas morem na zona norte e leste da cidade.

De acordo com as informações obtidas pela coordenação do grupo, os momentos nos quais há mais participações das mulheres são nas apresentações em eventos. Eventualmente essas mulheres conseguem realizar submissão de projetos em editais e conseguem financiamento para deslocamentos em apresentações com cachês para participação dos eventos culturais da cidade.

A escolha da representante do coletivo acontece a partir do regimento do grupo nacional a qual estão associadas e que já possui características de um grupo institucionalizado, isto é, com regras mais definidas e operacionalizadas (Sartre,2002). Reverbera-se sobre este grupo institucionalizado que não é objeto de estudo desta tese, mas compõe a característica fundamental deste coletivo artístico-cultural de mulheres visto que tornou ele possível. Trata-se de um coletivo cultural e, portanto, comunica algo de valores, história e ancestralidade já que não se trata de um grupo de artísticas e musicalidade como expressão artística, mas de Maracatu como patrimônio cultural imaterial da humanidade (Alencar, 2015; Silva, 2018).

Assim o coletivo deve ter como coordenadora a pessoa que apita, isto é, a pessoa que conduz o ritmo musical do baque de maracatu, mas não apenas isso. O grupo da cidade de Manaus, em processo de organização, tinha duas coordenadoras no momento das pesquisas por definição da coordenação geral nacional. Uma delas era o apito e a outra auxiliava em questões gerais. Adentramos aqui em um aspecto complexo e multifacetado do que é um coletivo ou grupo de maracatu. E um grupo de maracatu é diferente de uma nação de maracatu. Mas o que isso significa? Significa até mesmo aspectos complexos demais para adentrar, a esse respeito, ótimos trabalhos amparados no lugar de fala de batuqueiras e batuqueiros foram desenvolvidos explicando o significado amplo do Maracatu (Alencar, 2015).

Não se pode falar em Maracatu sem falar em aspectos religiosos, o maracatu não é uma religião, nem tampouco somente expressão artística, mas expressa aspectos vivenciais de uma religiosidade na rua. Assim o papel de um apito, instrumento e liderança que conduz questões administrativas e espirituais do grupo é muito importante mesmo que a própria diferenciação entre o que seria um grupo e uma nação de maracatu ainda seja muito discutida e alguns

considerem o que difere nação de um grupo é seu componente religioso, mas não há um consenso sobre visto que muitas lideranças entendem que o que diferencia é o aspecto espiritual (Silva, 2018). O Maracatu que nasce em Pernambuco, no nordeste do país, espalha-se para diversos lugares do Brasil e do mundo. Assim um Maracatu-nação abarca um padrão de crenças, conhecimentos, costumes, que distinguem um grupo social e representam um dado lugar social e momento histórico. (Groppo & Monteiro, 2019).

Aqui estão as raízes para se pensar o Maracatu como um movimento complexo, artístico, social e cultural e até mesmo religioso, importante para discutir cidadania e direito à cidade. Entretanto, cabe aqui mencionar as reflexões de Milton Santos, na obra “O espaço do cidadão” ao falar que mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito básico sem os quais a existência não é digna (Santos, 2020). Por isso será possível dizer que existe um espaço das cidadãs e, por isso, é necessário um olhar que implique em uma questão de gênero. Os dados apresentados neste estudo são dados de existência e mostram a articulação entre a vivência de territorialidades na cidade mediada pelo grupo artístico-cultural de mulheres no maracatu. Essas mulheres expressam essa cultura popular na arte e na cidade, e aqui entende-se que a cultura é a mãe da arte (Sociedade Artística Brasileira, 2018) e arte realizada por essas mulheres a partir da experimentação do seu corpo e vozes na cidade ao som dos instrumentos de percussão do maracatu, dependem tanto da cultura popular para se expressar como da superação de uma cultura das massas que impõem a dominação de culturas hegemônicas e neste grupo em especial evidenciar a busca para superação das desigualdades entre mulheres que existe até mesmo em movimentos contra-hegemônicos como estes.

Milton Santos (2001) diferencia cultura de massas de cultura popular e fala que se a cultura das massas é imposta de cima para baixo de modo a tentar homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular, a cultura popular vem “de baixo” e é capaz de rivalizar pois representa as vozes de quem vive as injustiças socioespaciais e por isso apresenta-se como possibilidade de superação do que foi dado e ir em direção a metamorfoses do espaço, compreendendo o próprio território como espaço de vida.

O grupo considera ter uma boa relação com os outros movimentos culturais da cidade, recebem convites para apresentações em diferentes eventos e de diferentes grupos e são convidadas a fazer junto inclusive a própria programação dos eventos. Também mantém um bom relacionamento com movimentos sociais e políticos na maioria das vezes. Recebem convites para participar de atos políticos organizados por partidos e coletivos de esquerda e tentam participar na medida do possível por acreditar em pautas semelhantes. Ao responder sobre o que seria o cerne do projeto do grupo, uma das coordenadoras do grupo responde:

Como um movimento de empoderamento feminino dentro do maracatu, mas que não se limita ao baque, pois uma vez que as mulheres entram em contato com o feminismo, levam seus questionamentos para outros aspectos da vida. Inicialmente o baque era para que pudéssemos tocar os instrumentos que quiséssemos e entre mulheres, o que nos daria mais confiança, afinidade, intimidade, sem um homem na frente apitando ou apontando os erros da maneira que quisesse. O grupo logo se torna um espaço de diálogo, para além dos toques e apresentações e reflexões sobre assuntos que envolvem vivências femininas para além do maracatu. (Responsável local pelo coletivo, 37 anos)

Dessa forma entendemos que esse é um coletivo artístico-cultural, mas também um grupo com pautas feministas, compreendendo aqui o feminismo como movimento na busca de igualdade de direito de todas as pessoas (Hooks, 2019b). Destarte entende-se que análise do espaço deve acontecer a partir da interseccionalidade, considerando aspectos como classe social, gênero e raça, mas ainda há limitações ao trabalhar aspectos quanto à sexualidade e gênero (Borghi,2015). Ocupar as ruas, reivindicar direitos e lugares passa a ser uma tônica política de muitos movimentos, visto que as alianças realizadas incomodam o status-quo e expõem vidas não passíveis de luto, mas que existem e lutam por condições menos precárias de existir (Butler,2018).

Quanto às pessoas que se incomodam com os corpos em movimentos nas ruas das cidades e podem considerar tais sons como barulhos e fonte de incômodo, não há o que falar. O presente trabalho descreve apenas a fala e a experiência de mulheres que participam desses movimentos e acreditam que o incômodo gerado é por elas estarem erguendo suas vozes e reivindicando muito mais que espaços marginais. O direito à cidade é vivido por elas como engajamento e apropriação. Elas não se calam. Elas resistem, se reinventam, criam novas formas de usar e acessar o espaço; juntas tocam seus instrumentos, dançam e apresentam-se em cortejos pelas cidades, pelas ruas e praças, mesmo quando são convidadas a se retirar, por estarem incomodando, a quem enxerga na arte do som produzido apenas barulho ou uma ameaça aos valores tradicionais de uma sociedade em decadência. As territorialidades estão presentes não apenas no chão que ocupam para ensaiar, mas nas alternativas que buscam quando (re) existem, criam estratégias e continuam, porque como afirmam suas palavras, são tomadas pela experiência e como esta abre possibilidade para elas. Assim, abrem caminhos, espaços e lugares. Abrem-se possibilidades de encontro e de levar a sua voz a outras mulheres e o convite para sair de casa e transformar sua luta em um lar.

Desse grupo de aproximadamente dez mulheres, apenas quatro aceitaram participar da etapa de construção de um mapa afetivo da cidade de Manaus. É preciso enfatizar que essa

etapa da pesquisa foi realizada durante a pandemia da covid-19, passando pelo mês de janeiro de 2021, que ficará lembrado como o mês no qual centenas de brasileiros residentes na cidade de Manaus morreram por falta de oxigênio. Manaus, uma das capitais com maiores mortes pela covid e mais afetadas na primeira e na segunda onda, registra um triste marco na forma como o governo brasileiro lidou com a pandemia e, por muitas vezes, a cidade foi noticiada em páginas tristes pelo mundo afora, evidenciando as covas coletivas e o cenário de caos nas primeiras e segundas ondas da covid na cidade (Penha, 2020).

Por isso, respeitando o tempo dessas mulheres e a sua sensibilidade em realizar mapas afetivos da cidade de Manaus em tempos tão hostis, não houve insistência da pesquisadora com as quais não puderam responder na época, por estarem diretamente afetadas pela pandemia ou motivos pessoais. Entretanto, considerando a riqueza do singular-universal, as que aceitaram participar apresentam um modo de olhar a cidade que, ainda que seja único, individual e singular, perpassa por sua experiência no coletivo cultural-artístico e pelo que o ato de participar deste repercute nos caminhos traçados pela cidade.

Participaram da etapa referente aos mapas afetivos quatro mulheres do coletivo, sendo elas Da Paz, de 35 anos, que mora há 30 anos na cidade e é professora; Flores, de 31 anos que mora desde o nascimento na cidade e é artista visual; Glória que tem 27 anos, morou alguns anos no interior do estado e vive na cidade há 22 anos e é estudante de biologia e vendedora de uma loja; Alvorada de 26 anos que mora desde o nascimento e é cantora e historiadora.

A cidade de Manaus possui 63 bairros (Instituto Municipal de Planejamento Urbano, 2021). Para identificar essas mulheres os nomes escolhidos foram os de bairros da cidade de Manaus. Ao concordar com as palavras de Simone de Beauvoir (2018) - em seu livro autobiográfico “Memórias de uma moça bem comportada”, que a verdade de uma cidade está nas pessoas que a habitam, podemos sustentar que as mulheres que participaram desse estudo revelam alguma verdade sobre a cidade de Manaus, que permite compreender a forma que constituem territorialidades próprias com esse lugar. A maioria delas mora na cidade há mais de vinte anos e possuem relação de intimidade com o lugar, o que lhes permite relatar uma experiência não apenas apaixonada, mas também realista sobre o lugar.

É interessante notar ainda que esse estudo aborda as territorialidades de mulheres que participam de um coletivo artístico-cultural na cidade de Manaus, sendo que duas delas têm a arte efetivamente como profissão. Uma delas é cantora e a outra trabalha com artes visuais. Uma delas é professora e a outra trabalha como vendedora em uma loja da cidade. São mulheres diferentes, com trajetórias, idades e vontades, mas que compartilham em comum do habitar na

mesma cidade e participar de um coletivo de mulheres que se organiza culturalmente nesse espaço.

O IGMA como instrumento riquíssimo para uma metodologia participativa, permitiu realizar mapas afetivos da cidade de Manaus, a partir de um desenho que revelaram a imagem que cada uma daquelas mulheres tem da cidade. Entretanto, o desenho é apenas o ponto inicial, uma vez que o mapa afetivo só se concretiza a partir de uma análise complexa a respeito dos sentidos atribuídos pelas próprias mulheres participantes aos lugares que lhe são significativos.

É mediante o processo de articulação de sentidos que é possível visualizar os mapas afetivos e assim construir uma imagem da cidade a partir de uma análise qualitativa e das categorias propostas na tese de doutorado de Bomfim (2010) bem como nos estudos posteriores que aperfeiçoaram as categorias estabelecidas para conceber a imagem da cidade a partir dos mapas afetivos (Feitosa, 2014; Bomfim, 2014 et.al; Lima et al,2021). Assim, ao realizar um quadro categorial dos mapas afetivos mediante análise de conteúdo com categorias prévias obtém-se a possibilidade de cinco possíveis imagens da cidade que podem emergir, a saber: Pertencimento, Agradabilidade, Insegurança, Destruição e Contrastes (Bomfim, 2010; Pacheco, 2018; Lima, 2019).

É possível afirmar que a imagem *de pertencimento* é aquela na qual é possível observar a descrição de sentimentos de vinculação e desejo de permanecer no lugar. A imagem de *agradabilidade* de uma cidade caracteriza-se pela presença de elementos que envolvem aspectos positivos sem necessariamente haver desejo de permanência ou identidade, mas relaciona-se com sensação de bem-estar. A imagem de *destruição* evidencia a percepção de um ambiente mal zelado, sujo e com infraestrutura ruim ou precária. E a imagem de *insegurança* remete ao sentimento de sentir que este espaço não é seguro e oferece riscos ou ameaças. Há ainda a imagem de *contraste* que envolve polarização de imagens com potência de ação positiva ou negativa sobre o lugar (Feitosa, 2014).

Conforme estudos desenvolvidos por Lima et al. (2021) no que se refere a imagem de contraste é possível falar em contraste potencializador (abarca imagem de agradabilidade e pertencimento) e contraste despontencializador (abarca a imagem de destruição e insegurança). Destaca-se a confluência de fatores potencializadores e despontencializadores na relação com o ambiente marcado pela prevalência do aumento da potência de ação do sujeito (Bomfim,2019). O contraste despontencializador envolve a confluência de fatores potencializadores e despontencializadores na relação com o ambiente, todavia é marcado pela predominância da redução da potência de ação das pessoas sobre o lugar. Já o contraste potencializador, ainda que

possua aspectos despontecializadores revela a primazia do aumento da potência de ação da pessoa nesse ambiente.

O Quadro 7 apresenta uma síntese geral a respeito dos mapas afetivos de quatro das participantes do grupo de aproximadamente dez mulheres que tiveram disponibilidade para participar dessa etapa da pesquisa.

Quadro 7: Síntese dos Mapas Afetivos.

PARTICIPANTE	IMAGEM	METÁFORAS	QUALIDADES	SENTIMENTOS
Flores, 31 anos, Artista	Contraste (Agradabilidade x destruição) *Contraste Potencializador	Coração de Mãe	Calor incômodo Pessoas mal educadas Marcada por descaso de gestores Pessoas acolhedoras Cidade Maravilhosa	Amor, paz, alegria, diversão
Da Paz, 35 anos, Professora	Contraste (Destruição x Pertencimento) *Contraste Despontecializador	Engarrafamento	Cidade Grande Altas temperaturas Áreas de lazer naturais mal zeladas (Descaso)	Restrição; limitação; isolamento; controle; redirecionamento.
Glória, 27 anos, Atendente de loja	Agradabilidade	Barulho	Cidade Acolhedora	Felicidade, satisfação, leveza, liberdade
Alvorada, 26 anos, Historiadora e Cantora	Contraste (Pertencimento x Insegurança) *Contraste Potencializador	Cachoeira	Loucura cidadina Agitação Trânsito e tráfego intenso.	Ansiedade, desconforto, agitação, intensidade, curiosidade.

Fonte: Desenvolvida pela autora.

Este quadro síntese revela as respostas obtidas pelo IGMA a partir do desenho para, justamente, compreender e destacar a relação das respondentes com a cidade. Podemos destacar alguns sentimentos explicitados, com falas significativas sobre a cidade, como no depoimento abaixo:

A cidade é limitada pelo rio, então se desenvolveu "de costas" para ele. Nesse ponto, a relação da cidade com as águas fluviais, a meu ver, é de negligência, uma vez que uma cidade grande como Manaus só tem praticamente uma única praia, a Praia de Ponta Negra. Tendo crescido de costas para o rio, duas avenidas principais cortam a cidade seguindo

na mesma direção, indo para a saída terrestre da cidade (barreira). De certo modo, é como se a cidade não nos quisesse nela, ou nos direcionasse sempre para fora dela, para longe do rio e, simbolicamente, para longe de suas raízes. (Da Paz, 35 anos).

A última frase marca algo comum aos grandes centros urbanos, a experiência de exclusão de seus habitantes, uma cidade que esquece suas raízes e valorização de experiências voltadas para o rio e tudo aquilo que ele proporciona, em termos econômicos, mas também de natureza, beleza, mobilidade, cultura, mas que lhe dá as costas. A resposta sobre o que essas mulheres sentem e pensam da cidade trouxe respostas diversas, mas vamos destacar uma delas, que mostra a experiência ambígua com a cidade:

Manaus é uma cidade maravilhosa, embora eu reclame do calor, essa é a única coisa que me incomoda. Temos recursos, temos história, ancestralidade, raiz. Infelizmente, é mal administrada e uma péssima educação é repassada pra população. Mesmo assim, a grande maioria das pessoas são quentes e acolhedoras como o próprio lugar. Eu amo demais essa terra (Flores, 31 anos).

Outra das mulheres, quando solicitada para comparar Manaus a algo, afirmou: “Compararia como uma cachoeira que corre em toda sua intensidade, pelo movimento, porque não tem como controlar muito bem o curso de suas águas. Precisa de planejamento e muitas outras coisas para ter controle sobre” (Alvorada, 26 anos). Usou de uma metáfora interessante, que se liga com a resposta elucidada acima que falava do rio e suas águas, marca fundamental da cidade e da região, que por ser uma grande metrópole, tomada pela agitação e pela conturbação urbana, que ajuda a definir as condições de vida de seus habitantes, em especial daqueles que se colocam no lugar da crítica e da resistência cultural.

As imagens da cidade a partir dos mapas afetivos das participantes denotam, desta forma, a imagem de contrastes da cidade, ora potencializador, ora despontecializador e revelam a cidade como um lugar que acolhe, mas que, também, desassossega, pois está localizada num ponto geográfico de um calor incômodo, marcada pelo descaso de gestores, problemas de mobilidade, barulhos e todos fatores presentes no cenário de um ambiente urbano estressante (Moser, 2018).

Contudo, as territorialidades dessas mulheres, isto é, a forma com que se relacionam com o espaço, com sua cidade, a forma que se apropriam dela, marcada por contrastes, ainda indica possibilidades de transformação, uma vez que sentimentos de agradabilidade são bastante evidenciados. A escala de estima de lugar não foi analisada estatisticamente, mas a partir de uma análise qualitativa descritiva pode-se confirmar esta relação de agradabilidade

quando no questionário que compõem o IGMA, as quatro respondentes afirmaram que Manaus é parte de sua história, três das mulheres concordaram totalmente de que a consideram como algo seu, e de que se sentem identificadas, têm apego e fazem parte dela. As quatro afirmam ainda que as coisas que acontecem na cidade são importantes para elas e que tem prazer em viver nela. Ainda mais, as quatro discordaram da afirmação de que se sentem desamparadas pela cidade ou de que se envergonhariam dela. Mas aparece também sentimentos contrários, como quando as quatro afirmam que é uma cidade que traz riscos, e duas apontam situações constantes de perigo. As quatro concordam com a percepção de que Manaus oferece estruturas precárias.

Os mapas afetivos permitem aprofundar a compreensão sobre as afetividades da pessoa na sua relação com a cidade. Bomfim (2010) demonstra que a estima de lugar como categoria avaliativa de afetos de modo positivo ou negativo é capaz de promover implicações na relação de uma pessoa com a cidade. De acordo com as pesquisas desenvolvidas pela autora que articula o método de modo dialético, a estima de lugar positiva pode levar a pessoa a um maior engajamento na cidade e a estima de lugar negativa pode levar a um desengajamento, e consequentemente menor articulação com movimentos políticos, sociais e expressão de cidadania. Sob o mesmo ponto de vista acredita-se que a estima de lugar se relaciona diretamente com a constituição de territorialidades em uma cidade. À medida que uma pessoa tem uma estima valorativa que se relaciona com o apego ao lugar pela cidade é possível engajar-se, ocupar, comunicar e transformar as espacialidades, ou seja constitui territorialidades.

Há um risco de generalizar aspectos singulares, principalmente ao tomar a dimensão da emoção, na medida em que esta se relaciona com a afetação frente ao mundo e sua ressignificação (Sartre, 2019), que é vivido a partir das trajetórias pessoais e experiências subjetivas. Mas Sartre (2019) e Beauvoir (2016a, 2016b) afirmam em sua perspectiva existencialista que em toda a vivência singular há sempre uma dimensão universal, compartilhada social e sociologicamente com os outros, o que a torna sempre compreensível para uma outra pessoa.

Sendo assim, a Figura 8 permite visualizar em maiores detalhes um dos mapas afetivos de uma das participantes, para que se possa conhecer com mais detalhes este instrumento, representando um pouco o universo das respondentes.

Figura 8: Mapa Afetivo da cidade de Manaus – Por Flores.

Identificação			
Nome: Flores		Idade: 31	Profissão: Autônoma - Artista
Escolaridade: Ensino Superior Incompleto		Tempo de residência: 31 anos	
Significado: “O largo de São Sebastião é um lugar que significa confluência de personas, tribos, ideias.”	Qualidade: “Manaus é uma cidade maravilhosa, embora eu reclame do calor sempre que está, essa é a única coisa que me incomoda, temos recursos, temos história, ancestralidade , raiz. Infelizmente é mal administrada e uma péssima educação é repassada para a população, mesmo assim a maioria das pessoas são quentes e acolhedoras como o próprio lugar. Eu amo demais essa terra.” -Liberdade e igualdade (esse último, a maioria das vezes)	Sentimentos: “Me remete a paz, alegria, diversão... Geralmente era onde encontrava pessoas maravilhosas ou esperava por elas fazendo a fruição do cenário centro-manauara” - Paz, alegria, amor	Metáfora: “Coração de mãe”, sempre cabe mais um, mas tem que saber cuidar.
		Sentido: *A cidade é vivenciada como um espaço de trocas diversas no qual a história, cultura são valorizadas e mesmo com os defeitos das pessoas e do ambiente como má-educação e calor respectivamente, as qualidades da cidade e das pessoas se sobressaem. *A cidade permite sentimentos de bem-estar e acolhimento a despeito de dificuldades. *A cidade é vivenciada a partir dos contrastes ao mesmo tempo que o calor é um problema e as pessoas desse lugar podem ser mal educadas e ter mal gestores, a cidade também tem pessoas quentes e acolhedoras no sentido do afeto que dão significado maior a essa cidade.	
Estrutura do desenho: Metafórica			
Imagem da cidade: Contraste (Agradabilidade e Destruição)			
Contraste potencializador			

Os estudos sobre a relação pessoa-ambiente evidenciam o modo como o elo positivo com um lugar, ou seja, o apego ao lugar pode promover bem-estar e possibilidades de agir e transformar esse lugar (Felippe & Kuhnen, 2012). Para Sartre (2010) agir é mudar a figura do mundo. Essas mulheres vivenciam a cidade como lugar de encontro e transformação, nesse sentido os mapas afetivos dessas mulheres permitem acessar o modo como significam a cidade e como modificam a figura de seus próprios mundos a partir dessa experiência. A imagem da cidade revela recortes da experiência das participantes de um coletivo artístico-cultural de mulheres. O afeto positivo ou potencializador parece ser capaz de promover transformações está associado com maior possibilidade de engajamento (Brandão, 2010).

Milton Santos (2002) também admitia o poder das emoções, da organização em coletivos para superação das problemáticas vivenciadas em um mundo marcado por desigualdades e carente de revoluções. Só a partir dessa afetação é possível mobilização para ir em direção ao futuro desejado. Vale ressaltar as influências exercidas pelo existencialismo sartriano em sua obra e a importância que a geografia tem dado a possibilidade de conceber o espaço a partir da experiência vivida sob uma análise fenomenológica e dialética (Serpa, 2019).

É preciso lembrar que falamos de mulheres localizadas em um espaço-tempo. Mulheres do norte, amazônidas, em um contexto antropológico que em muitos momentos o lugar que cada pessoa habita é visto de forma marginalizada e não como centro (Alt, 2019). A história de vida dessas mulheres aconteceu e acontece na grande metrópole da Amazônia, com todas suas características urbanas e todas as contradições do que há entre a cidade e a floresta. As mulheres deste estudo reconhecem os aspectos destrutivos da cidade e também os aspectos que configuram um elo afetivo e possibilidades de transformação neste espaço, a relação com a cidade, as territorialidades, abarcam sua forma de se comunicar na relação pessoa-cidade-sociedade.

De acordo com uma das lideranças do grupo, o centro da cidade acaba sendo o centro dos encontros das atividades.

Por não ter espaço físico/sede, o grupo não está presente em apenas uma região da cidade, embora se encontre no Centro na maior parte das vezes. Temos encontros itinerantes que ocorrem conforme a disponibilidade do local, para as rodas de diálogo internas revezamos nas casas de batuqueiras, entre a zona leste, zona norte e centro-sul. Para os ensaios, além das casas de batuqueiras, utilizamos praças no Centro (a Praça Paulo Jacob é de fácil acesso e sem a interferência de seguranças da Secretaria de Cultura). O Largo de São Sebastião também é utilizado, mas sempre sabendo que podemos ser impedidas de tocar lá sem o agendamento ... As pessoas que frequentam os lugares públicos mencionados interagem conosco para conhecer ou acompanhar assistindo. De maneira geral, alguns lugares evitamos, por saber que podemos ser retiradas; outros são “quase certos” pois é tranquilo para tocar, mas não apresentam cobertura, desse modo, só ficamos à mercê do tempo: chuva/sol.

O centro da cidade fica em evidência como palco de manifestações, encontros e movimentos que reivindicam espaços. Maricato (2020) fala da importância de fortalecer coletivos artísticos culturais e movimentos sociais que se engajam e tem ocupado as periferias das grandes cidades na luta contra o racismo, o machismo e os problemas socioeconômicos que atingem cada vez mais pessoas mesmo em contexto pandêmico.

Essas mulheres querem explorar a cidade e, nesse contexto, sair do centro para as margens, revolucionando a espacialidade social que relega à condição feminina a margem para assim chegar ao centro nas socialidades espaciais, colocando essa temática como condição central em todos os espaços possíveis. A pandemia impõe limitações, mas conforme expõe uma das coordenadoras o desejo do movimento permanece:

Agora falta o tempo de a coisa acontecer mesmo por causa do tempo que a gente tá atravessando, mas uma coisa que a gente tinha vontade era de levar o baque para a periferia. [O coletivo] não tinha identidade com nenhuma zona da cidade ainda. E aí rolou durante quarenta uma conversa com o pessoal do coletivo [...] tem dentro daqueles cercados, sempre tem uma juventude ganhando alguma coisa ali. E aí eu acho que é um lugar muito interessante para a gente ensaiar porque fica bem visível no meio das ruas. Os Carros que passarem na avenida vão ouvir as alfaias tocando. É uma comunidade periférica ... que é originalmente também um bairro preto da cidade, né, que foi uma ocupação periférica daqui uma favelona, então acho massa, ser aqui. Acho legal que é perto do caminho da universidade, porque quer queira quer não, grande parte [do coletivo] tem esse perfil acadêmico né”.

A afetividade, como possibilidade de compreensão e intervenção de territorialidades na cidade, qualifica os movimentos artísticos e culturais que se manifestam nesse espaço como importantes elementos de transformação dos espaços de vida e da própria vida uma vez que, conforme Lefebvre (1991), o direito à cidade pode ser concebido como o direito à vida, pois são aspectos totalmente imbricados. É pela expressão artística e cultural que o afeto pode ser viabilizado e, conseqüentemente, as transformações que o ambiente urbano demanda. Vygotsky (1998) apresenta uma psicologia pautada em uma dialética e reconhece a importância da arte como a técnica social do sentimento e, conseqüentemente, como instrumento de intervenção. A arte transforma, cria e, através do afeto, tem o poder de contagiar as outras pessoas e revelar potências emancipatórias (Brandão, 2012).

Milton Santos (2020) fala da importância da transformação e transição possível e necessária da “pessoa solitária para a pessoa solidária” e da importância das organizações em grupo para a conquista de um espaço do cidadão que vá além de um espaço de quem tem poder de consumir na atual sociedade neoliberal. Uma das formas de se organizar em grupo tem sido a partir de movimentos que se expressam mediante a arte como coletivos artísticos-culturais de Maracatu que atuam como expressão histórico cultural e movimento social. É importante ainda descentralizar movimentos para que o direito à cidade esteja presente cada vez mais em diferentes espaços e possibilite não só o acesso como o afeto.

O Maracatu como expressão artística e cultural acontece em diversos espaços da cidade, colocando-se como uma intervenção urbana e uma possibilidade de transformação da vivência do território. Como cultura propõe territorialidades ao comunicar história, valores e crenças, poesia e musicalidade. Isto porque o Maracatu é composto por pessoas que transmitem e recriam a cultura popular ao produzir arte, sendo que batuqueiros e batuqueiras criam seus próprios instrumentos e recriam, através do cortejo, as possibilidades de manifestarem-se e

exigir resposta da vida, do mundo e da sociedade. Não em busca de um lugar no mundo, pois o mundo é o seu lugar, mas sim na busca de manter viva a historicidade de suas vidas numa relação complexa e tão polifônica como as vozes da cidade.

Considerações finais

Os resultados desse estudo indicaram o modo como essas mulheres se relacionam com a experiência de vida urbana diante da experiência no coletivo. A cidade é dotada de sentidos e significados que se confundem com sua vivência no coletivo, atravessadas pela vivência nos espaços que ocupam nas ruas e buscam seu lugar no mundo, pois estas mulheres podem e tentam ser vistas, ouvidas, agem, transformam e buscam fazer acontecer o espaço de cidadãs. A relação pessoa-ambiente ocorre de forma recíproca no qual pessoa e cidade afetam e são afetadas mutuamente diante de fatores múltiplos e complexos que convergem ou divergem. A relação com a cidade ao ser vivenciada mediante uma estima e afetação positiva para estas mulheres, ainda que reconheçam a realidade e todos os problemas desta cidade, reconhecem também sua potência de ação e engajamento ao se escolherem como participantes de um grupo artístico-cultural que leva uma mensagem para a cidade no sentido de experiência política na pólis como lugar do encontro e da transformação. A cidade não é uma abstração passiva e estas mulheres não respondem a sua materialidade de forma desconectada da realidade. Elas agem, convocam, materializam, objetivam e subjetivam a cidade e sua relação com o grupo artístico-cultural em um processo dialético. O apreço a cidade convoca a ação tanto quanto o enfrentamento de aspectos muito particulares de suas vivências no grupo artístico-cultural que as convocam para a cidade, para elas mesmas, para a sociedade.

As territorialidades, permeadas pelos afetos, vai além da ocupação e de fronteiras físicas do espaço, mas extrapola fronteiras emocionais no qual é possível anunciar um futuro que supere as dificuldades de um presente marcado por desigualdades. Momentos de crise como o vivenciado no contexto pandêmico revelam que nem sempre a casa é um lugar seguro e os espaços públicos, mesmo com transitar limitado, passa a ser lugar de desejo por ser o lugar de encontros.

Os ataques no espaço nos quais as mulheres transitam, entristecem, mas não as acovardam, embora revelem a fragilidade das políticas públicas de acesso e garantia de direitos a espaços seguros para as mulheres. As violências veladas e explícitas revelam como ainda está longe de ser alcançado um dos objetivos propostos dentro das metas para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, que prevê a promoção de espaços saudáveis, seguros e

inclusivos para públicos vulnerabilizados, especialmente mulheres nas cidades. Entretanto, se depender da voz dessas mulheres, elas serão ouvidas e transformações continuam acontecendo tanto no nível mais particular e singular de suas vidas como nas experimentações com seu corpo, bem como nas camadas mais complexas do coletivo, do social a partir da luta por movimentos que fazem e são/estão. Ainda que a pandemia tenha criado (im) possibilidades deste viver a cidade nas ruas e nas rodas de ação e transformação, a experiência vivida, dispara o esperar para que no mundo pós-pandêmico, que ainda parece distante, haja território conquistado de encontros entre coletivos e grupos, entre pessoas no mundo, mulheres entre mulheres -ocupando espaços que outrora foram feitos apenas por e para homens- para que estas possam (re)existir e constatar que lugar de mulher é onde ela quiser.

Referências

- Alencar, A. E. (2015). “*É De Nação Nagô!*”: *O Maracatu Como Patrimônio Imaterial*. Programa de Pós graduação em antropologia. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Alexandre, A. F. (2018). *Sociologia da Ação coletiva*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Alt, F. (2019). Da margem no centro: deslocamentos do sujeito no feminismo. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, 8(2), 36-50. <https://doi.org/10.12957/ek.2019.48370>
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo* (70a ed.). Lisboa: Edições.
- Beauvoir, S. (2016a). *O segundo sexo: fatos e mitos*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2016b). *O segundo sexo: A experiência vivida*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, Simone. D. (2018). *Memórias de uma moça bem-comportada*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bhabha, H. (2007). *O Local Da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Bicudo, M. A. V. (2011). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez.
- Bomfim, Z. Á. C. (2010). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Fortaleza: Editora UFC.
- Bomfim, Z. Á. C., Nobre, B. H. L., Ferreira, T. L. M., Araújo, L. M. A. D., Feitosa, M. Z. D. S., Martins, A. K. D. S., ... & Farias, N. F. (2014). *Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods*. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20210>
- Bomfim, Z. C. A., Delabrida, Z. N. C., & Ferreira, K. P. M. (2018). Emoções e afetividade ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali, *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura na relação pessoa-ambiente* (pp. 60-76). Petrópolis, Rj. Vozes.
- Bonfim, Z. A. C. (2008). Afetividade e Ambiente Urbano: Uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In J. Q. Pinheiro & H. Gunther (orgs.), *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp.253-279). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Borghi, R. (2015). O espaço à época do queer: contaminações queer na geografia francesa. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, 6(2). 10.5212/Rlagg.v.6.i2.0009.
- Brandão, I. R. (2012). *Afetividade e Transformação Social*. Sobral–Ce. Edições universitárias.
- Buss, P. M. (2000). Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciência & saúde coletiva*, 5, 163-177. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100014>.
- Buss, P. M., & Pellegrini Filho, A. (2007). A saúde e seus determinantes sociais. *Physis: revista de saúde coletiva*, 17, 77-93. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>.

- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Editora José Olympio.
- Chaves, L. (2017). A Noite dos Tambores Silenciosos no Carnaval de Pernambuco. Disponível em: <<http://oreversodomundo.com/2017/02/15/a-noite-dos-tambores-silenciosos/>>. Acesso em 23/06/2019.
- Costa, A. A., & Vieira, C. A. (2014). Fronteiras de Gênero no Urbanismo Moderno. *Revista Feminismos*, 2(1). <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30014>
- FEITOSA, M. Z. S. (2014). *Afetividade na residência integrada em saúde: o psicólogo no território de form"ação"*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 609-617. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400015>
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Grosso, L. A., & Monteiro, G. G. (2019). Grupo de Maracatu na universidade: práticas culturais juvenis e auto-formação. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 5(3). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i3.1648>.
- Günther, H., Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2008). A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações. Em J. Q. Pinheiro, & H. Günther, *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 369-391). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE). (2021). Pesquisa Nacional por Amostras de domicílio Contínua: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am.html>
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (IPHAN). (2019). IPHAN Pernambuco. *Patrimônio Imaterial - PE*. <http://portal.iphan.gov.br/pe/pagina/detalhes/559>, recuperado em 20 junho de 2019.
- Lefebvre, H. (1991). *O Direito a cidade*. São Paulo: Ed. Moraes Ltda.
- Lima, A. D. C. (2019). *Estima de lugar e território: construção de mapas afetivos de moradores do Timbó em Maracanaú-CE*. Monografia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Lima, A. D. C., Pacheco, F. P., & Bomfim, Z. Á. C. (2021). Psicologia ambiental e simbolismo do espaço: mapeamento afetivo da relação de trabalhadores da política de assistência social com seus lugares de trabalho. *GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais*, 12, 244-255. <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v12i0.1115>
- Macedo, M. D. S. (2002). Relações de gênero no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres. *Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs. Recife: GT Gênero. Plataforma de Contrapartes Novib/SOS CORPO Gênero e Cidadania*, 56-79.
- Mainart, C. F., & Silva, E. C. L. (2021). Mulheres e pandemia: breves reflexões sobre o recrudescimento da violência doméstica no Brasil durante as medidas de isolamento social. *Revista Transgressões*, 9(1), 138-151. <https://doi.org/10.21680/2318-0277.2021v9n1ID24204>.

- Maricato, E. (2000). Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *São Paulo em perspectiva*, 14, 21-33. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000400004>.
- Maricato, E. (2020). O coronavírus e um plano de emergência para as cidades. *Coronavírus e as cidades no Brasil: reflexões durante a pandemia*. Rio de Janeiro: Outras Letras.
- Maricato, E., & Akaishi, A. G. (2018). *O Brasil na era das cidades-condomínio*. São Paulo. Recuperado de <https://outraspalavras.net/brasil/o-brasil-na-era-das-cidades-condominio/>
- Matias-Rodrigues, M. N., & de Araújo-Menezes, J. (2014). Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 12(2), 703-715. 10.11600/1692715x.12213230114.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª Ed. São Paulo: HUCITEC.
- Minayo, M. C. S. (2016) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. São Paulo: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>
- Moser, G. (2018). *Introdução a Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente*. Campinas, SP: Alinea.
- Moser, G., & Weiss, K. (2003). *Espaces de vie: aspects de la relation homme-environnement*. Armand Colin.
- Nações unidas no Brasil - ONU BR. (2015). *17 Objetivos para transformar o mundo*. Disponível:<<https://nacoesunidas.org/pos2015/>>. Acessado em: 5 abr. 2019.
- Nações unidas no Brasil- ONU BR. (2015). *A Agenda 2030*. Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 29 de mar. de 2019.
- Pacheco, F. P. *Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação*. (2018). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Penha, L. M. (2020). A pandemia em Manaus: desafios de uma cidade na Amazônia. *Ensaios de Geografia*, 5(9), 118-123. <https://doi.org/10.22409/eg.v5i9.42590>.
- Rancière, Jacques. O Espectador Emancipado. (2010). *Revista Urdimento*, N.15, outubro/2010. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2011/Urdimento%2015.pdf>.
- Ratner, C. (2011). O Que É Psicologia Da Libertação? É Psicologia Cultural 26. Caderno De Textos, 81. In R. S. L. Guzzo, & F. Lacerda Jr (Org.), *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (pp. 305-314). Editora Alinea.
- Rolnik, R. (2017). *O que é cidade*. Brasiliense.
- Rolnik, S., & Lancetti, A. (1997). *Saúde Loucura-subjetividade*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Boitempo Editorial.

- Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (6a ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Santos, M. (2020). *O espaço do cidadão* (Vol. 8). Edusp.
- Sartre, J. P. (1979). *Questão de método*. São Paulo: Difusão Editorial.
- Sartre, J. P. (2002). *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método*. Rio de Janeiro: DP&A. (Trabalho original publicado em 1960).
- Sartre, J. P. (2019). *Esboço de uma teoria das emoções*. Porto Alegre: LP&M.
- Serpa, A. (2019). *Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia*. Editora Contexto.
- Silva, C. R. D. (2018). *O Mestre apitou: Mestres, apitos, nações de maracatu e suas ações religiosas, culturais e políticas*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198797>.
- Silveira, B. B; Sousa, A. L. S; Thurow, C. F; Ribeiro, P. (2019). Violência contra a mulher nas cidades: Percepção de segurança nos espaços urbanos. In G.A. Baggenstoss et al (Org.) *Coleção Não Há Lugar Seguro: Estudos e práticas sobre violências contra as mulheres à luz da multidisciplinaridade* (p.p. 423-436). Editora Centro de Estudos Jurídicos.
- Simmel, G. (1973). A metrópole e a vida mental. In G. O. Velho (Org.), *O fenômeno urbano* (pp.11-25). Rio de Janeiro: Zahar.
- Sociedade Artística Brasileira (2018). Arte e cultura: Qual a diferença e qual a ligação. <https://www.sabra.org.br/site/arte-e-cultura-diferenca-e-ligacao/>.
- Soczka, L. (2005). Viver (n)a cidade. In L. S. (Org.), *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental* (pp. 91-131). Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian.
- Velasco, M. C. (2012). Territorialidad del género y generidad del territorio. In: RAMOS, M. E. R.; LARA, A. F. L. (Org.). *Explorando territorios: una visión desde las ciencias sociales*. México. p. 236-293.
- Wirth, L. (1973). O urbanismo como modo de vida. In G. O. Velho (Org.). *O fenômeno urbano* (pp. 90-113). Rio de Janeiro: Zahar.
- World Health Organization. (2020). *Mental Health Considerations during COVID-19 Outbreak*. https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf?sfvrsn=6d3578af_2
- Zanella, A. V. (2012). Frontino Vieira, artista. In: T. M. Fonseca, & B. Brites, *Eu sou você* (pp. 185-199). Porto Alegre: UFRGS.

5.3 ARTIGO 3 - Um lugar no mundo: Projeto de ser e projeto coletivo de participantes de um grupo artístico-cultural de mulheres

“Cada um está ligado a todos”

Simone De Beauvoir

Resumo

Os grupos fazem parte da história da própria humanidade. Constituem não só aspectos da vida em sociedade como da própria constituição do ser humano. A dialética dos grupos é uma proposta do existencialismo para a compreensão de como se estabelecem as relações entre coletivos. Um grupo é formado mediante contradições e surge a partir da necessidade de superação de alguma circunstância de escassez em busca de um objetivo comum de seus membros. Coletivo e grupo não são sinônimos na literatura existencialista, pois o coletivo é basicamente um agrupamento de pessoas sem tecimento entre si, enquanto um grupo abarca uma relação de reciprocidade com seus membros. Essa reciprocidade pode ser positiva ou negativa e por isso um grupo está sob constante ameaça de desfazer-se e voltar à condição de coletivo. Não se trata de algo acabado, um grupo, composto por pessoas que são sempre um vir-a-ser, também é um complexo vir-a-ser que passa por diferentes etapas de constituição grupal. O presente estudo tem como objetivos descrever as histórias de vida e projetos de ser de mulheres de um grupo artístico cultural e discutir o entrelaçamento dos projetos de ser na constituição do grupo artístico-cultural na cidade de Manaus. Para tanto, foram realizadas 10 entrevistas narrativas com mulheres participantes do grupo, baseada no roteiro que contém elementos direcionadores para explorar aspectos da história de vida, desejo de futuro e experiência com o grupo. A análise foi realizada por meio do método progressivo-regressivo, considerando a teoria do projeto de ser e a importância da mediação dos grupos. Assim, foi possível descrever aspectos que se cruzam na história de vida dessas mulheres e aspectos muito singulares na relação com o grupo artístico. O grupo teve início como coletivo e metamorfoseou-se a partir do diálogo do projeto destas mulheres. Constata-se o entrelaçamento entre projeto de ser e o projeto coletivo, bem como o importante papel da mediação grupal, que conforme a psicologia existencialista pode ser potencializador da criação de grupos, que

superem a serialidade e auxiliam a vivência em espaços de vida como as cidades transformando espacialidades e sociabilidades na história de vida dessas mulheres.

Palavras-chave: Projeto-de-ser; Grupo artístico-cultural; Mulheres; Territorialidades.

Abstract

The groups make part of the history of their own humanity. They constitute only aspects of life in society as the very constitution of the human being. A dialectic of two groups is a proposal of existentialism to understand how relationships between groups are established. A group is formed by contradictions and arises from the need to overcome some circumstance of scarcity in search of a common goal of its members. Collective and group are not synonymous in existentialist literature, group or group is basically a group of people without connection to each other, as a group embraces a reciprocal relationship with its members. This reciprocity can be positive or negative and that is why a group is under constant threat of becoming disaffected and returning to collective status. It is not about something finished, a group, made up of people who are always a *vir-a-ser*, but also a complex *vir-a-ser* that goes through different stages of group constitution. I present the study with the objectives of uncovering the life stories and projects of being of women of the artistic-cultural group and discussing or intertwining two projects of being in the constitution of the artistic-cultural group in the city of Manaus. To do so, we conducted 10 narrative interviews with women participating in the group, based on a "life history interview" schedule, which contained guiding elements to explore aspects of life history, desire for the future and experience as a group. The analysis was carried out by means of the progressive-regressive method, considering the theory of the project to be the importance of the mediation of two groups. Assim, it was possible to discover aspects that intersect in the history of life of these women and very unique aspects in the relationship with an artistic group. It is verified the interrelationship between the project of being and the collective project, as the important role of group mediation, which according to existentialist psychology can be potential for the creation of groups, which overcome seriality and help to experience in life spaces such as cities transforming spatialities and sociabilities in the life stories of women.

Keywords: Project-of-being; Cultural artistic group; Women; Territorialities.

Introdução

Uma das mais brilhantes descrições acerca da condição da mulher foi realizada há mais de 70 anos por uma filósofa e escritora existencialista. As palavras de Simone de Beauvoir (2016b) ainda hoje parecem escandalizar a constatação inúmeras vezes reivindicadas de que “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. E ao trazer essa reflexão para o debate, não há negação alguma de que aspectos biológicos, econômicos, raciais, psíquicos e espaço sociais tenham implicações nessa constituição de ser mulher. Todavia, nenhum destes aspectos a definem. A história da humanidade é a história das relações, isto é, das mediações, e se faz através da história de grupos e seus movimentos. Toda existência humana não seria possível se não fosse por diversos existentes conectados entre si, articulando-se em coletivos. A espécie humana tem apenas uma única natureza – a de não ter natureza humana e de ser, portanto, um animal social (Arendt, 1991). A condição humana é condição da transitoriedade e de um devir, que depende de fatores construídos socialmente e, portanto, elencados no bojo das trocas existenciais. Cada pessoa, cada existência, revela-se e desvela-se a partir de um emaranhado de muitas outras existências. O existencialismo como filosofia e como modo de entender a complexidade da vida, busca soluções para demandas das existências que norteiam tais reflexões sobre o sentido de ser (Sartre, 1970; Sartre, 2015a).

Jean Paul Sartre, importante filósofo francês representa um dos expoentes do existencialismo, e apresenta importantes contribuições para a psicologia a partir da sua proposta fenomenológica e dialética (Cerbone, 2014; Coorebyter, 2017; Maheirie, 1994). A psicologia, ciência que tem como objeto de estudo a subjetividade humana (Bock, Furtado, & Teixeira, 2007), encontra no existencialismo uma perspectiva que amplia o olhar sobre este objeto ao travar o diálogo entre a fenomenologia e a dialética enquanto fundamentos epistêmicos, que colocam a materialidade e a sociabilidade como constituintes desse sujeito e o compreendem no horizonte de seu campo dos possíveis, isto é, frente ao seu futuro e às diversas possibilidades da existência humana.

Tal psicologia, amparada no existencialismo, volta-se para pessoas reais, com vivências particulares, em situações concretas, num mundo composto por determinações universais. Tais aspectos só podem ser acessados diante de uma perspectiva crítica e de forma implicada no mundo, compreendendo a complexidade de trajetórias que se encontram mediada por alteridades ou reciprocidades, entre aspectos individuais e coletivos, objetivos e subjetivos, singulares e universais. Sartre ocupou-se de desenvolver uma ontologia e pressupostos metodológicos capazes de decifrar o projeto de ser de uma pessoa, isto é, a forma como cada

pessoa se escolhe diante das condições inerentes a sua história de vida e a um mundo concreto cheio de mediações e significações.

O projeto de Sartre, entretanto, é incompleto sem considerar as contribuições de Simone de Beauvoir e de Frantz Fanon e as implicações de gênero e raça em cada projeto existencial (Beauvoir, 2019; Fanon, 2008). Portanto, ousamos afirmar que aqui apresentamos uma perspectiva existencialista não tão somente Sartriana, mas uma perspectiva existencialista atravessada por discussões que permeiam o que hoje compreendemos como perspectivas interseccionais na discussão sobre o humano do mundo atravessado por questões sociais.

A interseccionalidade trata-se de uma articulação metodológica proposta por representantes teóricas do feminismo negro que visualizaram a urgência de compreender as diferenças nas diferentes opressões estruturantes que perpassam raça, classe, gênero e território sem negar ou hierarquizar diferenças em graus de sofrimento, mas reconhecendo toda a complexidade que evita essencialismos (Akotirene, 2019). As teorias que pautam a interseccionalidade dialogam diretamente com a proposta deste trabalho que busca compreender a constituição de territorialidades de mulheres que participam de um coletivo. Em sentido poético podemos afirmar que “A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram interrompidas” (Akotirene, 2019, p;64).

Nesse estudo, é possível recorrer as contribuições teóricas de Lélia Gonzalez e suas contribuições para um feminismo afro-latino-americano, assim como as contribuições da teoria feminista de bell hooks e sua base inspirada nos pressupostos Paulo Freirianos (Gonzalez, 2020; Hooks, 2019). É interessante verificar os diálogos possíveis de aproximações e as contribuições da perspectiva Sartriana e Freiriana já apontados em estudos anteriores (Moreira, 2015). Todavia, a proposta aqui é, também, uma perspectiva existencialista que dialoga diretamente com as teorias de estudos sobre pessoa-ambiente e a urgência de convocar para ambas as discussões e trazer das margens de discussão teóricas para uma centralidade epistêmica a importância de estudos feministas. Peço licença aqui para usar as palavras da bell hooks para justificar a escolha pelas perspectivas feministas ao considerar a condição existencial da mulher “... Escolho apropriar-me do termo “feminismo” para focar no fato de que ser “feminista”, em qualquer sentido autêntico do termo, é querer para todas as pessoas, mulheres e homens, a libertação dos padrões de papéis sociais, da dominação e da opressão sexistas (Hooks, 2017, p.307).

Toda existência e todas as formas de opressão e violência ocorrem em um espaço-tempo. Para Sartre, sem a realidade humana, não existiria espaço e nem lugar (Sartre, 2015a). Isso não significa dizer que ele nega a materialidade concreta da vida e do mundo, mas que o próprio

mundo e as espacialidades geográficas se constituem na medida em que são dotadas de sentido pelas pessoas que as habitam e edificam. Cada pessoa apreende o que está no mundo, significando de acordo com suas necessidades e age sobre ele buscando satisfazê-la (Freitas, 2018). E cada pessoa só pode ser compreendida em decorrência das metamorfoses que sofre como membro de grupos visto que não existe ser humano que seja indivíduo não agrupado (Laing & Cooper, 1976).

É a relação com o mundo concreto, com o território do entorno, que torna possível a compreensão da realidade humana como determinação material, que se coloca com a estrutura onde o sujeito se move e faz suas escolhas, sendo o *locus* da produção da subjetividade. Esta relação entre a materialidade e a subjetividade está na fundamentação de noções e conceitos como o de projeto de ser, mediação de ser e grupos de pertencimento, coletivos e engajamento. Estes conceitos se sustentam no olhar dialético entre a dimensão universal-singular dos fenômenos e se desdobram, como consequência, no método progressivo-regressivo. Todos esses conceitos tornam-se relevantes para pensar os fundamentos da psicologia existencialista e refletir sobre as suas possibilidades de intervenção práticas frente às questões contemporâneas.

Um aspecto central na obra de Sartre é a noção de projeto (Sartre, 1979; Sartre, 2015a). De acordo com Schneider (2011), a noção de projeto traz importantes contribuições para a psicologia, uma vez que este se caracteriza pela busca da pessoa em realizar plenamente o seu ser em direção ao futuro. Esse projeto se concretiza a partir do desejo de ser que move as pessoas e “é constituído pelo homem na sua *práxis* cotidiana; realiza-se em cada experiência relacional, emocional, intelectual e etc.; define o homem na justa medida em que o homem se define” (Schneider, 2011, p. 129). É preciso compreender, no entanto, a noção de mediação como o processo de constituição do projeto. Um sujeito constrói seu projeto mediado pelos outros que lhe cercam, outros que não estão soltos no mundo, mas sim tecidos em grupos: família, amigos, comunidade e situados em contextos materiais, territoriais, culturais, epocais (Schneider, 2011; Freitas, 2018).

Para Sartre, “somos a singularização de todo o universal dos sistemas nos quais vivemos” (Sartre, 2015b, p. 90). Assim, afetamos e somos afetados constantemente pelos coletivos que nos cercam, na medida em que aspectos do universal constituem o ser, esse ser a partir de sua ação singular sobre o mundo afeta o campo do universal. É por isso que a *práxis*, enquanto ação no mundo passa a ser fundamental na compreensão da realidade humana pelo existencialismo e pode ser vislumbrada a partir da noção de engajamento. Para Sartre, o engajamento inclui a possibilidade de fazer o corpo alienado sair da inércia e se lançar para construção do que almeja, ao considerar que tudo que é realizável por um único ser humano, de alguma forma, tem

influência na humanidade inteira, e por isso mesmo, relaciona-se sempre com o outro (Santos, 2005).

Sartre considera o papel de cada pessoa no acontecimento histórico de forma significativa. Para o existencialista, “este papel não é definido de uma vez por todas: é a estrutura dos grupos considerados que o determina em cada circunstância” (Sartre, 1979, p. 106). Dessa forma, a história da coletividade revela as relações da pessoa com a sociedade, sendo que, por sua vez, a relação das pessoas com a sociedade determina a história da coletividade.

Entender a história da humanidade passa pelo entendimento da história dos grupos, na mesma medida em que entender as singularidades do projeto de ser de cada existente passa pelo entendimento das implicações dos grupos na vida de cada um e das implicações mútuas entre a condição universal e singular (Perdigão, 1995). As pessoas criam e modificam grupos e grupos modificam e recriam pessoas. O Existencialismo Sartreano considera válido atentar para a dialética dos grupos, justamente pelo processo em que grupos são produto e produtor de sociabilidades (Sartre, 2002). Estas são constituintes da realidade humana e configuram-se como processos multideterminados que exigem seu estudo e compreensão.

Para Lapassade (1977), a dinâmica de grupo envolve uma dialética dos grupos e justifica o termo dialético por entendê-lo como indicativo de algo inacabado que remete a ações que estão sempre recomeçando e nunca se dão de forma permanente. Nesse aspecto, de acordo com o autor, a noção de dialética rejeita a ideia de que há uma maturidade dos grupos. Ainda que grupos possam tentar desfazer-se do caráter dialético que lhes constituem, permanece considerando sempre esse movimento como sendo de seu inacabamento, no sentido das possibilidades contínuas que lhes serão inerentes.

Uma vez que a história da humanidade é a história dos grupos ou em maior instância a história dos coletivos e realiza-se a partir de um projeto coletivo, é necessário adentrar nos conceitos de grupo e coletivo apontados por Sartre, que permitem compreender sua teoria dos grupos. Para Sartre, há diversas formas de se relacionar com os grupos e diferentes modalidades de mediação: fusão, juramento, organização, fraternidade-terror e institucionalização (Sartre, 2002). Cada possibilidade não se constitui um momento que se dá necessariamente por uma lei física que rege o funcionamento do grupo, mas sim pela decisão dos seres humanos que o compõem. As etapas se dão e se desenvolvem se cada integrante e o grupo assumem e decidem elegê-las e, por isso, as etapas podem não necessariamente acontecer (Rosenfeld, 1971). Todavia, cada etapa condiciona a seguinte.

Conforme Sartre (2002), o grupo se constitui a partir da luta entre a alienação e a serialidade e como propõe Rosenfeld: “o grupo modifica e é modificado por seus integrantes” (Rosenfeld, 1971, p. 20, tradução livre). O vínculo nos grupos nunca é binário e sim terciário, pois há sempre um terceiro que estabelece a mediação, isto porque duas pessoas, mesmo quando sozinhas, precisam ser reconhecidas por um “terceiro”, frente ao qual elas tecem a identidade de suas ações, de seus projetos, para que se reconheçam como um “nós”. Sendo assim, nos grupos sempre há um terceiro que se põe na definição da identidade grupal (Schneider, 2011).

Entende-se por serialidade o tipo de relação humana na qual cada membro é totalmente substituível para o outro, onde este outro é visto de forma indiferenciada e sem vínculo conferindo ao outro o caráter de coisa movida pelo prático-inerte (Rosenfeld, 1971, Sartre 2002), e por isso, a série remete a uma experiência de pluralidades de solidões (Schneider, 2011). A coletividade serial é a estrutura pela qual se ergue uma sociedade, principalmente uma que se organiza segundo os princípios do capital, com as que seguem o modelo neoliberal, no qual a individualidade é o centro da organização social (Freitas, 2018).

Torna-se possível superar a serialidade a partir da existência de grupos, mas para isso, é preciso estabelecer relações de reciprocidade: “A reciprocidade é a relação na qual cada um é para o outro como o si mesmo. Ocorre uma interiorização do outro como vínculo humano” (Rosenfeld, 1971, p. 24, tradução livre). Nesse sentido, é fundamental falar em uma *práxis*, visto que para Sartre esta pode ser entendida como um processo, definido como: “projeto organizador que supera condições materiais em direção a um fim, além de inscrever-se pelo trabalho na matéria inorgânica com remanejamento do campo prático e reunificação dos meios em vista de alcançar um fim” (Sartre, 2002, p. 806).

A *práxis* é o processo pelo qual as pessoas buscam constantemente fugir da alienação ao modificar-se e modificar também o meio, visto que modificar o meio é modificar a si mesmo (Rosenfeld, 1971). Supõe-se, portanto, que mediante a *práxis* do grupo de fato podem existir processos coletivos capazes de superar o processo de alienação e de serialidade que as pessoas vivenciam, principalmente nos grandes centros urbanos (Moser, 2018). Os projetos coletivos, as partilhas coletivas e a existência situada em momentos em que se transita em coletivos, pode dar lugar a grupos efetivamente organizados.

Parte-se do pressuposto de que “o grupo é, portanto, o inverso da serialidade”. Ele constitui-se por meio e no interior da dispersão que precede o grupo; ele mantém a sua existência graças a uma luta permanente (Lapassade, 1977, p. 228). Trata-se da luta contra a volta da serialidade e é essa luta que caracteriza o grupo. Tem-se, então, o que Sartre denomina de “grupo em fusão” (Sartre, 2002). A fusão constitui momento fundamental na vida de um

grupo, sendo o primeiro momento da saída da serialidade e a superação do prático-inerte (Rosenfeld, 1971). O prático-inerte é visto como uma situação que ganha uma condição inercial, de algo inalterado, que define o contorno da estrutura de escolha, mas paradoxalmente, foi fruto da criação das *práxis* das pessoas que, ao agirem, produzem mundo e retroalimentam seus contextos continuamente como algo dado, natural, fixo e não como algo modificável a partir da ação humana. Para que haja a experiência de um grupo e, nesse sentido, o surgimento de uma *práxis* coletiva em oposição ao coletivo serial, são necessárias certas condições, entre elas a escassez, considerada como a necessidade de algo que falta que fará com que as pessoas busquem unir-se para mudar essa situação (Sartre, 2002).

É a partir da passagem da serialidade para fusão que cada pessoa se relaciona de uma nova maneira com o coletivo, pois se trata não mais de uma pessoa isolada, mas de uma pessoa com experiências comuns com um grupo, que se torna possível a partir de uma relação de reciprocidade (Rosenfeld, 1971). Aos poucos, o grupo em fusão pode desejar e trabalhar na direção de sua permanência enquanto grupo, vindo a se constituir, então, em um grupo juramentado, organizado, institucionalizado ou soberano (Freitas, 2022).

O que vai caracterizar um grupo em processo de organização, diferente de uma série é, portanto, a superação da solidão dos participantes pelo tecimento entre seus membros. Este tecimento, aspecto fundamental dos grupos, se organiza em torno de um projeto comum, constituído a partir da troca entre os projetos individuais. Além disso, estabelece-se uma afetividade, posto que as pessoas passam a ser importantes umas para as outras (Schneider, 2011). Neste caso, cada membro do grupo atua como um terceiro na relação com os outros e com o conjunto de membros (Sartre, 2002).

Sabe-se que “membros dos grupos são terceiros quando cada um totaliza a reciprocidade dos outros. A relação do terceiro a terceiro não é já uma alteridade, senão uma reciprocidade mediada” (Rosenfeld, 1971, p. 30). Para manutenção do grupo, a fim de evitar que ele volte a ser uma série, ocorrerá o que Sartre denomina de fraternidade/terror e juramento, que são modos de funcionamento grupal que visam garantir o cumprimento de regras e facetas que resultarão em um comprometimento com esse grupo e buscam evitar a sua dissolução (Sartre, 2002).

Milton Santos (2011), discutindo a importância do engajamento nos espaços, aproxima-se das discussões sartrianas e afirma que o espaço é o maior exemplo de um prático-inerte, isto é, de uma cristalização na materialidade a partir da historicidade e das relações que cria e configura os espaços inclusive os espaços de poder. O autor destaca a importância dos grupos na busca da cidadania. De acordo com Santos (2020) “Com o grupo, encontramos os meios de multiplicar as forças individuais, mediante a organização. É assim que o nosso campo de luta

se alarga e que um maior número de pessoas se avizinha da consciência possível, rompendo as amarras da alienação” (Santos, 2020, p.103).

A territorialidade, assim, perpassa por um espaço físico, por uma forma de estabelecer comunicação, acesso e controle de espaços que também permeado por afetos (Sack, 2011). Admite-se, ainda, territorialidade a partir da perspectiva de Milton Santos (2020) como sinônimo de cultura e apontamos aqui a necessidade da superação da alienação de uma cultura hegemônica, inclusive a cultura da violência contra as mulheres, quer seja em espaços públicos ou em espaços privados (Sousa, 2017), que vem crescendo de maneira preocupante nos últimos tempos em nosso país. É como se de fato não houvesse lugares seguros para as mulheres (Silveira, Sousa, Thurow & Ribeiro, 2019).

Pautando-se nos pressupostos de uma psicologia de perspectiva existencialista, o presente estudo tem como objetivo descrever as histórias de vida e projetos de ser de mulheres do grupo artístico-cultural, realizando, para tanto, a discussão do entrelaçamento dos projetos de ser individuais na constituição do projeto coletivo deste grupo na cidade de Manaus.

De modo geral esse estudo busca descrever a biografia dessas mulheres e do próprio coletivo. Assim, foi possível identificar o que há em comum nos projetos e como essas histórias de vida constituem um grupo dialético, mediante entrelaçamento dos projetos na constituição do grupo, situado em um território. Com isso, será debatido, também, a constituição de territorialidades mediadas pela organização de um coletivo artístico cultural.

Método

Todos os elementos discutidos pela filosofia da existência proposta por Sartre possibilitaram um método para buscar acessar a realidade humana em sua complexidade. Trata-se do método progressivo-regressivo, proposto inicialmente por Henri Lefèbvre, que tem como primeira preocupação colocar o homem no centro da compreensão da produção material da vida imediata, diante de aspectos da sociedade civil, do Estado e das ideologias existentes (Sartre, 1979). O método consiste em um movimento que Sartre caracteriza como “vai e vem” entre a biografia e o contexto sócio histórico, na medida em que é progressivo e regressivo ao mesmo tempo, ao buscar dar conta das dimensões singular e universal dos fenômenos. Sendo assim, “... tal método determinará progressivamente a biografia, por exemplo, aprofundando a época, e a época aprofundando a biografia. Longe de procurar integrar logo uma à outra, mantê-la-ás separadas até que o envolvimento recíproco se faça por si mesmo e ponha um termo provisório na pesquisa” (Sartre, 1979, p. 110). Isto porque ao empreender pesquisas com pessoas que são

tomadas na perspectiva de uma totalização em curso, não há nada definitivo e as metamorfoses da vida de cada uma delas continuam acontecendo.

Esse método oferece importantes contribuições para a Psicologia contemporânea, na medida em que possibilita o acesso à história da pessoa e dos coletivos, em um campo amplo, que implica a explicitação dos contextos macro determinados (como as relações econômicas, políticas, culturais, sociais de um determinado momento histórico), ao mesmo tempo em que descreve experiências vividas na singularidade de cada pessoa e dos grupos que pertence, em um constante movimento dialético de mútua implicação. O existencialismo torna possível, assim, uma psicologia fenomenológica da existência humana (Teixeira, 2017). Portanto, diante dessa possibilidade, com o objetivo de explorar as entrevistas narrativas, mediante uma análise fenomenológica-dialética, esse estudo é conduzido a partir do método progressivo-regressivo no campo das pesquisas qualitativas.

A história de vida dessas mulheres, sua biografia narrada e vivida auxilia no processo de decifrar seu projeto-de-ser. Portanto, o instrumento utilizado para acessar essa biografia foi a entrevista narrativa sobre histórias de vidas, em um modelo inspirado na pesquisa desenvolvida por Langaro (2019). O método progressivo-regressivo, como tem sido desenvolvido por pesquisadoras brasileiras (Freitas, 2018, Bocca, 2021), também foi fonte de inspiração, sendo que aqui apreciamos as contribuições de seus estudos metodológicos.

Participaram desta etapa da pesquisa um total de 10 mulheres maiores de 18 anos. O critério de inclusão foi o de serem residentes nas cidades de Manaus há pelo menos um ano e participarem do grupo artístico cultural de maracatu há pelo menos seis meses. O limite do número de participantes foi definido pelo critério da amostragem de saturação, bastante comum em pesquisas de cunho qualitativo e consistiu no fechamento do número de participantes quando os dados começaram a apresentar redundâncias ou não havia mais informações novas a serem acrescentadas (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008; Minayo, 2016)

Torna-se fundamental descrever algumas etapas que permitiram chegar aos resultados obtidos. No primeiro momento foi realizada a revisão de literatura com as bases teóricas que norteiam esse trabalho, existencialismo e psicologia ambiental, para definição de noções e metodologias que permeiam esse trabalho.

A partir da realização das entrevistas narrativas realizadas com participantes moradoras da cidade de Manaus, foi realizada a transcrição, que totalizou 321 páginas, analisadas com auxílio do software Atlas.ti versão 9, importante suporte tecnológico para gerenciar as muitas páginas e histórias que se apresentaram. Diante da complexidade que são as histórias de vida de uma pessoa, seria possível realizar a análise de uma única história de vida e encontrar

importantes elementos singulares e universais que podem contribuir para a psicologia e a ciência. No Brasil já tivemos ótimos trabalhos publicados desse modo e que mostraram ser possível novas formas de se produzir conhecimento (Ciampa, 2007; Maheirie, 1994). Neste estudo, embora o objetivo seja descrever a história de vida das mulheres que participam do grupo artístico cultural e, assim, compreender as territorialidades delas e implicações para o seu engajamento artístico e político, essas histórias singulares foram descritas de forma sintética.

Com o auxílio do software de análises foi possível selecionar 527 citações que descrevem aspectos comuns às suas experiências vividas, às narrativas de suas histórias e participações no coletivo, e a partir de então, busca-se identificar sentidos e significados organizando codificações e investigando aspectos relacionados as territorialidades vividas. O Atlas.ti permite codificar citações e realizar diversas análises.

Para o propósito de uma pesquisa fenomenológica e dialética, foi possível considerar as codificações inspiradas em modelos de análise fenomenológicas existentes no país e desenvolvido por mulheres na ciência (Bicudo, 2011), para viabilizar o método progressivo-regressivo como um todo. Assim, as primeiras codificações foram elaboradas como unidades de sentido (considerando as vivências das entrevistadas), e a partir de então, elaboradas unidades de significado. No total, foram 110 códigos criados, gerando um relatório pelo próprio software com 260 páginas.

Inspirada no trabalho de Langaro (2019) que realizou uma análise fenomenológica ao usar o método progressivo-regressivo, foi possível desenvolver um procedimento de análise para este trabalho. A partir da leitura, releitura e seleção das citações que descrevem experiências e conferem significados, foram elencados três eixos temáticos para nortear a compreensão do fenômeno abordado. Todos os eixos temáticos buscam responder questões norteadoras que compõem o próprio método, a saber: **História de Vida** (o que aconteceu e foi feito na vida dessas mulheres); **Projeto de Ser** (o que elas fizeram com o que foi feito delas e todos acontecimentos) e **Experiência de Coletivo metamorfoseado em Grupo** (o que foi feito com o que elas fizeram para além delas e por elas). A partir desses eixos temáticos foi possível identificar categorias temáticas discutidas no artigo.

A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Pesquisas de Seres Humanos na UFSC sob nº 3.700.980. Todas as mulheres assinaram o TCLE (Termo de consentimento Livre e esclarecido) e autorizaram sua participação na pesquisa. Algumas pediram para usar seus próprios nomes, outras enfatizaram o desejo e o pedido de cuidado para omitir informações e nomes para preservá-las. Assim, a forma que os dados das entrevistas serão apresentados é uma tentativa também de preservá-las, buscando o nexos entre suas histórias, o que as une e não o que as

separa, visto que há muitas diferenças entre cada uma dessas mulheres. Para identificá-las em suas narrativas, foram selecionados alguns nomes de bairros da cidade de Manaus e a partir de então, das descrições, com base na teoria existencialista e dos estudos sobre a relação pessoa-ambiente.

Resultados e Discussão

Nesse momento apresenta-se possíveis sínteses sobre a história de vida de mulheres que participam de um coletivo artístico-cultural. Tal síntese, como já explicitado, acontece diante de elaborações teóricas sobre a experiência vivida. Assim, sentidos e significados são observados nos elementos presentes nessas histórias narradas por cada mulher em primeira pessoa e narradas pela pesquisadora quanto a estas narrativas. Milton Santos (2020) alerta que “a força da alienação vem dessas fragilidades dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une” (p.30). Os resultados aqui expostos evidenciam elementos que unem, mesmo que sejam muitos os que as distanciam e singularizam.

Ressalta-se que essas mulheres participaram da pesquisa no momento pré-pandemia, janeiro de 2020 e outras participaram no momento pandêmico entre outubro a dezembro – confirmar de 2021. Os impactos da pandemia podem ser visualizados no discurso das participantes e é um fenômeno a ser considerado nesse estudo, entretanto, a condição de ser mulher em suas histórias permanece, bem como no seu projeto, pois mesmo quando a própria existência é ameaçada por um vírus, a existência da mulher ainda é constantemente ameaçada pela dominação masculina.

Tanto Sartre quanto Simone De Beauvoir estão de acordo no que se refere às contribuições da psicanálise existencial para compreensão de aspectos fundamentais presentes na infância e no passado de cada existente (Beauvoir, 2016 a; Sartre, 2015a). E ambos estão de acordo que só a psicanálise existencial por si só não seria suficiente para compreensão da realidade humana, uma vez que essa realidade humana não se trata apenas de uma substância e uma essência, mas sim de uma realidade vivida, uma realidade que contempla elementos de um mundo material e não abstrato. Assim, ambos concordam com o materialismo histórico dialético, ao passo que também acreditam que apenas o materialismo dialético não seria capaz de explicar a história da humanidade exclusivamente a partir da luta de classes (Sartre, 2002).

Por isso, para compreender uma pessoa, o método progressivo-regressivo valoriza aspectos da história de vida narrada e, ao mesmo tempo dos atos realizados, das escolhas e de um futuro projetado diante das situações e condições de possibilidade em um cenário que há

sempre necessidade e escassez, e não há igualdade para todas e todos. Ainda que o próprio Lefebvre tenha feito críticas à forma como esses métodos foram relidos por Sartre, é importante apostar na tentativa de articulação entre a psicanálise existencial (a busca de elementos primeiros da história de vida de uma pessoa a partir da experiência e de seu projeto de ser) e o método progressivo-regressivo (movimento de vai-e-vem nessa história, com duas dimensões singulares e universais, considerando aspectos concretos da materialidade) (Freitas, 2018).

Participaram dessas pesquisas mulheres com idade entre 21 a 38 anos, com diferentes profissões, cor da pele, classe econômica, grau de escolaridade, orientações religiosas e sexuais. Dentre as 10 participantes, três atuam como professora, sendo duas de escola pública e uma de escola particular, duas trabalham como artistas, uma como produtora cultural, uma delas trabalha como vendedora, outra como auxiliar administrativa, uma delas é arquiteta e uma estava desempregada no momento da entrevista. São mulheres escolarizadas em nível superior de ensino, sendo que três delas possuem mestrado, quatro graduação e três delas estão cursando o ensino superior.

Somente uma das mulheres se declarou de cor branca, uma se declarou como sendo amazônida, uma delas como cabocla, duas como parda, uma como amarela e três se declararam negras. Assim, temos um estudo com mulheres nortistas, predominantemente não brancas. Quanto a orientação sexual, uma se declarou pansexual, uma delas se declarou lésbica, outra heterossexual e as demais bissexuais, sendo um grupo que também representa questões referentes à pauta LGBTQIA+. A diversidade também está presente nas religiões diferentes das religiões cristãs hegemônicas. A maioria recebe apenas um salário mínimo e apenas duas acima de 4 salários mínimos. Trata-se de um grupo de mulheres com características não homogêneas unidas pela cidade, arte, cultura e feminismo como veremos adiante.

Em uma perspectiva existencialista, concebe-se o termo significado a partir do que é compartilhado coletivamente e o termo sentido a partir de uma experiência mais singular considerando modo como o singular-universal acontece a partir do entrelaçamento dialético e não de uma dicotomia indivíduo-coletivo (Sartre, 2022) Assim, buscando o nexo entre experiências e sentidos que convergem para essas mulheres, em um primeiro momento de análise foi possível identificar eixos temáticos que descrevem sentidos da experiência vivida a partir da narrativa da história de suas vidas.

a) História de Vida (o que aconteceu e foi feito na vida dessas mulheres):

Esse eixo temático auxilia na compreensão dos sentidos dado às experiências vividas e busca significados estabelecidos a partir do trabalho de análise desenvolvido pela pesquisadora.

O exercício de narrar a si mesma e resgatar sentidos foi feito pelas mulheres durante a entrevista narrativa, sendo a análise realizada a partir do olhar de outra pessoa, observadora participante de cenas e espaços culturais vivenciados por estas mulheres, com base na valorização de aspectos singulares, mas, ao mesmo tempo, de dimensões universais dessas histórias, em uma tentativa de preservar ao máximo possível a identidade das pessoas que participaram da pesquisa, visto que são pessoas que ainda escrevem suas histórias.

É necessário consultar a história de cada um para se ter uma ideia singular acerca de cada Para-si singular. Nossos projetos particulares, concernentes à realização no mundo de um fim em particular, integram-se no projeto global que somos. Mas precisamente, porque somos integralmente escolha e ato, esses projetos parciais não são determinados pelo projeto global: devem ser, eles próprios, escolhas, e a cada um deles permite-se certa margem de contingência, imprevisibilidade e absurdo, embora cada projeto global por ocasião de elementos particulares da situação, seja sempre compreendido em relação à totalidade de seu ser no mundo (Sartre, 2015a, p.592).

Dessa forma, buscou-se a partir dessas histórias de vida encontrar aspectos do singular-universal que auxiliam na compreensão do projeto de ser. Conforme Sartre (2015a), sem realidade humana não existe espaço e nem lugar; por isso afirmamos, que sem considerar condições de gênero e raça, não há uma compreensão ontológica total da realidade humana. Estudos recentes desenvolvido por existencialistas brasileiros, como o de Gabriel (2021), permitem problematizar o modo como a realidade humana possui elementos universais, situada a partir de uma historicidade que se constrói de modo diferente para pessoas que são subjugadas por uma violência real e simbólica, que se mantém ao longo de anos na manutenção de um racismo estrutural.

Sartre (2002) atesta em uma de suas obras de maior maturidade, “A crítica da razão dialética”, que a história da humanidade também é a história da busca pela superação da escassez. Assim como o Sartre de “O Ser e o Nada” reconhece que todo desejo é sobre algo que falta, o Sartre de “A Crítica da Razão Dialética” também identifica necessidades que estão localizadas diante de aspectos materiais da realidade desigual para homens e mulheres. Beauvoir, como já mencionado, contribui bastante para compreender a condição existencial da mulher e Fanon para as questões sobre raça (Beauvoir, 2016a, 2016b; Fanon, 2008).

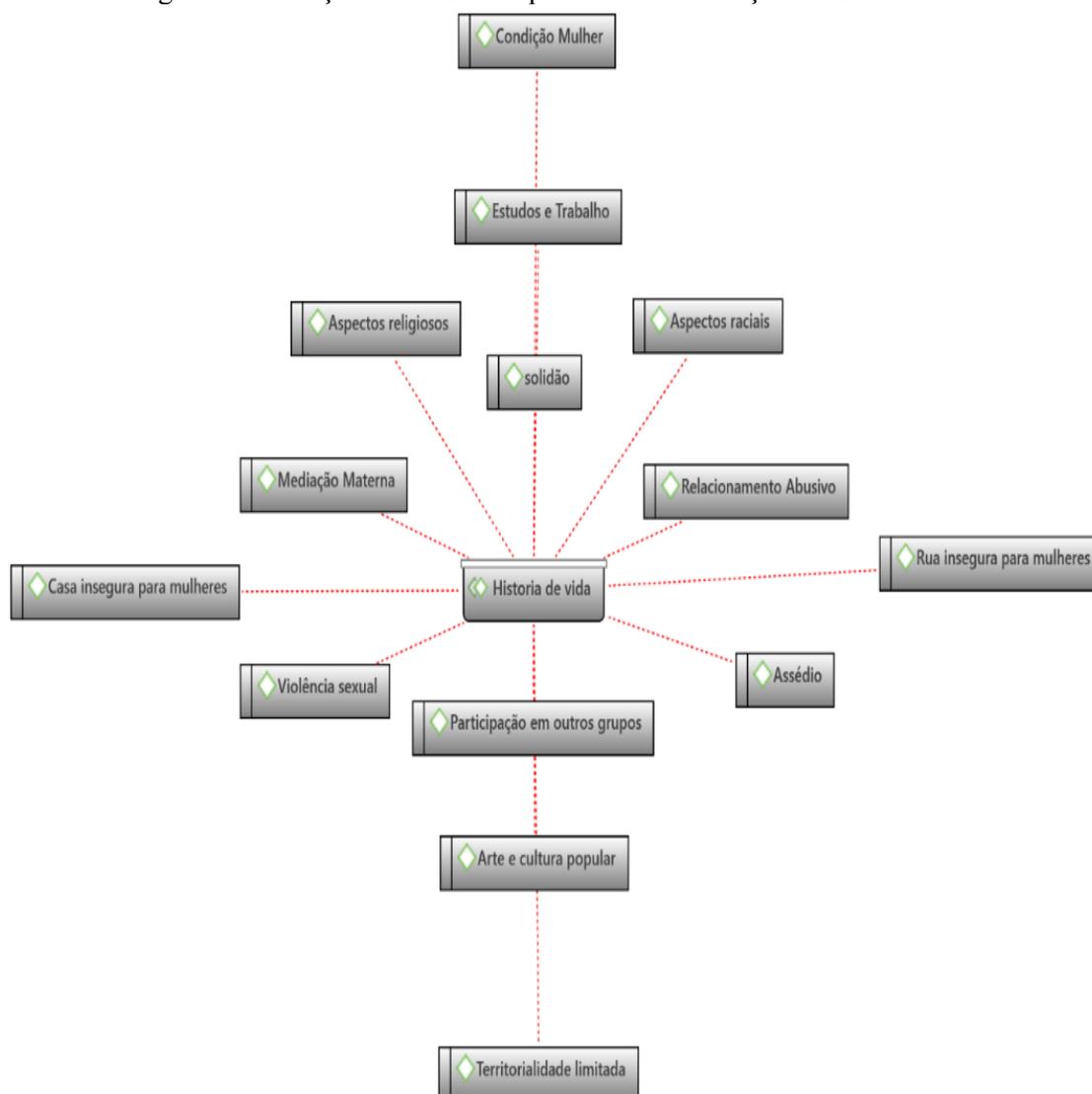
Gabriel (2021) afirma que a psicologia existencialista abandona a própria existência ao ignorar a questão da negritude. Concordando integralmente com esse ponto, aposta-se que é possível afirmar que toda a psicologia ambiental e qualquer disciplina que se dedique a estudar a relação pessoa-ambiente, bem como existencialista, fica incompleta sem considerar a questão

da desigualdade de gênero e questões sociais e raciais como elemento central para manutenção de estruturas desiguais entre pessoas e ambiente/mundo. As experiências vividas por homens e mulheres não são as mesmas, assim como por pessoas brancas e não brancas também não são.

Neste estudo destacam-se experiências muito peculiares da história de vida dessas mulheres e adota-se um estilo de tentar fazer pesquisa “com” e não apenas “sobre” estas mulheres, ao evidenciar suas narrativas. Das dez mulheres entrevistadas, seis delas começaram a narrar sua história apresentando a sua história familiar e a relação com os pais. Quatro delas começaram a narrar sua história falando sobre seu lugar de nascimento, duas falaram do fato de ter nascido no interior do estado e duas demarcaram seu nascimento e criação em um bairro periférico da cidade. Nenhuma dessas mulheres iniciou seu relato falando diretamente das violências que sofreram e também não iniciaram suas histórias falando de suas conquistas. Elas esboçam uma tentativa de narrar uma certa ordem cronológica de acontecimentos na medida que lembravam destes fatos significativos em suas vidas e cada história de vida tinha questões muito singulares. Partindo da experiência e fazendo uma análise regressiva da história dessas mulheres, é possível encontrar elementos como nexos nas suas histórias.

A Figura 9 evidencia alguns aspectos que emergiram na história de vida dessas mulheres e estão entrelaçados em suas narrativas, considerando que estas ainda são histórias em movimento. Para chegar neste elo, as codificações no Atlas.ti auxiliaram a síntese. É preciso lembrar que as codificações é um recurso do software que apenas auxiliam a organizar os dados até a eleição de um eixo temático. Na apresentação dos resultados deste estudo foram considerados os aspectos que reverberam elo entre suas histórias de vida e a constituição do grupo como veremos adiante.

Figura 9: Ilustração de elementos presentes na descrição da história de vida.



Fonte: Imagem realizada com auxílio do Atlas.ti. Alguns códigos gerados a partir das descrições de experiências vivenciadas na história de vida das entrevistadas.

a.1) A condição de ser mulher e as violências sexuais, raciais e de gênero: Territorialidades limitadas

Em diferentes etapas do ciclo vital, meninas e mulheres têm se deparado com demarcações que sinalizam as diferenças existentes entre homens e mulheres e que relegam a elas uma condição de substrato (Beauvoir, 2016a; Beauvoir 2016b). As histórias de vida das participantes da pesquisa traduzem tal percepção e fornecem indicativos do que chamaremos de territorialidades limitadas. Para tanto, partimos da compreensão de territorialidade como forma de se afetar, comunicar, controlar e acessar territórios e espaços de vida, tendo o

entendimento que é um sujeito integral que se move em seu espaço e que, portanto, a territorialidade é também atrelada à noção de corporeidade e modo de ser.

Os espaços onde ocorreram experiências da subordinação do papel feminino foram vividos em diferentes ambientes, a começar pela própria família, passando pelo campo do trabalho, da escola, dos espaços de lazer. Das dez mulheres que contaram suas narrativas, sete viveram experiências relacionadas à violência sexual e de gênero. Por exemplo, ao relatar aspectos da sua infância, Etelvina destaca as diferenciações que vivenciou desde criança sobre o fato de ser uma menina.

Eu ... sofri alguns bullyings de irmãos mais velhos, mas acho que é como os meninos são educados a ser com as suas irmãs e irmãos, pessoas mais vulneráveis e frágeis, né?Então, ... o meu irmão, na infância tentava, tentava não né, cometia alguns abusos assim, tipo me bolinava de noite, eu tinha noites assim, meio atormentadas, eu não dormia direito ... Até hoje , às vezes, escuto meus pais falarem que menino brinca de porrada e menina brinca de boneca, só que assim, só que os meninos brincam de porrada para bater nas irmãs. Não batem só nos amigos, não brincam só de porrada na rua. Batem nas irmãs (Etelvina, 33 anos).

Na mesma direção Raiz destaca as dificuldades vivenciadas na relação com o seu pai durante a adolescência e os cuidados que ele tinha com ela por ser menina: “Então, muita coisa que eu sou hoje eu acho que foi influência de como meu pai me tratou quando eu era adolescente, ele me prendeu muito” (Raiz, 23 anos).

Em um dos primeiros empregos, Flores vivencia uma situação que faz com que ela perceba as diferenças entre mulheres e homens, quando relata um episódio em seu trabalho durante o início da juventude ela relembra: “Eu já estava chateada porque eu descobri que o pessoal, homens que fazem menos que eu, tinham menos responsabilidade, ganhavam mais que eu, nossa, e aí eu como assim, cara?” (Flores, 26 anos). Lírio do Vale ao descrever uma situação desagradável que aconteceu com ela e uma colega e a forma como foram tratadas por homens em uma situação de trabalho: “Eu duvido que ele ia ser intolerante de falar assim, ... Duvido que ele faria isso. Duvido, duvido. Duvido. Ele faz isso porque a gente é mulher” (Lírio do Vale, 26 anos).

As diferenças e violências de gênero começaram a ser vivenciadas dentro de casa e estenderam-se para relações diversas. As mulheres relatam vivências de relacionamentos abusivos, violências de gênero, assédio e abusos, culminando em violência sexual e feridas dolorosas. Os relatos a seguir não são palatáveis, pelo contrário, são bastante indigestos, mas

considerando que essas mulheres fizeram questão de colocar aspectos de suas histórias que não devem ser silenciados:

E aí aconteceram algumas coisas na família que ficaram um tanto quanto nebulosas para mim durante um tempo ... O meu pai viu esse cunhado abusando sexualmente de mim ... Eu tinha seis anos ... aos seis anos, não estava entendendo o que era aquilo (Betânia, 38 anos).

Alvorada é uma das que deixa para falar sobre um episódio de violência apenas no fim da entrevista e afirma que precisa falar mesmo sendo bastante difícil, pois não falar seria silenciar ou naturalizar algo que precisa ser exposto:

Agora sim a história vai ficar completa, que quando eu falar dessa questão do silêncio, eu bato muito nessa tecla sobre a questão de que tem que denunciar, que a gente tem que falar, que a gente tem que se engajar. ...Eu falo também um lugar de uma pessoa que foi aliciada durante a infância por um parente, por um tio que não era meu tio de sangue, mas que fez isso, me aliciou. ... E também falo do lugar de uma pessoa que sofreu uma tentativa de estupro e tipo, foi uma situação pesada mesmo [...] e eu consegui sair de lá sem que o cara fizesse algo comigo, mas que foi uma tortura psicológica enorme (Alvorada, 30 anos).

Como é comum de acontecer nas histórias de violência sexual, conforme discutido pela literatura especializada (Sufredini, Moré, & Krenkel, 2016), os abusos costumam ocorrer dentro de casa, e com pessoas próximas: Esse namorado da minha mãe, ele me abusou né. ... Eu nem lembro quantos anos eu tinha, acho que eu tinha uns 8 ou 9 anos. Eu era bem criança. (Japiim 21 anos).

Sendo assim, as experiências de violência foram sentidas em casa, em um lugar, que as teorias sociais que se dedicam à relação pessoa-ambiente muitas vezes consideram um território primário, isto é, um território no qual há possibilidade de privacidade, segurança e acolhimento (Fischer, 1994). Fischer (1994) convida a uma reflexão sobre o fato de que não há ambiente neutro e discute o conceito de território a partir da qualidade das relações estabelecidas com este e por suas funcionalidades, que abarcam dominação territorial, criação de fronteiras e comportamento territorial. Todavia, nessa perspectiva da psicologia social do ambiente os territórios só podem ser compreendidos a partir da sua proxemia, isto é, da possibilidade de distanciamento e controle de certas espacialidades, embora para as mulheres essa possibilidade seja mais restrita.

O corpo da mulher historicamente foi situado como um território do Outro e vários mitos e fatos foram apresentados por Simone de Beauvoir para desmistificar a ideia da mulher, sobre

teses que naturalizam e prezam pela manutenção dessa desigualdade, apelando para fatos biológicos, míticos e socioeconômicos que por si só não se sustentam. Para todos existentes, “a presença no mundo implica rigorosamente a posição de um corpo que seja a um tempo uma coisa do mundo e um ponto de vista sobre esse mundo: mas não exige que esses corpos possuam tal ou qual estrutura particular” (Beauvoir, 2016a, p 35). Para além de aspectos biológicos e essencialistas, esse corpo tem raça, gênero e classe que o diferencia e demarcam física e simbolicamente.

Nas perspectivas decoloniais que articulam estudos sobre território e gênero, o fato de que são mulheres as que estão reivindicando cada vez mais a noção de corpo-território para que seja possível uma discussão que compreenda questões relacionadas a aspectos muito mais amplos da sua existência, tem sido visto de modo sintomático (Haesbaert, 2020). É, pois, bastante compreensível que mulheres que tem sofrido violências diversas e crimes relacionados a uma estrutura patriarcal, que condiciona o domínio à figura masculina e perpetua desigualdades, percebam seus corpos como território ameaçado, invadido e tomado pelo poder dos homens (Nielsson & Delajustine, 2020).

As histórias de vida registraram violências diversas, vividas por elas mesmas, por suas mães ou amigas e atravessavam suas narrativas em muitos momentos da entrevista e fazem com que elas mesmo se questionem sobre o que acontece de forma tão naturalizada, que, muitas vezes, parece ser essa relação de domínio sobre o outro, em suas relações afetivas.

Logo no início, quando a gente passa por essas situações, a gente pensa, assim, será que eu estou ficando doida, é normal isso? O cara me trancou dentro de casa, se pega fogo à casa eu estou trancada aqui dentro... o cara controlava até minha cerveja. Ei cara, que é isso? Tem algo que é estranho. E quando a pessoa não se sente à vontade, tem que ter um certo jogo de cintura, até para não ser agredida...nossa eu fazia oração para o cara sair pacificamente da minha vida (Etelvina, 33 anos).

As violências vividas caminham em diferentes momentos, sejam elas praticadas por homens nas relações íntimas na vida adulta, como mencionado acima, ou nas relações familiares pelos homens da família.

No Brasil, a incidência de violência contra mulher é tão significativa que leis específicas relacionadas a violência contra a mulher, como a Lei Maria da Penha e a do feminicídio foram criadas nas últimas décadas como tentativa de controle e superação desse enorme problema de saúde pública, que tem como base a desigualdade de gênero e a não aceitação dos direitos da mulher (Rabelo, Santos & Andrade Aoyama, 2019). É dolorosamente assustador o fato de que mais de 70 anos depois as palavras de Simone de Beauvoir ainda façam tanto sentido “As

mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano (Beauvoir, 2016 b, p.9).

Para essas mulheres, nem seu corpo, nem sua casa e muito menos as ruas permitem a vivência desses lugares como seguros. Raiz relata que quando sua mãe voltou a trabalhar, os problemas em casa aumentaram, pois, seu pai era ciumento e usava de violência verbal e física contra sua mãe, situações que a marcaram muito.

Raiz também registra experiências de sair de casa e realizar vários cursos extra curriculares e, mesmo quando não tinha aula, dizia que tinha, na tentativa de ficar cada vez menos naquele ambiente familiar em que ela se sentia mal diante das violências impostas por seu pai. Em uma dessas saídas, andando na rua de seu bairro com sua irmã, sofre mais um tipo de violência: “Eu fui assaltada e o assaltante me beijou à força e eu fiquei muito traumatizada. E a gente não contou do beijo para o meu pai porque na nossa cabeça ele não ia acreditar que a gente foi forçada ... Eu ficava com medo de sair na rua, mas foi passando” (Raiz, 23 anos).

Os abusos e violências sofridas por essas mulheres também aconteceram nos deslocamentos, o ir e vir dessas mulheres é ameaçado, limitado e restrito, mas aparece em suas memórias:

Eu acho que eu devia ter uns doze anos, estava viajando de barco ... Estava dormindo na minha rede. Esse último caso foi um caso que eu não me lembrava mais, tinha esquecido ele completamente e aí conversando com essas mulheres lá me voltou tudo isso, assim, na cabeça, esse caso assim, específico, sabe? Eu fiquei chocada! Como que eu apaguei isso da minha mente durante todo esse tempo, como? Como vou conseguir viver com isso? E aí eu cheguei à conclusão de que eu apaguei mesmo, porque se eu não apagasse, eu morria, mas que várias vezes tinha impactado na minha vida, né, que durante a minha juventude, muitas vezes eu tive vontade de morrer. Várias. Inúmeras, não vontade, como pinteí nas telas né?’ (Tarumã, 37 anos).

Há muitas particularidades nas violências sofridas por mulheres nortistas dada a própria geografia da cidade de Manaus e as desigualdades perpetuadas na região que devem ser consideradas e já foram abordadas em outros estudos (Vieira, Oliveira, & Sókora, 2017; Ratusniak, Mafra, & Silva, 2020). No Amazonas, é muito comum que os deslocamentos aconteçam a partir de viagens de barcos, sendo o meio fluvial um dos principais meios utilizados como transporte da capital para as cidades dos interiores dos estados. Nessa região do país, os rios são “estradas” e as águas turbulentas aparecem na história de vida de muitas mulheres nortistas como aparece na história de Tarumã e repercutem de forma muito nociva na

experiência de crianças e adolescentes que passam por situações de abuso como essas. Como veremos adiante, Tarumã encontrará formas de metamorfosear suas dores e transformar sua história, mas isso não é comum a todas que vivem experiências traumáticas.

Diante das experiências narradas e vividas por essas mulheres, é cabível a constatação das territorialidades vivenciadas de forma muito limitada e restrita. O espaço, enquanto matriz da existência, depende das relações que nele se estabelecem e, portanto, é também um espaço social (Fischer, 1994). O território tem como características os limites estáveis e, geralmente, visíveis, podendo ser definido como um espaço pelo qual a pessoa tem ou deseja ter controle (Moser, 2018).

Na concepção de território, não se pode dissociar características físicas e sociais, uma vez que todo espaço é sempre um espaço construído socialmente. Esse entendimento, a partir de uma abordagem psicossocial, vê a relação no espaço como um sistema de interdependências complexas, no qual a interação entre a pessoa e o espaço se articula em torno de duas dimensões interdependentes: a espacialidade das estruturas sociais e a socialização das estruturas espaciais (Fischer, 1994). Diante disso, é notório o quanto as desigualdades de gênero incorrem em desigualdades espaciais, incluindo ambientes familiares, laborais e de lazer.

Neste estudo também foi possível identificar violências de gênero e raciais sendo vivenciadas de forma muito particular pelas mulheres. As mulheres já sofrem com as imposições de um padrão de beleza que as colocam como objeto do outro (Beauvoir, 2016 a), sendo que as mulheres negras acabam ainda, numa degradação, a ser consideradas como outro do outro, o que leva a muitas a buscarem igualar-se a um padrão branco. Não por acaso, Lélia Gonzalez (2020), ao parafrasear Simone de Beauvoir sobre o fato de que ninguém nasce mulher e sim torna-se mulher, afirma que não se nasce negro, torna-se negro e, assim, torna-se uma mulher negra é uma conquista psicossocial, como veremos na descrição da história das mulheres a seguir:

Na minha primeira infância, eu sofri muito com a questão dessa violência racial...Quando entrei na universidade eu já tinha incorporado, eu comecei a alisar o cabelo, eu estava ficando careca. Eu entrei na universidade já com cabelo alisado e aí já estava tipo criando, assim, os buracos mesmo no meu couro cabeludo. E aí com a questão de saber sobre a questão da minha história, da história dos meus antepassados e de que houve também muita luta por trás de tudo, me fez entender que eu era essa pessoa...então foi o período que eu também decidi fazer a transição do meu cabelo, que não foi fácil” (Alvorada, 30 anos).

Torna-se uma mulher negra parece uma conquista que foi possível graças à contribuição das pautas assumidas principalmente por teóricas feministas e ativistas, mulheres negras e

mesmo mulheres brancas que assumiram um posicionamento antirracista (Hooks, 2019a, Gonzalez, 2020). Esse movimento continua dentro e fora de ambientes acadêmicos e segue resistindo a despeito de todo recrudescimento da violência, do conservadorismo e dos sistemas que buscam a manutenção de ideias conservadoras nos últimos anos no Brasil e no mundo, colocando a liberdade das mulheres em xeque (Santos & Irineu, 2019).

É graças à disposição e práxis de muitas mulheres que nas últimas décadas esses movimentos no Brasil e na América Latina têm assumido uma postura cada vez mais crítica, que se aproxima de meninas e mulheres que começam a enxergar possibilidades de existir, de se sentirem vistas e representadas e exercerem-se enquanto tal.

Vejamos essa faceta na narrativa de Japiim:

Hoje em dia eu me entendo como uma mulher negra, né? Porque meu pai ele é negro, toda minha família paterna é do maranhão e a minha família materna é indígena, então eu me entendo, assim, na sociedade. Só que eu nunca entendi isso quando era criança e hoje em dia olhando pra isso eu observo porque, o porquê de um certo mal-estar que eu sentia quando eu era criança na escola, por exemplo, eu não me sentia bem em meio a outras crianças, né. Eu posso, eu tenho até cenas que eu consigo visualizar da minha infância né. ...Com 16 anos comecei a ir para o fórum da juventude negra, comecei em alguns eventos de rap e... Ai eu, aí eu fui chamada pra participar de um seminário internacional de empoderamento feminino, pra eu ir pelo fórum da juventude negra... Aí eu não entendia nada, né. ... Teve várias épocas assim que eu posso mapear na minha cabeça, da minha transição. Eu usava chapinha, né ... Era uma chapinha que eu só fazia chapinha pro meu cabelo ficar comportado, então eu fazia coque. ... Nunca ele ficava solto. Aí eu comecei a ver que meu cabelo ficava bonito seco. Depois eu comecei a ver que ele tinha um volume. ...Aí foi assim, a minha transição capilar. É, tem as definições, mas eu falei transição no sentido de mudança mesmo, de aceite” (Japiim, 21 anos).

Diante dessas narrativas, até aqui, partindo da experiência para uma análise regressiva, buscando responder o que foi feito com essas mulheres, mas ao mesmo tempo considerando cada existente como liberdade em ato (Sartre, 2015a), também buscou-se identificar o que estas mulheres fizeram com o que fizeram delas a partir de suas escolhas e dos seus atos diante de aspectos sociológicos e antropológicos que lhes atravessaram. Assim, a partir de agora também em movimento de análise progressiva, considera-se as metamorfoses em processo. Até o momento, o olhar foi direcionado para evidenciar um nexos entre a história de vida dessas mulheres que passam pelas violências sofridas pela própria condição de ser mulher e a forma com as territorialidades são constituídas a partir de então.

É Fanon (2008) que nos alerta para a importância de um sociodiagnóstico para que possamos compreender melhor questões existenciais, pois é pela sociedade que chegamos ao ser. Como afirma Simone, “O fato de ser um ser humano deveria ser infinitamente mais importante do que as singularidades que distinguem os seres humanos” (Beauvoir, 2016b, 550).

Compreendemos que as metamorfoses são possíveis, pois não há uma única questão que possa ser imposta a um existente sem que seja viável para ele criar condições para superá-las com sua maneira de viver (Sartre, 2011, Beauvoir, 2016b). Essa possibilidade não se sustenta de forma solitária, pois como já vimos, a história da humanidade é a história das mediações. Em um movimento de vai-e-vem, adiante será possível explorar as metamorfoses possíveis dessas mulheres, a partir das transformações de experiências singulares que foram compartilhadas pelo grupo e a importância das mediações deste na construção de um movimento sociocultural feminista, que media processos individuais e coletivos de lutas e mudanças.

Nesse momento, portanto, iremos apresentar algumas possibilidades de vir-a-ser para essas mulheres que continuam escrevendo sua história como projeto e apresentar as primeiras possibilidades de metamorfoses.

b) Projeto de ser (o que elas fazem com o que é feito delas e todos acontecimentos. Quais metamorfoses passam a ser possibilitadas?)

Projeto-de-ser e a história de vida de uma pessoa, isto é, sua biografia, podem ser compreendidos de forma interligada, visto que a forma como se constitui a história de vida de uma pessoa implica na eleição de seu projeto (Freitas, 2018) como sinônimo. De acordo com Sartre (1979), o projeto só pode ser compreendido ao atentar para o campo de possíveis, ou seja, a um futuro que se descortina, que depende, para se pôr, da realidade social e histórica, de aspectos físicos e materiais e da facticidade. A constituição do *projeto* ocorre sempre em *situação*, sendo que esta é composta por alguns aspectos que serão detalhados no decorrer desse estudo: meu lugar; meu passado; meus arredores; meu próximo; minha morte (Sartre, 2015a). Tais aspectos da situação evidenciam que a existência não se dá de forma abstrata: ela ocorre num espaço concreto, inserida em uma materialidade, que adquire sentido mediante a realização do projeto de ser.

O projeto, por revelar o “Para-si”, abarca a “totalização em curso de nossas experiências, a temporalização singular que constitui nosso modo próprio de ser no mundo, a consistência de nosso projeto de ser, enfim, não é nada além nem nada anterior a uma eleição de nosso ser forjada em determinada situação e retomada permanentemente” (Castro & Ehrlich, 2016, p. 96).

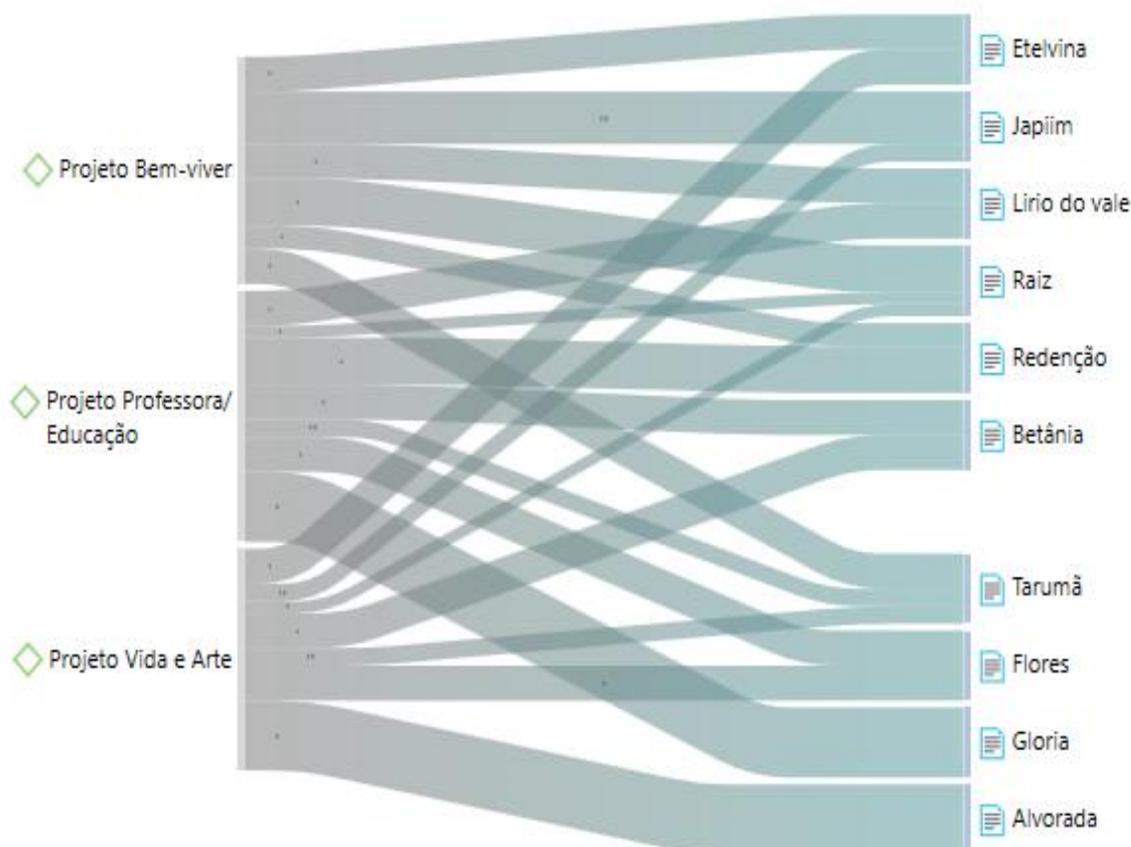
É por isso que o projeto só pode ser concebido como possibilidade, o projeto “é o que não é” e depende tanto das escolhas do existente, quanto das circunstâncias nas quais estas ocorrem.

O projeto de ser, diferente do que se considera no senso comum, vai além do que se almeja para o futuro, pois envolve a própria história com passado, presente e futuro em uma temporalidade vivenciada. Durante a entrevista, entretanto, em um dado momento a pergunta que foi feita a essas mulheres era sobre qual seu projeto para futuro, qual seu desejo e o que consideravam uma vida capaz de lhes fazer feliz. E de algum modo esse projeto de *vir-a-ser* não se resumiu a um desejo do futuro, mas revelou aspectos do seu próprio projeto de ser, que buscamos decifrar nesse estudo, mas que nunca será totalmente decifrado, visto que falamos de existentes que são totalização em curso. O projeto-de-ser abarca aspectos da história da vivência da temporalidade entre passado, presente e futuro (Schneider, 2011).

Podemos nesse momento, entretanto, afirmar que esse projeto de ser ou projeto existencial perpassa pela arte, pela educação e pelo bem-viver. E, por isso, implica a busca de superação de um *status quo*, implicando rupturas, desconstruções, para que novos futuros sejam possíveis para elas e para outras. Ao falar de projeto na perspectiva sartriana podemos concebê-lo como aquilo que a pessoa faz de si própria, como ela se escolhe, como ela age, como ela se anuncia para seu futuro no momento presente de sua vida, a despeito e em respeito a todas as acontecimentos do seu passado, que se converte não só em história, mas em campo de possibilidade para o que virá. Assim, o projeto-de-ser abarca o que a pessoa faz com o que o mundo fez e faz dela e, por isso, abarca o como e em que circunstância esta pessoa se faz e a forma que ao se fazer também compõem parte do que faz o mundo.

A Figura 10 ilustra um projeto adjetivado que revela muito sobre o projeto-de-ser. Todavia, precisamos enfatizar que não é possível encapsular um projeto de tal maneira e assim, apresentamos elementos com fins ilustrativos e pontos constitutivos da compreensão do projeto-de-ser como projeto existencial que implica em suas próprias biografias.

Figura 10: Desejo de vida.



Fonte: Projeto adjetivado como desejo de vida. Elaborada pela autora com auxílio do Atlas.ti.

As falas a seguir evidenciam os projetos concebidos como desejos para o futuro e uma vida não somente idealizada, mas pautada em ações cotidianas que estas mulheres assumem para realizá-los, configurando assim na possibilidade de um projeto de ser.

b.1) Projeto Bem-viver

Adota-se como compreensão do bem-viver tanto uma filosofia de vida de origem na filosofia latino-americana de inspiração de comunidades que vivem em comunhão com a natureza, como uma perspectiva de viver com o suficiente sem reproduzir alienadamente uma lógica consumista e utilitárias das coisas, pessoas e mundo. Concebendo ainda o mundo como um lugar de escassez e necessidade (Sartre, 2002), o bem viver também pode ser compreendido aqui como a capacidade das pessoas existentes viverem de forma harmônica e coerente na busca da superação de sistema de mundo excludente e desigual.

Destaca-se, contudo, que Krenak (2020a) afirma que “O Bem Viver não é distribuição de riqueza. Bem Viver é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida... porque a vida é tão próspera que é suficiente para nós todos” (Krenak,2020a, p.18).

As discussões sobre o conceito de bem-viver ainda estão em construção e permitem boas reflexões propostas por pesquisadoras latino-americanas, mulheres negras e indígenas. E aqui neste estudo são mulheres nortistas, negras, amazônidas, amarelas que nos dizem o que seria o bem-viver. E assim descrevem:

Acho que pra mim é isso, viver bem, é o meu maior desejo poder dar isso a minha mãe também. É ... Ah, acho que viver bem. Tipo no sentido de viver bem assim, numa forma geral sabe, viver bem que eu acho pra mim que viver bem é viver com segurança, com uma boa alimentação, sabe... Fazendo coisas que ama mesmo, sem muito estresse, porque às vezes, assim... Isso tem um preço né, poxa (Japiim, 21 anos).

Krenak (2020b) adverte que se a humanidade continuar perpetuando o estilo de vida atual, mesmo que se fale em sustentabilidade, será impossível manter um mundo sustentável, visto que as pessoas estão devorando esse mundo, consumindo-o e, conseqüentemente, levando a destruição de toda forma de vida possível. Nesse cenário, novas alternativas para tornar viável a própria existência tem sido empreendida, principalmente por mulheres.

Etelvina é uma mulher nortista, que no momento da entrevista estava mudando para a área rural da cidade a fim de colocar em prática a sua idealização de um novo mundo possível:

Eu venho estudando essa área da permacultura né, pensando mesmo nas questões globais da crise de alimentos, degradação do meio ambiente e pensando também no meu futuro, no futuro dos meus filhos, eu tomei algumas decisões, decidir morar no campo, estudar e trabalhar nessa área e reexistir também. Eu acredito que trabalhar com agroecologia e com meio ambiente é uma área futura. O que eu posso fazer para contribuir para o mundo? Pode ser trabalhando, uma pequena parcela no terreno, plantando então abrir espaços de aprendizado para outras pessoas... (Etelvina, 33 anos).

Para Tarumã, que sofreu violências diversas por ser mulher, aos 37 anos seu maior desejo é continuar com o estilo de vida que tem adotado, com viagens aos interiores amazônidas para trabalhar com seus projetos, que envolvem ações de incentivo a alimentação natural, produção cultural e desenvolvimento de mulheres:

Então hoje eu penso que me contempla muito se eu conseguir continuar trabalhando e viajando por aí se, eu em algum momento, não precisar ter uma casa. Eu acho que isso pode me fazer feliz... muito... de continuar andando aprendendo, viajando, morando em lugares

diferentes, conhecer pessoas diferentes ..., escolhi não ter uma família né, com filhos, com essa estrutura, eu escolho viver longe de todas essas estruturas que eu reconheça... ou melhor, eu reconfiguro todas essas estruturas. ...Têm que fazer o que a gente tem que fazer, sabe?... No sentido de a gente estar buscando a nossa felicidade, que é isso que importa, a gente só tem agora para ser feliz, né? (Tarumã, 37 anos).

A história e o projeto-de-ser de Tarumã são como as águas de um rio que desemboca em um mar de possibilidades de reinvenção, não somente para ela, mas para outras mulheres como veremos adiante na experiência do coletivo. Neste momento, contudo, Tarumã nos fornece indicativos para compreender que o bem-viver não é solitário. O bem-viver é coletivo. Conforme Assis (2021), o conceito de bem-viver tem sido cada vez mais acionado desde 2015 pelos movimentos de mulheres negras e indígenas, latino-americanas e apresenta-se como possibilidade de transformação aliada à produções relacionadas ao feminismo comunitário, decolonial e sobretudo, compromissados no movimento antirracista e sexista. Em estudos que associam o direito à cidade e ao bem-viver, a força do coletivo para transformar processos aparece de forma significativa (Viveiros, Lima & DELL'orto, 2021).

Parafrazeando Krenak (2020b), esse estudo permite que conheçamos um pouco das mulheres que mostram que o amanhã não está à venda e apresentam possibilidades do bem-viver.

b.2) Projeto Professora: A educação como possibilidade

A educação na vida dessas mulheres aparece como a possibilidade de um projeto-de-ser viabilizado e manifesta-se no desejo de continuar na docência ou tornar-se professora. Ensinar e aprender para elas também foi uma possibilidade de encontrar beleza e sentido como nos diz Betânia, professora de uma escola da cidade:

Eu posso dizer que minha vida, eu vivo exatamente da forma como eu planejei ... Não posso reclamar, quantas mulheres que passam por situação de violência e não tem pra onde ir, entendeu? Então acho que o projeto, assim, é ensinar e estar próximo da arte e da beleza. É o que eu queria e é o que eu tenho, assim, graças a Deus. Ser professora, eu sempre quis, assim, sempre achei bonito. É exaustivo, mas é muito bom. Eu fico feliz, adorava também estar em sala de aula” (Betânia, 38 anos).

Como já mencionado, a experiência dessa tese foi completamente perpassada pela nova forma de vida e restrições impostas pela pandemia. E algumas das entrevistas ocorreram durante a pandemia. A entrevista com Glória foi uma das mais rápidas, pois tanto a internet dela como a da pesquisadora oscilavam muito. Outras tentativas de entrevista foram realizadas em outros

momentos, mas a mesma só conseguia acesso a internet pelo celular e o microfone estava com problemas. Ainda assim, não desistiu da ideia de contribuir com essa pesquisa, pois acredita na pesquisa e na educação. Ao ser questionada sobre o que deseja para sua vida, a conexão não falhou e ela respondeu prontamente: “Eu quero ser doutora. Sempre almejei isso. Depois disso, eu quero ser professora e educadora ambiental.” (Glória, 27 anos). Glória tinha pressa, estava na casa de uma amiga para conseguir usar internet e participar da entrevista. Ainda assim tentou ser bastante colaborativa e falou de todos seus desejos de contribuir para mudar o mundo através da educação, falou da importância da pauta feminista e do seu compromisso de tentar ler mais mulheres. Contudo, atravessada pelo momento pandêmico em uma das cidades mais afetadas pela ausência de políticas públicas eficazes para conter o avanço da covid-19, afirmava que essas questões precisariam esperar: “Mas um dia ainda vou levar essa pauta. Mas isso um pouquinho mais pra frente. Agora eu tô muito concentrada em manter todo mundo vivo e saudável. Atualmente estou concentrada nisso”.

Um dos conceitos chaves comuns entre a teoria revolucionária do patrono da educação Paulo Freire e a obra existencialista é a noção de liberdade (Moreira, 2015). Para ambos os autores, a história da humanidade articula-se a partir da experiência individual e coletiva em um processo de vir-a-ser. Sabemos que para Sartre, ainda que a liberdade seja situada, é condição ontológica primordial que significa que as pessoas sempre serão livres para escolher, mesmo com restrições, mesmo quando não escolhem (Sartre, 1970). A educação, na concepção de Paulo Freire de liberdade, só faz sentido a partir da possibilidade de uma emancipação e da concepção dos professores sobre o movimento dialético no qual estão inseridos.

Essa concepção também se faz presente na narrativa dessas mulheres: Desde os seis anos quero ser professora, eu já sou professora, então é dar continuidade, terminar o mestrado e para o doutorado e continuar atuando na rede pública porque é nisso que eu acredito. Assim, acredito que a educação é o que pode mudar” (Lírio do Vale, 27 anos).

Bell Hooks, inspirada em noções freirianas e na sua própria trajetória de práxis, fala da importância de uma educação libertadora para uma consciência crítica e superação das desigualdades de gênero sofridas (Hooks, 2017). Algumas das mulheres dessas pesquisas revelaram que se realizavam nos desafios do seu projeto de ser professora, transgredindo:

Eu sempre quis ser professora né, e eu tava [sic] fazendo o que eu queria e eu via que fazia bem e eu tinha um carinho pelos alunos também ... Na minha escola ... lá na escola dos crentes, eu falava sobre feminismo, sobre respeito às mulheres, sobre empoderamento das meninas, entendeu... mana, as vezes umas meninas de 12 anos com autoestima

baixa, deixando os meninos tratarem elas como eles querem. Então, eu falava sobre igualdade de gênero na sala de aula ... (Redenção, 26 anos).

O projeto dessas mulheres, a partir da educação e do ser professora, também dialoga com o projeto de fazer uma arte engajada. Milton Santos (2008), como já dito, muito inspirado nas concepções existencialistas nos fala que é preciso resistir para pensar o futuro e justamente pela possibilidade de resistência é que à existência produz sua própria pedagogia de vida. Um grande artista contemporâneo e engajado com pautas sociais, o cantor Emicida (2020) anuncia que a arte como resistência também é uma carta para o futuro e assim o projeto destas mulheres, compreendido a partir de seu desejo de futuro dando espaço para expressão artística também pode aparecer na vida das existentes como possibilidade de superação de um passado e presente difícil como veremos a seguir.

b.3) Projeto Vida e arte: A arte como expressão de superação na vida

Conforme Sartre (1979), por mais reduzido que seja o campo de possíveis de uma pessoa, este campo sempre está no seu horizonte, o que quer dizer que ter um projeto de ser é condição ontológica do sujeito humano e é impossível não ter projeto. Este pode estar interrompido, pode estar inviabilizado, mas, mesmo nas circunstâncias mais extremas, vislumbrar um futuro sempre se impõe. E isso aconteceu na história de Flores que tinha dificuldades para finalizar o curso de artes que escolheu para viabilizar seu projeto

E aí, só que aí no meio aconteceram várias coisas do tipo eu, a de ansiedade e tipo, não era mais aquela ansiedade que eu ficava só... não, é aquela ansiedade de ficar chorando, estourar do coração, ficar palpitando e eu não consigo estar, dizer nada, então eu, tipo, dei várias paradas no meio do caminho. O curso ficou prejudicado, pois eu deveria estar formando esse ano. ... Eu pretendo ser uma artista que eu pretendo mostrar para as pessoas o que está aqui dentro da minha cabeça, entendeu essas coisas? Mas tipo, não é um, não é uma coisa certa, porque eu tenho que ficar bem no momento, isso pode mudar, entende? (Flores, 30 anos).

Em diferentes concepções epistemológicas é possível reconhecer o papel transformador da arte e a relação arte-vida. Para Sartre (2015c) a arte engajada é aquela que possibilita resistência. Para essas mulheres, a arte é uma forma de resistência e engajamento no mundo. Alvorada reafirma seu desejo:

Olha, uma coisa, uma das primeiras coisas que sempre desejei desde criança foi esse meu vínculo na música, sabe? É uma coisa que sempre

esteve na minha vida desde muito nova. Então eu quero muito continuar essa questão do botar para frente os meus projetos musicais, ter essas experiências musicais também que essa vivência mesmo que eu preciso ter com a música negra e, também, trazer isso para o meu projeto pessoal. Porque uma coisa é você trabalhar no coletivo e eu tô mais trabalhando no coletivo e movimentos culturais assim negros e tal de música negra”.

Assim, revela-se através de dimensões expressivas como a música é um posicionamento diante da sociedade e como a participação em coletivos que compartilham arte e cultura possibilita transformações (Dayrell, 2005). Ao falar do projeto como vida e arte entende-se que a arte não precisa ser compreendida como uma esfera separada da vida, visto que inspira transformações de movimentos identitários e políticos e, conseqüentemente, alargar possibilidades de ser (Arndt & Maheirie, 2021).

Em suma, em conformidade com as ideias proposta por Simone de Beauvoir (2016a; 2016b) e Sartre (1970; 2002; 2015a), cada movimento singular está relacionado a um todo, como cada vez que uma escolha é feita se anuncia para todas as outras pessoas que também é possível fazer outras escolhas e as metamorfoses na vida dessas mulheres e a realização de seu livre projeto existencial permite metamorfoses na vida de outras mulheres. Para compreender isso, é preciso entender como se constitui a experiência de vida dessas mulheres em um coletivo e como esse coletivo ganha um processo de grupo-em-fusão, a partir de uma coletividade metamorfoseada em grupo, para superação das solidões vivenciadas em um mundo com territorialidades restritas para estas mulheres.

A partir da experiência em coletivos e grupos, novas territorialidades são viabilizadas. No existencialismo Sartriano, entende-se que “não somente que a dimensão física é totalmente objetiva devido às propriedades intrínsecas do mundo, mas tais propriedades mobilizam não apenas sentimentos: elas conduzem a ação” (Coorebyter, 2017, p. 21). Isto porque, conforme Sartre, “sentir é já superar, em direção à possibilidade de uma transformação objetiva; na prova do vivido, a subjetividade volta-se contra si mesma e arranca-se ao desespero pela objetivação” (Sartre, 1979, p. 81).

Para Sartre (2015a), o projeto de cada existente acontece sempre em um lugar e entre as várias possibilidades de definir as territorialidades, afina-se com a proposta deste trabalho defini-la como “a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica. Essa área é chamada de território” (Sack, 2011, p.76). Beauvoir (2016b) afirma ainda que “A

humanidade é coisa diferente de uma espécie, é um devir histórico; define-se pela maneira pela qual assume a facticidade natural” (Beauvoir, 2016b, p. 542). Assim, as novas territorialidades vividas por essas mulheres acontecem a partir da relação com um coletivo, a partir das mediações e de um projeto dialetizado pelas experiências artísticas e culturais.

c) Experiência no Coletivo metamorfoseado em Grupo Artístico-Cultural

Milton Santos (2008), apoiado nas discussões de Sartre sobre a dialética individual-coletivo, fala da necessidade de irmos do Homem solitário ao solidário e afirma que a individualidade só se realiza em grupo, visto que a cidadania é mais que uma conquista individual. Considera-se, portanto, que essas mulheres, ao escolherem participar do coletivo artístico cultural e construí-lo, conseguiram transformar suas histórias individuais, marcadas pelo singular-universal da condição de ser mulher, em experiências de metamorfosear a solidão em solidariedade, como atesta esse importante princípio das teorias feministas, que deve ser entendido para além da teoria, na prática.

Em sua obra clássica, *O Segundo Sexo*, Beauvoir (2016b) nos alerta que nada é natural na coletividade humana e se a condição de viver experiências de desigualdade por ser mulher é produto elaborado pela civilização, isto pode ser modificado ao direcionar suas ações de outro modo e diferente do que é dado pela sociedade comumente, a condição da mulher pode passar a ter outro resultado visto que “A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através das consciências alheias, o seu corpo e sua relação com o mundo” (Beauvoir, 2016b, p. 550).

Compreender o “projeto de ser” de um grupo “requer perseguir a verdade de determinado grupo. Sua verdade, portanto, é construída na relação conjunta de seus membros com a realidade objetiva, por movimentos de totalizações, destotalizações e realizações” (Freitas, 2018, p. 205). O método progressivo-regressivo, que auxilia na prática clínica e na pesquisa de psicólogas e psicólogos existenciais, também traz grandes contribuições para se pensar a mediação grupal, na busca de compreender os projetos coletivos e quando os coletivos passam a ser grupos organizados, ao entrelaçarem os projetos de ser de cada membro.

Esse método consiste na possibilidade de compreender o fenômeno estudado em uma temporalização dinâmica, que permite, tendo como horizonte o projeto coletivo, ou seja, o vislumbrar das possibilidades futuras do grupo, voltar ao passado, buscar seus sentidos, em um transitar entre as histórias de vida das pessoas e seu entrelaçamento com o grupo, chegando aos aspectos mais presentes da trajetória desse coletivo organizado, num movimento que vai e vem. Reitera-se que esse método, parafraseando Sartre (1979), “determinará progressivamente a

biografia do grupo, aprofundando a época, e a época, aprofundando a biografia do grupo". Segundo Freitas (2018) para compreender a biografia de um grupo é necessário partir da síntese que cada pessoa realiza em comum com as demais, promovendo status de grupo, bem como os conflitos nesse processo grupal.

É interessante olhar para esse coletivo e verificar que ele possui tanto as características de um coletivo artístico-cultural, como características de um coletivo feminista como elas mesmo afirmam e denominam-se. É possível destacar, no entanto, que este coletivo surge como possibilidade de grupo, surge a partir da necessidade de superar uma escassez de direitos e possibilidades que envolve a condição de ser mulher. A narrativa das mulheres que participaram desse estudo nos mostra que uma das primeiras atividades do coletivo ao se engajarem nas ruas da cidade foi parte de um movimento da luta feminista: “Encabeçamos alguns atos na cidade por conta de violência e estupro que estavam muito afloradas no país” (Glória, 27 anos). O acesso ao coletivo também acontece na busca da superação de uma vivência particular e solitária da condição de ser mulher:

E aí tipo, eu vi que eu precisava, eu precisava de ter um parâmetro para com outras mulheres, também, para saber que eu não passo algumas coisas sozinha, porque às vezes quando você não tem contato, você pensa assim ‘caraca, bicho, só eu que passo por isso?’ E não é bem assim, né? Várias outras pessoas passam por coisas semelhantes e o compartilhamento, principalmente na roda de conversas ... Mas depois eu fiquei muito empolgada só com tocar, tocar, tocar, tocar, tá? E aí as coisas acontecendo comigo e só tocar, tocar. Eu quero tocar, quero participar. E aí, agora que a gente está, tem tentado, não é? É resgatar esse negócio de a gente realmente ser unida e ser um movimento, com uma pessoa ajudar a outra, não é?” (Flores, 31 anos).

Ao compreender a biografia do grupo e a teoria sartriana é possível afirmar que este coletivo surge a partir da inserção em um grupo institucionalizado. A história deste coletivo surgiu a partir do convite de uma liderança nacional de um coletivo feminista de Maracatu:

Primeiro, ela tinha feito um convite para as meninas, para todas as batucadeiras do Brasil gravarem um vídeo ...para o dia das mulheres, isso foi em março de 2016. E aí, quando teve isso, foi o primeiro momento ...Manaus só tinha aceitado o convite ... aí teve essa gravação de vídeo. Você lembra daquele episódio da menina no Rio de Janeiro que foi estuprada? Nós saímos um cortejo dali do largo, da praça, da praça da matriz até o largo em cortejo, não é? Falo com as palavras de ordem e tal, lembrando do episódio do estupro... (Lírio do Vale, 27 anos).

Ao retroceder no movimento que antecede o acesso a esse coletivo, essas mulheres relataram que o acesso inicial ao coletivo artístico, de modo geral, se deu em função de um amor à arte e à cultura popular. A partir da observação de ensaios e ações de coletivos na cidade, essas mulheres recebiam convites de amigos para participar de oficinas e aprender a tocar: “E aí tinha essa moçada, que já tocava maracatu e eu pensava ‘caramba, nunca vou tocar nada. Não tenho jeito para tocar nada. Nunca vou tocar nenhum instrumento, mas adorava ficar dançando. Era a primeira a chegar e a última a sair” (Tarumã, 37 anos).

São as relações recíprocas e tríades a base de todas as relações. E esta reciprocidade pode ser positiva, facilitando um intercâmbio com o outro, ou negativa, apenas objetivando o outro para alcance de um projeto. É a partir da reciprocidade que cada pessoa “pode fazer do projeto do outro um veículo para si, de modo que o outro fará para si um veículo do nosso projeto” (Laing & Cooper, 1976, p.76).

As oficinas ofereciam a possibilidade de aprender a tocar o instrumento e adentrar ao coletivo superando as solidões, vivenciando a arte engajada e compartilhando a condição de ser mulher. Existiam coletivos mistos na cidade oferecendo “oficinas de maracatu no início do ano, esse ano não está tendo né, mas nessa época teve e aí eu falei com a minha irmã ..., vamos numa oficina e ela falou "vamo" e aí a gente começou a ir e, assim, quando você vai numa oficina de maracatu, você começa e você realmente quer ir... Que você começa a aprender a tocar um instrumento só, só o seu instrumento e depois você tocando o seu instrumento com todas as outras pessoas, tocando os instrumentos dela e formando o baque do maracatu, é uma coisa que dá vontade de fazer pra sempre, assim... (risos). Até hoje eu sinto isso, sabe. Tipo... Mano, é uma coisa sem igual que eu sinto quando tô tocando maracatu” (Japiim, 21 anos).

Esse acesso também se deu para buscar superar a solidão e ter experiência com outras pessoas, sair de casa e ampliar possibilidades. Redenção é uma das mulheres que relata que nasceu e foi criada em um bairro periférico da cidade e seu pai sempre a deixou muito presa em casa, com medo das violências que ela poderia sofrer pelo fato de ser mulher periférica, ao mesmo tempo, assumindo o controle do seu ir e vir exercendo a dominação masculina em casa. Ela compreendia sua preocupação, mas sempre ficou muito incomodada e queria poder ir e vir livremente aos lugares. A experiência em coletivos na cidade oferecia essa oportunidade e ao entrar na universidade, começou a participar de vários coletivos até chegar no atual:

Antes o meu compromisso no sábado, era todo sábado, reunião do coletivo feminista entendeu... aí eu já tinha saído e não tinha mais um compromisso fora de casa no sábado... ai eu queria fazer uma coisa nova né...me permitir conhecer novas coisas e fazer o que eu gostava e

eu gostava do Maracatu. Aí ... eu já tava [sic] saindo e voltando só e agora, com mais intensidade né...sem ter que ficar pedindo permissão em casa e tal... tava [sic] tocando e eu também fui fazendo oficinas e ocupando né. (Redenção, 26 anos).

Não há experiências de reciprocidade quando cada pessoa tenta, isoladamente, viver seus projetos. Ainda que participem de grupos no sentido abstrato, seja um grupo de música, de dança, um grupo religioso ou até mesmo um grupo de mulheres, não necessariamente são suficientes para transcender a condição de serialidade e solidão. Freitas adverte que “projetos não criados pelos membros de um grupo, mas assumidos por eles...são forjados, por exemplo, através de ideologias que os identificam como equipe, classe, dirigentes, assessores, funcionários, time, etc. Serão grupos somente na dimensão abstrata, pois, concretamente, sua práxis, muitas vezes, realizada de maneira isolada, se alienam a projetos terceiros a eles” (Freitas, 2018, p.205).

A participação dessas mulheres começou efetivamente a vislumbrar status de grupo a partir do momento em que elas percebem que participavam de coletivos de maracatu que não eram coerentes com seu projeto, e acabaram por romper com coletivos que não correspondiam às pautas feministas e reproduziam machismos. Acabaram sendo definidas por um terceiro como um coletivo de mulheres, mas ainda estavam em processo de construção de sua identidade. Como afirma Freitas (2018), é a unidade comum do projeto dos membros de um grupo que passa a revelar sua verdade e identidade. E a condição de mulher possibilitou a escolha de constituir um novo grupo, perfazendo as primeiras metamorfoses do projeto de ser em projeto coletivo dessas mulheres.

As mulheres evidenciaram bastante o desconforto de sentir uma experiência de autoritarismo masculino em outros coletivos artísticos:

E aí tinha o apito naquela época, era um homem o Apito do maracatu. Ele era muito duro. Era aquilo: não pode errar. Nossa, já tem tanto tempo de maracatu, ainda não acerta isso. Ele amedrontava todo mundo no grupo. Todo mundo ficava muito tenso. E quando ele vinha assim, para cima de mim, eu olhava para ele obviamente com raiva, também porque eu não sou uma mulher pacífica. Eu sou bem explosiva, inclusive. Eu olhava para ele com raiva e respondendo no mesmo tom e dizia, não adianta me olhar com cara feia. Eu falei: eu vou continuar errando e é natural errar, é assim que se aprende, para de gritar comigo. Aí então, sabe, ficava aquela tensão. Aí nesse meio tempo surgiu o coletivo de mulheres... Nesse momento, as batuqueiras do grupo xxxx que fundaram o xxxx Manaus (Lírio do Vale, 27 anos).

Assim, a biografia deste grupo vai se confundindo com a biografia de suas participantes em uma relação dialética. A respeito dos outros coletivos que participavam, ainda que com pautas feministas, buscando superar a serialidade e viver a experiência em grupo, essas mulheres relatam as incoerências observadas:

Eu comecei a não me sentir tão representada... As camadas do feminismo, do feminismo interseccional. Então eu vi, eu comecei a entender o feminismo que o Maracatu, maracatu não, o feminismo que xxx trouxe pra mim, não foi um feminismo com os recortes necessários que me incluíssem, sabe. E assim, o fórum da juventude negra me trouxe isso, mas o maracatu sendo ultimamente a religião de matriz africana e falando da história dos orixás, dos povos negros, sendo a mestra xxx, mulher negra, sendo a primeira mulher a ser apito, a religião de maracatu, uma nação de maracatu... Me fez ir mais além, sabe? Nessa história. Nessa história, assim, me senti representada e reconheci minha própria história mais nesse sentido. Assim, eu já tinha um acesso, mas não tanto quanto eu tenho agora” (Japiim, 21 anos).

A partir da história de suas vidas, projetos e mediações, outras possibilidades surgiram para essas mulheres. A mediação sociológica ocorre a partir do entendimento de que a pessoa humana é relacional e a história singular passa pela história universal (Sartre, 2002; 2015b). É justamente no coletivo, a partir da intermediação de múltiplas singularidades, que a pessoa humana pode se constituir (Silva, & Vaccaro, 2016). A relação no grupo envolve sempre um terceiro que estabelece o processo de mediação. Existem dois momentos neste processo, um que é quando o grupo é o terceiro e o outro é quando cada integrante funciona como terceiro no grupo. “A mediação é o processo de integração do eu ao tu por intermédio do grupo. O terceiro mediador em um momento é o grupo em totalidade. No segundo momento da mediação, cada um dos integrantes do grupo pode funcionar como os terceiros mediadores” (Rosenfeld, 1971, p. 62). A partir da decisão de algumas mulheres de romper com coletivos anteriores, mesmo que algumas ainda conseguissem manter suas relações, foi possível dar início a uma nova experiência em um coletivo de mulheres que buscava ser grupo.

Aqui no maracatu já tocava, mas era grupo misto, não era de mulheres. E até então, a gente nem tinha esse recorte ainda, então, a gente ligava muito, o quanto as mulheres eram importantes. A gente já sacava que a gente era maioria, a gente, já sacava algumas coisas, mas sacava a potência da unidade. Aí quando cheguei eu saí do xxx, no mesmo ano no final do ano, eu saí. Ah sim lá eu fui para o terreiro. Então já vi também todo o axé, a coisa toda. (Tarumã, 37 anos).

Quando a organização ocorre, abre-se o campo de possibilidades para que aconteça o juramento, ou seja, uma decisão consolidada sobre a manutenção do grupo. Conforme Sartre

(2002), o juramento diz respeito justamente à reciprocidade mediada. Rosenfeld (1971) afirma que não se pode confundir juramento com um contrato. Entretanto, o juramento é a etapa que envolve justamente o ato de assumir determinados compromissos com o grupo e sacramentá-lo.

Eu queria estar no meio da mulherada. Essa era a minha parada e o coletivo ele veio um sentimento, assim, muito bacana para mim, de retorno ao maracatu, porque eu tinha decidido não participar, embora gostasse muito. Mas, eu saio não porque eu não queria mais tocar, mas houve divergências com o grupo e aí fiquei super feliz de ter a mulherada tocando e tal. Só que logo em seguida dessa decisão já vieram as diretrizes do coletivo nacional para a gente, eu lembro que a gente ficou bem chocada, com algumas coisas. Eu, particularmente fiquei bem chocada também na época, com a história do figurino que a gente queria muito fazer um figurino nosso e tal ... Mas ela explicou todo o fundamento só, que mesmo assim a gente não tinha ainda, também nunca tive, tinha tido contato com uma figura que lidera antes como uma mestra. A gente nunca tinha tido mestre em maracatu. Até então a gente tinha pessoas que eram dirigentes, mas que não tinham nenhum fundamento (Tarumã, 37 anos).

O grupo vai definindo-se e produzindo-se não somente como instrumento, mas sim como modo de existência e a partir das tarefas juramentadas confere ao outro um novo nascimento, pois o “o grupo é o meio mais eficaz de governar a materialidade circundante no âmbito da escassez e, ao mesmo tempo, o fim absoluto como pura liberdade que liberta os homens da alteridade” (Sartre, 2002, p. 749).

A experiência de coletivo serial para passar a um grupo, ou mais precisamente o que Sartre chamaria de um grupo organizado, permite aprendizados:

E eu estou aprendendo mais com isso porque o maracatu não é só tocar. Eu sinto que é tu entender muitas coisas também dessa cultura... dessa cultura que vem do maracatu e estou aprendendo agora e antes eu via o Maracatu tocando eu ficava assim com o, ah sei lá eles são uma banda na minha cabeça, só que não é um espaço para ter relações saudáveis e se troca experiência, esse apoio, de acolhimento, e tem sido muito bom para mim” (Raiz, 23 anos).

Esse aprendizado também se confunde com a experiência de acolhimento. Ser acolhida enquanto mulher é possível e, assim, sente-se que o coletivo de mulheres no seu processo de metamorfosear-se em grupo permite:

Acolhimento, porque a essa altura eu já tinha passado por tanta coisa e visto tanta coisa das meninas que eu percebi que o que acontece é um acolhimento entendeu. Mesmo que, às vezes, ele não seja da maneira

que elas esperam ou então que eu espero... enfim, eu falei acolhimento, essa palavra, mas depois eu percebi que é mais aprendizado, entendeu? (Redenção, 26 anos.).

Revela-se então o caráter do grupo como ato, do grupo sempre inacabado, da luta contínua entre a superação da serialidade (Rosenfeld, 1971, Lapassade, 1977). Não se pode ignorar, entretanto, o fato de que os projetos coletivos e os projetos de ser encontram-se entrelaçados de alguma forma. Reconhece-se a necessidade dos grupos, visto que é por meio deles que é possível o terceiro ser mediador e estabelecer relações de reciprocidade (Sartre, 2002).

Essas relações aparecem a partir da percepção do acolhimento que estas mulheres vivenciaram nesse novo grupo que tentava emergir a partir da experiência singular-universal: “Inclusive quando eu entrei no coletivo foi muito por causa disso, entende? Porque eu falava caraca [sic] eu não tenho o que me apoiar, entende? Então, quando falaram, olha, eu tenho aqui um grupo de mulheres que se apoiam e que se ajudam em tudo mais, é eu pensei, pô, é uma boa, é disso que eu estou precisando”. As participantes desse grupo artístico-cultural acolhem e são acolhidas em sua condição de ser mulher.

As primeiras experiências no coletivo foram confusas, mas ainda assim permitiam a sensação de acolhimento. Etelvina relata que

Como a gente começou a se reunir logo no início, nós não sabíamos muito qual o propósito, a gente sabia que tocávamos ... baque virado, que tinha pautas feministas sobre empoderamento feminino, né, mas assim eu me senti acolhida, porque nós fazíamos isso né como amigas, já fazemos isso como amiga, inclusive antes mesmo de ter o grupo.

De acordo com Beauvoir (2005) “apenas eu posso criar o laço que me une ao outro; crio o pelo fato de que não sou uma coisa, mas um projeto de mim rumo ao outro, uma transcendência” (Beauvoir, 2005, p.139). Os laços de amizades que uniam algumas dessas mulheres, antes mesmo de adentrarem o grupo era um fator significativo para muitas delas. Entretanto, ainda quando não existam laços de amizades estabelecidos com todas, o vínculo se fortalece e a experiência do acolhimento auxilia a manutenção desse projeto singular e coletivo:

Também tem sido um espaço de acolhimento real, assim toda vez que me encontro com as meninas, tem sido assim... Apesar de que muita coisa de que eu não me abro com as meninas, de muitas questões pessoais, mas quando eu já abri, sempre houve essa escuta, sabe? ...com o coletivo, a gente se fortalece, com as manas a gente consegue ir para frente, consegue ser bem melhor. E eu acho que o baque ele trouxe muito isso. Tem até uma letra que fala né ‘companheira, não eu sozinha

ando bem, mas com você ando melhor'. Eu acho que tenho sentido muito isso, sabe? de estar melhor neste aspecto de ter esse espaço, de saber que no momento que acontecer alguma coisa, vou ter pessoas que vão poder me ajudar, ou me acolher como eu já me sinto acolhida antes mesmo de falar. Como eu te falei, nem chegou a falar e já me sinto acolhida só de estar ali. Então é uma coisa muito positiva assim para minha vida." (Alvorada, 26 anos).

Lapassade (1977), ao apropriar-se da concepção existencialista sobre grupos de Sartre, afirma que "o coletivo em fusão só pode tornar-se verdadeiramente um grupo mediante a mediação implícita do juramento" (p.59). A maneira com que o grupo se relaciona com este juramento pode levar, de certo modo, a sua institucionalização e a ocorrência do que Sartre (2002) vai chamar de fraternidade-terror. "O grupo organizado, então, é colocado a si fora de si, pelos seus fins. O produto final do grupo, ou seja, sua inércia, a 'essência' do produto, recai sobre o grupo pelo olhar do terceiro excluído como o Ser-do-grupo, unidade-objeto" (Freitas, 2018, p. 149). Com isso, a fraternidade-terror acontece mediante o temor de que o grupo se desorganize. A fraternidade-terror procura o controle das possibilidades de fuga, de desejos e da não participação, tentando evitar a dispersão e retorno para a serialidade (Rosenfeld, 1971).

Mesmo destacando experiências de acolhimento, há contradições e mulheres que não se sentem acolhidas. Ao serem questionadas sobre o que mudariam neste coletivo com status de grupo em fusão, uma delas afirma que "Acho que mudaria ... independente de empatia ou não, assim fazer um esforço para acolher. Eu sei que não vou fazer como eu faço e é objetivo, cada um faz do seu jeitinho, mas se cada uma puder fazer um pouquinho de esforço para fazer esse acolhimento, melhoraria esse aspecto" (Etelvina, 33 anos).

Contudo, o processo "de metamorfose da série ao grupo traz a esperança e o terror, liberdade e violência - os quatro estão indissolavelmente unidos em toda atividade revolucionária." (Laing e Cooper, 1976, p.93). Esse coletivo também tem conflitos, decepções e discordâncias:

Acho que esse discurso de sororidade e de união feminina, né porque acaba que o que eu percebo fazendo uma autocrítica do grupo. Elas não entendem que é um movimento político, né? Elas não entendem isso e não tem essa compreensão, não sei se por falta de leitura ou por falta de atuação de fato nos movimentos sociais que elas não enxergam isso. Então se perde muito a real da proposta do grupo, elas ficam muito tipo, aí é sempre o discurso, é a gente espera acolhimento, empatia, sororidade. Não sei o quê. A vida real não é esse discurso bonitinho da internet que vocês fazem, sabe? Não é.., tipo, tem contradição, tem dilema" (Lírio do Vale, 27 anos).

Aspectos estruturais e organizacionais relativos à própria matriz nacional de um grupo já institucionalizado também se apresenta como pontos considerados por essas mulheres:

Se eu pudesse mudar o uso de saia. É obrigatório, mas eu entendo, Bom, não tem uma coisa assim, o que já está forma ainda, mas eu não tenho muito assim por conta da história, coisa do certo é, mas o uso de saia, o uso de farda. Tem mulheres no grupo que são trans e querem usar calça e não estão no grupo por conta da obrigatoriedade do uso da saia (Glória, 27 anos).

Durante o período pandêmico, o grupo organizado que nascia de um coletivo serializado quase se desfez por conflitos que já existiam antes da pandemia e com o distanciamento social e físico, a ausência de encontros presenciais, a ampliação dos desconfortos, as mudanças que aconteceram na coordenação do grupo local que se encontrava diante de um novo momento de juramentar o grupo. O juramento possibilita que a organização do grupo se consolide, isto porque o juramento é uma espécie de decisão que faz com o grupo consiga organizar a sua permanência enquanto tal. A organização indica que há um objetivo comum a ser perseguido, tal como num grupo em fusão, entretanto difere-se, pois, parte de uma decisão juramentada que confere um diferente status a esse grupo, que agora necessita de um compromisso que auxiliará as necessidades de organização desse grupo, como o seguimento das regras e o engajamento de cada membro pelo bem comum (Rosenfeld, 1971; Sartre, 2002).

As metamorfoses no coletivo são perceptíveis, bem como sua metamorfose de coletivo a grupo que continua como inacabada. Todavia, a simples participação dessas mulheres como escolha e ato nesse coletivo, ainda que algumas tenham escolhido sair no momento em que não vislumbrava reciprocidades positivas, foi transformador para elas. Podemos afirmar que até o momento do fim desta pesquisa estamos diante de um coletivo que passou pela etapa de superar a coletividade serial e viveu o grupo-em-fusão na busca da superação de desigualdades do campo prático-inerte, do qual espaço e as territorialidades vivenciadas por elas é expressão máxima. Todavia do grupo-em-fusão o risco e ameaça de voltar a coletividade serial foi muito iminente e então ocorre a transformação que oferece ao coletivo status de grupo juramentado, que conforme Freitas (2022) possui como maior objetivo a manutenção do grupo no qual cada pessoa que participa age como terceiro unificador dos demais.

A nível pessoal houveram muitas metamorfoses:

Cara, de muito amadurecimento né. Porque tu fazer parte do coletivo é tu se forçar a amadurecer. Eu sempre fui uma pessoa muito, fui filha única por muito tempo, eu sempre tive dificuldade de me relacionar com as pessoas, muita dificuldade, muita dificuldade, eu era uma pessoa

muito difícil, intolerante. Nossa... Extremamente intolerante, e isso vai moldando, né? E tu vai crescendo pessoalmente assim amadurecendo. Também faz parte do meu. O maracatu. O grupo fez, me fez amadurecer muito nesse sentido, assim. De aprender a viver no coletivo, aprender a compreender.’ (Lírio do Vale, 27 anos).

A mediação do outro, das outras, aparece a cada detalhe: “Eu perdi a timidez muito fácil com elas. E eu não tenho que ficar me preocupando sobre o que as pessoas vão pensar de mim. Eu não me preocupo com o que elas pensam de mim, porque eu sei que elas são boas pessoas e não vão me julgar sabe” (Raiz, 23 anos).

A valorização do coletivo e outras alternativas para a existência:

Nos últimos tempos eu acho que tenho pensado mais no coletivo do que numa vida sozinha, né? Assim de tocar a minha vida sozinha sem nenhum coletivo, porque como falei até eco vila eu penso em viver junto, imagina no coletivo de mulheres. Eu acho, assim que o grupo me fez acreditar que é possível a gente viver num coletivo e se ajudar mutuamente, cada uma, na sua especificidade. Cada uma no seu tempo, e aprendi a respeitar o tempo das manas e estou aprendendo, na verdade, a ouvir as manas e controlar as minhas emoções, que, às vezes, a gente escuta coisa desagradável e tem que fazer silêncio e esperar ela terminar é um grande esforço, viver em coletivo. E isso força, força gente a ser um ser humano diferente (Etelvina, 33 anos).

Observa-se também a metamorfose de transformar dores em resistência:

É uma coisa assim, bem bizarra. Hoje para mim é doloroso, mas ao mesmo tempo, sobre o que aconteceu comigo, já não com o tempo eu fui conseguindo lidar, sabe? Aceitar que isso aconteceu, que foi como foi. Mas aí, quando vem essas situações, assim, na hora, a primeira coisa que penso ‘‘cara tem que quebrar o silêncio, tem que estar na rua, tem que botar a cara no sol’’, sabe? Não tem como ficar mais esse espaço de silenciamento. E essa história que aconteceu comigo é uma das maiores lições que eu tive que pode ter sobre essa questão, sabe? de romper o silêncio, de quebrar os vidros, de falar ‘‘eu existo’’. Olha, eu estou aqui no mundo, existindo, entendeu e, então, para a minha assim foi bizarro tudo, sabe?’’ (Alvorada, 26 anos).

Para essas mulheres é possível metamorfosear suas histórias e história coletiva, compreendendo que, mesmo no engajamento pelas mesmas causas, há diferenças: “Eu acho que eu me tornei mais humana... E assim compreensiva com as diferenças. E eu tive que aprender a reconhecer as diferentes maneiras delas se comportarem. Os diferentes níveis de engajamento com o feminismo que elas tinham... coisas que estavam além do que eu já tinha visto, assim” (Redenção, 26 anos).

Os aprendizados foram acontecendo e foi possível ter “mais confiança nas relações com as mulheres. Ah não ficar também romantizando, achando que elas devem ser sempre 100%, o fechamento, comigo tem as diferenças de cada uma, não pode esquecer isso” (Betânia, 38 anos).

As características desse coletivo de mulheres que busca metamorfosear-se em grupo remete às palavras proferidas por Simone de Beauvoir “Nunca vi que liberdade criasse a uniformidade ... os que tanto falam de “igualdade na diferença” se mostrariam de má-fé em não admitir que possam existir diferenças na igualdade” (Beauvoir, 2016b, p 556). A alienação é superada diante de uma existência concreta e não idealizada, construída mediante ação de cada uma:

Eu tenho essa grande falha de endeusar uma coisa que eu acho que vai ser muito legal, porque essa coisa é maravilhosa e perfeita, não tem falhas, mas tem. E aí quando eu comecei a eu comecei a conhecer mais as pessoas também do grupo, as problemáticas, então, tipo, nossa, realmente não é perfeito e numa, não é uma coisa que eu vou esperar uma outra pessoa fazer a diferença, para poder ser uma coisa legal, isso tem que começar comigo, tem que começar com a minha irmã ali com a minha outra irmã ali, é mana, não é? Tipo, é uma coisa eu não tenho que ficar esperando a outra começar a fazer para começar, era eu (Flores, 31 anos).

É na relação eu-outro-mundo que cada pessoa, ligada a todas as outras, em relação recíproca, constrói a materialidade da existência. E, portanto, essa relação que constrói territórios e territorialidades. Assim:

As relações interpessoais, por seu turno, são mediadas pelo campo da materialidade, assim como o medeiam. Esse campo é o espaço concreto/objetivo construído pelas produções resultantes das ações humanas. ... o *prático-inerte*, por ser um campo construído historicamente, pelas práticas humanas, e inerte, pela fixidez dos produtos das ações. Suas ações, no entanto, podem sofrer resistência de outras pessoas ou serem facilitadas por elas. Igualmente ocorre em sua relação com o campo da materialidade. (Freitas, 2022, p.188).

Ademais, essas mulheres, ao metamorfosear seus projetos e na tentativa de tentar metamorfosear o coletivo em grupo, buscam uma organização e burocratização de processo. Da organização à instituição, pela mediação do terror e na busca da sua manutenção, o grupo vai colocar as suas instituições e chegar à burocratização (Lapassade, 1977, Sartre, 2002). Algumas mudanças foram realizadas, algumas pessoas deixaram o grupo, mas os objetivos para manutenção do coletivo e constituição de um grupo revelam o desejo de acessar novas territorialidades na cidade.

O coletivo que se metamorfoseia em grupo juramentado possui características e um perfil bastante acadêmico:

Todo mundo na universidade adora a gente. Assim, eu sempre falo: não aguento mais tocar no largo. Não aguento mais tocar na universidade, vamos tocar num beco ali, no beco, sabe né? Mas até pra gente ir pra periferia, a gente precisa de condução, de suporte. A gente não tem grana. Ninguém é privilegiado no sentido econômico assim. Né, tem? Os privilégios básicos. Né de ter casas de não passar fome, essas coisas que é privilégio comparado aos outros, aos outros grupos de maracatus que eu conheço, né?” (Lírio do Vale, 27 anos).

Milton Santos (2011) entende que os espaços de vida são sobretudo espaços vividos e a cultura tem um grande significado para tornar possível metamorfoses em um espaço que muitas vezes só contribui para manutenção das desigualdades entre pessoas, raças, cores, credos, gêneros e classe. O geógrafo existencialista (ousamos dizer) considera os símbolos da cultura popular como portadores da verdade da existência, pois vem “de baixo” e não “de cima” imposto, vem da própria realidade das pessoas que vivenciaram situações de escassez e, por isso, são reveladores do próprio movimento da sociedade (Santos, 2011). A cultura popular resiste uma vez que a experiência da escassez é a ponte entre o cotidiano vivido e o mundo.

Posto isto, essas mulheres ao reunirem-se, erguerem suas vozes e evidenciarem pautas de lutas feministas, ao reivindicar direitos nas ruas da cidade, nas praças, nos centros universitários ou mesmo nos quintais de casa que ensaiam, estão fazendo essa ponte entre a história de suas vivências cotidianas e o mundo. Elas edificam um novo mundo possível para elas a partir da troca das vivências únicas e singulares de cada mulher e das que são vividas universais e coletivamente nessa própria condição existencial cheia de diferenças.

Novamente evidenciamos o que une e não o que separa, o que une e facilita o engajamento e a transformação desses espaços de vida que produzem territorialidades limitadas. Evidencia-se o que une até porque isso foi bastante pontuado pelo coletivo ainda que se reconheça que todo coletivo possui diferenças e contradições. Ao experimentar novas territorialidades promovidas por elas ao caminharem juntas mesmo nas diferenças - visto que as diferenças e contradições também constituem os grupos e coletivos e a toda diversidade humana - constata-se que estas mulheres experimentam neste coletivo metamorfoseado em um grupo, o acolhimento e afetos que as fortalecem mediante entrelaçamento das suas histórias de vida e da sua condição de ser mulher. Nessa relação é possível assumir um protagonismo engajado:

Este resumo ai mana é uma vida de enfrentamento e posicionamento, mas tudo desse jeito muito pensado e essas coisas vão cada vez mais me dando coragem para conversar sobre essas questões, com outras mulheres... A gente que fala muito disso aqui em casa. Desde que eu vim morar aqui, menina, está parecendo um centro terapêutico de recuperação, sabe de aves abatidas urbanas, chega aqui em casa quebrada, chega com o vôo meio fraco e, assim, a gente troca umas ideias. Aqui a mulherada já sai mais levantada, porque no final das contas, percebi que muitas são essas questões que impedem a gente de voar. São pequenas amarras, assim, sociais, que são tão pesadas, que ancoram realmente a gente... de estar com a nossa visão de uma maneira que a gente não é nem capaz de dimensionar (Tarumã, 37 anos)

A participação no coletivo artístico cultural que se metamorfoseia em grupo parece ser um lugar no mundo que possibilita erguer a voz e evidencia um lugar de fala: "...a fala verdadeira não é somente uma expressão do poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem" (Hooks, 2019a p.37). As mulheres deste estudo demonstram a todo momento esse ato de coragem, a partir do compartilhamento de suas trajetórias, desejos e movimento vivo, na escolha de protagonizar a escrita de sua história de todas, mesmo diante de um cenário de escassez de condições de igualdade para as mulheres. De forma dialética produzem novas territorialidades para seu corpo-território na cidade e escrevem a própria história fazendo parte dos movimentos da (re)existência.

Dito isto, o coletivo que busca se metamorfosear em grupo juramentado por ter vivido momentos de experienciar o grupo-em-fusão é um grupo artístico-cultural de mulheres, que como todo o grupo pertencente a realidade humana e é um vir-a-ser nunca acabada, sempre em processo de fazer-se, desfazer-se e refazer-se dialeticamente como mediador entre pessoa e sociedade e, porquanto "é uma estrutura ternária da sociedade que luta contra a condição serial de viver" (Freitas, 2018, p.220).

A dialética e a contradição estão presentes a cada momento neste estudo. Cada história de vida destas mulheres nas singularidades de cada solidão atravessa todas as outras mulheres de alguma forma plural e atravessam toda sociedade, nas ruas, nos lares, nas cidades e em todo movimento concreto da existência. Finalizo essa discussão com a reflexão de uma dessas mulheres, autoras e protagonistas desses estudos que superam a relação observadora/pesquisadora-participante e aponta para a condição de ser mulher, do que une e não separa: "Até a maneira que a gente escolhe para se vestir no dia é um ato político. E até a gente se dispor a conversar com você é um ato político. Isso aí vai tá guardado para a história. Então agradeço a sua disposição. Você é uma mulher corajosa" (Etelvina, 33 anos).

Considerações Finais

A psicologia como ciência e profissão pode utilizar as contribuições teóricas do existencialismo Sartriano para avançar em intervenções em grupos, considerando a noção de projeto de ser e projeto coletivo e seu papel significativo para uma práxis de mediação grupal em diferentes grupos, com diferentes demandas, alteridades e reciprocidades. O papel da mediação grupal na psicologia existencialista refere-se à própria constituição do ser humano. Considerando-se essa mediação fundamental para constituição do sujeito e das possibilidades que o grupo mediatiza na vida humana e sendo importante avançar na *práxis* que consolida o papel da mediação grupal.

Aqui a biografia do grupo e a de seus membros é fundamental de ser conhecida e trabalhada, para abrir possibilidade de refletir criticamente sobre o projeto coletivo e sobre como os projetos individuais se tecem e viabilizam este grupo enquanto tal, sem que este abafe as individualidades. A construção de estratégias visando a superação da solidão social, vivenciada em um mundo cada vez mais competitivo, que reforça os processos de individuação, que impõe difíceis decisões a cada momento, em uma lógica que faz com as pessoas se sintam cada vez mais solitárias e menos conectadas aos coletivos, é cada vez mais urgente e necessária.

A biografia dessas mulheres e desse grupo possibilita pensar na necessidade de promover grupos que se reconheçam enquanto tal, que se engajem em ações coletivas, que transformem situações e contextos e sofram transformações, e que estejam consonantes com as demandas de um mundo onde a escassez se revela de múltiplas formas, inclusive nas práticas profissionais e formativas, mas cujos coletivos podem se colocar como estratégias de proteção e resistência à dispersão contemporânea.

O projeto de ser desse coletivo e destas mulheres passa pelo engajamento de lutas feministas e da condição de ser mulher, mas também passa pelo movimento cultural e artístico. E para Milton Santos (2020), territorialidades e culturas podem ser consideradas sinônimos, visto que a cultura é forma de comunicação de pessoas e grupos com o mundo, comunicação sobre heranças do seu modo de viver, que só é possível a partir de mediações e entrelaçamentos de projetos singulares-universais. É a cultura que permite a consciência de pertencer a um grupo, sendo assim, concebendo cultura como territorialidades, são essas novas territorialidades produzidas por mulheres engajadas que permitem a ela consciências posicionadas sobre o ser mulher e a relação com seu lugar no mundo.

Referências

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Arendt, H. (1991). *A condição humana* (1958). Tradução: Roberto Raposo, 5.
- Arndt, A. D., & Maheirie, K. (2021). Musicoterapia social e comunitária e processos de subjetivação política. *Psicologia & Sociedade*, 33. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235846>.
- Assis, D. N. C. (2021). Contra o Racismo, Sexismo e pelo Bem-Viver!. albuquerque: *revista de história*, 13(26), 33-46. <https://orcid.org/0000-0003-0885-0715>.
- Beauvoir, S. (2005). *Por uma moral da ambiguidade*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2016a). *O segundo sexo: fatos e mitos*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2016b). *O segundo sexo: A experiência vivida*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bicudo, M. A. V. (2011). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez.
- Bocca, M. C. (2021). *Psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo: experiência psicopatológica em Jean-Paul Sartre*. Curitiba: Aprris.
- Bock, A. M., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2007). *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. Saraiva, 14-29.
- Castro, F. G., & Ehrlich, I. F. (2016). *Introdução à Psicanálise Existencial: Existencialismo, Fenomenologia e Projeto de Ser*. Curitiba: Juruá Editora.
- Cerbone, D. R. (2014). *Fenomenologia*. Editora Vozes.
- Ciampa, A. D. C. (2007). *A estória do Severino e a história de Severina*. 9. reimpr. São Paulo: Brasiliense.
- Coorebyter, V. D (2017). Os paradoxos da consciência. In F. Castro, D. Schneider, & G. Boris (Org.), *J-P. Sartre e os desafios à psicologia contemporânea* (pp. 14-43). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Dayrell, J. (2005). *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude* (Vol. 120). Editora UFMG.
- Fanon, F. (2008). *Pele Negra Máscaras Brancas*. EDUFBA.
- Fischer, G. N. (1994). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. 10.1590/S0102-311X2008000100003.
- Freitas, S. M. P. (2018). *Sartre, Psicologia de Grupo e Mediação Grupal*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

- Freitas, S. M. P. d. (2022). Intervenções em grupos na perspectiva existencialista. In *Psicologia fenomenológica e existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação* (p. 296). Manole.
- Gabriel, N. L. D. (2021). *A liberdade em Frantz Fanon: a existência aos olhos dos condenados*. Apolodoro Virtual Edições.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Haesbaert, R. (2020). Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, 22(48).
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100>.
- Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Hooks, B. (2019a). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante.
- Hooks, bell. (2019b). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Karnal, L. (2020). *Quem Emicida lê, ouve, reverencia? Leandro Karnal e Emicida* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=bV4P7TThtAI>
- Krenak, A. (2020a). Caminhos para a cultura do Bem Viver. *BiodiversidadeLa*.
<https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver>
- Krenak, A. (2020b). *O amanhã não está à venda*. Companhia das letras.
- Laing, R. D., & Cooper, D. G. (1976). *Razão e violência: uma década da filosofia de Sartre: (1950-1960)*. Vozes.
- Langaro, F. (2019). *Vivências de pacientes gravemente doentes de câncer: o projeto de ser frente ao adoecimento e à morte*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Lapassade, G. (1977). *Grupos, organizações e instituições* (HA Mesquita, Trad.). São Paulo: Francisco Alves.
- Lefebvre, H. (1991). *O Direito a cidade*. São Paulo: Ed. Moraes Ltda.
- Maheirie, K. (1994). *Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade*. Letras Contemporâneas.
- Minayo, M. C. S. (2016) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. São Paulo: Vozes.
- Moreira, M. J. (2015). Análise da prática pedagógica na perspectiva da autonomia em Sartre e Freire. *Filosofia e Educação*, 7(1), 127-158. <https://doi.org/10.20396/rfe.v7i1.1745>.
- Nielsson, J. G., & Delajustine, A. C. (2020). A dimensão pública da violência de gênero e a inscrição política do corpo como território: muito mais do que “briga de marido e mulher”. *Revista quaestio iuris*, 13(01), 322-347. <https://doi.org/10.12957/rqi.2020.40621>.

- Perdigão, P. (1995). *Existência e Liberdade: Uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM.
- Rabelo, D. P., dos Santos, K. C., & de Andrade Aoyama, E. (2019). Incidência da Violência contra a Mulher e a Lei do Feminicídio. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. 10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01rex27
- Ratusniak, C., dos Santos Mafra, I., & da Silva, V. P. (2020). A travessia das infâncias no Amazonas no contexto de distanciamento social. *Zero-a-seis*, 22, 1364-1382. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1364>
- Rosenfeld, D. (1971). *Sartre y la psicoterapia de los grupos* (Vol. 221). Editorial Paidós.
- Sack, R.d (2011). O significado de territorialidade. In: FERRARI, M. (2011). *Territorialidades humanas e redes sociais*. Florianópolis: Insular, 2.
- Santos, Boaventura de Sousa. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Boitempo Editorial.
- Santos, C. V. M. D., & Irineu, B. A. (2019). Violência contra mulheres e promoção de saúde mental na comunidade. *Revista do NUFEN*, 11(1), 232-245. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01rex27>
- Santos, M. (2011). O dinheiro e o território. In M. Milton et al. (Org.), *Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial* (pp. 13-21). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Santos, R. J. L. (2005). Modelos de engajamento. *Estudos Avançados*, 19(54), 391-427. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000200021>
- Sartre, J. (1970). *O existencialismo é um humanismo*. 4ª edição. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo. Editorial Presença.
- Sartre, J. (2015a). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão, (24 ed.). Petrópolis, RJ: Vozes (Originalmente publicado em 1943).
- Sartre, J. P. (1979). *Questão de método*. São Paulo: Difusão Editorial.
- Sartre, J. P. (2002). *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método*. Rio de Janeiro: DP&A. (Trabalho original publicado em 1960).
- Sartre, J. P. (2015b). *O que é a subjetividade?*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sartre, J. P. (2015c). *Que é literatura*. Vozes.
- Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a Psicologia Clínica*. Florianópolis: UFSC.
- Silva, L. C., & Vaccaro, M. M. (2016). A constituição do sujeito: uma reflexão a partir de Jean-Paul Sartre. *Revista de Psicologia*, 7(2), 99-109. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23073>
- Silveira, B. B; Sousa, A. L. S; Thurow, C. F; Ribeiro, P. (2019). Violência contra a mulher nas cidades: Percepção de segurança nos espaços urbanos. In G.A. Baggenstoss et al (Org.) *Coleção Não Há Lugar Seguro: Estudos e práticas sobre violências contra as mulheres à luz da multidisciplinaridade* (p.p. 423-436). Editora Centro de Estudos Jurídicos.

- Sousa, Renata. F. D. (2017). Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 9-29. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p9>
- Sufredini, F., Moré, C. L. O. O., & Krenkel, S. (2016). Abuso sexual infanto-juvenil na perspectiva das mães: uma revisão sistemática. *Contextos Clínicos*, 9(2): 265-278. <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.92.11>.
- Teixeira, J. A. C. (2017). Ser psicoterapeuta existencialista é fazer política. In F. Castro, D. R. Schneider, & G. Boris (Org.), J-P. *Sartre e os desafios à psicologia contemporânea* (pp. 237-243). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Vieira, M. S., de Oliveira, S. B., & de Almeida Sókora, C. (2017). A violência sexual contra crianças e adolescentes: particularidades da região Norte do Brasil. *Revista Intellector*-ISSN 1807-1260-[CENEGRI], 13(26), 136-151. <http://www.revistaintellector.cenegri.org.br/index.php/intellector/article/view/126>
- Viveiros, L. D., Oliveira, A. L., & Dell'Orto, J. (2021). Direito à cidade e bem viver: diálogos e afetos latino-americanos. <http://www.nomads.usp.br/virus/virus22/?sec=4&item=3&lang=>

6 DISCUSSÃO INTEGRADA

A proposta desta tese foi a de oferecer diálogos entre áreas interdisciplinares do conhecimento que auxiliam a psicologia como ciência e profissão. Toma como pressupostos teóricos a psicologia ambiental e a psicologia existencialista em uma interlocução teórica-epistemológica e metodológica para conceber a noção de pessoa, de ambiente, sociabilidades e espacialidade, em uma perspectiva dialética. Para Freitas (2022) dialética também pode ser compreendida como diálogo. O ponto de partida é a história e a experiência vivida de mulheres que participam de coletivos-artísticos culturais na cidade de Manaus. A eleição por esse público ocorreu diante da necessidade de dedicar uma atenção especial para questões transversais e urgentes como a perspectiva de gênero na relação pessoa-ambiente e mostra que é possível realizar pesquisas que dialogam e interseccionam mesmo diante das dificuldades presentes no momento atual que a história do país e do mundo atravessam. Diante disto, por um lado, temos as contribuições da psicologia existencialista com seu aporte da filosofia fenomenológica e existencial e, por outro lado, as contribuições da psicologia ambiental e os estudos heterogêneos sobre a relação pessoa-ambiente.

O bojo destas teorias busca sustentar esta tese não apenas como concepções teóricas abstratas, mas como teorias que valorizam a práxis, a ação, a transformação de saberes e fazeres. O elo entre estas áreas consiste na possibilidade de compreensão de diálogos já realizados que evidenciam a proposta dialética do existencialismo sartriano (Maheirie & França, 2007) e a concepção dialética presente nos estudos sobre a relação pessoa-ambiente, principalmente desenvolvida por pesquisas brasileiras (Bomfim, 2010).

Assim, perspectivas históricas e socioambientais são compreendidas como aspectos fundamentais da constituição de sujeito e implicam na própria construção dos espaços de vida superando as dicotomias sujeito-objeto, interno-externo, dentro-fora, pessoa-ambiente. Valoriza-se a relação recíproca, a importância dos coletivos e grupos e da arte engajada como porta voz e executora de territorialidades, sendo as territorialidades concebidas como sinônimo da própria cultura promovida pelo agrupamento de pessoas que edificam não só territórios, mas a própria sociedade e ao fazê-los, fazem a si próprias.

Esta tese teve como objetivo central compreender como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo artístico cultural na constituição de territorialidades em Manaus. Para tanto, optou-se por desenvolver três estudos que contemplassem a diversidade da abordagem teórica e multi metodológica adotada. A proposta

é que estes estudos possam ser acolhidos tanto entre pessoas que se dedicam aos estudos da psicologia existencialista, quanto da psicologia ambiental e que possam ser compreendidos a partir do seu diálogo ou de forma isolada, pois, de modo geral, acredita-se que ambas bases epistêmicas, oferecem contribuições para compreensão acerca da constituição de territorialidades de mulheres que participam de coletivos ou grupos artísticos-culturais na cidade.

A eleição por um modelo de tese diferente do modelo tradicional, apontando para construção de artigos que evidenciam os achados da pesquisa, foi um desafio ainda não superado. Este modelo exige grande capacidade de síntese e aspectos importantes podem ser poucos esmiuçados. Contudo, prezou-se por cumprir os objetivos propostos por este estudo em três artigos distintos. O primeiro, já publicado, teve como objetivo apontar as aproximações entre psicologia ambiental e existencialista para compreensão de como se constituem as territorialidades no contexto urbano. Para isso investigou-se o modo como o conceito de territorialidades apareciam em diferentes estudos, com diferentes temáticas e, a partir de então, foi possível evidenciar o modo como o conceito de territorialidade se relacionava com os estudos sobre a relação pessoa-ambiente e com a perspectiva da psicologia existencialista. Isto porque, não se pode falar em território sem falar em territorialidades. E este estudo adotou a concepção de território de Milton Santos, autor que declaradamente enfatizava sua perspectiva existencialista nas obras publicadas.

Deste modo, acredita-se que artigo 1 cumpriu seu objetivo e nos permitiu afirmar que a definição de territorialidade utilizada reconhece a diversidade desse conceito a partir de diferentes perspectivas teóricas e enfatiza a afetividade como seu elemento constitutivo, em um sentido coerente com as contribuições da psicologia ambiental e da teoria existencialista. A territorialidade é, assim, concebida tanto como possibilidade de acessar, controlar e transformar a relação da pessoa com o ambiente, assim como uma forma de vivenciar, comunicar e se relacionar com o território por meio de aspectos subjetivos e objetivos que contêm afetos e transformam mutuamente pessoas e espaços.

De modo geral, para definir este conceito reafirma-se que territorialidade consiste na forma como as pessoas agem e como permitem que outras pessoas ajam em seus territórios ou espaços de vida. Acredita-se que essa ação só pode ser compreendida mediante os aspectos afetivos que a mobilizam, e estes aspectos afetivos, por sua vez, não estão dissociados de acontecimentos externos, quer sejam políticos, econômicos, físicos, culturais ou sociais. A territorialidade é, portanto, ação criativa – do individual ao coletivo, do singular ao universal –

de modos de operar em determinados ambientes transforma o ambiente, e também transforma pessoas, em uma relação recíproca.

O segundo estudo, objetivou caracterizar atividades realizadas pelo grupo artístico-cultural das mulheres participantes, identificar os sentidos atribuídos pelas mulheres a partir das intervenções produzidas no território pelo grupo e caracterizar as territorialidades na cidade de Manaus a partir do ponto de vista das mulheres participantes. Os achados da pesquisa permitem acessar os objetivos do estudo de forma entrelaçada, uma vez que revelaram que o Maracatu como expressão artística e cultural acontece em diversos espaços da cidade colocando-se como uma intervenção urbana e uma possibilidade de transformação da vivência do território.

Destaca-se, contudo, que o centro da cidade ficou em evidência como palco de manifestações, encontros e movimentos das mulheres que participaram deste estudo, mesmo que muitas delas sejam moradoras de bairros periféricos da cidade. Há a necessidade de ampliar estas territorialidades, levando essa expressão artístico-cultural para outras zonas da cidade. Para estas mulheres ainda é difícil acessar alguns espaços, elas não possuem sede própria para os ensaios e mesmo os espaços públicos, em alguns momentos, precisam de autorização para que elas ocupem. Apesar das intempéries, violências reais ou simbólicas e restrições vivenciadas, elas resistem e vivenciam a cidade de forma particular.

De acordo com Bomfim (2010) a estima positiva sobre uma cidade é expressão da afetividade que proporciona movimentos de recriação e de construção do espaço. Para a autora dos mapas afetivos, fecundo método investigativo dos afetos e da relação pessoa-ambiente, a estima é um indicador da ação das pessoas na cidade e de sua participação. Acredita-se que a participação em coletivos favorece esse tipo de relação que faz com que seja possível uma forma diferenciada de apropriação da cidade. Nas discussões da psicologia ambiental que versam sobre a diferença de espaço e lugar, e tratam espaço de forma puramente espacial e geográfica e o lugar a partir do sentido que se dá a um espaço (Elali, 2011), seria possível afirmar que Manaus, para as mulheres que participam desse coletivo que se converteu em grupo artístico-cultural, configura-se como um lugar. É uma cidade que acolhe apesar de tudo, o que parece indicativo das mobilizações que, de forma recíproca, permitem transformar a cidade e fazer com que essas mulheres sejam transformadas por ela.

A discussão sobre a categoria espaço-lugar é importante, tanto na geografia como na psicologia ambiental, e embora haja diferentes concepções sobre, é importante destacar as implicações da teoria existencialista sartriana, uma vez que para Sartre, lugar vai além do espaço geográfico e depende do sentido que se dá a ele. Essa perspectiva influencia bastante a obra de Milton Santos, que concebe a territorialidade como sinônimo de cultura e espaço quase

como sinônimo de ação humana no mundo (Santos, 2020). Aqui, poderíamos atestar, que as territorialidades dessas mulheres mediadas pelo afeto fazem com que vivam a cidade de forma ambígua. Os problemas são reais e causam desconfortos, mas a experiência de ser nesse lugar, traz aspectos positivos e direcionam um afeto que concebe a cidade de forma positiva a despeito de suas limitações no sentido que é possível engajar-se.

O estudo 3 buscou descrever as histórias de vida e projetos de ser de mulheres do grupo artístico-cultural e discutir o entrelaçamento dos projetos de ser na constituição deste movimento sociocultural na cidade referida. Assim, foi possível reconhecer tanto as mulheres quanto o grupo como objeto de análise, para identificar o nexos que fez com que as histórias de vida destas mulheres se cruzassem na constituição de um coletivo dialetizado, que metamorfoseou-se em grupo.

Ainda que para estas mulheres o acesso ao coletivo tenha sido a partir do convite de terceiros e sua constituição tenha se dado desta maneira, foi com base na experiência de acolhimento e das reciprocidades, bem como da certeza do que as unia, que se tornou possível a metamorfose ao grupo. A condição de ser mulher, a demanda por outros espaços de vida, a arte e a cultura como elementos de engajamento e transformação estabeleceram os laços entre o projeto de ser e o projeto coletivo. E se indiretamente denunciam territorialidades limitadas, concebendo territorialidade não como conceito, mas como aspectos muito próprios de suas vivências, é diretamente que anunciam novas territorialidades.

Neste estudo em particular estamos falando de dez pessoas, dez histórias de vida, dez mulheres entrevistadas, sendo que entre elas sete relataram situações de violência sexual. É um dado forte, de denúncia sobre a condição da mulher e as pressões sobre a temática do gênero na cidade de Manaus e em nosso país. Na última questão do roteiro de entrevista havia uma pergunta para saber se elas gostariam de contar algo mais que pudesse ser importante ou que tinham esquecido. E duas delas decidiram falar da situação de violência apenas no final da entrevista até por ser uma questão muito delicada e traumática. Das três mulheres que não mencionaram situações de violência sexual, duas delas relataram situações de assédio e violência de gênero.

Somente uma não mencionou nenhum tipo de violência de gênero sofrida diretamente por ela, mas mencionou a de outras mulheres no seu relato e esta entrevista aconteceu justamente durante a pandemia, com auxílio da internet e uma conexão muito instável no dia, sendo uma das entrevistas de menor duração dada a instabilidade. Nessa ocasião, essa mesma mulher estava elaborando o luto de seu irmão que tinha sido confundido e assassinado pela polícia na área periférica em que moravam. O lugar onde moravam interferem diretamente na

própria vida. Ainda assim, disse que gostaria de contribuir com a pesquisa por valorizar mulheres na ciência. A todo momento essas mulheres revelaram uma postura ativa de engajamento a respeito das pautas nas quais acreditavam e são minúcias importantes deste trabalho.

Beauvoir (2016) evidencia o modo como as desigualdades sociais e econômicas se perpetuam pois “sem dúvida, se colocarmos uma casta em um estado de inferioridade, ela permanece inferior: mas a liberdade quebra o círculo” (Beauvoir, 2016b, p554). Tanto Simone de Beauvoir (2016a) como bell hooks (2019a) concordam que um dos fatores para destacar as diferenças entre homens e mulheres a fim de subjugar-las, passa pela historicidade de um mundo marcado pela lógica de dominação-dominado e que promovem uma condição de alienação de problemáticas maiores que em última instância não servem nem para homens nem para mulheres, mas sim para manutenção de desigualdades e violências. A grande questão na luta feminista precisa passar pela superação de todas as histórias de violência da humanidade (Hooks, 2019a).

Acredita-se que compreender na prática aspectos relacionados às noções de territorialidades e projeto de ser auxiliam nesta superação. Neste estudo as territorialidades são compreendidas como uso, ocupação, comunicação, apropriação, ação e transformação do espaço de vida, mediado por afetos (Santos,2008; Sack, 2011). Projeto de ser, termo existencialista sartriano para explicar escolha e ato cotidiano visando um futuro diante da biografia de uma pessoa ou de um grupo. O projeto de ser resumidamente é como a pessoa escreve sua história ao temporalizar presente, passado e futuro a partir da sua experiência singular e ao mesmo tempo universal considerando o contexto sócio-histórico e as condições materiais e situacionais. Parte de uma visão de mundo fenomenológica e ao mesmo tempo dialética. O método proposto por Sartre é o Progressivo-Regressivo, inspirado em Lefebvre (Freitas, 2018). Acredita-se que os pressupostos existencialistas e da psicologia ambiental auxiliam na compreensão dos fenômenos estudados nesta tese.

O objetivo inicial era compreender o projeto de ser e territorialidades de mulheres que participam de um grupo artístico-cultural na cidade de Manaus por compreender que a própria condição de mulher já indica vulnerabilidades no espaço. Todavia, causou espanto a forma como as violências vividas têm um caráter significativo em suas histórias e ao mesmo tempo como estas conseguem ressignificar tais experiências na vivência do coletivo ao grupo. Ainda que não se trate de um grupo romantizado, pois há conflitos e divergências como qualquer grupo, estas mulheres atestam o que Simone de Beauvoir já noticiava “Querer o desvelamento do mundo, querer-se livre, é um único e mesmo movimento” (Beauvoir,2005, p. 35).

Kilomba (2020) favorece uma reflexão crítica a respeito do pensamento de Simone De Beauvoir por se tratar de uma mulher branca teorizando na sua época e deixando de fora a peculiaridade das mulheres negras e os atravessamentos de raça, por exemplo. E durante toda discussão buscou-se um olhar a partir de reflexões inspiradas em Frantz Fanon (2008) no que se refere especialmente a raça ou o mito desta e questões sobre gênero e classe dentre outros visto que todas as pessoas são “...movimento em direção ao mundo e ao seu semelhante” (Fanon, 2008, p.53) e este movimento denota aspectos positivos ou negativos da realidade. Além das contribuições de Beauvoir para o existencialismo que adotamos, destacamos, ainda, as interlocuções entre o pensamento existencialista inspirado em Fanon e na teoria do brasileiro Milton Santos e busca-se apontar a todo momento atravessamentos de territórios, raça e gênero.

A constituição das territorialidades destas mulheres acontece diante da diversidade e das dificuldades da existência que é situada a partir de muitas mediações e constituições historicamente elaboradas. Como diria Milton Santos (1978) “Gente junta cria cultura” e se cultura pode ser entendida como territorialidades, estas mulheres juntas criam territorialidades que sozinha seria tarefa mais difícil. Esse agrupamento de pessoas engajadas em uma cidade que como todas as grandes cidades é campo propício à serialização e vivência de solidão e isolamento, possibilita a luta por um espaço de cidadãos.

Estudos sobre a relação pessoa-ambiente apontam para o fato de que, ao mesmo tempo em que as grandes cidades produzem sofrimento, isolamento e solidão, elas também favorecem agrupamentos e essa participação em grupos é capaz de promover maior bem-estar mediante sociabilidades produzidas (Moser, 2018). Nem os grupos, nem as cidades são homogêneas, pelo contrário, são espaços de diferenças e nem todas as diferenças precisam ser superadas e sim respeitadas. O que este estudo evidencia é que as desigualdades vivenciadas por mulheres no espaço, precisam sim ser superadas pois estas diferenças são fatores de risco para saúde mental e integral destas mulheres.

As cidades e os grupos podem e devem acolher as mulheres em suas diferenças. Para isto, ainda é necessário que haja intervenção de políticas públicas mais eficazes para que os espaços da cidade sejam vivenciados com mais segurança pelas mulheres e para que os espaços privados sejam também seguros. Isso será possível quando novas territorialidades propostas por elas forem realidade que ultrapassem o campo do prático-inerte da condição desigual do território humano para homens e mulheres, inclusive do seu próprio corpo-território. Muito ainda precisa ser alcançado e muito caminho tem sido percorrido como se evidencia na história das mulheres desta pesquisa.

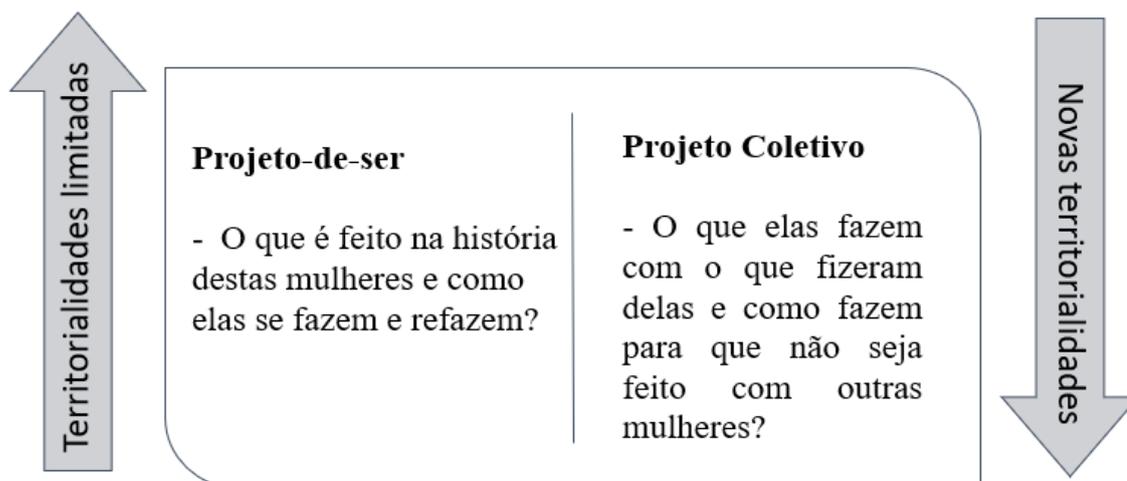
Espera-se que esta tese tanto denuncie mais uma vez essa condição desigual e injusta que as mulheres ainda vivenciam como anuncie através das vozes destas novas possibilidades. Admite-se a importância do engajamento em grupos, principalmente quando estes são grupos artísticos-culturais propostos por e para mulheres. Acredita-se que a relação com a cidade ganha novas tonalidades a partir da vivência nestes coletivos ao serem metamorfoseados em grupos e da apropriação de espaços públicos como palco difusor de suas mensagens. Territorialidades transformadas, transformam e essa dimensão de espaço e lugar no mundo pode ser mais um elemento colaborador para agregar na discussão e ações que pautem práticas de superação de territorialidades inviabilizadas.

De modo geral, neste estudo, foi possível identificar algumas sínteses que revelam a condição de mulher vinculada à violências e à territorialidades restritas em seu próprio corpo-território. Em uma cidade, principalmente em uma grande metrópole como Manaus, muitas experiências passam a ser vividas na solidão, isto é, no campo serial. A cidade está presente na intercambialidade das pessoas e a solidão é o próprio produto social da cidade (Liang & Cooper, 1976). Essas mulheres já tinham a experiência de participar em outros coletivos. É um dado muito interessante que sete dessas mulheres acessaram o grupo a partir da experiência de outro coletivo artístico cultural de Maracatu da cidade, duas começaram a participar a partir de convite de amigas e uma delas acessou o coletivo a partir das oficinas oferecidas, por esse mesmo coletivo, através de ensaios abertos nos espaços públicos da cidade.

Esta pesquisa, sobretudo, se dispôs a falar com e não apenas falar sobre. E ao falar com, como processo, é difícil colocar um ponto final. Esta pesquisa, se propõe a ser mais uma possibilidade de início, de diálogos, de busca por propostas de reconstruções. Ao se tratar da existência, sabemos que são sínteses inacabadas; visto que as mulheres que participaram deste estudo continuam em movimento com seu corpo e trajetória nos mais públicos espaços das ruas da cidade e nos mais íntimos espaços das suas casas e corpos. Contudo, a fim de elucidar os aspectos principais explorados nos três artigos/estudos propostos nesta tese, o quadro abaixo permite acessar o olhar da pesquisadora e convida a acessar novos olhares e possibilidades de releituras.

Esta tese se sustenta no seguinte movimento da Figura 11 sobre as questões norteadoras e respostas sobre o modo como projeto de ser e projeto coletivo se relacionam com a constituição de territorialidades de um grupo coletivo-artístico cultural de mulheres.

Figura 11: Síntese sobre aspectos investigados e achados neste estudo.



Nota: Síntese sobre aspectos investigados e achados neste estudo.

Os investimentos realizados neste estudo permitiram atestar ainda mais o caráter complexo da condição humana e aprofundar o olhar sobre a condição de ser mulher a partir de uma leitura dos espaços de vida que conduzem a produção de territorialidades, de forma recíproca em um processo dialetizado, que ressalta o movimento de afetação mútua entre pessoa e ambiente. Este ambiente, tanto na perspectiva existencialista quanto na perspectiva da psicologia ambiental que defendemos, não é um ambiente imutável. Como ambiente em conformidade com a realidade humana, é composto por elementos físicos de uma materialidade inegável. É espaço, lugar, território e ponto de partida da experiência de constituição de territorialidades. Tais conceitos e noções da geografia e mesmo em diferentes perspectivas filosóficas não são sinônimos, mas são dimensões importantes do que acreditamos ser os próprios espaços de vida ou territórios existenciais (para adotarmos uma postura similar a de estudos que também se ocupam das questões sobre pessoa-mundo-vida).

A proposta deste estudo tentou mostrar o modo como os espaços de vida podem ser entendidos como territórios em uma perspectiva existencialista, inclusive a postura adotada por Milton Santos em diferentes momentos da sua vida e obra de excelência. Tal dimensão do espaço de vida existe não simplesmente a partir do estabelecimento de fronteiras ou de relações de poder que garantem acesso, ação e transformação ou controle sobre. Existem, sobretudo, como maior representante do prático-inerte, noção sartriana, adotada por Milton Santos, nosso geógrafo brasileiro e existencialista, representante de uma geografia latino-americana elevada para todo mundo.

O prático-inerte, como vimos, remete a algo que era dinâmica e ganhou uma característica inercial, ganhando transcendência sobre a ação humana e definido contornos de

sua estrutura de escolha, sendo uma concretude cristalizada pela conduta humana. Um exemplo que revela bastante sobre nosso tempo e questões presentes na época em que esta tese é escrita, trata-se do próprio aquecimento global e do derretimento de enormes blocos de gelo que vem aumentando a cada ano e potencializando eventos catastróficos anunciados por cientista desde a primeira conferência realizada no Brasil, para falar sobre os impactos ambientais que toda humanidade sofreria se não mudasse sua forma de consumir o mundo. Ou como diria Krenak (2020b) de devorar literalmente este mundo diante dos excessos de uma sociedade que não se dá conta que ao consumir o mundo consome a si mesma. Nem mesmo uma configuração espacial do polo norte e mais gelado do planeta está imune a potência de destruição que pode ser a ação humana levando ao superaquecimento global.

Dados mais recentes do relatório do painel intergovernamental sobre as mudanças climáticas induzidas pela ação humana em suas relações com o planeta são tão alarmantes que até mesmo a Amazônia, território que abriga não só a cidade no qual este estudo foi conduzido, mas a floresta com maior biodiversidade do planeta, continua sob forte ameaça (Intergovernmental Panel on Climate Change [IPCC], 2022). Pressupõe-se que se um dos maiores representantes do que seria o conceito de prático-inerte, isto é, o próprio espaço habitado com suas paisagens e condições morfológicas, é passível de modificações pela ação humana, ainda que de forma destrutiva, é possível conceber aqui uma postura existencialista da vida, não em uma postura pessimista, pelo contrário, até mesmo otimista parafraseando Sartre (2011) pois se as pessoas são capazes de construir formas tão vis de viver que ameaçam a própria existência, estas também podem construir novas formas de territorialidades deste espaço de vida. Territorialidades que comunicam cultura, novas formas de viver, uma existência pautada na superação do culto ao individualismo e a pluralidade de solidões presentes nas grandes cidades. Assim é possível, coletivamente, a partir de vivências de reciprocidade e engajamento, metamorfosear territórios, transformar espaço em lugar, e assim promover metamorfoses de vida.

As mulheres que protagonizaram este estudo revelam a vivência em um mundo que muitas vezes, para elas, é território do outro a tal ponto que seu próprio corpo-território pode ser atacado. Porém, estas mesmas mulheres, organizam-se, fazem um juramento entre elas, reconhecem a sua causa na superação de alienações impostas e caminham para um lugar no mundo no qual seja possível erguer suas vozes e ouvir a voz de outras mulheres que foram silenciadas em seu tempo-espaço. E elas evocam a arte e a cultura ancestral como possibilidade de viabilizar seu projeto, suas livre escolhas de si mesmas, como mulheres que querem viver bem e acreditam que é possível viver bem com os outros, superando as condições limitantes

que viveram. Elas cantam pela educação e ensinam através da arte como pedagogia máxima da existência, pois parte da experiência vivida, partilhada, que encontra eco em outras vozes que cantam e dançam com elas, que marcham, que apreciam os cortejos nas ruas ou simplesmente aplaudem. De todo modo a arte se relaciona com a própria subjetividade, uma subjetividade que se constrói na relação com o mundo e com as outras pessoas (Sartre,2015b).

Cada uma dessas mulheres revela a todas as outras mulheres que erguer a voz através da arte, da experiência em um grupo artístico-cultural, é possível. Cada uma dessas mulheres que a partir dos tantos encontros, se encontra, se localiza neste mundo, revela que para tantas outras mulheres é possível construir novos caminhos, promover encontros, localizar seu lugar no mundo para além do que foi dado e assim territorializa-lo. Utopias possíveis? Ou mais uma constatação da noção de singular-universal defendida pelo existencialismo? De que cada existência está ligada a todas e se destruições acontecem por isso, reconstruções também são possíveis.

Assim, as territorialidades são constituídas de forma recíproca, ao agir no território, transformam também suas vivências. Territorialidades são expressas não somente a partir de um território, mas mediante arte e cultura. Ao agir coletivamente, constroem e transformam seu lugar no mundo e nos ensinam com a pedagogia de suas existências. Seus corpos e movimentos são políticos. O mundo é político. A condição para uma vida promotora de saúde e viabilização de projetos existenciais em uma cidade é fortalecida diante da experiência dos grupos apesar de todas as problemáticas que como grupo possa existir. O engajamento singular é coletivo e as transformações universais podem emergir de um grupo. Assim, a tese defendida, diante dos pressupostos e achados desta pesquisa, é a de que a participação em grupos, e especificamente aqui em grupos artísticos-culturais de mulheres, por mais heterogêneo que seja quanto a classe, credo, raça, orientação sexual e território; pode ser viabilizadora de projeto-de-ser de mulheres e promovem experiências que constituem territorialidades que edificam e reivindicam um lugar seguro no mundo. Um lugar que ainda não existe em completude, mas que pode ser construído no emaranhado de muitas existências. Por e para elas. Para todos nós.

Ao conceber aqui que todo território como espaço de vida, e, portanto, como prático-inerte que se cristaliza conforme ação de cada pessoa sobre este espaço, concebe-se também que pessoa, espaços e territórios são vir-a-ser, nunca podem ser compreendidos como totalização acaba e sim como totalização em curso, como movimento que afeta e é afetado pela ação de cada pessoa no mundo. Por isso, até o maior expoente do prático-inerte pode ser reconfigurado diante da realidade humana. Portanto, se há no mundo, especificamente para mulheres, condições de (im) possibilidades que restringem suas territorialidades, seu livre

existir, ainda que a liberdade como fundamento ontológico da humanidade seja irrefutável, posto que todo existente sempre terá que responsabilizar por suas escolhas, mesmo com todas as restrições impostas por uma situação, podemos afirmar que estas mesmas mulheres, quando conseguem reivindicar o que as une e não o que as separa e reúnem-se em coletivos que tornam-se grupos, sem com isso negligenciar todos aspectos das diferenças e repercussões nos privilégios e violências vividas, são capazes de transformar suas histórias, a história de outras mulheres e a história do mundo.

Dados secundários surgiram neste estudo e indicam que ainda que a experiência do coletivo serial metamorfoseado em grupo oferece acolhimento, estas mulheres ainda necessitam de acolhimento e ajuda especializada. Algumas das participantes falaram do desejo e necessidade de realizar psicoterapia e falaram de como isso também ajudaria na manutenção do grupo. Seria interessante propor psicoterapias acessíveis para todas as pessoas e inclusive suporte especializado para pessoas que se organizam em grupos e coletivos que, ainda que sejam de arte e cultura, também buscam superação de violências diversas.

Neste estudo, foi possível visualizar mulheres projetando novas formas de vida e relação com seu corpo-território, com a própria existência e o planeta. Seus projetos ao revelar a eleição do bem-viver, da arte e educação possibilitam novas culturas e portanto, reafirmamos, novas territorialidades. Ressalta-se que ao fim desta tese, estas mulheres continuam, e não são as mesmas dado o caráter existencial da vida. Que as metamorfoses de vida, espaço-tempo e novas territorialidades persistam neste mundo em movimento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a tese buscou responder como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo artístico-cultural na constituição de territorialidades de um território específico, a cidade de Manaus. Para isso, foi preciso propor um diálogo entre teorias e métodos diferentes que convergiram para acessar algumas respostas. E novas perguntas se fizeram presente no decorrer do estudo ao se deparar com a complexidade de aspectos imbricados na constituição de grupos, territorialidades e das próprias histórias de vida e projeto de ser das participantes.

No que se refere a possibilidade de responder a pergunta inicial desta tese, constata-se que a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de um grupo artístico-cultural de mulheres encontra-se diante de uma vivência da condição de ser mulher que abarca territorialidades limitadas visto que há ampla experiência de insegurança que começa no próprio corpo como território ameaçado. Ao descrever histórias de vida e projetos de ser das mulheres foi possível identificar que o elo que conecta suas histórias passa por experiências que reverberam na constituição de um grupo e, conseqüentemente, nas novas territorialidades na cidade de Manaus.

Ainda que com territorialidades limitadas, supõe-se que por serem mulheres amazônidas, nascidas ou criadas neste lugar, e diante de uma relação de intimidade e vinculação com o espaço que permite transformá-lo em lugar, a despeito de todas suas problemáticas, sobressai uma afetividade positiva que é vivenciada a respeito da cidade na qual habitam e os mapas afetivos auxiliaram nessa compreensão. Ao reunirem-se para encontros, apresentações, ensaios e itinerários realizados mediante participação no grupo, oportunizam para elas mesmas e para outras mulheres novas territorialidades visto que estão nas ruas da cidade, são vistas, ouvidas e assim convidam outras mulheres a fazer o mesmo.

Algumas das mulheres que se tornaram participantes deste grupo, se tornaram a partir de visualizar no grupo a possibilidade de experiências novas. Tais territorialidades comunicam arte, cultura, resistência e (r)existências que exigem condições de igualdade. O projeto de ser e o projeto coletivo do grupo entrelaçam-se e produzem territorialidades e grupo. A tese defendida, diante dos pressupostos e achados desta pesquisa, é a de que a participação em coletivos torna possível metamorfoses em grupos, e neste caso em grupos artísticos-culturais de mulheres, que por mais heterogêneo que seja pode ser viabilizador do projeto-de-ser e promover experiências que constituem territorialidades que edificam e reivindicam um lugar seguro no mundo e possibilitam metamorfoses nos modos de vida.

Por mais que os objetivos propostos nesta tese para responder à questão inicial tenham sido respondidos, este estudo também contém limitações. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa que valoriza justamente as peculiaridades não pressupõe generalizações, mas sim o fortalecimento ou construção de pressupostos teóricos que embasam a prática. Escrever sobre as limitações e dificuldades de realizar esse estudo em tempos pandêmicos é quase um pleonasma, visto que de muitas maneiras, ainda que vivenciadas de formas diferentes, o caráter singular-universal desses últimos dois anos emergiu no espaço-tempo comum a todas e todos.

A pandemia dificultou e afetou até mesmo a forma como este trabalho foi produzido e não apenas a etapa de campo. Foram várias as dificuldades encontradas para acessar as mulheres desta pesquisa antes e durante a pandemia. A vida moderna destas mulheres é uma vida de luta e todo seu tempo livre é pouco diante das demandas impostas na contemporaneidade. Eram estudantes, trabalhadoras e mulheres engajadas na arte, cultura e movimento feminista. As entrevistas sobre histórias de vida demandam muito tempo e disponibilidade delas para que compartilhem aspectos tão íntimos como uma pessoa até então estranha. O desafio foi generosamente aceito por dez destas mulheres e uma delas mesmo querendo participar, não conseguiu diante do momento pandêmico atravessado, mas, ainda assim, contribui com esse estudo realizando seu mapa afetivo da cidade e revelando seu papel como participante do coletivo metamorfoseado em grupo na constituição de territorialidades.

A obra Sartre é complexa e rica sobre a teoria dos coletivos e grupos e permite refletir sobre as nuances encontradas neste trabalho. Opta-se por conceber o termo coletivo de mulheres como termo utilizado por estas mesmas respeitando a linguagem utilizada atualmente na prática e no vivido por elas embora entenda-se as diferenciações conceituais entre coletivo serial e as diferentes formas de expressão de um grupo a perspectiva sartriana. Ao escolher utilizar o termo coletivo artístico-cultural respeitando a autodenominação do grupo estudado e que se entende como um coletivo de mulheres independente de uma teoria pois tem sido a forma como os diversos movimentos sociais tem se definido para reforçar a força dos coletivos, assume-se o risco de deixar algumas dúvidas que podem ser encaradas como lacunas neste trabalho, no entanto tenta-se manter o respeito pelas participantes ressaltando a postura de uma pesquisa qualitativa que pesquisa com e não somente sobre. Todavia também não se desconsidera o rigor necessário a uma produção científica e todo o arcabouço teórico deixado pelos que se dedicaram as temáticas discutidas na tese.

Ao assumir a perspectiva de um coletivo metamorfoseado em grupo é preciso pontuar o cuidado para que não haja espaço para compreensões que ampliem dicotomias e sim para possibilidades de enfatizar a dialética da existência que revela todo coletivo como possibilidade

de torna-se um grupo. Um grupo, na perspectiva existencialista defendida neste trabalho, nunca é totalizado pois é constantemente movimento de fazer e desfazer-se. Na teoria Sartriana Coletivo e Grupo não são sinônimos, mas é a estrutura complexa da existência e da materialidade que permite a dialetização entre coletivos e grupos. Todo campo social constitui-se a partir de agrupamentos e na concepção de Sartre é possível entender que o primeiro grau de sociabilidade é a coletividade como fundamento da sociedade. Portanto abordamos um coletivo que se constata em diferentes movimentações de um grupo que perpassa pela serialidade, fusão, juramento, organização e também nasce de algum modo a partir de um grupo institucionalizado. Neste sentido, novos trabalhos e debates serão sempre bem-vindos para dialogar com as teorias, saberes e práticas em movimento e enriquecer as discussões e práxis sobre as teorias de coletivos e grupos.

Uma tese antes de mais nada se propõe a responder uma questão crucial para quem investiga e, a partir de então, compartilhar respostas com outros estudiosos e com as próprias participantes. Para isso, é preciso reunir sínteses, antíteses e elaborar algum modelo capaz de nortear passos, ainda que seja da pessoa que realiza a pesquisa. Sartre nos dizia que qualquer filosofia, por mais teórica que fosse, tinha sempre algum caráter prático. Nesse sentido essa tese buscou responder questões primeiramente da pesquisadora, quanto a possibilidade de dialogar com as abordagens diferentes da psicologia para compreender fenômenos relacionados à experiência humana em seus espaços de vida, a saber a cidade primeiramente. Um dos achados deste estudo foi a constatação de que esses espaços de vida, especificamente para mulheres, começam sobretudo a ser delimitados por seu próprio corpo e a corporeidade é uma questão que a própria fenomenologia já concebe como fundamental da existência. Esse corpo não as define mesmo que ainda seja imposta uma lógica de dominação masculina e patriarcal que ainda encontra eco atualmente tanto quanto a resistência que permite muitas conquistas e lutas contínuas sendo travadas.

Esse trabalho fala sobre mulheres, cultura, arte, grupos, projetos, histórias, territorialidades e foi produzido a partir da inspiração de mulheres na ciência que já constroem este caminho anterior, mediante a arte de fazer ciência, produzir conhecimento, construir teorias e metodologias. As teóricas brasileiras que embasam esta tese em muito momento não foram escolhas aleatórias e valorizam uma ciência que tem sido fortalecida não só como técnica, mas como cuidado. Infelizmente, para muitas mulheres ainda é difícil superar aspectos de uma materialidade concreta que as encapsula em um corpo convocado a responder padrões diversos, subjugadas por suas cores, credos e tudo que diferencia, mas não deveria separar, tudo que faz com que a diversidade da vida deva ser tão respeitada quanto a biodiversidade do planeta terra

que faz com que a vida nesse solo seja possível mesmo com tanta objetificação humana e subjugação da natureza. Para muitas o corpo define, a carne define e nem corpo nem casa, nem a rua é um lugar no mundo. Para muitas mulheres ainda não há lugar seguro. Basta alguns clicks nas páginas de notícias do Brasil e do mundo para ver como cotidianamente as violências exercidas sobre mulheres pelo simples fato de ser mulher multiplicam-se. Nem todas as mulheres conseguiram sair de condições alienantes que adoçam a elas física e emocionalmente todos os dias culminando até mesmo em suas mortes.

Não obstante, como diria uma das entrevistadas desta pesquisa, "até mesmo vestir-se é um ato político". Que essa tese consiga ser um ato político ao buscar ser mais uma voz que reivindica a necessidade de investir em políticas públicas e ações práticas por profissionais, especialmente de saúde e educação, arquitetas e planejadores urbanos, gestores públicos, sociedade civil, cada um e todas e todos possam desenvolver e criar condições de possibilidades para espaço e lugar seguros para mulheres. Para que mais mulheres consigam visualizar seu lugar no mundo sem que seja um mundo no qual se faz como objeto para o homem e o patriarcado.

Recomenda-se que mais estudos possam ser realizados considerando a pertinência dos diálogos entre a psicologia ambiental e a psicologia existencialista para compreender a relação pessoa-ambiente tanto de forma individual como coletiva. Esta tese foi um convite a este diálogo e continua a oferecer convite para que pesquisadoras e pesquisadores brasileiros interessados na relação pessoa-ambiente não só na psicologia, mas em diferentes áreas do conhecimento possam reconhecer as contribuições especialmente do existencialismo de Jean-Paul Sartre a respeito das sociabilidades e espacialidades e das territorialidades e territórios. Isto porque, verificou-se no decorrer deste estudo, que muitos textos lidos e realizados por teóricos valorizam aspectos da fenomenologia que discutem a questão tempo-espaço, mas ainda são poucos os que adentram nas contribuições de Sartre. E este autor em suas maiores obras, escritas em diferentes momentos de sua vida "O ser e o nada" e "A crítica da razão dialética" apostou no campo material, na dimensão do espaço e do lugar para a realidade humana. É sabido que Sartre se tornou praticamente uma celebridade no tempo em que viveu e que ele mesmo ao falar que sua teoria não era uma teoria e sim uma ideologia, fez com que muitos afastassem o valor de sua obra e sua pertinência e atualidade ainda no dia de hoje. Contudo, sua vida e obra ainda podem nos ensinar e inspirar, tanto quanto inspirou um dos maiores geógrafos do Brasil, Milton Santos.

Acredita-se que para estudos futuros seria interessante aprofundar a investigação sobre diferentes grupos, em diferentes cidades, regiões e culturas. Considerar a dimensão da arte e

da cultura nas cidades como possibilidade de constituir novas territorialidades pode instigar diferentes intervenções que visem oferecer serviços de saúde e educação que busquem ampliar possibilidades e reduzir fronteiras para diferentes públicos.

É preciso considerar ainda aspectos cronológicos da existência e fazer recortes com públicos de diferentes faixas-etárias, pois a experiência para meninas e mulheres podem ser diferenciadas e evidenciar demandas específicas. Responder quais são os grupos viabilizadores e que grupos podem perpetuar inviabilizações também parece uma tarefa de pesquisadoras e pesquisadores que se dediquem a esta temática. Este estudo não pretende generalizar de maneira alguma os resultados visto que se aqui há um grupo de modo geral viabilizador de projetos até o momento da pesquisa, como movimento vivo ele também pode se tornar inviabilizador. Por isso, desenvolver pesquisas de forma longitudinal por anos e décadas com um mesmo grupo também pode oferecer achados importantes e que poderão ser úteis às pessoas que trabalham com coletivos e grupos de modo geral. Ainda que seja muito necessário que se priorize grupos de mulheres por todas as condições históricas que perduram.

Concebe-se, portanto, arte, cultura e feminismo como movimentos articulados do grupo constituído pelas participantes deste estudo e esta articulação proporciona a ele um caráter de engajamento político a partir de uma arte engajada na cidade que constitui territorialidades novas. Considera-se esse coletivo um coletivo artístico cultural que promove uma arte engajada e não apenas é composto por mulheres como comunica pautas feministas. Esta tese localiza vivências de espaços inseguros para mulheres, seja no território público ou privado. Mesmo assim, aponta movimentos de superação a partir do agrupamento destas mulheres e experiências. Assim esta tese será útil para inspirar a realização de movimentos que buscam superar a necessidade destas mulheres diante da escassez de tais espaços. Que haja espaços seguros. Para tanto, algumas proposições são colocadas com base nos estudos aqui explorados.

1) Que seja possível a difusão de pequenas iniciativas que valorizem o encontro de mulheres para que elas possam compartilhar experiências e buscar coletivamente superações, seja em coletivos artísticos, políticos, de estudos, terapêuticos. É preciso que se encontrem, cada encontro possibilita metamorfoses e transformações bem como constituição de novas territorialidades e grupos.

2) Que seja possível o acesso a espaços, salas, parques, estruturas físicas públicas que possam ser utilizadas por mulheres que participam de coletivos e se engajam em ações direta ou indiretamente relacionadas a construção de mais igualdade e superação das violências de gênero ocorridas por elas. Que tanto governo como iniciativas privadas possam colocar essa pauta em questão para além do dia 8 de março, para além de flores e homenagens sobre o dia

internacional das mulheres, mas dentro de ações que reconheçam as singularidades de cada mulher e das violências simbolicamente impostas ao longo de suas trajetórias. É na troca, na busca de reciprocidades, de engajamento, da educação, da arte e cultura popular que pode haver mais possibilidades ainda de superação da condição de ser outro para o outro.

3) Que seja possível a valorização da diferença, da heterogeneidade. Ainda que muitas teorias tenham falado da importância de grupos homogêneos com um objetivo em comum, a práxis das mulheres desse grupo fornecem indicativos de que mesmo na diferença é possível fortalecimentos. O que as une, a condição de ser mulher, o que as diferencia, privilégios de raça, classe, orientação sexual, território, dentre tantos mais. A interseccionalidade não pode ser algo só da teoria, é preciso interseccionar experiências para a busca de territorialidades para mulheres que erguem a voz, que saem das margens para o centro e que quando não encontram seu lugar no mundo, os edificam. A construção é viável quando é coletiva e quando o coletivo ultrapassa a pluralidade de solidões e mobiliza grupos. O afeto é transformador e as contribuições das experiências em grupo podem ser fatores protetivos para essas mulheres e para todas as pessoas que com elas caminham.

8 REFERÊNCIAS

- Ábalos, I. (2003). Picasso em férias: a casa fenomenológica. In I. Ábalos, *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade* (pp.85-108). Barcelona: Gustavo Gilli.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Alencar, A. E. (2015). “É De Nação Nagô!”: *O Maracatu Como Patrimônio Imaterial*. Programa de Pós graduação em antropologia. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Alexandre, A. F. (2018). *Sociologia da Ação coletiva*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Alt, F. (2019). Da margem no centro: deslocamentos do sujeito no feminismo. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, 8(2), 36-50. <https://doi.org/10.12957/ek.2019.48370>
- Alves, S. M., & Gulwadi, G. B. (2008). Interação humana com ambientes naturais: Uma revisão no periódico environmentandbehavior. In J. Q. Pinheiro & H. Gunther (Orgs.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 343-368). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Arendt, H. (1991). *A condição humana* (1958). Tradução: Roberto Raposo, 5.
- Arndt, A. D., & Maheirie, K. (2021). Musicoterapia social e comunitária e processos de subjetivação política. *Psicologia & Sociedade*, 33. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235846>.
- Assis, D. N. C. (2021). Contra o Racismo, Sexismo e pelo Bem-Viver!. *albuquerque: revista de história*, 13(26), 33-46. <https://orcid.org/0000-0003-0885-0715>.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo* (70th ed.). Lisboa: Edições.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2010). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução de Pedrinho Guareschi. 8. ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Beauvoir, S. (2005). *Por uma moral da ambiguidade*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2016a). *O segundo sexo: fatos e mitos*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2016b). *O segundo sexo: A experiência vivida*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, Simone. D. (2018). *Memórias de uma moça bem-comportada*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bechhofer, R. Y. (2017). The non-territoriality of an eruv: ritual bearings in Jewish urban life. *Journal of Architecture and Urbanism*, 41(3), 199-209. 10.3846/20297955.2017.1355279
- Bhabha, H. (2007). *O Local Da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Bicudo, M. A. V. (2011). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez.

- Bocca, M. C. (2021). *Psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo: experiência psicopatológica em Jean-Paul Sartre*. Curitiba: Appris.
- Bock, A. M., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2007). *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. Saraiva, 14-29.
- Bomfim, Z. Á. C. (2010). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Fortaleza: Editora UFC.
- Bomfim, Z. Á. C., Nobre, B. H. L., Ferreira, T. L. M., Araújo, L. M. A. D., Feitosa, M. Z. D. S., Martins, A. K. D. S., ... & Farias, N. F. (2014). *Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods*. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20210>
- Bomfim, Z. C. A., Delabrida, Z. N. C., & Ferreira, K. P. M. (2018). Emoções e afetividade ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali, *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura na relação pessoa-ambiente* (pp. 60-76). Petrópolis, Rj. Vozes.
- Bonfim, Z. A. C. (2008). Afetividade e Ambiente Urbano: Uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In J. Q. Pinheiro & H. Gunther (orgs.), *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp.253-279). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Borghi, R. (2015). O espaço à época do queer: contaminações queer na geografia francesa. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, 6(2). 10.5212/Rlagg.v.6.i2.0009.
- Borrell, M. A. (2016). The divided city: the territory of informality as an affective field. *Abriu: Textuality Studies on Brazil, Galicia and Portugal*, (5), 137-150. 10.1344/abriu2016.5.10
- Brandão, I. R. (2012). *Afetividade e Transformação Social*. Sobral–Ce. Edições universitárias.
- Brown, B. B., & Altman, I. (1983). Territoriality, defensible space and residential burglary: An environmental analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 3(3), 203-220. 10.1016/S0272-4944(83)80001-2
- Brown, G., Lawrence, T. B., & Robinson, S. L. (2005). Territoriality in organizations. *Academy of Management Review*, 30(3), 577-594. 10.5465/amr.2005.17293710
- Buss, P. M. (2000). Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciência & saúde coletiva*, 5, 163-177. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100014>.
- Buss, P. M., & Pellegrini Filho, A. (2007). A saúde e seus determinantes sociais. *Physis: revista de saúde coletiva*, 17, 77-93. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>.
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Editora José Olympio.
- Carvajal-Capacho, W. F. (2018). Transformaciones territoriales por planes parciales de renovación urbana. Barrio El Naranjal, un territorio em negociación. *Bitácora Urbano Territorial*, 28(2), 85-94. <https://dx.doi.org/10.15446/bitacora.v28n2.62273>
- Castro, F. G., & Ehrlich, I. F. (2016). *Introdução à Psicanálise Existencial: Existencialismo, Fenomenologia e Projeto de Ser*. Curitiba: Juruá Editora.

- Cavalcante, S., & Elias, T. F. (2011). Apropriação. In S. Cavalcante; G. A. Elali (Org.), *Temas Básicos Em Psicologia Ambiental* (pp.208-216). Petrópolis: Vozes.
- Cavalcante, S., & Nóbrega, L. M. A. (2011). Espaço e lugar. In S. Cavalcante; G. A. Elali (Org.), *Temas Básicos Em Psicologia Ambiental* (pp.182-190). Petrópolis: Vozes.
- Cerbone, D. R. (2014). *Fenomenologia*. Editora Vozes.
- Céspedes, E. N., Vargas Espinosa, N. M., Avendaño Prieto, B. L., Rincón, H., & Ospino, M. A. (2018). Criminología ambiental y homicidio en la ciudad de Bogotá (Colombia). *Revista de Estudios Sociales*, (63), 55-71. 10.7440/res63.2018.05
- Chaves, L. (2017). A Noite dos Tambores Silenciosos no Carnaval de Pernambuco. Disponível em: <<http://oreversodomundo.com/2017/02/15/a-noite-dos-tambores-silenciosos/>>. Acesso em 23/06/2019.
- Ciampa, A. D. C. (2007). *A estória do Severino e a história de Severina*. 9. reimpr. São Paulo: Brasiliense.
- Coorebyter, V. D (2017). Os paradoxos da consciência. In F. Castro, D. Schneider, & G. Boris (Org.), J-P. *Sartre e os desafios à psicologia contemporânea* (pp. 14-43). Rio de Janeiro: Via verita.
- Costa, A. A., & Vieira, C. A. (2014). Fronteiras de Gênero no Urbanismo Moderno. *Revista Feminismos*, 2(1). <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30014>
- Costa, C. R. (2011). Subjetividade e Trabalho na Amazônia. In R. D. Moraes, & A. Vasconcelos, *Subjetividade e trabalho com automação* (pp. 38-54). Manaus: EDUA
- Cutchin, M. P. (2007). The need for the “new health geography” in epidemiologic studies of environment and health. *Health & place*, 13(3), 725-742. 10.1016/j.healthplace.2006.11.003
- D’Ascenzo, F. (2013). An African metropolis: the imploded territoriality of Kinshasa. *Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía*, (80), 98-110. 10.14350/ig.32896
- Dartigues, A. (1992). *O que é a fenomenologia?*. Eldorado.
- Dayrell, J. (2005). *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude* (Vol. 120). Editora UFMG.
- Dias, E. M. (2007). *A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer.
- Doolen, J. (2017). Meta-analysis, systematic, and integrative reviews: an overview. *Clinical Simulation in Nursing*, 13(1), 28-30. 10.1016/j.ecns.2016.10.003
- Elali, G. A., & Medeiros, S. T. F. D. (2011). Apego ao lugar. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Temas Básicos Em Psicologia Ambiental* (pp. 53-62). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fanon, F. (2008). *Pele Negra Máscaras Brancas*. EDUFBA.
- Feitosa, M. Z. S. (2014). *Afetividade na residência integrada em saúde: o psicólogo no território de form"ação"*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

- Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 609-617. 10.1590/S0103-166X2012000400015
- Fischer, G. N. (1994). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. 10.1590/S0102-311X2008000100003.
- Freitas, M. D. F. Q. (1998). Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo I. *Psicologia: reflexão e crítica*, 11(1).
- Freitas, S. M. P. (2018). *Sartre, Psicologia de Grupo e Mediação Grupal*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Freitas, S. M. P. d. (2022). Intervenções em grupos na perspectiva existencialista. In *Psicologia fenomenológica e existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação* (p. 296). Manole.
- Gabriel, N. L. D. (2021). *A liberdade em Frantz Fanon: a existência aos olhos dos condenados*. Apolodoro Virtual Edições.
- Galindo, M. P., Gilmartín, M. A., & Corraliza, J. A. (2002). El médio natural. Em J.I. Aragonés, & M. Américo (Org.), *Psicología Ambiental* (pp. 281-308). Madri: Ediciones Pirámide.
- Gifford, R. (2002). *Environmental psychology: principles, and practice* (3'd ed.). Colville, WA: Optimal Books.
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Groppa, L. A., & Monteiro, G. G. (2019). Grupo de Maracatu na universidade: práticas culturais juvenis e auto-formação. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 5(3). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i3.1648>.
- Giuliani, M. V., & Scopelliti, M. (2009). Empirical research in environmental psychology: Past, present, and future. *Journal of Environmental Psychology*, 29(3), 375-386. 10.1016/j.jenvp.2008.11.008
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gouvea, M. C. S., & Nicácio, K. (2017). Escolarização e territorialidade na cidade republicana: belo horizonte (1897-1912). *História da Educação*, 21(51), 377-396. <https://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/66340>
- Guarino, G. B. (2015). Overlapping territorialities: between the logic of state management and social and cultural terms of the indigenous communities of Chaco. *Estudios avanzados*, (23), 46-63. Recuperado de <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/ideas>
- Guattari, F. (1992). *Caosmose*. São Paulo: Ed, 34.
- Günther, H. (2008). Como elaborar um questionário. In J. Q. Pinheiro & H. Günther (Eds.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp.105-147). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Günther, H., Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2008). A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações. Em J. Q. Pinheiro, & H. Günther, *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 369-391). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Günther, I. A. (2008). O uso da entrevista na interação pessoa-ambiente. In J. Q. Pinheiro, & H. Günther, *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp.53-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Haesbaert, R. (2020). Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, 22(48).
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100>.
- Higuchi, M. I. G., Kuhnen, A., & Pato, C. (2019). *Psicologia Ambiental em contextos urbanos*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196574>
- Hönke, J., & Cuesta-Fernandez, I. (2017). A topographical approach to infrastructure: Political topography, topology and the port of Dar es Salaam. *Environment and Planning D: Society and Space*, 35(6), 1076-1095.
- Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Hooks, B. (2019a). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante.
- Hooks, bell. (2019b). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE). (2021). Pesquisa Nacional por Amostras de domicílio Contínua: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am.html>
- Instituto Municipal de Planejamento Urbano. (2021, 15 de novembro). <https://implurb.manaus.am.gov.br/nossa-historia/>
- Intergovernmental Panel on Climate Change. (2022). Climate Change 2022 Impacts, Adaptation and Vulnerability Working Group II Contribution to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. *Working Group II Technical Support Unit*. <http://www.ipcc.ch>
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (IPHAN). (2019). IPHAN Pernambuco. Patrimônio Imaterial - PE. <http://portal.iphan.gov.br/pe/pagina/detalhes/559>, recuperado em 20 junho de 2019.
- Johnson-Lawrence, V., Schulz, A. J., Zenk, S. N., Israel, B. A., & Rowe, Z. (2015). Does territoriality modify the relationship between perceived neighborhood challenges and physical activity? *A multilevel analysis. Annals of epidemiology*, 25(2), 107-112. doi:10.1016/j.annepidem.2014.11.019
- Júnior, J. R. G., de Sousa, L. A., Pesce, S., & Fortuna, C. M. (2018). A participação em pesquisas com metodologias participativas: reflexão sobre experiências. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 31.

- Karnal, L. (2020). *Quem Emicida lê, ouve, reverencia? Leandro Karnal e Emicida* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=bV4P7TThAI>
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.
- Krenak, A. (2020a). Caminhos para a cultura do Bem Viver. *BiodiversidadeLa*. <https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver>
- Krenak, A. (2020b). *O amanhã não está à venda*. Companhia das letras.
- Laing, R. D., & Cooper, D. G. (1976). *Razão e violência: uma década da filosofia de Sartre:(1950-1960)*. Vozes.
- Langaro, F. (2019). *Vivências de pacientes gravemente doentes de câncer: o projeto de ser frente ao adoecimento e à morte*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Lapassade, G. (1977). *Grupos, organizações e instituições* (HA Mesquita, Trad.). São Paulo: Francisco Alves.
- Lefebvre, H. (1991). *O Direito a cidade*. São Paulo: Ed. Moraes Ltda.
- Lima da Silva, M., & Tourinho, H. L. Z. (2017). Território, territorialidade e fronteira: o problema dos limites municipais e seus desdobramentos em Belém/PA. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 9(1), 96-109. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3369.009.001.ao09>
- Lima, A. D. C. (2019). *Estima de lugar e território: construção de mapas afetivos de moradores do Timbó em Maracanaú-CE*. Monografia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Lima, A. D. C., Pacheco, F. P., & Bomfim, Z. Á. C. (2021). Psicologia ambiental e simbolismo do espaço: mapeamento afetivo da relação de trabalhadores da política de assistência social com seus lugares de trabalho. *GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais*, 12, 244-255. <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v12i0.1115>
- Macedo, M. D. S. (2002). Relações de gênero no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres. *Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs*. Recife: GT Gênero. Plataforma de Contrapartes Novib/SOS CORPO Gênero e Cidadania, 56-79.
- Maheirie, K. (1994). *Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade*. Letras Contemporâneas.
- Maheirie, K., & França, K. B. (2007). Vygotski e Sartre: aproximando concepções metodológicas na construção do saber psicológico. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 23-29. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100004>
- Mainart, C. F., & Silva, E. C. L. (2021). Mulheres e pandemia: breves reflexões sobre o recrudescimento da violência doméstica no Brasil durante as medidas de isolamento social. *Revista Transgressões*, 9(1), 138-151. <https://doi.org/10.21680/2318-0277.2021v9n1ID24204>.
- Maricato, E. (2000). Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *São Paulo em perspectiva*, 14, 21-33. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000400004>.

- Maricato, E. (2020). O coronavírus e um plano de emergência para as cidades. *Coronavírus e as cidades no Brasil: reflexões durante a pandemia*. Rio de Janeiro: Outras Letras.
- Maricato, E., & Akaishi, A. G. (2018). *O Brasil na era das cidades-condomínio*. São Paulo. Recuperado de <https://outraspalavras.net/brasil/o-brasil-na-era-das-cidades-condominio/>
- Maricato, E., Akaishi, A. G., & Basquiat, M. (2018). *O Brasil na era das cidades-condomínio*. Outras Palavras, São Paulo, 25(05).
- Martins Medeiros, J. M., Correa Neto, J., & Medeiros, M. M. (2017). Territoriality of public space in a riverside city in the Brazilian Amazon-Afua, Para. *Confins-revue franco-bresilienne de geographie-revista franco-brasileira de geografia*, 31. Recuperado de: <https://journals.openedition.org/confins/11935>
- Matias-Rodrigues, M. N., & de Araújo-Menezes, J. (2014). Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 12(2), 703-715. 10.11600/1692715x.12213230114.
- McAdams, D. P. (2012). Exploring psychological themes through life-narrative accounts. *Varieties of narrative analysis*, 15-32. Sage.
- McAdams, D. P., & McLean, K. C. (2013). Narrative identity. *Current directions in psychological science*, 22(3), 233-238.
- Merleau-Ponty, M (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1945).
- Milaré, G., & Massola, G. M. (2021). Contribuições de um estudo etnográfico no circuito-rua do Centro de São Paulo para a discussão sobre a rualização nas relações pessoa-ambiente. *Perspectivas críticas, territorialidades e resistências*, 185.
- Milgram, S. (1970). The experience of living in cities: Adaptations to urban overload create characteristic qualities of city life that can be measured. *Science*, 167, 1461-1468.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª ed.
- Minayo, M. C. S. (2016). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. São Paulo: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>
- Moreira, J. D. F. R., & Santos Maia, C. E. (2017). Spatial strategies in the lgbt pride in goiania, goias. *Boletim goiano de geografia*, 37(2), 263-281. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337152480007>
- Moreira, M. J. (2015). Análise da prática pedagógica na perspectiva da autonomia em Sartre e Freire. *Filosofia e Educação*, 7(1), 127-158. <https://doi.org/10.20396/rfe.v7i1.1745>.
- Morgan, D. L. (1997). *Focus groups as qualitative research* Thousand Oaks. Cal: Sage.
- Moser, G. (2018). *Introdução a Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente*. Campinas, SP: Alinea.

- Moser, G., & Robin, M. (2006). Environmental annoyances: an urban-specific threat to quality of life? *Revue européenne de psychologie appliquée*, 35-41.
- Moser, G., & Weiss, K. (2003). *Espaces de vie: aspects de la relation homme-environnement*. Armand Colin.
- Nações unidas no Brasil - ONU BR. (2015). *17 Objetivos para transformar o mundo*. Disponível: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>>. Acessado em: 5 abr. 2019
- Nações unidas no Brasil- ONU BR. (2015). *A Agenda 2030*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 29 de mar. de 2019
- Mourão, A. R. T., & Bomfim, Z. A. C. (2011). Identidade social urbana. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Temas básicos de Psicologia Ambiental* (pp.217-226). Petrópolis: Vozes.
- Mourão, A. R. T., & Cavalcante, S. (2011). Identidade de lugar. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Temas básicos em psicologia ambiental* (pp. 208-216). Petrópolis: Vozes
- Murphy, AB (2012). Entente Territorial: Sack and Raffestin on Territoriality. *Meio Ambiente e Planejamento D: Sociedade e Espaço*, 30 (1), 159–172. <https://doi.org/10.1068/d4911>
- Nações unidas no Brasil - ONU BR. (2015). *17 Objetivos para transformar o mundo*. Disponível: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>>. Acessado em: 5 abr. 2019
- Nações unidas no Brasil- ONU BR. (2015). *A Agenda 2030*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 29 de mar. de 2019
- Nielsson, J. G., & Delajustine, A. C. (2020). A dimensão pública da violência de gênero e a inscrição política do corpo como território: muito mais do que “briga de marido e mulher”. *Revista quaestio iuris*, 13(01), 322-347. <https://doi.org/10.12957/rqi.2020.40621>.
- O'Brien, D. T. (2016). Using small data to interpret big data: 311 reports as individual contributions to informal social control in urban neighborhoods. *Social science research*, 59, 83-96. [10.1016/j.ssresearch.2016.04.009](https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2016.04.009)
- Pacheco, F. P. (2018). *Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Penha, L. M. (2020). A pandemia em Manaus: desafios de uma cidade na Amazônia. *Ensaio de Geografia*, 5(9), 118-123. <https://doi.org/10.22409/eg.v5i9.42590>.
- Perdigão, P. (1995). *Existência e Liberdade: Uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM.
- Pinheiro, J. Q. (1997). Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(2), 377-398. <http://10.1590/s1413294x1997000200011>
- Pinheiro, J. Q., & Elali, G. A. (2011). Comportamento socioespacial humano. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Temas básicos de Psicologia Ambiental* (pp. 144-158). Petrópolis: Vozes.
- Pivaro, G. F., & Júnior, G. G. (2020). O ataque organizado à ciência como forma de manipulação: do aquecimento global ao coronavírus. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 37(3), 1074-1098.

- Prado Júnior, V. I., Amaral, F. B., & Barbosa, Y. M. (2018). Epistemologia do território: a prostituição masculina em Goiânia. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 10(2), 335-345. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3369.010.002.ao14>
- Preciado-Trujillo, A. (2017). La territorialidad en el proceso de la migración: Un acercamiento a la cartografía de proximidad. *Bitácora Urbano Territorial*, 27(3), 149-154. <https://dx.doi.org/10.15446/bitacora.v27n3.66792>
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of environmental psychology*.
- Rabelo, D. P., dos Santos, K. C., & de Andrade Aoyama, E. (2019). Incidência da Violência contra a Mulher e a Lei do Feminicídio. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. 10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01rex27
- Rancière, Jacques. O Espectador Emancipado. (2010). *Revista Urdimento*, N.15, outubro/2010. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2011/Urdimento%2015.pdf>.
- Ratner, C. (2011). O Que É Psicologia Da Libertação? É Psicologia Cultural 26. Caderno De Textos, 81. In R. S. L. Guzzo, & F. Lacerda Jr (Org.). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (pp. 305-314). Editora Alinea.
- Ratusniak, C., dos Santos Mafra, I., & da Silva, V. P. (2020). A travessia das infâncias no Amazonas no contexto de distanciamento social. *Zero-a-seis*, 22, 1364-1382. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1364>
- Ribeiro, J. P. (1994). Gestalt-terapia: O processo grupal. Summus Editorial.
- Rodriguez, A., Ferreira, R., & Arruda, A. (2011). Representações sociais e território nas letras de funk proibido de facção. *Psicologia em Revista*, 17(3), 414-432. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682011000300006&lng=pt&tlng=pt
- Rodríguez-Mancilla, M., & Grondona-Opazo, G. (2018). Luchas urbanas en barrios populares de la ciudad de Quito: territorialidad e historicidad desde las voces de sus protagonistas. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 8(1), 102-123. <https://dx.doi.org/10.26864/pcs.v8.n1.6>
- Roe, J. J., Ward Thompson, C., Aspinall, P. A., Brewer, M. J., Duff, E. I., Miller, D., & Clow, A. (2013). Green space and stress: Evidence from cortisol measures in deprived urban communities. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 10(9), 4086–4103. <http://10.3390/ijerph10094086>
- Roks, R. A. (2019). In the ‘h200d’: Crips and the intersection between space and identity in the Netherlands. *Crime, Media, Culture*, 15(1), 3-23.
- Rolnik, R. (2017). *O que é cidade*. Brasiliense.
- Rolnik, S., & Guattari, F. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Rolnik, S., & Lancetti, A. (1997). *Saúde Loucura-subjetividade*. São Paulo: Hucitec

- Rosendahl, Z. (2005). Território e Territorialidade: Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*, São Paulo. Recuperado de <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx>
- Rosenfeld, D. (1971). *Sartre y la psicoterapia de los grupos* (Vol. 221). Texas: Editorial Paidós.
- Sack, R. D. (1986). Human territoriality: its theory and history (Vol. 7). CUP Archive.
- Sack, R.d (2011). O significado de territorialidade. In: FERRARI, M. (2011). *Territorialidades humanas e redes sociais*. Florianópolis: Insular, 2.
- Sampieri, R. H., Collado, C. H., Lucio, P. B., Murad, F. C., & Garcia, A. G. Q. (2006). *Metodologia de pesquisa* (3rd ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Santos, A. L. (2009). *Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperado de: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92552>
- Santos, Boaventura de Sousa. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Boitempo Editorial.
- Santos, C. V. M. D., Irineu, B. A. (2019). Violência contra mulheres e promoção de saúde mental na comunidade. *Revista do NUFEN*, 11(1), 232-245. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01rex27>
- Santos, M. (1978). *Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: Hucitec, Edusp
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (2011). O dinheiro e o território. In M. Milton et al. (Org.), *Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial* (pp. 13-21). Rio de Janeiro: Lamparina.
- Santos, M. (2020). *O espaço do cidadão* (Vol. 8). Edusp.
- Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (6a ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Santos, R. J. L. (2005). Modelos de engajamento. *Estudos Avançados*, 19(54), 391-427. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000200021>
- Sartre, J. (1970). *O existencialismo é um humanismo*. 4ª edição. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo. Editorial Presença.
- Sartre, J. (2015a). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão, (24 ed.). Petrópolis, RJ: Vozes (Originalmente publicado em 1943).
- Sartre, J. P. (1979). *Questão de método*. São Paulo: Difusão Editorial.
- Sartre, J. P. (2002). *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método*. Rio de Janeiro: DP&A. (Trabalho original publicado em 1960).
- Sartre, J. P. (2015b). *O que é a subjetividade?*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sartre, J. P. (2015c). *Que é literatura*. Vozes.

- Sartre, J. P. (2019). *Esboço de uma teoria das emoções*. Porto Alegre: LP&M.
- Schneider, D. R. (2008). O método biográfico em Sartre: contribuições do existencialismo para a Psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2) Recuperado em 20 de maio de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200013&lng=pt&tlng=pt
- Schneider, D. R. (2010). Horizonte de racionalidade acerca da dependência de drogas nos serviços de saúde: implicações para o tratamento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(3), 687-698. <http://10.1590/S1413-81232010000300011>
- Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a Psicologia Clínica*. Florianópolis: UFSC.
- Scott, B. A., Amel, E. L., & Manning, C. M. (2014). In and of the wilderness: Ecological connection through participation in nature. *Ecopsychology*, 6(2), 81-91. <Http://10.1089/eco.2013.0104>
- Serpa, A. (2019). *Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia*. Editora Contexto.
- Serra, D. R. O. (2017). The touristificationspaceprocess in sanctuariesandeventscatholics: ananalysisaboutthecirio de nazare in belem-pa/o processo de turistificacao do espaco em santuarios e eventos catolicos: uma analise sobre o cirio de nazare em belem-pa. *Geo Uerj*, (30), 240-277. 10.12957/geouerj.2017.18275
- Silva, C. R. D. (2018). *O Mestre apitou: Mestres, apitos, nações de maracatu e suas ações religiosas, culturais e políticas*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198797>.
- Silva, L. C., & Vaccaro, M. M. (2016). A constituição do sujeito: uma reflexão a partir de Jean-Paul Sartre. *Revista de Psicologia*, 7(2), 99-109. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23073>
- Silveira, B. B; Sousa, A. L. S; Thurow, C. F; Ribeiro, P. (2019). Violência contra a mulher nas cidades: Percepção de segurança nos espaços urbanos. In G.A. Baggenstoss et al (Org.) *Coleção Não Há Lugar Seguro: Estudos e práticas sobre violências contra as mulheres à luz da multidisciplinaridade* (p.p. 423-436). Editora Centro de Estudos Jurídicos.
- Silveira, D. O., & Farias, F. D. Y. S. (2020). Religiões contra-hegemônicas na Amazônia: desafios de um campo de pesquisas. In D.O.Silveira et al (Org.). *Religiões e lutas contra-hegemônicas na Amazônia*. Editora UEA.
- Silvestre, A. L. (2007). *Análise de dados e estatística descritiva*. Escolar editora.
- Simmel, G. (1973). A metrópole e a vida mental. In G. O. Velho (Org.), *O fenômeno urbano* (pp.11-25). Rio de Janeiro: Zahar.
- Sociedade Artística Brasileira (2018). Arte e cultura: Qual a diferença e qual a ligação. <https://www.sabra.org.br/site/arte-e-cultura-diferenca-e-ligacao/>.
- Soczka, L. (2005). Viver (n)a cidade. In L. S. (Org.), *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental* (pp. 91-131). Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian.

- Sommer, R., & Leite, D. M. (1973). *Espaço pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos*. EPU-Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
- Sousa, Renata. F. D. (2017). Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 9-29. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p9>
- Straub, R. O. (2014). *Psicologia da saúde: uma abordagem biopsicossocial*. Porto Alegre: Artmed.
- Sufredini, F., Moré, C. L. O. O., & Krenkel, S. (2016). Abuso sexual infanto-juvenil na perspectiva das mães: uma revisão sistemática. *Contextos Clínicos*, 9(2): 265-278. <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.92.11>.
- Teixeira, J. A. C. (2017). Ser psicoterapeuta existencialista é fazer política. In F. Castro, D. R. Schneider, & G. Boris (Org.), J-P. Sartre e os desafios à psicologia contemporânea (pp. 237-243). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Theodoroviys, I. J., & Higuchi, M. I. G. (2018). Territorialidades. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Org.), *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura na relação pessoa-ambiente* (pp. 228-223). Petrópolis, Rj. Vozes.
- Thiollent, M. (1986). *Metodologia da pesquisa-ação* (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).
- Torraco, R. J. (2005). Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human resource development review*, 4(3), 356-367. 10.1177/1534484305278283
- Tuan, Y. F. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência/tradução de Livia de Oliveira*. São Paulo: DIFEL, 76-299.
- Velasco, M. C. (2012). Territorialidad del género y generidad del territorio. In: RAMOS, M. E. R.; LARA, A. F. L. (Org.). *Explorando territorios: una visión desde las ciencias sociales*. México. p. 236-293.
- Vieira, M. S., de Oliveira, S. B., & de Almeida Sókora, C. (2017). A violência sexual contra crianças e adolescentes: particularidades da região Norte do Brasil. *Revista Intellector*-ISSN 1807-1260-[CENEGRI], 13(26), 136-151. <http://www.revistaintellector.cenegri.org.br/index.php/intellector/article/view/126>
- Vigotski, L. S. (1998). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Viveiros, L. D., Oliveira, A. L., & Dell'Orto, J. (2021). *Direito à cidade e bem viver: diálogos e afetos latino-americanos*. <http://www.nomads.usp.br/virus/virus22/?sec=4&item=3&lang=pt>
- Wirth, L. (1973). O urbanismo como modo de vida. In G. O. Velho (Org.). *O fenômeno urbano* (pp. 90-113). Rio de Janeiro: Zahar.
- World Health Organization. (2020). *Mental Health Considerations during COVID-19 Outbreak*. https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf?sfvrsn=6d3578af_2

- Yeganeh, M., & Kamalizadeh, M. (2018). Territorial behaviors and integration between buildings and city in urban public spaces of Iran' s metropolises. *Frontiers of Architectural Research*, 7(4), 588-599. 10.1016/j.foar.2018.06.004
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Penso Editora.artigo
- Zanella, A. V. (2012). Frontino Vieira, artista. In: T. M. Fonseca, & B. Brites, *Eu sou você* (pp. 185-199). Porto Alegre: UFRGS.
- Zube, E. H., Sell, J. L., & Taylor, J. G. (1982). Landscape perception: research, application and theory. *Landscapeplanning*, 9(1), 1-33.10.1016/0304-3924(82)90009-0

9 APÊNDICE

9.1 Apêndice I – Roteiro de Entrevista

Dados Sociodemográficos	
Nome fictício que gostaria de usar para a pesquisa:	
Idade:	Tempo de participação no grupo:
Cidade de moradia atual:	Tempo de moradia na cidade atual:
Cidades de nascimento:	Cidades em que já morou:
Estado civil:	Filhos:
Religião:	Profissão/ Ocupação:
Situação quanto ao trabalho:	Escolaridade:
Obteve acesso a educação em : () Instituição pública () Instituição privada	
Cor/Etnia:	Orientação sexual:
Local de moradia: () próprio () Aluguel ()	
Remuneração: () 1 Salário mínimo () 2 a 3 salários () Acima de 4 salários	
Mora com: _____	
Roteiro de Entrevista Narrativa	
HISTÓRIA DE VIDA	
Gostaria de lhe pedir para imaginar a sua vida como se fosse uma história ou um filme e para me fazer um resumo geral.	
[... <i>RESPOSTA</i> ...]	
Desejo de vida	
“Você poderia me descrever o que ao longo de seu vida desejou para ela e o que considera como um projeto de vida capaz de lhe fazer feliz?”	
[... <i>RESPOSTA</i> ...]	
O que tem feito para isso e como? [... <i>RESPOSTA</i> ...]	
Experiência no Coletivo de mulheres de Maracatu	
Gostaria de lhe perguntar como foi o acesso ao coletivo de mulheres de maracatu?	

[... *RESPOSTA*...] Como se sentiu quando conheceu o grupo? E depois? Também gostaria de perguntar como tem sido a experiência de participar desse grupo... Como descreve essa experiência? [... *RESPOSTA*...] Como se sente hoje e o que mudou na sua vida devido a essa experiência? [... *RESPOSTA*...].

Mudaria algo nesse grupo? Se sim por qual motivo? [...*RESPOSTA*...]

REFLEXÃO

Como foi para você responder a estas questões? Há algo mais que você gostaria de me contar sobre o que conversamos hoje?

9.2 Apêndice II – Questionário para Responsável Local pelo Grupo

Identificação		
Cidade:	Tempo de participação no grupo:	Idade:
1. Há quanto tempo em média as participantes iniciaram no Maracatu aproximadamente? <input type="checkbox"/> Menos de 6 meses <input type="checkbox"/> Menos de 1 ano <input type="checkbox"/> 1 ano <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 5 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 10 anos		
2. Há quanto tempo em média estas mulheres participam desse coletivo especificamente ? <input type="checkbox"/> Menos de 6 meses <input type="checkbox"/> Menos de 1 ano <input type="checkbox"/> 1 ano <input type="checkbox"/> Entre 1 e 2 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 5 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 10 anos		
3. Aproximadamente quantas mulheres participam ativamente dos encontros? <input type="checkbox"/> 10 <input type="checkbox"/> 15 <input type="checkbox"/> 20 <input type="checkbox"/> Outro_____		
4. Aproximadamente quantas pessoas tocam os instrumentos a seguir? <input type="checkbox"/> Agbê <input type="checkbox"/> Alfaia <input type="checkbox"/> Caixa <input type="checkbox"/> Mineiro <input type="checkbox"/> Gonguê <input type="checkbox"/> Tarol <input type="checkbox"/> Timbal <input type="checkbox"/> Nenhum <input type="checkbox"/> Outro _____		
Você pode descrever brevemente cada um desses?		

Agbê		
Alfaia		
Caixa		
Mineiro		
Gonguê		
Tarol		
Timbal		
Outro		
5. Quais possibilidades de atividades além da toca de instrumentos? <input type="checkbox"/> Dança <input type="checkbox"/> Organizações administrativas <input type="checkbox"/> Outro_____		
6.Quantas pessoas em média participam dessas atividades ativamente? <input type="checkbox"/> Dança <input type="checkbox"/> Organizações administrativas <input type="checkbox"/> Outro_____		
7.Com que frequência os encontros acontecem? <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Quinzenalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Outro_____		
8.Como se dá a escolha pela representante do grupo? <input type="checkbox"/> Votação <input type="checkbox"/> Outro_____		

9. Como é feita a escolha pelo lugar sede do grupo?
() Conforme localização () Não há sede fixa () Conforme disponibilidade de local () Outro _____
10. Você considera o local onde os encontros são realizados seguro? () Sim () Não
11. Você considera o local onde os encontros são realizados acessíveis a todas? () Sim () Não
12. O local onde os encontros são realizados para ensaios e organização permite personalização pelo grupo? () Sim () Não
13. Em que momento há mais participação das mulheres? () Nos encontros rotineiros () Nas apresentações que surgem conforme demandas () Outro _____
14. As apresentações na rua costumam oferecer algum risco?
() Intemperies naturais () Violência verbal () Agressões físicas () Assaltos () Perda de objetos pessoais () Perda de objetos coletivos () Outros _____
15. Como é a relação do grupo com a Cidade de _____?
16. Como é a relação do grupo com outros movimentos culturais, sociais e políticos da cidade?
17. Como você compreende o cerne do projeto desse grupo?

	Tenho amor a esta cidade					
	Me sinto muito apegada					
	É uma cidade que faz parte de mim					
	É uma cidade que há ordem e desordem					
	É uma cidade que há angústia e liberdade					
	É uma cidade bonita e feia					
	É uma cidade em que há agonia e tranquilidade					
	Eu gosto da cidade					
	É uma cidade cômoda					
	É uma cidade Tranquila					
	É uma cidade agradável					
	É uma cidade com tensão					
	É uma cidade sufocante					
	Sinto-me só na cidade					
A cidade tem uma surpresa sempre						

9.4 Apêndice IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos
Participantes da Pesquisa

Prezada,

Eu, Adria de Lima Sousa, através deste protocolo venho convidá-lo/a para participar de uma pesquisa que estou desenvolvendo para a Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sob orientação da Profa. Dra. Daniela Ribeiro Schneider. O estudo intitulado **“Conexão Norte-Sul: Territórios, Territorialidades e Projeto de Ser de Mulheres que participam de grupo de Maracatu nas cidades de Florianópolis e Manaus”**, tem como objetivo compreender como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo de maracatu na constituição de territorialidades. Esse estudo visa contribuir para se pensar a relação entre pessoa-ambiente a partir de suas cidades e da valorização dos movimentos culturais como espaços de promoção de saúde nos centros urbanos.

Sua participação consiste em responder algumas perguntas numa entrevista e um questionário e no preenchimento de um instrumento gerador de mapas afetivos. A entrevista será realizada de forma individual bem como o preenchimento dos questionários e será de acordo com sua disponibilidade no melhor local para você. Os mapas afetivos coletivos serão elaborados conforme disponibilidade do grupo.

A participação nesta pesquisa é voluntária e mesmo aceitando fazer parte, você poderá a qualquer momento se retirar dela, se for seu desejo, sem que isto lhe cause algum prejuízo de ordem alguma. Asseguro-lhe ainda que sua participação será mantida em anonimato e confidencial, de modo que as informações serão usadas de modo coletivo nas análises que forem feitas para a tese e artigos científicos que dela emergirem. O estudo pode trazer alguns riscos para a participante, pois o processo de respostas da entrevista e a construção dos mapas afetivos pode provocar algum tipo de mobilização emocional. Neste caso, a participante será acolhida no momento da entrevista pela pesquisadora e, se necessário, posteriormente encaminhada para serviços de psicologia gratuitos na cidade. Caso aceite participar da pesquisa,

peço sua autorização para que possa gravar a entrevista respondida por você, sendo que apenas eu terei acesso direto às informações que forem dadas.

Se tiver alguma dúvida quanto aos aspectos éticos em torno do desenvolvimento desta pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina pelo telefone (48) 3721-9206 ou pelo e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br. Ou ainda, pode contatar o Comitê de Ética (SC) pelos telefones (48) 3212-1660, 3212-1644 ou pelo e-mail cepses@saude.sc.gov.br.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em seu poder. Se você tiver alguma dúvida sobre o estudo e/ou desejar algum esclarecimento entre em contato comigo pelo telefone (92) 981415134 ou no e-mail adriapsique@gmail.com¹

Adria de Lima Sousa - Pesquisadora Principal

Daniela Ribeiro Schneider – Pesquisadora Responsável e Orientadora

¹. Dados completos para contato dos pesquisadores e do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos na UFSC

Adria de Lima Sousa, Rua professor Milton Sullivan, 160. Ap 203.

Carvoeira – CEP: 88040620. Florianópolis-SC

E-mail: adriapsique@gmail.com

Professora Dra: Daniela Ribeiro Schneider

E-mail: danielashneiderpsi@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH/UFSC

Universidade Federal de Santa Catarina. Pró-Reitoria de Pesquisa, Prédio Reitoria II. Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, Trindade - Florianópolis/SC. CEP 88.040-400. Telefone: (48) 3721-6094.

Email: cep.propesq@contato.ufsc.br

Site: <http://cep.ufsc.br>

CONSENTIMENTO PÓS – INFORMAÇÃO

Eu, _____ concordo em participar da pesquisa “*Conexão Norte-Sul: Territórios, Territorialidades e Projeto de Ser de Mulheres que participam de um grupo de Maracatu nas cidades de Florianópolis e Manaus*”, e declaro ter sido informado de todos os aspectos éticos acima descritos. Afirmo ainda que me foi entregue uma cópia deste documento e concordo que meus dados sejam utilizados nessa pesquisa conforme informações desse Termo.

Data ___/___/20__.

Assinatura do/a participante

RG: _____

10 ANEXOS

10.1 Anexo I – Parecer consubstanciado

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="text-align: center;"> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC</p> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>								
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP								
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA								
Título da Pesquisa: CONEXÃO NORTE-SUL: TERRITÓRIOS, TERRITORIALIDADES E PROJETO DE SER DE MULHERES QUE PARTICIPAM DE UM GRUPO DE MARACATU NAS CIDADES DE FLORIANÓPOLIS E MANAUS								
Pesquisador: Daniela Ribeiro Schneider								
Área Temática:								
Versão: 1								
CAAE: 23932919.1.0000.0121								
Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina								
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio								
DADOS DO PARECER								
Número do Parecer: 3.700.980								
Apresentação do Projeto:								
Projeto de Doutorado de Adria Lima de Souza, orientado pela Profa. Dra. Daniela Ribeiro Schneider no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. estudo qualitativo, exploratório e descritivo. Busca compreender como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo de maracatu na constituição de territorialidades em Florianópolis e Manaus. O método consiste em observação, entrevista narrativa e grupo focal.								
Objetivo da Pesquisa:								
Objetivo Primário:								
Compreender como se estabelece a relação entre projetos de ser e projeto coletivo de mulheres de um grupo de maracatu na constituição de territorialidades em Florianópolis e Manaus.								
Objetivo Secundário: a. Caracterizar atividades realizadas por esse coletivo; b. Descrever as histórias de vida e projetos de ser dessas mulheres;c. Discutir o entrelaçamento dos projetos de ser na constituição deste movimento sociocultural nas cidades referidas;d.Caracterizar o território e as territorialidades presentes nas cidades; e. Identificar os sentidos atribuídos a partir das intervenções produzidas no território mediado pelos coletivos de mulheres de Maracatu;f. Apontar as aproximações entre psicologia ambiental e existencialista para compreensão de como se constituem as territorialidades organizadas pelos movimentos socioculturais.								
<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="border: none;">Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401</td> <td style="border: none; text-align: right;">CEP: 88.040-400</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">Bairro: Trindade</td> <td style="border: none;"></td> </tr> <tr> <td style="border: none;">UF: SC</td> <td style="border: none; text-align: center;">Município: FLORIANOPOLIS</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">Telefone: (48)3721-6094</td> <td style="border: none; text-align: right;">E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br</td> </tr> </table>	Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401	CEP: 88.040-400	Bairro: Trindade		UF: SC	Município: FLORIANOPOLIS	Telefone: (48)3721-6094	E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br
Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401	CEP: 88.040-400							
Bairro: Trindade								
UF: SC	Município: FLORIANOPOLIS							
Telefone: (48)3721-6094	E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br							